



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA - UFDPAr
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI

HELLEN CRISTINA DE OLIVEIRA ALVES

**QUANDO O CALANGO VIVE, O TERRITÓRIO RESISTE: CONFLITOS
SOCIOAMBIENTAIS E SAÚDE NO QUILOMBO LAGOAS (PI)**

PARNAÍBA - PI

2025

HELLEN CRISTINA DE OLIVEIRA ALVES

**QUANDO O CALANGO VIVE, O TERRITÓRIO RESISTE: CONFLITOS
SOCIOAMBIENTAIS E SAÚDE NO QUILOMBO LAGOAS (PI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, de acordo com o Regimento Interno do programa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eugênia Bridget Gadelha Figueiredo

PARNAÍBA - PI

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

A474q Alves, Hellen Cristina de Oliveira

Quando o calango vive, o território resiste: conflitos socioambientais e saúde no Quilombo Lagoas (PI) [recurso eletrônico] / Hellen Cristina de Oliveira Alves. – 2025.

250 f.

Projeto Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Eugênia Bridget Gadelha Figueiredo

1. Psicologia social crítica.. 2. Comunidades quilombolas. 3. Corpo-território. 4. Sofrimento ético-político. 5. Racismo ambiental. I. Título.

CDD: 150

HELLEN CRISTINA DE OLIVEIRA ALVES

**QUANDO O CALANGO VIVE, O TERRITÓRIO RESISTE: CONFLITOS
SOCIOAMBIENTAIS E SAÚDE NO QUILOMBO LAGOAS (PI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, de acordo com o Regimento Interno do programa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eugênia Bridget Gadelha Figueiredo

Data de aprovação: 02/12/2025

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

EUGENIA BRIDGET GADELHA FIGUEIREDO

Data: 03/12/2025 11:46:12-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Eugênia Bridget Gadelha Figueiredo
Presidente/Orientadora (Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr)



Documento assinado digitalmente

GUILHERME AUGUSTO SOUZA PRADO

Data: 10/12/2025 14:34:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr. Guilherme Augusto Souza Prado
Membro Interno (Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr)



Documento assinado digitalmente

BERNARDO CURVELANO FREIRE

Data: 09/12/2025 20:36:38-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bernardo Curvelano Freire
Membro Externo (Universidade do Vale do São Francisco- UNIVASF)

Uma vez, ouvi de uma criança: “Obrigada por existir”. Com essa frase, tão pequena e imensa, aprendi que o existir é dádiva, que a presença de cada um é como os mandacarus que florescem mesmo em tempos de seca, mostrando que a vida sempre encontra um jeito de resistir e florescer. Cada palavra compartilhada, cada gesto de cuidado, cada silêncio cheio de significados foi como um caminho. Vocês, companheiras e companheiros, como as raízes fortes de um juazeiro, sustentaram meu percorrer e refrescaram minha jornada. A comunidade quilombola me ensinou que a resistência está no coletivo, que o existir em conjunto é como um mutirão que reconstrói sonhos e sustenta vidas.

Por isso, hoje digo com todo o amor que carrego: obrigada por existirem, por serem sombra, guia e força. Obrigada por cada quilombo erguido em nossos corações, por cada laço que nos mantém unidos nessa caminhada. Que sigamos juntos, tecendo afeto como a palma que alimenta, como a chuva que renova, como a vida que insiste em florir no solo sagrado da caatinga. Agradeço, com a alma inteira, às comunidades do Quilombo Lagoas, que me ensinaram que a terra fala e que escutá-la é ato ético-político e afetivo.

Agradeço ao Seu Cláudio, que confiou sua história e cicatrizes a esta pesquisa. Este trabalho só existe porque você existe e insiste. À minha orientadora, Profª Drª Eugênia Bridget, que foi mais do que uma guia neste caminho. Ao longo deste processo, ela acolheu minhas angústias, ofereceu sua sabedoria e ajudou a me fortalecer, mesmo nos momentos de maior fragilidade. Com seu olhar atento e generoso, me ensinou a importância de uma escuta ética e afetuosa, necessária para que a psicologia possa realmente se comprometer com os processos de resistência e cuidado. Seu apoio não se limitou à orientação acadêmica, mas foi, sobretudo, um ato de cuidado e de fortalecimento.

Ao meu marido, que largava tudo para percorrer comigo os caminhos que eu, mesmo incrédula, decidia seguir (ele sempre acreditava). Ao meu filho, que sempre admirou a mãe por achar que ela adorava estudar e continuou me apoiando mesmo quando descobriu que isso não era tão real assim. A ele, eu sempre disse: gosto de saber. Se para isso é necessário estudar, a gente estuda mesmo que sem gostar, pelo prazer de aprender.

A minha mãe, Doralucia, e aos amigos (em especial, Camila, Joaquim, Nicole, Liandra, Brune e Isa), redes de cuidado que me sustentaram enquanto eu aprendia a não secar por completo. À Laiane, companheira que a busca por saúde colocou ao meu lado e ao lado do Calango, lembrando-nos, a cada dia, que cuidar de si também é tecer laços e inventar outros jeitos de existir. Aos professores de formação, Bernardo e Guilherme, que o tempo fez transbordar da sala de aula para um lugar (se é que esse existe) maior do que o de professores, agradeço pelas leituras atentas, pelas palavras firmes e pelo gesto discreto de sustentar este caminho quando ele parecia pesado demais. Agradeço ao território que me habita e aos saberes que me atravessam: de mulher, de caatingueira, de sertaneja, de psicóloga e de corpo com deficiência.

Por fim, agradeço à luta, por me ensinar que resistir também é cuidar.

**“Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.”**
— *Nego Bispo*

RESUMO

Esta pesquisa investiga como a negação histórica do direito ao território impacta o processo saúde-doença-cuidado no Quilombo Lagoas, situado no semiárido do Piauí e sob a iminência da exploração de minério de ferro. A partir da escuta biográfica de uma liderança quilombola e da comunidade Calango, buscamos compreender as expressões do sofrimento ético-político produzido por conflitos socioambientais, como a desertificação, a ameaça da mineração e a persistente insegurança fundiária. Para tanto, adotamos uma abordagem qualitativa, de inspiração narrativa, cartográfica e com traços etnográficos, centrada no conceito de corpo-território, que compreende o território como extensão viva da produção de subjetividade e do comum. Ao apostar na interlocução com outras disciplinas das ciências humanas, afirmamos a necessidade de uma psicologia mais plural, sensível às dimensões históricas, políticas e culturais dos modos de produzir saúde, adoecimento e cuidado. A pesquisa analisou os efeitos da insegurança fundiária e conflitos socioambientais, cartografou territórios de afetação e práticas de cuidado comunitário e reafirmou o compromisso ético-político da psicologia com as lutas quilombolas por vida, terra e dignidade. Os achados evidenciam repercussões no processo saúde-doença-cuidado, como manifestações de hipervigilância, luto antecipado e enfraquecimento de saberes e práticas ancestrais, concomitantes a modos insurgentes de cuidado e reexistência que sustentam a saúde coletiva. Ao afirmar a inseparabilidade entre corpo e território, o estudo reforça a necessidade de vigilância em saúde ambiental territorializada e de uma psicologia social crítica e decolonial, comprometida com a defesa do território como defesa da vida e com o fortalecimento de vozes quilombolas frente ao extrativismo mineral. Ao mobilizar afetos, memórias e resistências, o estudo contribui para a construção de práticas de cuidado situadas nos territórios comuns de existência.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo-território. Sofrimento ético-político. Racismo ambiental. Comunidades quilombolas.

LISTA DE SIGLAS

ADCT - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

ATLAS.ti - Software ATLAS.ti (análise qualitativa)

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

CPDOC-FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil -
Fundação Getúlio Vargas

FCP - Fundação Cultural Palmares

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LO - Licença de Operação

MDS - Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome

OIT - Organização Internacional do Trabalho

OMS - Organização Mundial da Saúde

PAP - Pesquisa-Ação-Participante

PPGPSI - Programa de Pós-Graduação em Psicologia

RIMA - Relatório de Impacto Ambiental

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

STF - Supremo Tribunal Federal

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFDF - Universidade Federal do Delta do Parnaíba

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 OS CARREIROS DA PESQUISA	10
2.1 QUANDO O CALANGO VIVE	16
2.2 HISTÓRIA DE VIDA DE SEU CLÁUDIO: CARTOGRAFIA DO CORPO- TERRITÓRIO.....	18
2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	22
3 AS RAÍZES DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA LAGOAS.....	25
3.1 CICATRIZES NA TERRA, FERIDAS NA ALMA: O IMPACTO DA MINERAÇÃO	40
4 E A PSICOLOGIA COM ISSO?	47
4.1 DO CORPO QUE É CHÃO: ONTOLOGIA, EXPERIÊNCIA E RESISTÊNCIA	53
4.2 RACISMO AMBIENTAL, NECROPOLÍTICA E GEONTOPODER: MECANISMOS DE EXPROPRIAÇÃO E MORTE	56
4.3 SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO: QUANDO O CORPO-TERRITÓRIO ADOECE	63
5 VOZES E SENTIDOS DO CORPO-TERRITÓRIO.....	73
5.1 DADOS, CÓDIGOS E INFERÊNCIAS	76
6 CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS	97
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A- Roteiro para Rodas de Conversa	117
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista.....	120
APÊNDICE C - Estudos sobre mineração, saúde e comunidades tradicionais	122
APÊNDICE D - Relatório ATLAS.ti	125
ANEXOS	247
ANEXO A - Certidão de Autodefinição	248
ANEXO B - RTID DOE-PI.....	249
ANEXO C - Mapa da mineração no PI / Serra da Capivara	251

1 INTRODUÇÃO

A iminência da mineração de ferro no Território Quilombola Lagoas suscita preocupações que transcendem os impactos ambientais, alcançando dimensões sociais, culturais e históricas. Embora a Licença de Operação (LO)¹ ainda não tenha sido concedida, os trâmites de licenciamento ambiental avançam, respaldados pelo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que avalia a atividade como viável do ponto de vista econômico e ambiental. No entanto, para as comunidades quilombolas, essa exploração não se limita a uma transformação do lugar, mas pode representar a ruptura de modos de vida estruturados na relação indissociável entre corpo e território (Svampa, 2019).

Situado no semiárido piauiense, o Território Quilombola Lagoas ocupa uma área de 62.365,8 hectares, abrangendo seis municípios da bacia do Rio Piauí: São Raimundo Nonato, Fartura do Piauí, Várzea Branca, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde e Bonfim do Piauí. Caracterizado pela escassez de chuvas e altas temperaturas, é composto por mais de 100 pequenos agrupamentos organizados em torno de aguadas (áreas baixas que acumulam água durante o período chuvoso) e lagoas naturais, que são essenciais para a subsistência da população e de seus animais.

Conquanto tenha recebido, em 2009, a Certidão de Autocertificação de Comunidade Quilombola, expedida pela Fundação Cultural Palmares, a publicação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) em dezembro de 2010², via Processo nº 54380.002161/2008-03, e o Decreto nº 12.743/2025 declarando como de interesse social os imóveis rurais nele inseridos, para fins de desapropriação, vinculada ao processo de regularização fundiária quilombola (Brasil, 2025), os quilombolas ainda vivem o cotidiano da

¹ O licenciamento ambiental no Brasil é um procedimento que visa assegurar que atividades e empreendimentos sejam compatíveis com a preservação ambiental. Ele inclui três etapas principais: Licença Prévia (LP), que avalia a viabilidade ambiental; Licença de Instalação (LI), que autoriza a construção ou instalação do projeto; e Licença de Operação (LO), que permite o início das atividades. Esse processo é regido pela Lei nº 6.938/1981 e pela Resolução CONAMA nº 001/1986, que exigem um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e um Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) para avaliar e mitigar os impactos negativos (Brasil, 1981; CONAMA, 1986).

² As etapas de titulação de territórios quilombolas incluem autodefinição, elaboração e publicação do RTID, portaria de reconhecimento, eventual decreto de desapropriação e titulação coletiva (Agência Gov, 2024). A cronologia desse processo é importante para compreender a sensação de espera interminável narrada pelos moradores. O RTID de Lagoas foi aprovado pelo INCRA em 2010, com publicação no Diário Oficial da União ao final de 2010 e início de 2011, e no Diário Oficial do Estado do Piauí em fevereiro de 2011, abrindo prazo para contestações de terceiros (SILVA, 2023). As republicações posteriores não significaram novo reconhecimento do território, mas reiteraões e reaberturas de prazos, que prolongam a disputa fundiária e mantêm o território em suspensão administrativa. A Certidão de Autodefinição e a republicação do RTID no DOE-PI constam em anexo.

espera da titulação das terras que ocupam³. Essa situação prolongada perpetua a insegurança fundiária, dificultando a implementação de políticas públicas voltadas à preservação do território e à garantia de seus direitos.

Entre essas comunidades, a iminência da mineração ameaça os recursos naturais, a preservação cultural, a saúde coletiva, pois atinge diretamente a compleição psicossocial desse povo. A degradação ambiental atinge o território material e simbólico, desorganizando as relações sociais, culturais e psicológicas.

Bronfenbrenner (1996) argumenta que a pessoa e o meio ambiente são indissociáveis, conectados por uma relação bidirecional. Isso, no contexto das comunidades tradicionais, significa que a destruição ambiental compromete diretamente a saúde mental, emocional e espiritual dessas populações. A contaminação de água e solo desorganiza a economia local e os sistemas de interdependência que sustentam o bem conviver (Neves Xukuru, 2022) quilombola.

Ao invés de um ideal universal de harmonia com a natureza, proponho falar em bem conviver (Neves Xukuru, 2022), no sentido que emerge do chão da caatinga e das práticas Xukuru: conviver supõe coimplicação, cuidado cotidiano e também conflito, porque a vida no semiárido envolve secas longas, trabalho pesado e decisões difíceis. Desse modo, não se trata de romantizar a “convivência com a natureza”, e sim de reconhecer vínculos e limites, responsabilidades e negociações que mantêm o comum e fazem o território continuar vivo.

Ao adotar bem conviver, aproximamos a análise das linguagens locais e nos afastamos de universalizações, já que esta chave nasce de experiências de agricultura sagrada e regeneração no Ororubá e dialoga com a tradição política da convivência com o semiárido no Nordeste. Assim, compreendemos que a defesa de Lagoas passa por práticas que articulam cuidado, reciprocidade e manejo com limite, o que permite nomear com precisão o que se perde quando o território é tratado como mercadoria e o que se refaz quando a comunidade sustenta suas próprias regras de existência.

Quando os ciclos de água, roças e moradas sagradas são alterados, o bem conviver se fragiliza e surgem efeitos socioambientais sobre o corpo-território mensuráveis. Assim, o bem conviver é afetado por alterações nas águas, nas roças, nas moradas sagradas e nos ritmos de cuidado, já que o corpo-território sustenta a reprodução social e simbólica do coletivo (Neves Xukuru, 2022). O conflito socioambiental e a insegurança fundiária, cronicamente vivenciados, instauram hipervigilância, silêncio, isolamento e incerteza, agudizando o sofrimento.

3 Em novembro de 2025, o Decreto nº 12.743/2025 declarou como de interesse social os imóveis rurais nele inseridos, para fins de desapropriação, vinculada ao processo de regularização fundiária quilombola (Brasil, 2025).

Esses efeitos se somam às pressões exercidas sobre o trabalho e renda e configuram sofrimento ético-político, entendido como dor produzida na interseção entre projetos de vida e condições que impedem sua realização, o que desloca explicações moralizantes e exige respostas coletivas de cuidado (Sawaia, 1999, 2009, 2021). Relatos locais apontam preocupação com consumo de álcool e com situações de sofrimento grave. Esses sinais exigem investigação cuidadosa, registros éticos e indicadores territorializados que combinem evidências qualitativas e quantitativas.

Segundo Eugênia Figueiredo (2018), os conflitos socioambientais comprometem a integridade física das comunidades tradicionais e induzem a um sofrimento ético-político que tendem a enfraquecer a capacidade de resistência desses grupos. Esse sofrimento, cristalizado nas experiências cotidianas, transforma-se em um obstáculo à luta por direitos, tornando ainda mais desafiadora a mobilização contra empreendimentos predatórios, como os projetos minerários.

Apesar da gravidade, a saúde das populações no entorno das áreas ameaçadas segue pouco discutida, o que contraria o compromisso com o bem-estar firmado na Agenda 2030 e reforça a necessidade de linhas de cuidado e de vigilância em saúde ambiental territorializadas para quilombos (ONU, 2015). Assim, proponho tomar o corpo-território como unidade de análise e evidência dos efeitos desse fenômeno no processo saúde-doença-cuidado⁴.

Essas comunidades enfrentam barreiras socioeconômicas, culturais e atitudinais que limitam seu acesso a serviços de saúde, tornando-as ainda mais vulneráveis aos impactos ambientais e psicossociais da mineração. Diante disso, é essencial conduzir um estudo que envolva a participação ativa da comunidade, garantindo que seus moradores expressem preocupações, compartilhem saberes locais e fortaleçam a defesa de seus direitos.

Minha trajetória, marcada pela experiência como servidora pública que enfrentou um processo de assédio moral; pela dedicação ao estudo dos processos de opressão e exclusão; e pelo fato de atuar profissionalmente como psicóloga em São Raimundo Nonato, município integrante do Território Lagoas, reforça a urgência de integrar o saber e o fazer da psicologia na compreensão dessa realidade. Sertaneja e caatingueira, parto das relações que tecem a vida em Lagoas. Olho para quem organiza a roça e a farinhada, para quem cuida das moradas

⁴ No campo da saúde coletiva, “saúde” não é entendida como mera ausência de doença nem como produto da cura, mas como processo histórico-relacional de produção da vida. “Saúde” e “doença” compõem uma mesma trama de sentidos e determinações, e o cuidado é a práxis que reorganiza projetos de viver, sujeitos e territórios; por isso emprega-se a expressão processo saúde-doença-cuidado para explicitar essa indissociabilidade e a centralidade das práticas de cuidado na produção da saúde (Ayres, 2004, 2007; Merhy, 2014; Paim; Almeida Filho, 1998).

sagradas e conduz as rezas. É nesse tecido de práticas e vínculos que reconheço dinâmicas de resistência e impactos subjetivos que atravessam a comunidade.

Na caatinga, a análise nasce do que se faz em comum. Em vez de uma imagem idealizada de harmonia com a natureza, proponho uma poética da relação caatingueira que se fabrica no manejo com limite, na reciprocidade que recusa a usura e na atenção ao tempo das chuvas. Com isso, trato o método como carreiro. Não é um mapa pronto, e sim um caminho que existe porque gente, águas e bichos passaram por ali muitas vezes.

Caminho junto, peço licença, sigo os sinais e aceito que o próprio caminhar refaz o trajeto. Reconheço, contudo, as bordas do meu olhar, pois chego como mulher branca, atravessada por privilégios e distâncias históricas. Por isso, assumo limites, cultivo a escuta demorada, realizo devolutivas públicas e não digo o que não me foi autorizado, resguardando a coanálise com a comunidade. Dessa perspectiva, as referências bibliográficas entram quando as relações pedem, acionando corpo-território quando a água e o parentesco aparecem, racismo ambiental quando a distribuição de riscos se mostra desigual, sofrimento ético-político quando o luto do lugar e a hipervigilância se anunciam.

A escolha do objeto se justifica porque compartilho a luta pela defesa do território e do modo de vida dessas comunidades, porque a região de alta biodiversidade enfrenta pressões de desertificação e porque os conflitos socioambientais e as políticas que desconsideram as relações humano-ambientais já alteram poços, roças, festas e rotinas de cuidado. Entender como essas relações se sustentam e onde se rompem é condição para nomear o que se perde e o que se refaz quando o território é ameaçado.

Algumas perguntas deram partida a este trabalho: como a iminência de exploração mineral reconfigura tempos de vida, vínculos e o processo saúde-doença-cuidado no Quilombo Lagoas? Como a espera prolongada pela titulação e regularização do território incide no sofrimento ético-político e na gestão comunitária do cuidado? Quais estratégias de resistência/cuidado a comunidade aciona e quais recursos mobiliza para produzir e manter saúde?

Diante desses questionamentos, este estudo tem como objetivo geral compreender como os conflitos socioambientais, em especial a iminência de mineração de ferro e a insegurança fundiária, determinam aspectos cruciais para a conformação do processo saúde-doença-cuidado no Quilombo Lagoas. Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: i) descrever os efeitos na compleição psicossocial associados à iminência de mineração e à vulnerabilidade territorial; ii) analisar como a noção de corpo-território orienta a posse coletiva com uso familiar, explicitando limites internos fluidos e práticas de cuidado do chão como

cuidado de si e do comum; e iii) identificar as potencialidades presentes na comunidade para a promoção, manutenção e recuperação da saúde. Com essa abordagem, busca-se contribuir para os debates teóricos e metodológicos sobre a temática, além de fortalecer o desenvolvimento comunitário e orientar políticas públicas voltadas tanto para a área ambiental quanto para as comunidades tradicionais.

Trabalho com três categorias que estruturam a análise e orientam a leitura do material empírico. Em primeiro lugar, adoto corpo-território como co-constituição entre corpos, lugares e vínculos coletivos, de modo que a vida, a memória e a política se produzam de forma indissociável do espaço vivido e de suas práticas de partilha e cuidado (Escobar, 2015; Guattari, 1992; Nascimento, Beatriz, 2021; Santos, 1996).

Corpo-território é, assim, o eixo teórico-metodológico e ético-político que (re)afirma a indissociabilidade entre os corpos e os territórios que os constituem (Cabnal, 2010; Paredes, 2008). Em diálogo com a geografia crítica, território é aqui “espaço apropriado” e vivido, densificado por relações de poder, trabalho, memória e pertencimento (Santos, 1996; Haesbaert, 2020).

Esse enquadramento orienta toda a leitura dos dados para entendermos como as agressões ao território incidem nos corpos e cuidar do corpo implica cuidar do território (Escobar, 2018; Svampa, 2019). A partir dela, examino como a iminência do projeto minerário afeta o processo saúde-doença-cuidado no Calango e que cuidados insurgentes emergem como defesa da vida.

Em seguida, tomo racismo ambiental como a dinâmica que distribui de forma desigual riscos, danos e vulnerabilidades sobre populações negras e tradicionais por meio de decisões públicas e privadas que externalizam custos e invisibilizam modos de vida, o que articula injustiça socioambiental e gestão diferencial da vida no presente extrativista (Acselrad, 2004; Bullard, 2000; Mbembe, 2018b; Povinelli, 2023).

Por fim, compreendo sofrimento ético-político como experiência de dor e injustiça que nasce das contradições entre projetos de vida e condições materiais e institucionais que impedem sua realização, o que desloca a leitura moralizante e teológica acerca do padecimento e evidencia sua sociogênese, além de demandar respostas coletivas de cuidado e reparação no território (Fanon, 2022; Figueiredo, 2018; Sawaia, 1999, 2009, 2021). Desse modo, essas três chaves conceituais permitem articular território, cuidado e conflito e, por conseguinte, dar inteligibilidade ao que acontece em Lagoas.

Desta forma, o problema que atravessa esta dissertação pode ser formulado assim: como a psicologia, situada no campo da saúde coletiva, pode mediar o sofrimento ético-político

produzido pelo racismo ambiental e pelos conflitos socioambientais no Quilombo Lagoas, contribuindo para práticas de cuidado territorializadas e para a formulação de políticas públicas de saúde mental voltadas a populações quilombolas rurais? Ao tomar a iminência da mineração de ferro como disparador analítico, e não como origem absoluta do sofrimento, busco compreender como esse projeto de morte se sobrepõe a uma longa história de (re)cativeiros, expropriações e violações de direitos, e quais respostas clínicas, políticas e comunitárias se tornam possíveis quando o corpo-território é reconhecido como categoria central de análise e de intervenção.

A dissertação organiza-se em movimentos que conectam problema, método, território, referencial e análise. O capítulo 1 introduz o tema, explicita perguntas e objetivos e apresenta as categorias analíticas que orientam o estudo. O capítulo 2 descreve o percurso metodológico ancorado na pesquisa-ação-participante e na história de vida, detalha dispositivos de produção de dados, critérios de qualidade e procedimentos éticos compartilhados com a comunidade. O capítulo 3 recompõe os determinantes sócio-históricos e políticos que moldam o Território Quilombola Lagoas e explicita a centralidade da água, do parentesco e das terras de conjunto, incorporando a análise do conflito minerário e de seus impactos.

Na sequência, o capítulo 4 reúne o referencial que sustenta a posição ontoepistemológica e ético-política em psicologia social e articula corpo território, racismo ambiental, necropolítica e geontopoder e sofrimento ético-político em saúde coletiva. O capítulo 5 apresenta a análise das vozes e dos sentidos do corpo território a partir da história de vida de uma liderança, das rodas de conversa e da observação participante, conectando afetos, memória e práticas de cuidado aos processos de saúde doença e as considerações finais retomam a tese, reconhecem limites e indicam agendas de pesquisa e ação no território.

2 OS CARREIROS DA PESQUISA

No sertão, os carreiros são marcas de ida e volta que a gente, os bichos e as águas desenham juntos. Sob um sol que pede cuidado e oferece sustento, eles revelam a persistência que se faz da sombra breve e da caminhada repetida. É nesse cenário que nossa pesquisa se enraíza, onde cada passo reflete os desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas para resistir e afirmar sua existência, protegendo sua terra, sua cultura e sua dignidade.

Tomando os carreiros como guia, este capítulo acompanha as trilhas que riscam o sertão e preservam a memória de resistência das comunidades. Tal como caminhos que existem porque são trilhados, delinheio o caminho da pesquisa pelo uso compartilhado do território, pela atenção aos seus viventes e pela coragem de aprender com o que ensinam.

Esses carreiros nos ensinam a explorar o (des)conhecido, a escutar as vozes da terra e a respeitar o ritmo que cada jornada exige. Na caatinga, onde a vegetação espinhosa parece simbolizar a dureza da existência, aprendemos que o que parece seco e morto pode renascer. O estudo que aqui apresentamos não se limita a registrar memórias ou dados, avança ao lado dos sujeitos desbravando novos horizontes e (re)construindo, com eles, novas possibilidades.

Dessa forma, este capítulo não é apenas um roteiro metodológico, mas uma travessia que honra a terra, o território e aqueles que nos ensinam a avançar. É um convite para adentrarmos ao fazer da pesquisa com a mesma reverência que os sertanejos dedicam aos caminhos da caatinga: com cuidado, sensibilidade e o compromisso de seguir em frente.

Neste trabalho, distingo carreiro de método. Por carreiro (‘trilha’), refiro-me ao itinerário ético-político que orienta meus passos no campo: com quem caminho, que vínculos assumo, quais pactos firmo, mantendo o direito dos indivíduos e sua cultura não serem completamente reduzidos a uma única verdade ou totalmente compreendidos. Já por método, designo o conjunto de procedimentos e técnicas de construção/análise de dados (dispositivos de escuta, diários de campo, critérios de codificação, validação pública etc.). Assim, o carreiro antecede e dá sentido ao método; ele situa as escolhas técnicas numa direção de mundo, evitando que a técnica se torne um fim em si mesma.

Ao explicitar essa distinção, procuro tornar visível uma tensão que atravessa toda a pesquisa: de um lado, a necessidade de produzir informações úteis às políticas públicas de saúde, passíveis de dialogar com gestores, serviços e documentos oficiais; de outro, o compromisso de não reduzir o território, os afetos e os vínculos quilombolas a meros “dados” ou indicadores a serem geridos.

O carreiro, nesse sentido, expressa a direção ético-política de caminhar com a comunidade na defesa do corpo-território; o método organiza os procedimentos de modo que essa caminhada possa ser comunicada, criticada e apropriada por outros atores da saúde coletiva. Em vez de opositores, carreiro e método funcionam como planos em tensão produtiva, permitindo que a psicologia atue simultaneamente como parceira das lutas quilombolas e como mediadora técnica junto ao Estado.

A construção de uma práxis psicossocial transformadora exige participação ativa dos sujeitos diretamente implicados, sobretudo onde há expropriação de territórios, degradação ambiental e dominação sociopolítica. Ao mesmo tempo, reconheço que essas histórias não são apenas de perdas, pois incluem festas, zoadas e alegrias, que funcionam como práticas de cuidado e fortalecimento de memória ancestral. Nelas circulam encantados e *livusias*⁵, e é nesse convívio entre gente e *mais-que-humano* que se recriam formas de existir e de proteger o corpo-território.

Nesse percurso, a participação comunitária transcende a coleta de dados ou a consulta pontual. Trata-se de um processo dialógico e colaborativo, em que os sujeitos assumem o papel de atores na construção de soluções, no planejamento de ações e na implementação de mudanças.

A pesquisa se ancora na Pesquisa-Ação-Participante (PAP) e no plano dialógico-afetivo freiriano, pois conhecer e compreender implicam transformar a realidade com quem a vive (Freire, 2019; Thiollent, 1986). Assumo posição antirracista e anticolonial e conduzo o trabalho em coprodução com a comunidade de Lagoas. As escolhas teórico-metodológicas, os locais de campo, os dispositivos de escuta e as formas de registro foram deliberados com a Associação Quilombola, sob consentimento livre, prévio e informado, com direito de veto.

Até agosto de 2025, realizamos quatro reuniões abertas, nas quais acordamos a escolha dos locais e tempos de campo, regras de registro, dispositivos de escuta e formatos de devolutiva, incluindo reunião com crianças e adolescentes e elaboração de mapa afetivo não georreferenciado. Desse modo, a tomada de posição se traduz em procedimentos compartilhados de decisão, análise e devolutiva, para que o conhecimento produzido sirva à defesa do território e à saúde coletiva (Fals Borda, 2008; Fanon, 2020; Haguette, 1997; Sawaia, 1999, 2009, 2021).

⁵ Emprego “*livusia*” (também grafado “*leivusia*”) no sentido etnográfico do Submédio São Francisco: rastros e efeitos deixados na terra por entes de outros mundos (almas, caboclos), isto é, sinais tangíveis de presenças *mais-que-humanas*. Na Ilha do Massangano (NÓBREGA, 2019), bem como na região do Quilombo Lagoas, “*livusia*” não remete à “*aleivosia*” como falsidade; ao contrário, atestam existência e a coincidência de mundos numa mesma terra que “*anda*”, exigindo modos específicos de relação e cuidado.

Adoto a História de Vida como um eixo metodológico que dá conta de uma certa longitudinalidade, pois ela permite compreender como trajetórias singulares condensam relações do corpo-território, do cuidado e do conflito, tornando visíveis nexos entre experiência, memória e política. Na tradição da história oral e dos estudos narrativos, a história de vida é um método de pesquisa qualitativa que recolhe, organiza e interpreta narrativas biográficas em seu contexto social, articulando lembranças, documentos e cenas do presente para produzir conhecimento situado e público (Alberti, 2005; Bertaux, 2010; Clandinin; Connelly, 2000; Meihy; Holanda, 2007; Thompson, 2002).

A história de vida focal é a de Seu Cláudio (vice-presidente da Associação), cuja trajetória se entrelaça à história de Calango e às redes políticas de Lagoas. O critério de escolha combinou relevância comunitária, circulação entre núcleos, disponibilidade para múltiplos encontros e capacidade de reconstituir eventos críticos do território.

Reconhecemos, contudo, que as narrativas de Seu Cláudio não pretendem oferecer uma visão homogênea do objeto de estudo, mas expressam uma perspectiva situada, entre tantas outras presentes no território, sem a pretensão de esgotar a diversidade de experiências e posições existentes em Lagoas. A opção por densidade em uma localidade decorre de achados de campo que indicaram inconsistências do RIMA na delimitação das áreas atingidas e da necessidade de convivência prolongada para coproduzir a análise.

A história de vida foi produzida em sessões gravadas com consentimento, em contextos cotidianos e rituais, com roteiro flexível e perguntas abertas. Mobilizei disparadores de memória como linha do tempo, lugares significativos, objetos e fotografias. Para cruzar versões e cenas e conhecer mais sobre a saúde coletiva, realizei duas rodas de conversa, uma aula de dança com uma professora de dança e educadora física e acompanhei uma audiência social, registrando observação participante em diário de campo.

Esses encontros funcionaram como “histórias de vida cruzadas”, nas quais a biografia focal se entrelaça a vozes coletivas e situações públicas do território (Alberti, 2005; Bertaux, 2010). As gravações foram transcritas integralmente em português. Mantive diário de campo reflexivo sobre posições, afetos e deslocamentos da pesquisadora, conforme os princípios da observação participante.

Tomo a memória oral (Alberti, 2005; Bosi, 1994) como método de produção de conhecimento situado. As narrativas de lideranças e guardiões de festas e rezas organizam a história local, definem marcos de aquilombamento e nomeiam perdas e conquistas. A memória estrutura mapas afetivos do chão, indica caminhos, pontos de água e lugares sagrados, e

estabelece critérios de cuidado. A cada relato, emergem tempos plurais que conectam passado e futuro. Esses tempos reorganizam o presente e permitem compreender o corpo-território.

A abordagem inicial foi por meio de uma apresentação clara do propósito da pesquisa, destacando sua importância para a comunidade e para o fortalecimento das lutas territoriais. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue e explicado a todos os participantes, garantindo que compreendam seus direitos, a natureza voluntária da participação e a possibilidade de se retirarem da pesquisa a qualquer momento.

No início, planejei realizar entrevistas com representantes das comunidades diretamente apontadas como atingidas pela mineração no RIMA da SRN Mineração S/A, a saber: Morro Alto, Serrinha, Serra do Ó e Bonfim, bem como com comunidades do entorno em até 8 km, entre elas Sabiá, M. do Alto Alegre/Lagoinha do Zé Barros, Cova da Tia, Espírito Santo, Baixão Fundo, André, Casa de Morador, Moreno, José Luis, Cristalina/Vila Nova, Caldeirão do Tanque e Ema (RIMA, 2021). A intenção era abranger diversidade de experiências, afetações e sentidos sobre os impactos da mineração nos processos de saúde-doença-cuidado.

À medida que o trabalho de campo avançou, triangulei informações do RIMA com relatos comunitários e observação direta e identifiquei inconsistências na delimitação das áreas potencialmente atingidas. A análise aqui construída dialoga com a contra-cartografia produzida por Judson Jorge da Silva (2023), que evidencia que o Território de Desenvolvimento Serra da Capivara se tornou uma frente importante da expansão minerária no Piauí. O autor mapeou a quantidade de processos minerários ativos por município, mostrando a concentração de requerimentos em cidades como São Raimundo Nonato, Bonfim do Piauí, Dirceu Arcoverde e São Lourenço do Piauí (ver Anexo C).

Ao situar Lagoas nesse cenário ampliado, o mapa reforça que a ameaça vivida pela comunidade não decorre de um empreendimento isolado, mas de uma estratégia de fatiamento territorial que transforma o semiárido em fronteira extrativista. Ao retomar e tensionar esses mapas oficiais, Silva evidencia que a empresa e os órgãos ambientais reconhecem, ainda que tardiamente e de forma contraditória, a presença do quilombo, ao mesmo tempo em que seguem autorizando um empreendimento que ameaça a integridade física, histórica e espiritual do território.

Além disso, o tempo disponível e o vínculo que eu desejava construir recomendavam aprofundar a convivência em uma localidade, em vez de uma cobertura extensa com menor densidade relacional. Optei, portanto, por centrar o estudo em Calango, adotando um caminho metodológico que privilegia a coprodução do conhecimento, a escuta prolongada e a validação pública dos achados.

A escolha de Calango se deu por critérios teórico-empíricos: presença de liderança reconhecida, relevância para a organização territorial, circulação entre núcleos próximos e histórias de vida que se confundem com a própria trajetória da comunidade. Destaca-se Seu Cláudio (vice-presidente da Associação), cuja biografia ajuda a costurar redes e memórias do território. Em sua entrevista, ele narra como mediou o reconhecimento público de comunidades quilombolas no município e como se aproximou de lideranças como Maria Rosalina e Nêgo Bispo, o que situou Calango nas dinâmicas políticas mais amplas do território quilombola (Entrevista com Seu Cláudio, 2025).

Com consentimento livre, prévio e informado e direito de veto, conduzi entrevista em profundidade e história de vida com Seu Cláudio, além de rodas de conversa, caminhadas-mapa e observação participante. Adotei uma escuta ética e horizontal, compreendida como prática dialógica e corresponsável, que reconhece simetria de dignidade, compartilha decisões ao longo do ciclo de pesquisa e valida publicamente os sentidos construídos (Freire, 1987; Fals Borda; Smith, 2012; Lincoln; Guba, 1985; Merhy, 2002; Ayres, 2004).

A análise foi conduzida com validação pública e descrição fidedigna das falas, sustentadas por procedimentos que tornaram a escuta efetivamente horizontal. Houve consentimento vivo e possibilidade de revisão de trechos e trilha de auditoria das decisões analíticas.

Esses passos articulam validação comunicativa, associados a critérios de qualidade em pesquisa qualitativa e ao cuidado ético-político com a palavra entregue (Lincoln; Guba, 1985; Kvale, 2007; Smith, 2012; Tracy, 2010). As regras de registro foram pactuadas em assembleia, definindo o que poderia ser gravado, fotografado ou mapeado, e a coanálise ocorreu por meio de devolutivas públicas com leitura e ajuste de trechos.

O corpus reuniu transcrições de entrevistas, caderno de campo e mapas afetivos não georreferenciados, além do registro audiovisual de uma live pública sobre a mineração na comunidade, transmitida pela Tv Nestante (2023). Realizada em meio às mobilizações contra o empreendimento, essa live reuniu lideranças quilombolas e aliadas, que problematizaram o projeto minerário, narraram memórias de luta e descreveram efeitos esperados da mineração sobre o corpo-território.

Por se tratar de um evento de acesso aberto, tratei a gravação como documento público, articulando-a às cenas produzidas em campo como material complementar às entrevistas, às rodas de conversa e à observação participante. A mudança do desenho ampliou a densidade analítica e a fidedignidade relacional, embora tenha reduzido a extensão territorial do levantamento.

É igualmente fundamental explicitar quem sou no território e como isso informa o método. Sou capinzeira, do Capim do Zé Macário, área também ameaçada pela mineração. Atuo como psicóloga a valor social com pessoas da comunidade e participei de mobilizações por direitos, como as ações contra o fechamento de escolas no território. Essa proximidade gera confiança e responsabilidade.

Por isso, separei papéis (ninguém sob meu cuidado clínico integrou a amostra) e compartilhei a governança dos dados com a Associação, assegurando a possibilidade de retirada de trechos; mantive diário reflexivo sobre implicações e afetos, realizei coanálises com a comunidade e priorizei devolutivas úteis, de modo que a pesquisa se ancorou em procedimentos concretos de cuidado e coprodução voltados à defesa do corpo-território e da saúde coletiva.

Os critérios de inclusão abrangeram, portanto, moradores do Calango que residem há pelo menos cinco anos na comunidade e se reconheçam como quilombolas. Já os critérios de exclusão incluíram indivíduos impossibilitados de participar das entrevistas ou atividades coletivas, seja por questões de saúde ou por decisão própria, além de pessoas com idade inferior a 18 anos.

A pesquisa seguiu as orientações das Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelecem diretrizes e normas para a pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) para aprovação, e a coleta de dados só foi iniciada após a aprovação ética. Todas as entrevistas foram gravadas mediante consentimento, preservando a confidencialidade e o anonimato dos participantes das rodas de conversa. Todos os participantes estavam cientes da possibilidade de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Os riscos desta pesquisa são baixos e dizem respeito ao tempo dedicado e ao possível impacto emocional ao tratar de perdas de território e de sofrimento. Para atenuá-los, realizei encontros em locais escolhidos pela comunidade, assegurei liberdade para recusar perguntas ou encerrar a conversa, observei sinais verbais e não verbais de desconforto e ofereci pausas, acolhimento e encaminhamento para a rede pública de saúde quando foi necessário.

Assegurei, ainda, a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico/financeiro. Garanti, também, quando necessário, encaminhamento à rede de atenção psicossocial disponível no município de São Raimundo Nonato.

Como benefício direto, a comunidade poderá utilizar os resultados para fortalecer suas estratégias de luta pela preservação do território e pela promoção de seu processo saúde-cuidado, além de buscar o fortalecimento das redes de apoio e solidariedade dentro da comunidade. Indiretamente, o estudo pretende contribuir, ainda, para o desenvolvimento de políticas públicas que integrem a saúde mental no contexto de conflitos socioambientais, especialmente em comunidades quilombolas e outras populações tradicionais.

Esperava-se que a pesquisa revelasse as dinâmicas psicossociais que afetam os moradores do Território Lagoas e identificasse estratégias locais de enfrentamento, contribuindo para o fortalecimento da saúde comunitária e para o debate sobre os impactos da mineração em comunidades tradicionais.

Tendo delineado a aposta teórico-metodológica desta pesquisa, passo a descrever como caminhei: os dispositivos ativados, os pactos firmados e a cronologia das entradas no Calango. É nesse ir-e-vir do campo, com quem fui e sob quais cuidados, que se desenham os carreirinhos por onde a investigação se fez possível.

2.1 QUANDO O CALANGO VIVE

Os calangos, pequenos lagartos diurnos da caatinga, vivem entre pedras, cercas e quintais. Ectotérmicos, aquecem-se ao sol e resfriam-se à sombra; regulam o corpo pelo encontro com o ambiente. Rápidos, atentos ao menor movimento, alimentam-se sobretudo de insetos e outras pequenas presas (Ribeiro; Freire, 2008; Gomes et al., 2015). No território, são sentinelas do calor e do tempo, pois quando surgem sobre as pedras, sabemos da hora boa; quando se escondem, o sol pede pausa.

Aprendendo com o calango, buscamos observar antes de correr, aquecer antes de agir, pausar quando o território indica. Assim ajustamos horários (manhãs mais frescas), ritmos (passos, hidratação, sombra), e o próprio desenho das atividades (caminhada-mapa que respeita o sol e o vento). O calango ensina que rigor é plasticidade situada; a ciência que se faz com o corpo no mundo.

Chegamos, então, para pedir licença ao território e a seus guardiões. Eu e Camila, antropóloga e amiga, nos apresentamos a Seu Cláudio. Quando ela pronunciou o nome do avô, Elói, o parentesco emergiu como um aquífero, pois ela também era neta dos Patavós. Conhecemos sua esposa e acordamos que os ritmos da pesquisa seguiriam o compasso da comunidade. A roda de conversa foi marcada para 27 de abril de 2025, às 8h30. Nesse encontro, conversamos sobre saúde, mineração e os atravessamentos cotidianos; silêncios e risos

compuseram a fala, memória do que o corpo lembra. Saímos com o compromisso de retornar para uma entrevista com Seu Cláudio.

Retornei no dia 14 de maio de 2025 para a entrevista de história de vida. Seu Cláudio delineou o crescimento da comunidade, os deslocamentos de trabalho e a função de vigilância do comum. Ressaltou a ausência de políticas públicas que efetivem a saúde como tarefa coletiva, para além do atendimento individual, e a importância da vizinhança como rede de aviso e proteção. A entrevista guiou as decisões metodológicas subsequentes de aproximar cuidado e território, trazer profissionais da educação física e articular devolutivas públicas.

Voltei no dia 07 de junho de 2025, em roda de conversa com Laiane dos Santos, educadora física. A profissional falou sobre a importância da atividade física e da alimentação e hidratação e mostrou alguns exercícios simples que podem melhorar a saúde. Em seguida, realizamos aferição de pressão arterial, glicemia e peso corporal. Os equipamentos permaneceram na comunidade, sob a referência de Seu Cláudio, como estratégia de acesso cotidiano e autonomia em saúde. Ao ouvi-los, as mulheres solicitaram aula de dança; os homens preferiram caminhada. O cuidado apareceu como verbo no plural: hidratamos, medimos, dançamos.

Na data combinada, 21 de junho de 2025, retornamos com Denise, educadora física e professora de dança. A caminhada-mapa não se realizou pela ausência dos homens; participou apenas Seu Cláudio. Tomamos a não-presença como dado analítico, e replanejamos a atividade para a devolutiva solicitada no primeiro encontro, priorizando crianças e adolescentes, público ausente nas etapas anteriores. Mantivemos a aula de dança como estratégia de cuidado e pertencimento porque o que se dizia e o que se vivia na roda se organizava corporalmente, já que as mulheres cuidavam umas das outras enquanto dançavam pelo riso, pelo convite, pela escuta e pelo ajuste coletivo do ritmo.

Para a devolutiva ampliada, tracei a estratégia de solicitar à escola um momento com alunos do Ensino Fundamental, a fim de discutir saúde, cuidado, mineração e futuro em linguagem geracionalmente situada. A escola surge como território-ponte porque conecta o dentro e o fora do território, uma vez que articula juventudes, famílias e coletivos comunitários com linguagens institucionais, projetos, reuniões e arenas públicas, sem que isso signifique abandonar o chão de onde se fala.

Nesse sentido, a conversa na escola não é apenas uma troca de informações; ela pode operar como cuidado, quando produz acolhimento, confiança e reconhecimento entre pares, e como imaginação política, quando ajuda a nomear injustiças, elaborar medos, sustentar pertencimento e ensaiar futuros possíveis. É nesse ponto que tomo “política” menos como a

arte de satisfazer necessidades já dadas e mais como a arte de fabricar desejos, podendo fazer emergir vontade coletiva, linguagem comum e disposição para agir. A escola, então, não “resolve” o conflito; ela cria condições para que a juventude transforme experiência vivida em palavra partilhável, e palavra partilhável em gesto de participação. Na escola, utilizei o planejamento do mapeamento afetivo de trajetos como estratégia de aproximação.

Quadro 1 - síntese das idas

Data	Ação	Participantes	Decisões/Encaminhamentos
27/04/2025	Roda de conversa - apresentação e pactuação	Comunidade; Seu Cláudio; pesquisadora; Camila (antropóloga)	Marcação de entrevista; temas: saúde e mineração
14/05/2025	Entrevista de história de vida	Seu Cláudio; pesquisadora	Centralidade da saúde coletiva; proposta de educadora física; planejamento de caminhada-mapa
07/06/2025	Roda com educadora física (Laiane)	Mulheres e homens da comunidade; pesquisadora	Aferições (PA, glicemia, peso); pedidos: dança (mulheres) e caminhada (homens)
21/06/2025	Aula de dança; caminhada-mapa não realizada	Denise (educadora/dança); Seu Cláudio; pesquisadora	Replanejamento: foco em crianças e adolescentes; articulação com a escola

Fonte: Elaboração própria (2025)

Entre abril e junho, o método se fez caminho: apresentação que vira entrevista; conversa que vira cuidado em movimento; ausência que vira dado e redireciona. Quando o território fala, a pesquisa ajusta o passo, pois corpo-território, saúde coletiva e racismo ambiental se inscrevem na prática, e a psicologia social engajada aprende a respirar no compasso da comunidade.

Do desenho das idas ao campo emergem presenças que orientam a escuta. Entre elas, destaco Seu Cláudio, cuja trajetória condensa memórias, conflitos e cuidados do território. A seguir, apresento sua história de vida como fio condutor que ajuda a situar cenas, vozes e encontros que compõem o corpus desta pesquisa.

2.2 HISTÓRIA DE VIDA DE SEU CLÁUDIO: CARTOGRAFIA DO CORPO-TERRITÓRIO

A história de vida de “Seu Cláudio” é apresentada como dispositivo cartográfico, uma porta de entrada para situar trajetos, vínculos e práticas no território. Seu papel aqui é orientar o desenho da pesquisa (acessos, cenas, pactos, linguagem) e ancorar a leitura posterior dos achados.

Liderança reconhecida no Calango/Lagoas, “Seu Cláudio” é referência comunitária por sua atuação pública, capacidade de articulação e memória territorial. Antes mesmo do trabalho

de campo, seu nome circulava nas conversas sobre o território; em 2016, durante uma manifestação, sua fala sobre o abandono das comunidades quilombolas pelo poder público destacou-se pela sobriedade e relevância, tornando-se ponto de inflexão para esta pesquisadora.

A escolha seguiu critérios metodológicos de centralidade comunitária, acessibilidade ética e saturação temática: (i) ele articula diferentes grupos e pautas; (ii) oferece acolhimento e sabedoria prática que permitem compreender o território “por dentro”; (iii) sua trajetória condensa temas-chave da pesquisa (corpo-território, racismo ambiental, cuidado coletivo). Assim, sua história qualifica o campo e orienta a pesquisa sem substituir a pluralidade de vozes analisadas no corpus.

Em campo, ele foi um interlocutor-chave e mediador ético-político. Apresentou-me pessoas, modulou linguagens, ajudou a definir tempos de chegada e formas de devolução; ofereceu critérios situados para distinguir confidências de temas públicos; e reforçou a premissa de que entrar é permanecer com (acompanhar, escutar, devolver). Nesse sentido, a pesquisa “firma os pés” no Calango com “Seu Cláudio”: a ele se deve o acesso qualificado às cenas que sustentam os capítulos analíticos. A história aqui apresentada não substitui a análise de dados (Cap. 5), mas prepara sua leitura ao explicitar a situação de enunciação e a geografia dos vínculos que estruturam o campo.

Aqui conto Lagoas pelo passo de Cláudio Teófilo Marques, porque a vida dele e a história do quilombo correm pelos mesmos carreiros. Falar do território pede ouvir o que ele viveu e guardou, e falar de “Seu Cláudio” pede mostrar o chão que o formou, com suas casas, parentescos, rezas, idas e vindas. Uma história puxa a outra e, quando se juntam, aparecem memórias que explicam laços, conflitos e modos de cuidado. Seguimos a palavra do narrador e a memória do lugar, no ritmo de quem mora e cuida.

As cenas de infância e o enraizamento em Calango evidenciam a compleição do corpo-território: parentesco, água e roça como extensões do corpo e da memória coletiva. Ele puxa a conversa assim. Nasceu e se criou no território, fincou casa no Calango quando ali quase não tinha gente, coisa de três ou quatro casas só. Fala do pai, Teófilo Baltônio Pereira, da mãe Jesus, e lembra o avô Manoel Patavó, que o povo dizia ser da “raça dos Pataxó”. A família espalhou pelo Brasil, com gente em Brasília, São Paulo e Tocantins, mas os irmãos seguem por aqui. Ele é o caçula de dez, metade já partiu, e a casa continua cheia de laços que puxam de volta.

Nas lembranças de origem, diz que a história daqui começa quando trouxeram gente escravizada para trabalhar na fazenda São Vítor. Ele aponta os vestígios como quem mostra parente: o cercado alto de madeira onde hoje funciona o colégio, o alicerce da casa grande ainda

visível, as escavações feitas “um ano desses” para confirmar o que a memória já dizia. E arremata que o quilombo não nasceu só do cativoiro, mas da decisão de juntar gente e firmar comunidade. Essa lembrança conversa com as disputas de origem entre São Vitor e o Boi Morto, ambas citadas como núcleos que irradiaram parentesco e povoações no Lagoas.

Hoje ele se define como “vigilante do território”. Fica de olho no que pode chegar de bom ou de ruim e chama a comunidade para conversar e se informar. Não é só no Calango, é no território todo, que soma cento e dezenove comunidades, trabalho que ele faz quase todo dia. Além disso, é vice-presidente da associação territorial. Pela regra deles, quem mora dentro da área é sócio desde que nasce, porque a associação territorial representa a terra coletiva.

No miúdo da vida comunitária, ele repete que quilombola é quem mora no quilombo. Na hora do aperto, relembra o tempo da Covid, onde seguraram a regra mesmo com pressão de quem nasceu aqui e hoje mora fora. E quando pedem declaração para bolsa sem ter vivência no território, ele lembra que a assinatura tem responsabilidade e que não cabe “fabricar” pertencimento.

O exercício cotidiano de vigiar e associar traduz a governança do comum: regras de pertencimento, manejo de conflitos e cuidado com o território. Na pandemia, ele comenta mais uma vez, quando chegaram mais de duas mil doses de vacina para dentro do território, choveu pedido de gente de fora, e a associação precisou segurar o critério. Até hoje aparecem casos pedindo declaração para bolsa de estudos, e ele insiste que quilombola é quem vive o quilombo, para não desvirtuar a responsabilidade da assinatura.

A titulação é outro fio que ele não solta. Conta que, em novembro, por volta do Dia da Consciência Negra, saiu o reconhecimento federal do território. Fala ainda do decreto de desapropriação que levou três comunidades para assinatura, Macacos, uma de Paulistana e Lagoas. A dos Macacos voltou assinada, a de Paulistana tinha pendência, e a de Lagoas voltou sem pendência e sem assinatura, o que deixou todo mundo “cabreiro”. A associação se move para entregar novamente a papelada na Casa Civil e seguir cobrando.

Ele guarda com carinho os passos do reconhecimento. Diz que em 1999 começou a articulação com a criação da coordenação estadual e o mapeamento das comunidades. Menciona ainda que, em 2003, o governo federal abriu caminho com decreto que deu rumo às reivindicações. Antes se falava “nos negos”, depois a palavra quilombola foi pegando corpo na prática de organizar a luta. Foi também tempo de ouvir Nêgo Bispo e de caminhar com Rosalina, gente que ensinou e animou o processo por aqui.

Esse quadro fica ainda mais nítido quando se alarga a moldura. O Território Quilombo Lagoas tem mais de 60 mil hectares, é reconhecido como o maior da caatinga e, infelizmente,

ainda aguarda titulação. O reconhecimento como quilombo reconfigura a linguagem política e fortalece a agência coletiva, ampliando alianças e repertórios de direitos.

Nesse pano de fundo, o jeito de liderar que seu Cláudio exercita, feito de conversa e costura de atenção, combina com a distinção que a própria literatura faz entre conversar e governar, valorizando a política miúda que sustenta o comum e articula a luta quilombola em escala estadual (Lima *et al.*, 2025). E o caminho de liderança nasce de convivência longa e de mundo vivido. Foram dezesseis anos em Brasília, com início nos movimentos de bairro nos anos setenta.

Mas voltar foi escolha de sossego e de compromisso com o povo daqui. Gosta de dizer que liderança não vem só de leitura, vem de boa vontade e de saber lidar com gente. A migração e o retorno compõem a formação dessa liderança e das redes de cuidado, pois costumam experiências urbanas com compromissos comunitários e ampliam o repertório de mediações no território.

É nesse vai e vem que o corpo-território se adensa. Não se trata apenas de um enfeixamento de fatores desterritorializados, mas de uma tessitura que se refaz quando o sujeito atravessa fronteiras e volta a pousar os pés no chão de origem. Há uma basculação entre fora e dentro que reposiciona práticas, afetos e pertencimentos. Quem foi de fora passa a ver o dentro com novas lentes e quem é de fora, como empresas da mineração, técnicos e trabalhadores em trânsito, chega e tenta reorganizar ritmos, usos da terra e sentidos de futuro.

A mineração mexeu com o sossego e com a paisagem. Primeiro veio o medo, alimentado por exemplos de Minas (Gerais) e do Angico dos Dias aqui por perto. Depois ficaram as marcas no chão, corte de serra de fora a fora, árvore derrubada e aquele brilho estranho da terra exposta. As pesquisas começaram por volta de 2012 e deixaram rastro entre 2014 e 2016. Se um dia a rotina virar poeira diária, ele teme prejuízo para a apicultura, para as criações e para a saúde do povo. A presença da mineração e a morosidade da titulação atualizam o sofrimento ético-político e o racismo ambiental, ao ameaçar sustento, saúde e laços comunitários.

Com a universidade, Seu Cláudio ressalta que a relação é de mão dada. Fala de ajudas especiais que chegam pelos amigos e professores Bernardo e Jaime, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), e de como isso abriu caminho para a história do território correr mundo. Na comparação com a prefeitura e o governo, a parceria acadêmica tem sido mais firme. Sobressaem-se, assim, práticas de cuidado territorializado e parcerias que sustentam a vida comum.

Não caberia, nestas páginas, a história de alguém tão grande; assim como não coube, aqui, a história de toda a comunidade. O que se apresenta, portanto, é uma tentativa situada de

dar a ver uma das maiores lideranças quilombolas do Brasil, reconhecendo limites e escolhas do método, sem pretensão de esgotamento. A vida de Seu Cláudio, aqui grafada como corpo-território, oferece matéria viva para a análise que se segue: a política miúda do comum e as feridas abertas pela colonialidade do extrativismo se imbricam, convocando a Psicologia a responder com ética e compromisso territorial.

2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Apresentada a tessitura de vida que nos conduz pelo Lagoas, descrevo agora os procedimentos de análise: organização do material, critérios de rigor, passos de codificação e estratégias de validação que orientaram a produção dos sentidos. Ressalto que os achados substantivos serão discutidos nos capítulos analíticos seguintes; aqui, detenho-me no como fizemos falar os dados.

As estratégias de qualidade incluíram triangulação entre entrevistas, roda, audiência e observação; validação pública com a comunidade; descrição densa de cenas; e trilha de auditoria dos passos analíticos. A análise foi conduzida pela análise temática reflexiva, articulando rigor analítico e coprodução com a comunidade.

A análise temática reflexiva partiu, portanto, de marcas recorrentes nas narrativas. As cenas de sono interrompido, susto, hipervigilância e encurtamento do futuro organizaram um núcleo de sentido que chamei de transe do corpo-território. As histórias de parentesco, herança moral da terra e circulação entre casas e roçados sustentaram a categoria de posse coletiva com uso familiar. As lembranças de festas, rezas e lugares de promessa explicaram por que certos pontos do território precisavam de proteção. A memória, assim, não entrou depois. Ela orientou as perguntas, guiou a codificação e ajudou a nomear os temas.

Segui as etapas de familiarização com o corpus; codificação inicial (indutiva e teórico-orientada); construção e revisão de temas em diálogo com as categorias corpo-território, racismo ambiental e sofrimento ético-político; definição e nomeação de temas; e produção de sínteses (Braun; Clarke, 2006, 2019; Passos; Kastrup; Escóssia, 2020). O estudo se concentrou nas vivências e afetações ligadas ao pertencimento, aos impactos dos conflitos socioambientais e às estratégias comunitárias de enfrentamento e cuidado, situando tais processos no espaço-território do Calango.

A análise articula três camadas complementares. Primeiro, uma análise narrativa da história de vida, identificando episódios, pontos de virada, enredos e figuras recorrentes, bem como as relações entre tempo biográfico e tempo do território (Clandinin; Connelly, 2000;

Riessman, 2008). Em seguida, desenvolvo análise temática reflexiva para construir e revisar temas que emergem do corpus, em diálogo com as categorias corpo-território, racismo ambiental e sofrimento ético-político (Braun; Clarke, 2006, 2019).

Para organizar e apoiar a análise qualitativa, utilizei o ATLAS.ti. O corpus reuniu transcrições integrais, diário de campo e documentos comunitários, com anonimização das rodas de conversa. Defini unidades de registro (*quotations*) e desenvolvi um *codebook* híbrido, articulando categorias teórico-orientadas (corpo-território, racismo ambiental e sofrimento ético-político) e códigos emergentes do campo, registrados em memos analíticos.

O software foi empregado como suporte de sistematização (consultas de coocorrência, matrizes código x documento e redes) e para manter trilha de auditoria das decisões (*project log*). A interpretação permaneceu sob responsabilidade da pesquisadora e foi discutida em devolutivas/rodas de validação com a Associação. Os excertos citados foram selecionados por aderência temática, valor semântico e diversidade de situações, com retorno às transcrições para checagem de contexto. O relatório do projeto no ATLAS.ti integra o Apêndice D, como registro de rastreabilidade do processo.

A construção de uma práxis psicossocial transformadora exige a participação ativa e efetiva dos sujeitos diretamente implicados, especialmente em contextos marcados pela expropriação de territórios, destruição ambiental e dominação sociopolítica. No entanto, reconhecemos que essas histórias não são apenas de perdas, mas também de resistência: abrigam saberes ancestrais, práticas de cuidado e recriações de formas de existir frente às múltiplas opressões que alimentam desigualdades estruturais.

Como o facheiro que, ao toque suave, canta o rumor da chuva, o sertão orientou nossa metodologia. Cada espinho do percurso ressoa os obstáculos das comunidades quilombolas, mas na superação desses desafios florescem as possibilidades de um futuro mais justo e solidário, enraizado no compromisso ético com a dignidade humana.

Reconheço que, para muitas comunidades, a pesquisa raramente se ajusta ao vivido; ela costuma aportar com roteiro fechado e prazos alheios ao território. Por isso, quando digo que o percurso é orgânico e se faz como carreiro, assumo compromissos verificáveis, como um calendário produzido junto com a comunidade, regras de registro pactuadas, direito de veto exercível, devolutivas públicas com coanálise e utilidade dos achados para a defesa do território.

Desse modo, a ideia de trajetória flexível deixa de ser promessa e passa a ser procedimento coproduzido, em consonância com a pesquisa-ação, com a pedagogia dialógica e com a tradição participativa latino-americana (Fals Borda, 2008; Freire, 2019; Stake, 2011;

Thiollent, 1986). Assim, este capítulo expõe a estrutura metodológica do estudo e reafirma seu compromisso com a construção coletiva do conhecimento, inspirando-se nos caminhos da caatinga para desenhar caminhos de resistência, cuidado e esperança.

3 AS RAÍZES DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA LAGOAS

Fogo!... Queimaram Palmares,
 Nasceu Canudos.
 Fogo!... Queimaram Canudos,
 Nasceu Caldeirões.
 Fogo!... Queimaram Caldeirões,
 Nasceu Pau de Colher.
 Fogo!... Queimaram Pau de Colher...
 E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se
 continuarem queimando.
 Porque mesmo que queimam a escrita,
 Não queimarão a oralidade.
 Mesmo que queimem os símbolos,
 Não queimarão os significados.
 Mesmo queimando o nosso povo
 Não queimarão a ancestralidade.
 (Nego Bispo)

Clóvis Moura (2022) define o quilombo como uma sociedade alternativa ou paralela, fundada no trabalho livre, que se desenvolvia dentro da estrutura do escravismo colonial, representando uma contraposição à sociedade maior, institucionalizada. Seu sujeito social era o negro escravizado que, movido pela inconformidade, manifestava essa resistência por meio da construção de corpos-territórios livres.

Contudo, a revisão documental conduzida por Sílvia Hunold Lara adverte que as fontes do século XVII são fragmentárias e situadas e não sustentam generalizações fortes sobre uma “sociedade paralela” estável. Ao contrário, Palmares emerge em configurações heterogêneas, com momentos de guerra e de negociação política com autoridades coloniais, como no acordo de 1678 (Lara, 2021; Lara; Fachin, 2021). Assim, nesta dissertação trato “quilombo” como formação histórica e territorial plural, produzida em relações variáveis de trabalho, alianças e conflito, evitando projeções teleológicas e fixações identitárias.

Enquanto espaços de resistência, os quilombos são considerados comunidades tradicionais, definidas por suas práticas culturais, econômicas e sociais que estão profundamente ligadas ao território que ocupam. As festas, os cultos religiosos e as atividades tradicionais promovem a sociabilidade entre os quilombolas e reforçam o sentido de coletividade. Segundo a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, essas comunidades mantêm modos de vida específicos, geralmente associados à sustentabilidade ambiental e à forte conexão com a terra (Brasil, 2007).

Para os quilombolas, o território vai além de um espaço físico; ele constitui a base de sua identidade cultural, subsistência e estrutura psicossocial. Em Lagoas, o território aparece nas relações que ligam poços, roças, trilhas, moradas sagradas e parentesco, pois é no uso, na

partilha e na guarda desses lugares que se tecem identidade, subsistência e saúde coletiva (Oliveira, 2024; Oliveira, 2025).

Sob uma perspectiva histórica, os territórios quilombolas são produzidos por ancestralidade, laços de parentesco e práticas culturais coletivas, em contraste com formas hegemônicas eurocentradas e orientadas pelo mercado (Arruti, 2006; Diegues, 2008). Contudo, reconheço que as definições legais operam como instrumentos de luta e garantia de direitos e não como conceitos suficientes para a análise, pois as maneiras de reivindicar espaço e modo de existência variam e excedem o vocabulário administrativo. Nesse sentido, as críticas à reificação de “etnias” alertam para os riscos de transformar categorias de gestão em essências analíticas (M’Bokolo, 2011), enquanto os estudos sobre reconhecimento mostram como certos regimes configuram quem pode aparecer como sujeito de direito e o que permanece à margem (Povinelli, 2002).

Além disso, mesmo noções clássicas como “solidariedade” precisam ser tratadas como construções histórico-normativas e não como dados naturais, sob pena de ocultarmos gramáticas locais de cooperação e conflito que sustentam o comum em contextos como a caatinga (Durkheim, 2016). Assim, ao descrever Lagoas, busco privilegiar as práticas que instituem partilha, cuidado e circulação e que, por conseguinte, se contrapõem à terra-mercadoria, sem reduzir a experiência quilombola aos termos da gestão estatal (Arruti, 2006; Diegues, 2008).

Estima-se que o Brasil seja o país com a maior população negra fora da África, e a nação com a segunda maior população negra do mundo, ficando atrás apenas da Nigéria (Gates Jr., 2014). Fomos o último país a abolir formalmente a escravidão, depois de o país receber cerca de 4 milhões de africanos como mão de obra escravizada, durante quase 4 dos 5 séculos da nossa história (IBGE, 1987).

Os resultados do Censo Demográfico de 2022 inauguram, pela primeira vez, uma série histórica oficial sobre a população quilombola, alcançando 1.327.802 pessoas (0,65% da população) na primeira apuração e 1.330.186 após a revisão divulgada no fim de 2023 (IBGE, 2023a, 2023b). Esse avanço contrasta com um longo hiato no século XX, quando “quilombola” não figurava como categoria censitária, contribuindo para a invisibilização estatística apontada por Flávio Gomes no pós-abolição (Gomes, 2006).

Esse hiato ganha sentido histórico se lembramos que, nos séculos XVII-XIX, “quilombo” operou sobretudo como categoria jurídico-penal de repressão (da definição do Conselho Ultramarino, em 1740, às tipificações de levantes e insurreições no Código Criminal de 1830), e não como categoria demográfica. Ao longo do tempo, o termo foi ressemantizado

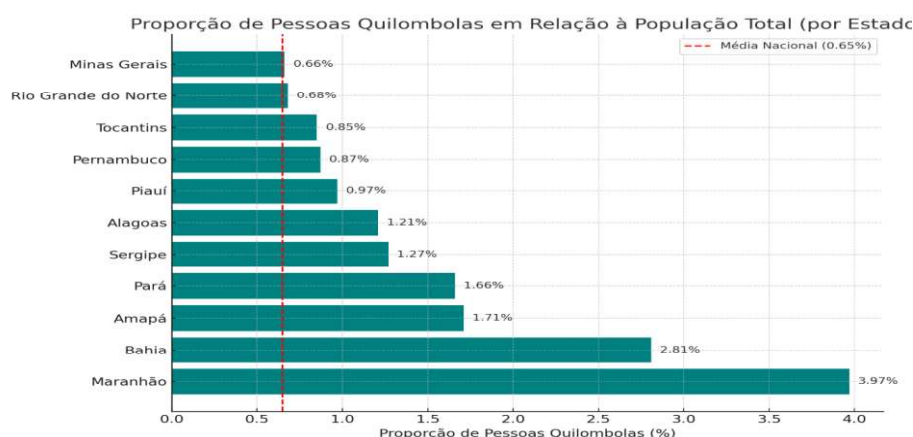
até tornar-se base de direitos coletivos no pós-1988 (Arquivo Nacional, 2017; Nunes, 2021). Por isso, categorias censitárias não são neutras: carregam disputas conceituais e políticas (Nunes, 2021).

O capítulo de introdução do volume do IBGE sublinha justamente essa complexidade, pois o levantamento de 2022 combinou autodeclaração individual, mapeamento de localidades/territórios quilombolas e cooperação com CONAQ, FCP e INCRA, assegurando consulta livre, prévia e informada e apoio de lideranças para o guia a recenseadores e a visitação de todos os territórios (IBGE, 2023a). Em 2024, o IBGE detalhou o universo de 8.441 localidades quilombolas no País, consolidando a mudança de patamar na visibilidade estatística (IBGE, 2024).

A partir desses dados, torna-se possível elaborar políticas públicas mais adequadas às necessidades das comunidades, como o acesso à educação, saúde, saneamento básico, habitação e segurança alimentar. As primeiras inserções do tema Saúde da População Negra brasileira nas ações governamentais, em âmbito estadual e municipal, por exemplo, só acontecem na década de 1980, formuladas por ativistas do Movimento Social Negro e por pesquisadoras e pesquisadores (Brasil, 2013).

De acordo com esse Censo, os estados do Maranhão (3,97%), Bahia (2,81%), Amapá (1,71%), Pará (1,66%), Sergipe (1,27%), Alagoas (1,21%), Piauí (0,97%), Pernambuco (0,87%), Tocantins (0,85%), Rio Grande do Norte (0,68%) e Minas Gerais (0,66%) possuem proporções de pessoas quilombolas em relação ao total de sua população superior à média nacional, que é de 0,65%.

Esses percentuais descrevem a distribuição dos autodeclarados e permitem comparação entre unidades da federação (IBGE, 2023). Para dimensionar esse hiato, cruzo três referências: percentuais do Censo (IBGE, 2023), a contagem de 8.441 localidades (IBGE, 2024) e o cadastro com 5.308 comunidades (FCP, 2025; MDS, 2024).

Figura 1 - Gráfico de percentual da população quilombola por estado

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Os dados revelam uma expressiva concentração de comunidades quilombolas em determinadas regiões do Brasil, com ênfase no Nordeste e no Norte, que abrigam as maiores populações quilombolas do país. Essa distribuição geográfica não ocorre ao acaso, mas resulta de processos históricos, culturais e socioeconômicos que moldaram essas regiões. O Nordeste, por exemplo, carrega um legado de resistência quilombola, evidenciado por experiências emblemáticas como o Quilombo dos Palmares, símbolo da luta negra no Brasil.

Além disso, a leitura desses números precisa considerar que a população quilombola é majoritariamente rural (61,7% vivem em áreas rurais e 38,29% em áreas urbanas) ainda que exista presença expressiva nas cidades (IBGE, 2025). Esse quadro dialoga com um processo histórico em que a urbanização litorânea concentrou investimentos e promoveu remoções e reordenamentos “higienistas” das camadas populares negras, sendo a reforma Pereira Passos no Rio de Janeiro um caso paradigmático do pós-Canudos. O “bota-abaixo” abriu avenidas e expulsou moradores de cortiços para morros e periferias, reorganizando o espaço urbano sob a retórica da modernização (Abreu, 1987; CPDOC-FGV, s.d.; Silva, 2019).

Entre os territórios com maior número de comunidades quilombolas no Brasil, destacam-se Alcântara, no Maranhão, com 9.344 habitantes; Alto Itacuruçá, Baixo Itacuruçá e Bom Remédio, no Pará, com 5.638 quilombolas; e Lagoas, no Piauí, onde vivem 5.042 pessoas. É sobre este último que esta pesquisa se debruça com reverência, reconhecendo a profundidade histórica e a riqueza cultural que o permeiam.

Em 1888, a escravidão foi formalmente extinta. Mas como dito anteriormente, apesar da abolição, nenhuma política pública foi desenvolvida para integrar efetivamente as mulheres negras e os homens negros na sociedade brasileira, deixando-os em condições semelhantes às vividas durante o período escravocrata (Fernandes, 1978). Como alternativa de sustento, muitos

antepassados quilombolas, inclusive no Território Lagoas, permaneceram nas fazendas onde haviam sido mantidos em cativeiro, sem títulos de terra, como moradores, agregados ou arrendatários.

Nilsângela Lima (2020) destaca que a colonização do Piauí começou na segunda metade do século XVII, com a concessão de vastas áreas de terra, chamadas de sesmarias, pela coroa portuguesa. Em troca, os sesmeiros deveriam criar fazendas de gado, uma estratégia de Portugal para consolidar o controle sobre o território que hoje é o estado do Piauí. A partir da década de 1670, diversas fazendas pecuaristas foram fundadas, inclusive na bacia do Rio Piauí. Essas propriedades, em sua maioria, não eram administradas diretamente pelos proprietários, mas por arrendatários ou vaqueiros, e eram mantidas com o trabalho escravizado.

Após a morte de Domingos Afonso Mafrense, primeiro sesmeiro, em 1711, as fazendas da região passaram a ser controladas pelos Jesuítas, até sua expulsão em 1760, quando essas terras foram incorporadas à administração colonial. Mais tarde, com a Independência e a Proclamação da República, essas fazendas tornaram-se patrimônio do governo imperial e, posteriormente, da União (Lima, 2020).

No semiárido piauiense e na caatinga, um traço peculiar da ocupação foi o absenteísmo: os donos das terras não moravam ali e delegavam a gestão a vaqueiros, arrendatários e capatazes (Alves, 2022). Foi nesse contexto histórico que se originou a Comunidade Quilombola Lagoas.

[mulheres negras e homens negros] vão tecendo politicamente e culturalmente no processo de construção de potência de um povo que se reconhece e se narra como originário de tempos de cativeiro, no território Lagoas, no estado do Piauí “[...] O processo mobilizador envolve homens e mulheres, os e as quais se identificam com elementos norteadores de territorialidade quilombola: trajetória histórica, identidade étnica e origem comum” (Lima, 2015, p. 233 e 234).

Em Lagoas, não trato “identidade quilombola” como essência nem como dever-ser jurídico; descrevo pertencas em ato que se fazem e desfazem no uso do território. Elas aparecem em quem guarda o poço e decide a partilha da água, em quem abre roça e convoca mutirão, na morada da Santa e nas festas, nas guardas do território e na presença de encantados. Nessas práticas, dissenso, cuidado e dor não são ruídos; compõem o próprio tecido do comum, inclusive como sofrimento ético-político quando projetos de vida esbarram em barreiras materiais e institucionais (Sawaia, 1999, 2009).

Por isso, falo em identificações no plural, entendidas como regimes de uso, circulação e autoridade negociados no cotidiano (Little, 2002), inscritos em formações históricas plurais do que se chama quilombo (Arruti, 2001) e em tempos-espacos de reinvenção negra que

vinculam corpo e lugar (Nascimento, Beatriz, 2021). Ao mesmo tempo, reconheço que “identidade quilombola” opera como categoria pública de reconhecimento voltada à disputa de direitos, sem esgotar o que a vida comum faz existir no território (Povinelli, 2002). Assim, reconheço o valor estratégico das categorias públicas sem convertê-las em analíticas definitivas, dado o risco de reificação quando “etnia” e “reconhecimento” são deslocados de seus contextos práticos (M’bokolo, 2011; Povinelli, 2002).

Desse modo, descrevo as pertenças quilombolas como processo em negociação entre fora e dentro, entre luta pública e experiência vivida, evitando tanto a homogeneização quanto a fragmentação e mantendo a análise ancorada nas práticas que fazem existir o comum em Lagoas (Arruti, 2001). E, para dar lastro espacial a esse movimento, tomo Lagoas como espaço-território: uma totalidade concreta produzida pelos usos, vínculos e rotinas (habitar, roça, festas, lugares sagrados), na qual o corpo-território se expressa e se defende. Com esse horizonte, a luta não se limita à posse da terra, mas se expande para a afirmação de uma existência coletiva que se inscreve no tempo e se projeta no futuro.

Inserido no bioma caatinga, único exclusivamente brasileiro, a comunidade do Quilombo Lagoas está submetida a processos que ameaçam sua biodiversidade, como o avanço da desertificação, em grande parte causada pela degradação ambiental. A agricultura familiar é a principal fonte de sustento do território, complementada por outras atividades produtivas, como a criação de pequenos animais e a apicultura. Destaca-se, nesse contexto, a produção de mel orgânico, realizada por mais de 140 famílias associadas à Cooperativa Mel do Sertão. Essa prática gera até 500 toneladas de mel por ano, configurando-se como uma das principais cadeias produtivas da região (G1, 2023).

A toponímia em Lagoas não é apenas rótulo geográfico. É memória e prática de uso. Nomes como Lagoa Grande, Lagoa de São Victor, Lagoa do Calango e Lagoa dos Bois mostram a centralidade da água na organização dos lugares e dos vínculos. Como argumenta Alicia Ferreyra, o espaço não é dado de antemão, pois se constrói historicamente nas relações que o produzem (Ferreyra, 2022).

A dissertação de Darlin Milene Oliveira (2024) sobre o Rio Piauí ajuda a ver a complexidade dessa nomeação. Nas comunidades vizinhas, o mesmo curso d’água recebe nomes diferentes conforme o modo de existência ao longo do ano. Em situações formais prevalece Rio Piauí, já no cotidiano aparecem riacho, rio seco e poço. Essas palavras não são simples sinônimos. São formas de dizer e de viver as variações sazonais da água e criam categorias práticas para orientar uso, cuidado e circulação.

Em Lagoas, essas nomeações não apenas produzem espaço, elas também territorializam usos e vínculos. Definem quando e como usar a água, quais caminhos se abrem ou se fecham, que cuidados e proibições valem e quais lugares precisam ser resguardados. Em outras palavras, território é espaço qualificado por relações de poder, pertencimento e cuidado, um espaço apropriado e formado por um coletivo, no qual se disputam reconhecimentos e se protegem bens comuns. Ao dizer riacho, rio seco e poço, a comunidade produz espaço-território, uma configuração vivida em que regras práticas, afetos e autoridade caminham juntas e na qual o corpo-território se orienta para habitar, resistir e cuidar.

Héctor Berroeta e colegas lembram que as práticas linguísticas moldam percepções e organizam interações. Elas podem incluir ou excluir presenças na paisagem e, em Lagoas, sustentam guardas do território e modos de cuidado ligados à água, aos bichos e às moradas sagradas (Berroeta *et al.*, 2017). E antes mesmo dessa configuração política recente, as relações entre localidades já se faziam por proximidade geográfica, parental, cultural e política, o que sustenta alianças que excedem a simples contiguidade de propriedades (Oliveira, 2025).

Ao mesmo tempo, as alianças se materializam nas práticas de água e de circulação entre poços e riachos, já que comunidades como Lagoa Dantas e Caldeirão se encontram no uso, no banho, na pesca e no cuidado de pontos d'água específicos, o que reforça laços intercomunitários e organiza trânsitos que atravessam fronteiras administrativas (Oliveira, 2024). As criações que percorrem margens e leitos durante cheia e seca costuram presenças multiespécies, pois os bichos ativam caminhos, tempos e vizinhanças que mantêm o comum em funcionamento cotidiano (Oliveira, 2024).

Por outro lado, as disputas linguísticas refletem relações de poder, uma vez que a capacidade de descrever e avaliar o ambiente está frequentemente ligada a quem detém o controle ou a autoridade para definir o que é válido (Berroeta *et al.*, 2017). Grupos dominantes podem impor suas próprias interpretações do ambiente, marginalizando as visões daqueles que tradicionalmente habitam e vivem em harmonia com esses espaços, como as comunidades quilombolas e outras populações tradicionais.

Essa marginalização pode resultar na exclusão física, cultural ou simbólica desses grupos, enquanto as práticas linguísticas hegemônicas reforçam a inclusão de outros atores que se beneficiam dessa exclusão. Ao mesmo tempo, a linguagem pode ser um instrumento de resistência. Grupos que são excluídos muitas vezes utilizam suas próprias práticas linguísticas para reivindicar o espaço e ressignificar suas relações com o ambiente. Isso demonstra que a linguagem reflete as dinâmicas de poder e pode ser uma ferramenta poderosa na luta por direitos territoriais e na preservação da identidade cultural.

Exclusão essa que pode ser vista até mesmo quando práticas linguísticas dominantes ignoram ou distorcem o significado da denominação “quilombola”, que vai para além do contexto da escravização e se mantém como uma forma de resistência, pertencimento e direito ao território. O conceito de quilombo não se reduz a abrigos de escravizados em fuga.

Segundo Joseph C. Miller (1972, 1973), a palavra deriva de *kilombo* nas línguas bantas da região de Angola, onde designava acampamentos de guerra ligados aos Imbangala no século XVII. O vocábulo circulou pelos circuitos coloniais e foi ressignificado no Brasil, passando a nomear formações diversas de refúgio, aliança e luta. Por isso, trato quilombo como formação histórica plural e territorial, feita de ancestralidade, modos coletivos de vida e vínculos políticos e culturais que se atualizam nas disputas por reconhecimento e direitos (Almeida, 2011; Arruti, 2001; Miller, 1972, 1973).

Assim, o termo quilombola não se refere apenas a um passado de fuga, mas à continuidade de um modo de vida, uma identidade coletiva e uma reivindicação de direitos territoriais e culturais. Essa denominação, por sua vez, carrega um poder de resistência ao afirmar a identidade cultural, ancestralidade africana e o direito ao território, rompendo com a invisibilidade imposta por discursos externos. Ao se autodenominar “quilombola”, a comunidade exerce sua autonomia e desafia as dinâmicas de exclusão impostas por agentes externos.

Em Lagoas, a resistência não se enuncia no abstrato. Ela se apoia em memória oral (Alberti, 2005; Bosi, 1994) e linguagem de parentesco (Lévi-Strauss, 1982) que conectam famílias e legitimam a terra como legado, acionadas nas reivindicações por reconhecimento territorial (Matos; Moraes, 2015). Narrativas recentes relocalizam o início do aquilombamento na comunidade do Boi Morto, o que amplia a base histórica das demandas atuais e mostra como contar a própria história é parte da luta por direitos (Macêdo, 2021).

Nesse território, a principal base de subsistência é a agricultura familiar, onde o cultivo da terra se destina majoritariamente ao consumo próprio, com pouca ou nenhuma produção excedente para comercialização. Parte significativa das terras tradicionais dos quilombolas está registrada como propriedade de fazendeiros. Aqui, aproximadamente metade possui registro formal, embora muitas áreas ainda não tenham sido inventariadas, nas quais há sobreposição entre usos comunitários e pretensões privadas. É nesse cenário que a resistência se expressa tanto na ocupação, através das roças, do uso continuado do solo e da salvaguarda de lugares sagrados, quanto no habitar quilombola, na forma de permanência cotidiana, cuidado de casas, quintais e caminhos, festas e rezas e parentesco.

Para situar juridicamente o caso piauiense, parto do reconhecimento constitucional do direito quilombola à terra, inscrito no art. 68 do ADCT, e da proteção do patrimônio cultural material e imaterial prevista no art. 216 da Constituição, o que vincula o Estado à tutela ativa desses territórios (Brasil, 1988). O Supremo Tribunal Federal confirmou a validade do Decreto n. 4.887, que regulamenta a titulação, e consolidou a autoatribuição e a titulação coletiva na ADI 3239, fortalecendo o regime protetivo (Brasil, 2003; STF, 2018).

A Convenção 169 da OIT assegura a consulta prévia, livre e informada sempre que medidas administrativas ou projetos possam afetar essas comunidades, condição necessária para qualquer decisão que incida sobre seus territórios (OIT, 1989). Contudo, a persistente inefetividade da titulação do Território Quilombola Lagoas produz insegurança fundiária e amplia o sofrimento ético-político, ao manter a comunidade sob ameaça de violências ambientais e institucionais que contradizem o próprio desenho constitucional (Brasil, 1988; STF, 2018).

A terra, nesse contexto, não é apenas um recurso econômico, mas também um símbolo de autonomia, identidade e ancestralidade. Assim, as reivindicações não se limitam aos aspectos econômico e jurídico da posse de terras, mas envolvem uma luta por dignidade, reconhecimento e a preservação de modos de vida tradicionais que foram, e ainda são suprimidos ou ameaçados pela expansão de interesses externos, como latifúndios e políticas de desenvolvimento predatórias.

Em Lagoas temos as terras de conjunto (Oliveira, 2024), em que a área comunitária é indivisa e o direito de uso se concretiza por serviços feitos na terra, como abrir roça, erguer casa, cultivar e cuidar. Quando o cultivo cessa, a área retorna ao comum segundo as regras locais de partilha e presença (Oliveira, 2024). As matas e as margens de riacho seguem acordos de parentesco e costume, com permissão para lenha, madeira e ervas sem abuso, enquanto as roças costumam ser cercadas e a prevalência do comum se mantém no pastoreio e no extrativismo, como registram estudos sobre territorialidade quilombola em Lagoas e entorno (Matos; Moraes, 2015).

Essa forma de governo do comum aparece em certidões e memórias de comunidades como Lagoa Dantas, que se reconhecem como conjunto e organizam guardas do território e partilhas da água, articulando nomeações e usos do espaço às práticas de cuidado e pertencimento (Matos; Moraes, 2015; Oliveira, 2024). Quando cercamentos privados e grandes propriedades avançam, comprimem o acesso comunitário a esses bens comuns e fragilizam um modo de vida que depende da terra de conjunto para pastoreio, extrativismo e roçado, conforme a documentação técnica do território (Oliveira, 2024).

A transmissão entre gerações, nas áreas de moradia e de roça, ocorre em grande medida como herança de ocupação, com continuidade do uso e do cuidado mesmo sem inventário formal, prevalecendo o uso em comum do território (Freire, s.d.). Nas terras de conjunto e nos fundos de pasto, ser dono se define pelas redes de vizinhança e pelo reconhecimento comunitário, e os limites do território acompanham as relações, enquanto os barreiros são repartidos e seguem entre gerações como herança, ainda que a matrícula não os descreva de modo compatível (Freire, s.d.).

Na Lagoa de Fora, a água criada e compartilhada em cacimbas e barreiros tece parentesco e pertencimento e organiza a sucessão mais do que o sangue (Leal *et al.*, 2023). A posse ou propriedade coletiva das terras, especialmente as destinadas às moradias e às roças, é uma característica dessas comunidades, refletindo um modelo de organização fundiária que se contrapõe à lógica individualista da propriedade privada predominante no mundo ocidental.

Essa posse coletiva não implica a ausência de limites internos. Embora a terra seja gerida de maneira comunitária, cada família ou grupo geralmente tem o direito de usufruir de uma determinada parcela, seja para moradia, plantio ou criação de pequenos animais. Esses limites são estabelecidos e respeitados com base em tradições locais e na convivência comunitária (Faria, 2016). Contudo, diferentemente da propriedade privada na perspectiva do capital, que estabelece fronteiras rígidas e exclusivas, os limites quilombolas são mais fluidos e flexíveis, adaptados às necessidades da comunidade e ao uso sustentável dos recursos.

Quando leio esses arranjos à luz do corpo-território, entendo que os limites não são apenas traços no chão. Eles expressam vínculos corporificados e obrigações de cuidado que ligam pessoas, casas, roçados, água e lugares sagrados. O que se estabelece como limite interno funciona como pacto de circulação e de uso que protege o comum e regula proximidades, distâncias e prioridades sem romper a continuidade do território.

Essa flexibilidade é o modo como o corpo-território se reorganiza diante das necessidades da vida, mantendo reciprocidade, resguardo de áreas sensíveis e sustentabilidade do uso. Assim, o uso familiar aparece como modo de expressão do comum e não como sua negação. Quando há ameaça ou compressão desses limites, o dano não atinge somente a parcela de terra. Ele fere o corpo-território, produz afetações e convoca práticas de cuidado e resistência para recompor o equilíbrio entre famílias e chão.

Nas narrativas locais, as coisas da natureza, como a água, as árvores e as sementes, são compreendidas como dádivas deixadas por Deus, portanto devem ser partilhadas e cuidadas, já que o uso cobiçoso compromete a própria coisa e desorganiza as relações (Oliveira, 2024). Desse modo, a usura aparece como aquilo que desmonta a convivência e estraga a água e os

vínculos, razão pela qual o cuidado institui limites práticos e morais para que haja o suficiente para todos e para depois (Oliveira, 2024).

Além disso, a distinção entre águas “deixadas” e águas “criadas”, como cacimbas abertas por famílias, produz regras de acesso e de uso, o que reafirma a partilha e, ao mesmo tempo, regula a manutenção do bem comum em períodos de escassez e de abundância (Oliveira, 2024). Por fim, o princípio do “não abuse” organiza a retirada de lenha e plantas e a frequência às aguadas, o que transforma o cuidado em tecnologia de convivência e sustenta a continuidade do comum contra a lógica da exaustão (Oliveira, 2024).

O porvir é lido nas paisagens vivas, pois a floração do umbuzeiro antes do inverno indica a chegada das chuvas, enquanto as árvores também podem chamar a chuva, o que revela relações de influência entre seres e clima no semiárido (Oliveira, 2024). E rio, riacho, árvores e pássaros compõem uma relacionalidade que tanto possibilita quanto indica bons invernos, uma vez que aves pousadas em galhos verdes e margens que “acordam” se tornam índices observáveis e partilhados nas conversas e nos trabalhos (Oliveira, 2024).

Em complemento, as pessoas também monitoram a passagem de água no riacho como sinal de inverno satisfatório, o que reordena expectativas e prepara o manejo de roças e criações no ciclo seguinte, já que as técnicas de atenção se acumulam como memória coletiva (Oliveira, 2024). Por fim, as profecias de chuva funcionam como pedagogias do tempo, pois afinam a espera, ajustam o trabalho e reforçam a reciprocidade entre humanos e mais-que-humanos no cuidado do território (Oliveira, 2024).

A alimentação se organiza em torno da roça de sequeiro com feijão, milho, mandioca, abóbora, melão e melancia, o que se articula ao manejo de cabras, ovelhas, porcos, gado, galinhas e equinos conforme a sazonalidade das águas (Oliveira, 2024). Além disso, durante a seca, os animais comem capim que cresce no leito do riacho e, quando necessário, as famílias usam cercados e levam as criações para “limpar” a roça, o que integra manejo e preparo do próximo plantio (Oliveira, 2024).

No mesmo movimento, a mandioca pubada em caldeirões de pedra e a farinha feita em casas individuais e comunitárias dependem do transporte de água e de insumos, de modo que aiós, barris e jumentos integram a logística do fazer-comer e inscrevem trabalho, parentesco e técnica na comida de cada dia (Oliveira, 2024). Por fim, mesmo quando o riacho baixa, a extração do chamado “sal da terra” no leito e no Poço da Olaria reaproxima alimentação, água e solução técnica, o que atualiza conhecimentos intergeracionais e reafirma a materialidade do comum (Oliveira, 2024).

Os moradores desse território reivindicam do Estado o reconhecimento oficial, logicamente público, de sua identidade étnica, autodenominando-se quilombolas (Matos; Moraes, 2015). Ainda segundo as autoras, “Na luta política pelo autorreconhecimento, a territorialidade em Lagoas é aqui focalizada pela relação com a terra e pela linguagem de parentesco trazida à tona no trabalho de memória oral” (Matos; Moraes, 2015, p. 208).

A linguagem de parentesco (Lévi-Strauss, 1982) mobilizada no trabalho de memória oral (Alberti, 2005; Bosi, 1994) reforça a dimensão coletiva da luta e se articula a técnicas de memória orientadas por famílias que, na região, não são exclusivas de comunidades quilombolas. No semiárido piauiense, práticas de reconstrução de genealogias e de narrativas familiares também aparecem em arranjos de uso comum da terra como fundos de pasto e terras de conjunto, em que a rede de parentesco se converte em rede de vizinhança e os limites do território acompanham as relações, e não o contrário (Freire, s.d.).

Na Lagoa de Fora, a água criada, nomeada e partilhada em cacimbas e barreiros organiza memórias e parentescos e compõe uma cartografia espaço temporal que conecta gerações, articulando a história local com modos de manejo hídrico e de criação animal (Leal *et al.*, 2023). Nessa mesma trilha, as narrativas orais registram famílias sem atribuir exclusividade étnica a tais modos de lembrar e nomear o território (Matos; Moraes, 2015). A memória oral (Alberti, 2005; Bosi, 1994), nesse quadro, contribui para a afirmação da presença histórica e cultural no território e pode ser acionada na busca por direitos territoriais.

Ainda de acordo com Matos e Moraes (2015), a territorialidade quilombola em Lagoas revela um profundo sentimento de pertencimento, no qual a terra é compreendida como um lugar vivo, carregado de significados que envolvem a produção de modos de vida, a memória coletiva, as expressões culturais e as dinâmicas ambientais que estruturam as relações da comunidade. Em Lagoas, a distribuição da população se embaralha com a estrutura das relações de parentesco, que foram estabelecidas e consolidadas ao longo do tempo dentro do território.

A linguagem de parentesco é estruturada em torno de um sistema que evoca a ideia de uma grande família e se inscreve na toponímia, como na nomeação da Fazenda São Victor, reconhecida como lugar dos povos “cativos”. As várias fazendas da região foram delimitadas por volta da década de 1950, um período que se tornou um marco temporal nas narrativas locais. É a partir desse momento que os descendentes dos povos mantidos em cativeiro começaram a adquirir suas primeiras terras, conhecidas na região como “sobras da demarcação” (Macedo, 2021).

Cabe pontuar que a linguagem de parentesco não se restringe à nomeação de vínculos familiares, mas organiza as relações sociais, culturais e históricas que estruturam a comunidade.

Além de preservar a memória coletiva, fortalece redes de solidariedade e pertencimento, reforçando os laços construídos a partir da experiência compartilhada. No contexto quilombola, essa forma de comunicação carrega o legado da resistência, articulando a luta pelo reconhecimento territorial à transmissão das histórias ancestrais (Arruti, 2006).

Aqui, a territorialidade é relacional e se faz como rede de vínculos entre pessoas, casas, roçados, caminhos e extra-humanos que participam da vida comum. Água, ventos, solo, pedras, plantas e bichos da caatinga entram no circuito de cuidado e decisão. Essas presenças não são panos de fundo. Elas orientam épocas de plantio, abrem e fecham passagens, pedem resguardo em lugares sagrados e modulam o uso do chão. Reconhecer a territorialidade como relação com extra-humanos permite ler o cuidado como prática ecológica e política ao mesmo tempo. Nessa leitura, proteger a água, preservar matas de caatinga e respeitar rotas de bichos não é um adendo ambiental. É produção de saúde coletiva e condição de futuro para a comunidade.

Assim, as comunidades quilombolas do Território Lagoas materializam a continuidade de uma luta que vai além da conquista legal pela posse de terras. A história das comunidades, marcada pela resistência e pela preservação de sua identidade, reforça que os quilombos não desapareceram com o fim da escravidão, mas se transformaram e se adaptaram ao longo dos séculos. O Censo Demográfico de 2022 e o crescente reconhecimento formal das comunidades reforçam a necessidade urgente de políticas públicas que garantam o direito à terra e à preservação cultural. Com esse quadro histórico e institucional em vista, aproximo a discussão da identidade e da luta que se atualiza no presente.

A identidade quilombola, enraizada em tradições orais e laços de pertencimento, reivindica o direito à terra ao mesmo tempo em que se afirma como resistência à opressão, ao silenciamento e ao apagamento histórico. A presença das comunidades quilombolas no Território Lagoas evidencia que sua luta envolve tanto a busca por justiça quanto a preservação de suas práticas, de sua memória e de seu corpo-território. Palmares foi incendiado, Lagoas enfrenta a ameaça da mineração, mas a ancestralidade resiste. Para entender como essa existência coletiva se sustenta no cotidiano, passo às bases de parentesco e memória.

A linguagem de parentesco e as memórias orais mantêm viva a ancestralidade e fortalecem o sentimento de pertencimento, enquanto os relatos de comunidades como Boi Morto desvelam a complexidade histórica e a multiplicidade de perspectivas sobre a origem do território. Esses elementos, ao lado dos desafios enfrentados pelas comunidades, como a falta de titulação definitiva e as ameaças de projetos de mineração, demonstram que o reconhecimento dos direitos quilombolas é também uma luta pelo reconhecimento de suas

contribuições históricas e pela garantia de um futuro em que suas tradições possam florescer. Essas práticas não se limitam a nomear laços. Elas produzem mundos compartilhados.

Aqui, tomo o parentesco como prática que faz existir mundos compartilhados. Em diálogo com a proposta de fazer parentes de Donna Haraway, entendo que as relações não se limitam a laços de sangue. Elas se tecem no conviver, no cuidar e no trabalhar a terra. Produzem alianças entre famílias, vizinhos e mais-que-humanos da caatinga, como água, plantas e bichos que participam da vida comum e pedem salvaguarda (Haraway, 2023).

Assim, a linguagem de parentesco deixa de ser apenas nome e torna-se tecnologia de vínculo. Ela fabrica pertencimento, define autoridade negociada, distribui obrigações de cuidado e estabiliza limites internos que protegem o comum sem romper a continuidade do território. Uma vez reconhecido o parentesco como tecnologia de vínculo, é possível compreender seu alcance na produção de cuidado e na defesa do território.

Esse fazer parentes ilumina o que chamo de conhecimento de fronteira. A comunidade aprende e decide nas bordas entre casa e roça, entre festa e reza, entre humano e mais-que-humano. O que se sabe ali nasce da experiência situada e sustenta escolhas de uso, de resguardo e de circulação.

Quando a iminência da mineração pressiona o território, é essa política de parentesco que organiza a defesa do chão e do futuro. Assim, produzir cuidado não é tarefa apenas clínica. É fruto de redes de parentesco que sustentam o corpo-território, modulam o vivido nas incertezas e ativam práticas de proteção que mantêm a vida em comum. Com esse alicerce, volto-me aos riscos que pressionam o espaço-território e afetam o corpo-território.

O licenciamento ambiental, a causalidade difusa e a invisibilidade dos riscos convertem-se em incertezas que atrasam medidas, deslocam o ônus da prova para as comunidades e naturalizam decisões que postergam a proteção do território, enquanto os impactos se acumulam no cotidiano (Beck, 2010; Santos, 2024). Desse modo, torna-se decisivo adotar uma leitura territorializada que reconheça o corpo-território como unidade de análise e evidência, integrando indicadores físico-químicos e procedimentos etnográficos, relatos de saúde, mapas afetivos e protocolos locais de cuidado, para que os efeitos do risco se tornem visíveis e possam orientar decisões efetivas (Santos, 2024). A leitura territorializada abre caminho para discutir as dinâmicas econômicas que rebaixam a sensibilidade ao risco.

E em muitos projetos, antes da poluição chegam o salário e as promessas de obra. Esse movimento cria dependências imediatas e rebaixa a sensibilidade ao risco, porque os danos ambientais e sanitários se manifestam com causalidade difusa, deslocamentos no tempo e invisibilidade, o que dificulta atribuir responsabilidades e favorece a postergação de medidas

protetivas (Beck, 2010). Quando o debate se limita aos “recursos naturais”, descola-se o território da vida e negligencia-se como renda de curto prazo e degradação de médio e longo prazos se combinam para produzir vulnerabilidade e desigualdade em comunidades negras e tradicionais (Acselrad, 2004; Bullard, 2000; Harvey, 2003; Polanyi, 2000). Diante desse cenário, os efeitos deixam de ser abstratos.

Esses danos com causalidade difusa, distribuídos no tempo e misturados a outras variações do ambiente, não aparecem de modo imediato nos indicadores usuais (Acselrad, 2004; Bullard, 2000; Harvey, 2003; Polanyi, 2000). Nessas condições, o licenciamento e as negociações tendem a parcelar impactos e a tratar cada parte como um caso isolado, o que enfraquece salvaguardas territoriais (Beck, 2010).

No Quilombo Lagoas, esses dados ganham nome, rosto e voz. São mães que relatam o medo constante da poeira tóxica que seus filhos respiram, anciãos que veem a terra secar e jovens que se perguntam se haverá futuro ali. Não se trata de casos isolados. Trata-se de um padrão que atravessa a vida comum e afeta o corpo-território em suas rotinas de sono, circulação e cuidado.

Segundo o CRP 2023, o abandono institucional diante dessas realidades não é apenas negligência, é racismo ambiental, pois recai de modo desproporcional sobre populações negras e tradicionais e naturaliza a exposição ao risco. É quando o Estado vira o rosto diante do sofrimento das populações negras. A partir dessas vivências e afetações, situo a atuação da psicologia como parte do cuidado coletivo.

A psicologia atua, assim, como articulação de cuidado e política através da sustentação da palavra, da legitimação dos saberes e da devolução pública do que é estrutural e, assim, ajuda a transformar medo em ação coletiva. A própria Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) reconhece o vínculo entre os conflitos territoriais e o aumento de sofrimentos psíquicos, como a depressão e o suicídio.

O debate sobre identidade quilombola avança, assim, ao deslocar o foco de uma definição identitária abstrata para uma identidade situada no corpo-território. A identidade aparece como prática cotidiana que se faz no parentesco, na memória e nos arranjos de uso comum. Ela inclui relações com extra-humanos da caatinga e organiza cuidado, autoridade e limites internos de modo fluido. Com isso, ultrapassa a lógica exclusiva do reconhecimento jurídico e mostra que reconhecer a identidade implica reconhecer modos de viver, modos de cuidar e modos de decidir no território. Essa leitura territorializada permite entender a pressão da mineração e do licenciamento não apenas como disputa documental, mas como agressão à própria produção social da saúde.

3.1 CICATRIZES NA TERRA, FERIDAS NA ALMA: O IMPACTO DA MINERAÇÃO

Nós extraímos os frutos nas árvores...
 Eles expropriam as árvores dos frutos!
 Nós extraímos os animais na mata...
 Eles expropriam a mata dos animais!
 Nós extraímos os peixes nos rios...
 Eles expropriam os rios dos peixes!
 Nós extraímos a brisa no vento...
 Eles expropriam o vento da brisa!
 Nós extraímos o calor no fogo...
 Eles expropriam o fogo do calor!
 Nós extraímos a vida na terra...
 Eles expropriam a terra da vida!
 (Nego Bispo)

O racismo ambiental entrecruza-se profundamente com os ferimentos infligidos à saúde das comunidades tradicionais pela mineração (Svampa, 2019). Ele é a geografia da injustiça, onde o peso dos riscos ambientais recai de forma desigual sobre os ombros das populações historicamente marginalizadas.

A Organização das Nações Unidas (ONU) define mineração como "a extração, elaboração e beneficiamento de minerais que se encontram em estado natural: sólido, como o carvão e outros; líquido, como o petróleo bruto; e gasoso, como o gás natural. Inclui a exploração de minas (subterrâneas e de superfície), pedreiras e poços e todas as atividades de preparo e beneficiamento do minério, a fim de torná-lo comercializável" (UN, [s.d.]).

No Brasil, a produção mineral é diversificada, abrangendo aproximadamente 70 substâncias minerais (21 são metálicas, 45 não metálicas e 4 energéticas), possuindo cerca de 3.354 minas, das quais 159 são de grande porte. O Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) indica a existência de mais de 8.000 empresas mineradoras e mais de 3.000 minas distribuídas pelo território nacional (DNPM PE, [s.d.]; IBRAM, 2025).

A exploração mineral é uma das atividades econômicas que mais impacta os territórios ocupados por comunidades tradicionais, incluindo quilombolas, indígenas e outras populações que mantêm uma relação simbólica, espiritual e de subsistência com a terra (Svampa, 2019). Quilombolas, indígenas e todos os grupos considerados comunidades tradicionais, guardiões de saberes ancestrais, tornam-se alvos desproporcionais de projetos extrativistas que esgarçam suas terras e vidas, transformando territórios de resistência em cenários de vulnerabilidade.

Nesse sentido, a mineração compromete a integridade dos ecossistemas por meio do desmatamento em larga escala, da contaminação de solos e águas e do agravamento da

desertificação (Milanez, 2017; Perez-Marin; Medeiros; Tinôco, 2012; Sonter; Barrett; Soares-Filho, 2017). Mesmo a mineração a seco, que se apresenta como uma alternativa emergente, e envolve a filtragem e empilhamento dos rejeitos em estado sólido, eliminando a necessidade de barragens de rejeitos, gera contaminação do ar (Nascimento, Carlos Alberto Sarmento do, 2021).

No bioma caatinga, já vulnerável à escassez hídrica, essas alterações agravam as condições climáticas e dificultam a agricultura familiar e a apicultura, principais atividades econômicas do Quilombo Lagoas. Fontes de água como aguadas e lagoas naturais, essenciais à subsistência, tornam-se escassas ou impróprias para o uso (Svampa, 2019).

Ainda que o direito ao território seja garantido pela Constituição Federal de 1988, o atraso na titulação das terras quilombolas expõe as comunidades à expropriação. Projetos de mineração frequentemente ignoram os direitos das populações tradicionais, reforçando dinâmicas de racismo ambiental e desigualdade estrutural (Minayo, 2014).

Além disso, a ausência de consulta prévia, livre e informada viola a Convenção nº 169 da OIT, promulgada no Brasil pelo Decreto nº 5.051 de 2004 e consolidada pelo Decreto nº 10.088 de 2019, e contraria a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola instituída pelo Decreto nº 11.786 de 2023 (Brasil, 2004, 2019, 2023; OIT, 1989). A mineração, ao fragmentar o território, interrompe laços culturais e redes de sociabilidade que estruturam a vida coletiva. Por conseguinte, o deslocamento forçado ou a transformação do espaço em uma paisagem industrializada minam a identidade cultural e as práticas tradicionais (Acosta, 2016).

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre os impactos da mineração na saúde das comunidades tradicionais, foi realizada uma busca nas bases de dados Periódicos da Capes, Biblioteca Virtual de Teses e Dissertações (BVTD), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scielo. Utilizando os descritores “mineração” AND “saúde” AND “comunidades tradicionais”, identifiquei 28 trabalhos.

A literatura recente sobre mineração e saúde concentra-se em recortes amazônicos e do Sudeste, enquanto a caatinga aparece de modo pontual e pouco articulado às dinâmicas de quilombos. Ainda assim, o bioma abriga pelo menos 94 territórios quilombolas mapeados, entre eles Lagoas/PI, Conceição das Crioulas/PE e Mocambo/Porto da Folha/SE (MapBiomias, 2023). Estudos que tratam de conflitos em territórios tradicionais raramente integram indicadores de saúde e etnografia do cuidado. Essa lacuna organiza a pergunta desta dissertação e justifica o recorte em Lagoas. A relação completa dos trabalhos, que serão discutidos aqui, está no apêndice.

A predominância de pesquisas qualitativas, como etnografias e estudos de caso, indica a necessidade de compreender os conflitos socioambientais para além de indicadores quantitativos. A ênfase em metodologias que incorporam narrativas e experiências comunitárias sinaliza o esforço acadêmico para captar as dimensões subjetivas da desterritorialização e da resistência.

As bases de dados analisadas apontam um direcionamento teórico centrado na geografia crítica, ecologia política e justiça ambiental. Os estudos ressaltam de modo geral que a mineração altera ecossistemas e modos de vida, além de reforçar desigualdades estruturais. Entre os achados empíricos, destacam-se a contaminação dos recursos hídricos por metais pesados e seus impactos na saúde coletiva. A literatura também aponta a fragmentação comunitária e o deslocamento compulsório como consequências recorrentes da atividade de mineração.

A articulação entre mineração e políticas de desenvolvimento aparece como um fator determinante na invisibilização das comunidades impactadas. Os efeitos indiretos da mineração incluem mudanças nos modos de vida, perda de territórios tradicionais e ruptura das relações sociais (Zhou, 2018). Trabalhos como o de Giraldo (2017) mostram que o impacto da atividade minerária na Serra do Espinhaço Meridional gerou profundas alterações nos modos de vida e na coesão social de comunidades rurais.

As pesquisas de Álvarez-Berrios e Aide (2015) e Passos e Mergler (2008) trazem que a contaminação de recursos hídricos por metais pesados, como mercúrio e cádmio, está associada a doenças graves, incluindo intoxicações crônicas, alterações neurológicas e problemas renais. Nesse contexto, estudos apontam que a exposição ao mercúrio em comunidades quilombolas na região do Baixo Amazonas está ligada ao comprometimento do desenvolvimento motor em crianças e à desnutrição (Takanashi, 2019; Bandeira Junior; Carvalho, 2023).

A relação entre mineração e injustiça ambiental também é amplamente documentada. Diversos estudos abordam como a mineração, ao privilegiar interesses econômicos, promove a degradação ambiental e violações de direitos em comunidades vulneráveis. Este processo é intensificado pela negligência estatal e pela fragilidade das políticas públicas (Andreazza, 2018; Ataíde, 2018; Blanco, 2020; Clavijo Rojas, 2021; Giraldo, 2017; Lopes, Monteiro e Lopes, 2023; Nascimento, 2020; Nascimento, Beatriz, 2021; Pinto Filho, 2016; Porto; Pacheco; Leroy, 2013; Santos, 2024).

Assim, a mineração afeta de forma diferenciada grupos vulneráveis, incluindo mulheres, crianças e comunidades tradicionais. Estudos como o de Almeida (2011) demonstram que mulheres em assentamentos ambientalmente diferenciados enfrentam obstáculos específicos,

como maior exposição à violência e precarização de suas condições de vida. Esses impactos são agravados por desastres socioambientais que exemplificam a negligência estrutural no setor de mineração.

No Brasil, os rompimentos de barragens da Samarco (2015) e da Vale (2019) resultaram em catástrofes sem precedentes. Em 5 de novembro de 2015, em Mariana (MG), milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro escaparam do cárcere de concreto, descendo pelas encostas e engolindo vidas, histórias e paisagens. Sustentada pela força das gigantes Vale e BHP Billiton, a barragem de Fundão ruiu, deixando um rastro de destruição e sofrimento (Dória, Moretto e Bohlman, 2023). Portanto, percebe-se como a mineração articula interesses econômicos, negligência estatal e injustiças ambientais, agravando desigualdades estruturais.

A mesma Vale que, em 2019, viu a barragem de Brumadinho romper, espalhando mais lama, morte e desespero. Quando a barragem do Córrego do Feijão desmoronou, deixou um saldo de 270 mortos, entre eles trabalhadores da própria empresa. Foi um lembrete cruel de que interesses econômicos ainda pesam mais do que a vida. São marcas que o Brasil carrega no corpo-território, feridas abertas pela negligência e pela busca desenfreada por lucro.

E para cada barragem que se rompe, há dezenas em perigo, espalhadas pelo país. Hoje, em Minas Gerais, cerca de 14% das barragens encontram-se em estado de alerta ou perigo iminente (Agência Nacional de Mineração, 2024), um dado que revela a vulnerabilidade de uma terra explorada sem limites. As barragens em alerta não guardam apenas rejeitos; guardam o potencial para mais destruição.

Da mesma forma, a história de grandes desastres ambientais revela que eles poderiam ter sido evitados caso os alertas científicos fossem levados em consideração. Por exemplo, no desastre de Minamata, Japão, na década de 1950, em que a contaminação por mercúrio proveniente da indústria química afetou milhares de pessoas com doenças neurológicas graves (Harada, 1995), os cientistas já haviam alertado sobre os riscos da contaminação, mas as advertências foram ignoradas pela empresa responsável (Harada, 1995).

De maneira semelhante, no caso da mineração em Ok Tedi, na Papua-Nova Guiné, a exploração de cobre resultou em graves danos ambientais e impactos socioeconômicos para as populações indígenas. Mas ambientalistas e pesquisadores já haviam demonstrado que a mineração levaria a destruição daquele ecossistema (Pintz, 1984).

No Brasil, o rompimento das barragens seguiu o mesmo padrão de negligência. O desastre já havia sido alvo de alertas prévios de especialistas e instituições ambientais, que indicavam fragilidades estruturais e riscos associados à segurança da barragem (IBAMA, 2015, UICN, 2018). No caso da Braskem, em que a mineração de sal-gema resultou no afundamento

do solo em várias regiões de Maceió a partir de 2018, relatórios técnicos já indicavam a instabilidade que seria gerada antes mesmo do início do processo (CPRM, 2010).

E se esses traumas nacionais e internacionais alertam, para Lagoas o cenário-limite mais próximo está em Gilbués. Ali se reconhece um núcleo de desertificação com cerca de 6,1 mil km², resultado de processos de erosão hídrica que formam voçorocas e se agravam com desmatamento e manejo inadequado do solo e da água (Brasil, 2004; CPRM, 2004; Perez-Marin; Medeiros; Tinôco, 2012). Trazer Gilbués para a análise aproxima o futuro possível de Lagoas e explicita riscos que combinam mudanças no regime hídrico, perda de solo e pressão econômica regional, já relatados no entorno de São Raimundo Nonato (Fiocruz, s.d.).

Essa comparação sustenta o argumento do corpo-território e reforça a urgência de prevenção, recuperação de áreas degradadas e de decisões que respeitem consulta prévia, livre e informada. Além da negligência e da busca por lucro imediato, a flexibilização do licenciamento ambiental vem sendo acionada para reduzir custos operacionais e prazos de instalação de empreendimentos, compondo uma dinâmica de competição federativa conhecida como guerra fiscal desde os anos 1990 (Dulci, 2002; Guetta, 2016).

Modalidades simplificadas como a Licença por Adesão e Compromisso (LAC) reduzem custos diretos e indiretos e ampliam o peso da autodeclaração do empreendedor, o que pode externalizar riscos socioambientais quando faltam salvaguardas robustas (Heinen, 2022; Ministério do Meio Ambiente, 2025). Nesse cenário, ciência e regulação fortes são condições para que alertas técnicos virem normas exigíveis e fiscalização efetiva, evitando que a corrida por investimentos degrade territórios e vidas. O debate recente em torno do PL 2.159 de 2021 explicita esse tensionamento entre celeridade e proteção ao instituir prazos e ampliar o uso da LAC, enquanto análises críticas alertam para riscos de fragilização do controle e de indução de guerra fiscal ambiental (Câmara dos Deputados, 2025; Capital Reset, 2025; CBN, 2025).

Em resposta aos impactos da mineração, comunidades têm se organizado para resistir ao avanço do extrativismo mineral. Julianna Malerba (2014) destaca experiências de resistência internacional contra grandes projetos de mineração, que vão desde restrições legais até proibições. No Brasil, há esforços consolidados de mapeamento e denúncia de conflitos ambientais, como o Mapa de Conflitos, da Fiocruz e parceiros, e o relatório Conflitos no Campo Brasil 2015, da CPT (Porto; Pacheco; Leroy, 2013; Porto; Rocha; Pacheco, 2016).

Apesar das pressões externas e das restrições socioeconômicas, comunidades como o Quilombo Lagoas mobilizam redes de apoio, estratégias políticas e dinâmicas comunitárias para preservar seu território e garantir autonomia. A apicultura, além de uma atividade

econômica, constitui uma prática de resistência que associa sustentabilidade à preservação do conhecimento tradicional (Svampa, 2019).

A articulação com movimentos de justiça ambiental, entidades de direitos humanos e redes quilombolas em Lagoas se expressa na ação civil pública contra o projeto minerário, na participação em audiências e no apoio de organizações acadêmicas e eclesiais (ABANT, 2022; Agência Pulsar, 2023; Cáritas Brasileira, 2024; CONAQ, 2025; Fiocruz, s.d.; Mongabay, 2024). Podemos citar a ação judicial coletiva com a Defensoria Pública da União, a Defensoria Pública do Estado e o Ministério Público Federal contra o projeto da SRN Mineração, com licença prévia vencida e processo no TRF1 (Mongabay, 2024) e a participação em audiências públicas e pressão sobre o licenciamento, com cobertura de mídia independente e redes de comunicação popular que ampliam a visibilidade do conflito no Piauí (Agência Pulsar, 2023).

A nota de repúdio da Associação Brasileira de Antropologia ao licenciamento do projeto SRN e a sistematização do caso no Mapa de Conflitos da Fiocruz dão lastro público às denúncias da comunidade (ABANT, 2022; Fiocruz, s.d.). Isso amplia a incidência política da comunidade e o reconhecimento de suas reivindicações em esferas administrativas, judiciais e públicas no Piauí e no país.

Os estudos na literatura reforçam que a mineração ultrapassa uma questão meramente econômica, configurando-se como um problema multidimensional que compromete a saúde, degrada o meio ambiente, dilacera identidades culturais e fragiliza a coesão social. Na caatinga, o eco dos efeitos da mineração é ainda sutil, contando com poucas produções nessa área, como o estudo de Lucas Antonino (2021) dedicado a explorar os impactos nesse bioma tão singular.

Antonino (2021) trabalha com a dialética entre território extrativo mineral e território terra-abrigo, contrapondo a visão empresarial-estatal do território à visão das comunidades e evidenciando espoliação e amputação territorial. Na formulação do autor, de um lado o território se alinha à lógica de recurso explorável por grandes corporações mineradoras. De outro, o território encarna espaço de vida e de permanência para comunidades tradicionais, quilombolas e populações rurais. Essa abordagem salienta as desigualdades socioespaciais e os conflitos de poder que estruturam os territórios sob pressão minerária.

Entre os principais resultados de sua análise, destacam-se as graves violações de direitos humanos e ambientais promovidas pelo setor mineral, além do papel conivente do Estado na legitimação de práticas predatórias. Esses aspectos ilustram como a mineração perpetua desigualdades, desloca forçadamente populações e aprofunda os desafios enfrentados por comunidades tradicionais. Daí a necessidade urgente de fortalecer políticas públicas que

protejam essas comunidades e promovam modelos de desenvolvimento sustentáveis, alinhados à justiça social e ambiental.

Que o Brasil não precise de mais rompimentos para despertar. Que o alerta das barragens seja também um alerta para nós, um chamado à reflexão e à ação coletiva. Como nos ensina Ailton Krenak (2019): “A gente só existe porque a Terra deixa a gente viver”. Mas, se insistirmos em tratá-la como uma fonte inesgotável de recursos, talvez ela nos retire essa permissão.

Este trabalho interessa a quem decide, a quem cuida e a quem luta. Dialoga com a saúde coletiva ao oferecer evidências sobre a coprodução corpo território, ao qualificar o debate sobre consulta prévia e licenciamento e ao indicar caminhos de intervenção. Informa instituições públicas ao descrever riscos e instrumentos de gestão. Serve à comunidade ao registrar memórias e direitos. O que se afirma, por fim, é o direito de seguir existindo no lugar que dá sentido à vida.

Inspirada na fala de Krenak sobre os povos indígenas, podemos ecoar: Somos quilombolas, resistimos há 500 anos. Fico preocupada é se os brancos vão resistir! Nesse sentido, a luta pela saúde e pelos direitos dessas comunidades é, também, a luta pela permanência de um futuro em que natureza e cultura possam florescer em harmonia e resistência. Podem expropriar a terra, mas não extinguem suas memórias, seus sonhos e seus corpos, que continuam a brotar, teimosos, junto com a terra que insiste em viver. Dito isso, passo aos conceitos que estruturam a análise.

4 E A PSICOLOGIA COM ISSO?

A natureza está em trânsito. A estabilidade é uma ilusão. Há milhares de anos os continentes flutuam sobre um manto quente e fluido. Gigantescas porções de Terra colidem, aglutinam-se, separam-se, multiplicam-se, vulcões eclodem, o magma se espalha, oceanos avançam e recuam, formam e deformam territórios. A Terra é uma grande esfera em desassossego, coberta pela delicada e resistente película de vida: a biosfera, ponto de contato entre a atmosfera e o núcleo, o meio externo e interno. É ela quem acolhe os raios de sol e as radiações, as tempestades e as chuvas ácidas, reage ao frio e ao calor, à luz e a sombra, às nuvens e à fumaça. Ela pulsa e reage a cada espasmo do clima, a estância definidora do tempo, da existência e da vida. Neste exato momento, uma nova transformação está em curso. Capas de gás sufocam e aquecem a delicada biosfera. Geleiras derretem nos polos. Os mares avançam. Florestas são incineradas. Alguns seres desaparecem, outros se proliferam.

A cada hora, nove mil pessoas se somam à população mundial e cerca de três espécies entram em extinção. (...) Somos os únicos capazes de transformar a criação em uma atividade. Temos criatividade. (...) A natureza está em trânsito. A estabilidade é uma ilusão. A vida insiste, resiste. Mas qual vida? Qual vida você quer criar? (Maria Bethânia, Museu da Natureza, 2025).

A trajetória histórica da psicologia, enquanto ciência e profissão, carrega em seu curso a história de dicotomias, de cortes, de separações entre mente e corpo, normal e patológico, individual e coletivo. Desde suas origens no século XIX, quando se consolidou como disciplina científica em diálogo com as ciências naturais, a psicologia se construiu em convergência com a lógica do modelo biomédico que reduz a complexidade do ser humano a uma equação de sintomas e diagnósticos, a procedimentos que abordam linearmente a relação queixa/conduta e a se alia também a racionalidade da produção capitalista avaliando, classificando e normatizando sujeitos. A psicologia foi sendo convocada a operar como tecnologia de gestão da força de trabalho, ajustando corpos e comportamentos às exigências de produtividade e rendimento.

Em seu alicerce, a psicologia apoiada na psiquiatria, reforça a crença cartesiana de que a mente é a timoneira da vida e se curaria por si mesma se fosse suficientemente isolada da realidade do corpo e da vivência concreta do sujeito. A psicologia moderna, ainda fortemente influenciada por essa herança, focaliza a doença e os sintomas, desconsiderando frequentemente os fatores sociais, históricos e culturais que também influenciam a saúde mental e a produção de subjetividade (Minayo, 2014).

Nessa perspectiva, a psicologia se afastava do humano, ao tratar do sofrimento psíquico sem ouvir a sinfonia das histórias dos outros e do mundo. O diagnóstico de distúrbios mentais passou a ser muitas vezes visto como um problema exclusivamente intraindividual, com ênfase em causas biológicas ou químicas, sem considerar as condições de vida, o sofrimento social ou

os afetos que atravessam a existência dos indivíduos e conformam sua compleição psicossocial (Svampa, 2019).

Mas esse movimento não é isento de críticas. A mais contundente delas destaca que a psicologia tradicional, ao aliar-se à medicina e aos modelos biomédicos, acaba desconsiderando a complexidade dos fenômenos psíquicos e a importância das relações sociais e culturais no processo de constituição do sujeito. Neste contexto, as dicotomias estabelecidas pela psicologia tradicional, como saúde/doença ou normal/patológico, acabam funcionando como mecanismos de categorização e controle, ao invés de contribuir para uma compreensão mais ampla e integrada da experiência humana e das dores humanas.

A trajetória da psicologia no Brasil consolidou-se majoritariamente nos centros urbanos, o que resultou em um afastamento sistemático das dinâmicas do campo e das comunidades tradicionais. Essa conformação estruturou-se em matrizes eurocentradas e individualizantes, reproduzindo invisibilidades e naturalizando hierarquias que subalternizam o rural, os indígenas e as territorialidades negras (CFP, 2019).

A resistência que as psicologias indígenas buscam promover no cenário internacional reconhece que a atuação do psicólogo deriva de concepções e práticas enraizadas nas tradições greco-romanas e judaico-cristãs, constitutivas ciências modernas (Pizzinato; Guimarães; Leite, 2019, p. 4).

Essa herança produziu lacunas de formação e pesquisa, além de práticas pouco sensíveis à historicidade e às marcas do racismo que estruturam a sociedade brasileira e a vida no campo. Estudos e documentos institucionais apontam a escassez de investigações e a necessidade de uma inflexão decolonial que situe território, ancestralidade e modos coletivos de cuidado como eixos centrais da profissão (Carvalho; Macedo, 2018).

Nessa direção, as análises de Frantz Fanon (2020a, 2020b) tensionam contundentemente a psiquiatria colonial e eurocêntrica, ao evidenciar que o sofrimento mental não pode ser separado das violências históricas que o produzem. Atuando como psiquiatra em contextos coloniais, Fanon (2020a, 2020b, 2022) denuncia uma clínica que, ao ignorar o racismo e o colonialismo, tende a normalizar a dominação e a punir as formas de resistência. Ao comentar a posição de Lacan, afirma tratar-se de uma “defesa obstinada dos direitos nobiliárquicos da loucura” (Fanon, 2020a, p. 371), recolocando a loucura como expressão de uma humanidade ferida, e não somente como déficit individual.

Ao discutir a experiência de crianças negras em sociedades estruturadas pela branquitude, Fanon afirma que “uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma

família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco” (Fanon, 2020b, p. 159), explicitando que é a ordem racializada do mundo que produz a sensação de anormalidade e de não pertencimento. Não se trata, portanto, de uma suposta falha intrapsíquica ou de uma inadequação individual, mas de um arranjo histórico-político que desqualifica existências negras, produzindo ruptura na imagem de si, vergonha, medo e dilaceração do vínculo com o próprio corpo e com o território.

Esse deslocamento permite compreender tais manifestações não como problemas psíquicos isolados, mas como expressão de um sofrimento ético-político, enraizado em relações de exploração, racismo e expropriação de corpos e territórios. Assim, a produção de saúde-cuidado, em Fanon (2020a, 2020b, 2022), não pode ser pensada sem processos coletivos de descolonização e de libertação social e política. Tais processos reinscrevem a clínica no campo da luta antirracista e da transformação das condições concretas de vida, deslocando-a de uma função de mero ajuste à ordem para uma prática comprometida com a invenção de outras formas de existir.

O processo de aproximação da psicologia brasileira com as comunidades quilombolas e outros povos tradicionais, embora tardio, tem sido impulsionado por uma série de fatores, incluindo as críticas contundentes dos movimentos sociais, a reorganização interna do Sistema Conselhos de Psicologia e as experiências de extensão universitária e residências multiprofissionais.

O Sistema Conselhos de Psicologia tem sido um importante instrumento na aproximação da profissão com povos e comunidades tradicionais. Esse movimento ganhou força com a deliberação do 4º Congresso Nacional de Psicologia, em 2001, que orientou o CFP a desenvolver uma abordagem voltada inicialmente aos povos indígenas e depois ampliada a outros grupos. Em 2005, a criação do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) consolidou essa diretriz, ao instituir uma instância responsável por produzir referenciais técnicos para a atuação em políticas públicas. Desde então, suas publicações passaram a refletir dilemas históricos e a oferecer subsídios para práticas profissionais mais comprometidas com a realidade social do país.

Outro marco fundamental foi o Seminário Nacional A questão da terra: desafios para a Psicologia, realizado em 2006. O evento discutiu a necessidade de aproximar a psicologia das experiências de coletivos cuja vida se organiza em relação fundamental com a terra, como indígenas, quilombolas e trabalhadores rurais. Como desdobramento, em 2013 foram publicadas as Referências Técnicas para Atuação das(os) Psicólogas(os) em Questões Relativas à Terra, revisadas em 2019.

A incorporação do debate racial pelo Sistema Conselhos também foi determinante para o fortalecimento dessa aproximação. As Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os em Relações Raciais (CFP, 2017) enfatizam que a psicologia precisa reconhecer o racismo como estruturante das desigualdades sociais no Brasil e como determinante das condições de saúde e de subjetivação das populações negras.

Dado esse histórico bem recente, observamos que a atuação da psicologia em comunidades quilombolas configura-se como um campo ainda em construção, marcado por disputas ético-políticas e pela centralidade do território e da ancestralidade. Apesar dos avanços institucionais e do seu reconhecimento, os desafios estruturais e conceituais ainda persistem. A invisibilidade histórica dos quilombolas diante do Estado e o racismo institucional seguem comprometendo a efetividade das políticas públicas de saúde e, por consequência, a prática psicológica nesses contextos.

Ao se deparar com a realidade de conhecimentos, desafios históricos e perspectivas dos povos tradicionais, é possível afirmar que a psicologia se vê diante da necessidade de redefinir seus marcos epistêmicos e políticos. Daquilo que se descortina diante dos olhos – e no tocar das mãos – a partir do encontro com os povos tradicionais, a psicologia brasileira se encontra diante de um dilema, em uma verdadeira “sinuca de bico” como nos aponta o conhecido dizer popular (Fernandes; Gonçalves; Silva, 2022, p. 11).

A formação de profissionais aptos a dialogar com essas realidades demanda a descolonização da psicologia, superando modelos universalistas e ocidentais para a construção de um diálogo horizontal com cosmovisões e práticas tradicionais. Essa tarefa implica a defesa de direitos humanos, o reconhecimento dos modos de vida e a afirmação da soberania territorial dos povos. Exige, ainda, a reinvenção contínua de conceitos, métodos e técnicas que permitam constituir sujeitos e comunidades emancipatórias, capazes de romper com estruturas autoritárias e de criar formas de existência coletiva.

Feita essa localização histórica e institucional, retomo as críticas que deslocam o modelo biomédico e as inflexões que aproximam a psicologia das demandas sociais. O conceito ampliado de saúde, como estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ressoa como um convite ao entendimento integral do ser, quando afirma que saúde não é a simples ausência de doença (Brasil, 2006). Na América Latina, o movimento de saúde coletiva constitui um marco decisivo nesse giro, ao problematizar a centralidade do modelo biomédico e enfatizar os determinantes sociais do processo saúde-doença-cuidado e recolocar a dimensão política no centro do debate.

Nesse campo, a noção de clínica ampliada reforça a ideia de que a produção de saúde-doença-cuidado é um processo e que, portanto, é multideterminado e não se reduz ao indivíduo isolado, mas envolve territórios, relações de poder, relações étnico-raciais, de classe, gênero e projetos de vida retomando a dimensão política da prática clínica. A saúde é um estado vibrante, uma construção que envolve o corpo e a mente, as relações, os afetos, os contextos de vida. A saúde se faz na teia de vínculos, nos laços invisíveis que sustentam a existência, que dão a ela cor, sabor e profundidade.

É nesse horizonte da saúde coletiva e da clínica ampliada que situo esta pesquisa. Ao deslocar o foco da doença para os modos de vida, a clínica ampliada permite compreender que o cuidado se faz também nos territórios, nas redes de sociabilidade, nas lutas coletivas e nas relações com a terra. Nessa direção, pensar a saúde em comunidades quilombolas implica reconhecer o corpo-território como lugar de produção de vida, de sofrimento e de cuidado, e não apenas como cenário onde se aplicam intervenções técnicas.

Essas mudanças provocam transformações significativas dentro da própria psicologia, especialmente naqueles campos que se orientam pela prática social e crítica. A psicologia, ao adotar uma perspectiva ampliada de saúde, começa a se distanciar da lógica biomédica e passa a se aproximar das demandas sociais, políticas e culturais, com uma visão mais holística da saúde e do bem-estar. A cartilha do Conselho Regional de Psicologia (CRP, 2021) sobre comunidades tradicionais exemplifica essa mudança, ao enfatizar a importância de uma psicologia que respeite os saberes e as práticas dessas comunidades, reconhecendo a diversidade cultural e social como elementos para a atuação de psicólogas e psicólogos.

Na perspectiva da clínica ampliada em saúde coletiva, os afetos orientam o cuidado como analisadores dos modos de vida e, quando acolhidos em dispositivos de pesquisa-intervenção, participam da produção de subjetividade em relação com território, vínculos e políticas do viver (Brasil, 2009; Guattari; Rolnik, 2005; Merhy, 2014; Passos; Kastrup; Escóssia, 2020; Sawaia, 2001). O sujeito não é um ente isolado, mas uma construção contínua, feita no encontro com o outro, no toque da palavra, no gesto de cuidado. Na psicologia, reconhecer essa centralidade implica compreender a saúde não como ausência de doença, mas como experiência sensível, inseparável do sentir e das relações que sustentam a vida.

No contexto do Quilombo Lagoas, a noção de clínica ampliada ganha contornos concretos. O cuidado não se restringe ao espaço formal dos serviços de saúde, mas se tece nas práticas comunitárias, nos mutirões, nas partilhas, nas rezas, nas assembleias e nas formas coletivas de enfrentar a desertificação, a ameaça da mineração e a insegurança fundiária. Ao tomar o corpo-território como referência, a clínica deixa de ser apenas uma relação entre

profissional e “paciente” e passa a envolver a comunidade, os vínculos com a terra, os modos de trabalho e de celebração, as memórias ancestrais e as estratégias de resistência ao extrativismo mineral. Assim, os encontros realizados no Calango configuram espaços de cuidado compartilhado, nos quais afetos, narrativas e diagnósticos populares compõem uma outra gramática clínica, situada e politizada.

Para Baruch Spinoza (2009), os afetos são afecções do corpo que aumentam ou diminuem a potência de agir, acompanhadas das ideias correspondentes a essas afecções. A alegria designa a passagem a uma maior potência e a tristeza, a passagem a uma menor potência (Spinoza, 2009). Na leitura deleuziana de Spinoza, os afetos são variações relacionais de potência que emergem dos encontros entre corpos e composições de modos de vida, operando como elementos que conferem uma unidade funcional e relacional aos corpos (Deleuze, 2002). Nesta dissertação, adoto esse referencial para sustentar que estratégias de cuidado e resistência operam no emaranhamento corpo-território-subjetividade, sem cindir “mente” e “corpo”, tomando os afetos como processos dinâmicos e situados (Deleuze, 2002; Spinoza, 2009).

Ao centrar os afetos em sua prática, a psicologia contribui para a construção de estratégias de cuidado e resistência que reconhecem o emaranhamento entre o corpo, o território e a produção subjetiva. Isso é especialmente relevante no contexto de comunidades tradicionais como o Quilombo Lagoas, onde a saúde não pode ser separada das lutas pelo território, pela memória e pela identidade.

No território, a oposição entre trabalho e festejo se desloca quando observamos sua capacidade de compor corpos e relações. O festejo enquanto encontro que faz os corpos concordarem tende a produzir alegrias ativas e a expandir a potência coletiva fortalecendo o cuidado e a reivindicação de direitos. O trabalho quando organizado como mutirão e compartilhamento também pode engendrar alegria e elevação de potência. Quando imposto sob ameaça, precariedade ou exaustão tende a produzir tristezas que desagregam e reduzem a potência conformando sujeição e adoecimentos sociais evitáveis (Sawaia, 2001; Spinoza, 2009).

Nesse cenário, o papel da psicologia é atuar de maneira colaborativa, fortalecendo a autonomia das comunidades e suas capacidades de enfrentar as adversidades impostas. A psicologia se reconcilia, finalmente, com a própria essência humana. E para isso, proponho aqui discutir três conceitos que estruturam esta análise e permitem dar inteligibilidade ao conflito que ocorre no Quilombo Lagoas. Em primeiro lugar apresento o corpo-território, entendido como modo de existência relacional em que pessoas, lugares, águas e moradas sagradas

compõem um comum que não se reduz à propriedade e que sustenta vida e memória coletivas (Santos, 1996; Svampa, 2019).

Em seguida trato do racismo ambiental, por meio do qual práticas de expropriação e rotinas administrativas distribuem desigualmente riscos e danos, atingindo de maneira sistemática populações negras, quilombolas e periféricas e articulando, no presente extrativista, tecnologias de morte e de inviabilização de mundos (Acsehrad, 2004; Bullard, 2000; Mbembe, 2018b). Por fim abordo o sofrimento ético-político, que desloca a leitura moralizante do padecimento e o compreende como efeito de injustiças históricas e institucionais que comprimem projetos de vida e desorganizam o tempo vivido (Sawaia, 1999, 2009, 2021). Ao articular esses referenciais, busco iluminar como a ameaça de mineração incide sobre a vida comum e explicitar a dimensão política da clínica psicológica, orientando, de maneira situada, as respostas clínicas e políticas que o território requer.

4.1 DO CORPO QUE É CHÃO: ONTOLOGIA, EXPERIÊNCIA E RESISTÊNCIA

O corpo-território, expressão que brota do encontro entre saberes ancestrais e reflexões decoloniais, lembra que o corpo é o primeiro lugar de habitar e que não se dissocia o ser do chão onde vive, sonha e resiste. Para comunidades quilombolas, o território é elemento de existência em que se entrelaçam memórias, cuidado, espiritualidade e pertencimento. Como ensina Nego Bispo (2015, p. 50), “A terra não é um recurso, é um ser com quem se estabelece relação. (...) A luta é pela convivência, não pela dominação”.

Danos dirigidos ao território repercutem diretamente nas pessoas que com ele mantêm relação profunda de ancestralidade. Mais que rótulo conceitual, corpo-território nomeia uma experiência concreta de povos que desenvolvem formas de vida em vínculo contínuo com a terra e com a história.

Para evitar confusão terminológica, tomo território como espaço qualificado por vínculos, regras de uso e autoridade negociada, e tomo ambiente como trama de água, ventos, solo, plantas, bichos e infraestruturas que participa desse viver. Espaço-território marca a inseparabilidade dessas dimensões na prática cotidiana. Nesse quadro, corpo-território orienta a compreensão dos modos de ser, resistir e cuidar entre povos originários e quilombolas (Porto-Gonçalves, 2001; Svampa, 2019).

Em diálogo com a literatura latino-americana sobre conflitos extrativistas, corpo-território aparece como eixo de resistência e de cuidado coletivo, articulando pertencas, pactos de uso e salvaguarda de lugares sensíveis (Svampa, 2019). Corpo-território nomeia a unidade

corpo-terra-história, tal como formulada por pensadoras indígenas e afro-latino-americanas (Cabnal, 2010; Paredes, 2008), e aqui é empregada como categoria político-ontológica e analítica. Por isso, a análise dos processos de saúde-doença-cuidado requer uma abordagem que mantenha essas distinções operativas e, ao mesmo tempo, reconheça sua coimplicação no vivido.

Assim, essa categoria operativo-analítica expressa a inseparabilidade entre corpo e lugar de existência, de modo que as afetações incidentes sobre o território (terra, água, casa, roça, rio, bairro, quilombo) incidem diretamente sobre o corpo, enquanto intervenções no corpo (violências, cuidados, saberes, trabalhos) reconfiguram o território. Em diálogo com a crítica ao neoextrativismo e às territorialidades em disputa (Svampa, 2019) e com a noção de território usado como espaço produzido por práticas e relações (Santos, 1996), o conceito é operado no campo da saúde-doença-cuidado, considerando as determinações socioambientais e as formas de (re)existência que emergem nas comunidades.

Mais que conceito, corpo-território representa uma experiência concreta vivenciada por comunidades tradicionais, que desenvolvem suas formas de existência em constante relação com a terra e com sua história. Beatriz Nascimento (2021) enfatiza que o quilombo não é apenas um espaço delimitado no mapa, mas uma territorialidade viva, onde corpo e luta se integram, firmando alicerces simbólicos e materiais da resistência negra. O corpo-território orienta a compreensão dos modos de ser, resistir e cuidar entre os povos originários e quilombolas (Porto-Gonçalves, 2001; Svampa, 2019).

Em diálogo com a literatura latino-americana sobre conflitos extrativistas, corpo-território também aparece como eixo de resistência e de cuidado coletivo (Svampa, 2019). Nesse sentido, a compreensão de seus processos de saúde-doença-cuidado exige uma abordagem que considere o conceito de corpo-território, que enfatiza a relação indissociável entre corpo e território. Mais do que um local geográfico, o território é o lugar de constituição do ser, do fazer, da identidade, da cultura e da resistência. Conforme Milton Santos (1996), ele carrega significações sociais e políticas, sendo modelado pelas populações que o vivenciam e atribuem a ele sentidos coletivos.

Maristella Svampa (2019) complementa essa ideia ao destacar que o corpo-território se torna um eixo central de lutas contra processos de exploração e colonialidade, como ocorre com comunidades tradicionais frente à mineração. Esse conceito adquire relevância nas discussões sobre justiça ambiental e saúde coletiva, pois evidencia como a degradação ambiental, o deslocamento forçado e a violação de direitos impactam a saúde mental e o bem-estar das comunidades.

O corpo-território é, ao mesmo tempo, plano geográfico e simbólico, configurando-se como lócus de resistência, subjetivação e construção de identidades em meio às adversidades. A noção afirma o corpo como primeiro território e orienta a inseparabilidade entre cuidado, luta e defesa da vida (Cabnal, 2010; Paredes 2008). Em diálogo com os feminismos ecoterritoriais e com a geografia crítica latino-americana, o conceito tem sido mobilizado para explicitar a relação entre produção de subjetividade e território, continuamente apropriado e ressignificado pelos sujeitos, convertendo-se também em categoria política e forma de luta (Cabnal, 2010; Haesbaert, 2020; Paredes, 2008; Svampa, 2019).

Beatriz Nascimento (2021, p. 101) reforça com firmeza e ternura: “É tempo de falarmos de nós mesmos não como contribuintes nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes desta formação”. O corpo-território evidencia essa relação inseparável entre o território e os processos de saúde e adoecimento. A degradação ambiental, a ameaça de deslocamento forçado, o silenciamento das vozes quilombolas e o medo constante da expropriação são impactos reais que afetam os corpos, as histórias e os afetos da comunidade.

Chamo de ontologia⁶ insurgente os modos de ser e existir que desestabilizam dicotomias da modernidade, como natureza/cultura, corpo/terra, sujeito/objeto, e convocam outras formas de escuta, olhar e sentir. Quando falo em ontologia insurgente, refiro-me, portanto, a paradigmas contra-hegemônicos, como cosmologias negras e indígenas que reconhecem a interdependência corpo-território (Escobar, 2015). O corpo-território expressa, assim, essa ontologia insurgente que desestabiliza as dicotomias herdadas da modernidade e convoca a produzir outras formas de escuta, olhar e sentir.

Ao afirmá-la, rompe-se com a colonialidade do poder e do saber (Quijano, 2005), que historicamente converteu a terra em recurso e tratou corpos racializados como obstáculos descartáveis ao “progresso” (Escobar, 2015). Nesse horizonte, o corpo-território se configura como práxis de reexistência (Albán Achinte, 2017; Bosi, 2020; Dussel, 1997), sendo chão, carne e memória em movimento contínuo de afirmação da vida. Habitar um território é também habitar a si.

Para compreender o racismo ambiental em Lagoas, trato-o como expressão histórica da expropriação de terras que sustenta a acumulação de capital e que hoje se atualiza como acumulação por desposseção. Desse modo, a conversão da terra em mercadoria, a

⁶ Campo da filosofia que estuda a natureza do ser, da existência e da realidade (Heidegger, 2015). Ao falarmos em “ontologia insurgente”, referimo-nos a modos de ser que rompem com os paradigmas dominantes e afirmam outras formas de existir e se relacionar com o mundo, como as cosmologias negras e indígenas que reconhecem a interdependência entre corpo e território (Escobar, 2015).

flexibilização de normas e a criação de exceções administrativas no licenciamento distribuem riscos e danos de forma racialmente desigual, recaindo sobre populações negras e tradicionais.

Assim, o racismo funciona como tecnologia de apropriação territorial e de gestão diferencial da vida, o que inviabiliza mundos, dessacraliza moradas e impacta a saúde coletiva do corpo-território (Acsehrad, 2004; Bullard, 2000; Harvey, 2003; Luxemburgo, 2021; Mbembe, 2018a; Polanyi, 2000; Povinelli, 2023). Uma outra faceta do racismo se traduz no racismo ambiental, a discriminação racial na elaboração de políticas ambientais, afetando desproporcionalmente comunidades vulneráveis, como indígenas, populações ribeirinhas, negras e quilombolas; a imposição de conviver com a degradação de seus corpos-territórios.

Para Lélia Gonzalez (1984), o racismo no Brasil opera de maneira velada, naturalizando a exclusão da população negra por meio de um discurso que minimiza sua existência e invisibiliza suas demandas. Em Lagoas, precisamos também considerar que a condição rural, as religiosidades de matriz afro-indígena e as configurações familiares não normativas, que ficam muitas vezes invisíveis quando a escrita administrativa define os termos do reconhecimento.

A autora afirma que o racismo é a "sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira", manifestando-se em diversas dimensões da vida social, incluindo o espaço geográfico e ambiental (Gonzalez, 1984, p. 225). Assim, a distribuição desigual dos impactos ambientais, característica do racismo ambiental, pode ser compreendida como um desdobramento dessa "neurose cultural", na medida em que perpetua a marginalização histórica das comunidades negras e quilombolas.

4.2 RACISMO AMBIENTAL, NECROPOLÍTICA E GEONTOPODER: MECANISMOS DE EXPROPRIAÇÃO E MORTE

A ampliação do campo da psicologia exige considerar como relações de poder e sistemas de opressão, em especial o racismo, incidem na produção de subjetividades e na saúde coletiva. Sob uma ótica espinozana, o racismo pode ser compreendido como gerador de afetos despotencializadores, como medo, tristeza e humilhação, que reduzem a potência de ação de pessoas e comunidades racializadas. Uma psicologia crítica e emancipatória deve reconhecer esses efeitos e, ao mesmo tempo, explorar sua conversão em força coletiva de transformação das relações opressoras.

Em contraponto aos afetos que reduzem a vitalidade, a psicologia pode também favorecer o surgimento de forças mobilizadoras, como esperança, solidariedade e resistência,

que fortalecem sujeitos e coletividades em seus enfrentamentos por autonomia e justiça. Nessa direção, afirmar a psicologia como ciência do cuidado implica reconhecer e valorizar os saberes de resistência produzidos por populações historicamente vulnerabilizadas, afastando a disciplina de uma posição meramente descritiva para um engajamento ativo na transformação das condições de vida.

Essa articulação entre afetos despotencializadores e forças mobilizadoras encontra expressão concreta na formulação do conceito de “racismo ambiental”, que surgiu nas ruas de Warren County, Carolina do Norte, na década de 1980. Ali, uma comunidade negra se levantou contra a instalação de um aterro de solo contaminado com PCB, uma toxina perigosa que marcaria a terra como território de opressão. Em 1982, o primeiro protesto nacional contra o racismo ambiental uniu o sofrimento de um povo ao despertar de uma luta coletiva.

A expressão surgiu como denúncia das injustiças que recaem desproporcionalmente sobre populações racializadas e pobres, expondo como o custo do progresso é frequentemente pago com a saúde e a vida de quem habita territórios vulnerabilizados. Não se trata de destino, mas de uma economia política da exposição, onde solo barato, desregulação, decisões administrativas, incentivos fiscais, racismo ambiental e desigualdade organizam a distribuição do dano.

Na sequência da investigação, observamos que resíduos tóxicos e plantas poluentes se instalam onde a vida vale menos para o mercado e para o Estado, em periferias e territórios historicamente preteridos, onde as margens se imbricam ao cotidiano da pobreza e da violência ambiental. Assim, a luta por um ambiente saudável se transformava em uma luta contra o racismo, contra o abandono das populações que já carregam o peso de uma história de discriminação.

Foi o ativista Benjamin Franklin Chavis Jr., com sua voz ecoando na memória dos que resistem, quem cunhou o termo “racismo ambiental” (Chavis Jr., 1993; United Church of Christ, 1987), ampliando a percepção de que saúde e ambiente não são independentes, mas enlaçados pelos fios invisíveis da exclusão. No Brasil, como no mundo, esse termo reverbera as dores de quem vive à sombra da degradação ambiental, onde a pobreza e a vulnerabilidade social se tornam carne, se tornam luta.

Aqui, a população negra enfrenta as piores condições sociais (Campos *et al.*, 2022), em praticamente todos os indicadores (IBGE, 2022). O racismo ambiental, ao reforçar as desigualdades históricas, evidencia como o território se torna uma arena de luta e resistência. Marcos Bernardino de Carvalho (2021), professor de Gestão Ambiental na Escola de Artes,

Ciências e Humanidades da USP, observa que, em países como o Brasil, o impacto desproporcional dos danos ambientais sobre populações negras não é fruto do acaso.

Esse fenômeno está profundamente enraizado no passado colonial, marcado por estruturas sociais fundamentadas na escravização de pessoas negras. Após a abolição, a ausência de políticas de reparação e de integração dos libertos articulou-se a projetos de modernização urbana que produziram remoções forçadas de populações negras e indígenas, reconfigurando centralidades e periferias e apagando memórias coletivas (Araújo Andrade, 2018; Baeta, 2021; Panta, 2019). “Não é coincidência que esses bolsões de gente vulnerabilizada, que acaba sendo vitimada por esse processo de degradação, acabam sendo as pessoas não apenas vulnerabilizadas e empobrecidas, mas as pessoas negras” (Carvalho, 2021, [s.p.]).

Essa dinâmica aparece de modo exemplar no bairro da Liberdade, em São Paulo, cuja história registra execução pública e sepultamentos de pessoas negras e instituições negras de referência, seguida por disputas toponímicas e por um processo de orientalização que reconfigurou a imagem oficial do lugar, com efeitos de apagamento da memória negra (Barone, 2021; Onofre, 2021; Vargas; Jayo, 2019). Assim, a marginalização destacada por Carvalho se mantém por dispositivos de poder que operam pela racialidade e se inscrevem no traçado urbano e na política de nomear e valorizar certos pertencimentos em detrimento de outros (Barone, 2021; Vargas; Jayo, 2019).

Nesse contexto, a perspectiva foucaultiana oferece uma importante ferramenta de análise, ao permitir compreender como o “Eu” hegemônico, marcado pela brancura e pela normalidade, se define pela construção do “Outro” como desprovido de razoabilidade, normalidade e vitalidade. No entanto, como aponta Sueli Carneiro (2023), é preciso ir além dessa visão, reconhecendo que o dispositivo de racialidade sustenta essa dualidade e a inscreve de forma ontológica, estabelecendo uma hierarquia que faz da cor da pele o marcador central das dinâmicas de poder e exclusão.

Interessa demarcar aqui que a abordagem de Foucault abre a possibilidade de uma análise que, focando no domínio da racialidade, investiga os atributos supostamente essenciais do Eu hegemônico — branco, portanto — e do Outro. Lembrando que o Eu é dotado de razoabilidade porque produziu o louco; é dotado de normalidade porque produziu o anormal; e de vitalidade porque inscreveu o Outro no signo da morte. A minha proposta é complementar a visão de Foucault, afirmando que esse Eu, no seu encontro com a racialidade ou etnicidade, adquiriu superioridade pela produção do inferior, pelo agenciamento que esta superioridade produz sobre a razoabilidade, a normalidade e a vitalidade. O dispositivo de racialidade também produz uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, e a brancura será a sua representação. Constitui-se assim uma ontologia do ser e uma ontologia da diferença (Carneiro, 2023, p. 26).

Quando a cor se torna território, a racialidade se inscreve no espaço e na toponímia. Nos relatos do entorno da comunidade quilombola, enunciados que associam acontecimentos considerados ruins ou criminosos aos “nêgos das Emas”⁷ funcionam como categoria acusatória que territorializa a cor, estigmatiza coletivamente e desloca a culpa para um grupo marcado por sua pertença espacial. Esse mecanismo reforça o dispositivo de racialidade que opõe um Eu normativo a um Outro desqualificado e sustenta políticas de controle e desproteção no território, com efeitos típicos do racismo ambiental na caatinga, em consonância com a discussão sobre ontologia da diferença e hierarquização do humano (Carneiro, 2023).

O conceito de racismo ambiental designa os mecanismos de discriminação racial implicados na distribuição desigual de atividades degradantes e na formulação de políticas ambientais que, de forma sistemática, impõem maiores ônus a comunidades negras, indígenas, quilombolas e demais grupos historicamente vulnerabilizados. Não se trata de um fenômeno restrito à dimensão ecológica, ele expressa uma engrenagem de negação estrutural de direitos, que se materializa na precarização das condições de vida, na intensificação das desigualdades socioespaciais e na exclusão deliberada desses sujeitos dos processos decisórios.

Como observa Carneiro (2023), o epistemicídio, entendido como a destruição sistemática dos saberes e da razão do outro, manifesta-se também na imposição de conviver com a degradação ambiental, ferindo de morte a racionalidade dos subjugados e sequestrando sua capacidade de aprender, criar e resistir. No território Lagoas, esse processo adquire materialidade, pois os quilombolas enfrentam o avanço da degradação ambiental promovida por interesses extrativistas. O avanço da mineração compromete a saúde, fragiliza os modos de subsistência e coloca em risco lugares sagrados de memória e ancestralidade, como a Cova da Tia, cujo ataque representa uma agressão à própria integridade cultural e histórica da comunidade.

A luta contra o racismo ambiental se soma às batalhas pela titulação da terra e pela preservação das práticas culturais. Essa disputa por direitos dialoga com a denúncia de Carneiro (2011), que relembra a força de uma população negra resiliente, que se reconhece como parte

⁷ em referência à Lagoa das Emas, Quilombo Lagoas. Por ser natural de São Raimundo Nonato, trago um conhecimento prévio sobre repertórios acusatórios dirigidos à Comunidade Lagoas, ainda que tais enunciados não tenham emergido no corpus desta pesquisa. Em conversas informais com profissionais da educação (fora do escopo do campo), apareceram formulações do tipo: “com esse negócio de quilombo, os alunos se acham cheios de direitos”. Não incorporo tais falas ao corpus por razões metodológicas e éticas, mas as tomo como contexto que ajuda a compreender por que estudantes e famílias relatam vigilância moral e culpabilização quando reivindicam direitos básicos. Esse pano de fundo dialoga com os achados empíricos sobre deslocamento da culpa e estigmatização territorial apresentados nas seções anteriores.

inseparável da história e do território. Esse cenário de racismo ambiental demanda reflexões sobre a responsabilidade coletiva em superar as desigualdades.

Russell Shoatz (2017), ao discutir o conceito de quilombismo e a ideia de fugitividade, destaca a resistência das comunidades negras frente à opressão. Para Shoatz (2017), os quilombos representam, além de lugares de refúgio, territórios de luta ativa contra a exploração colonial e capitalista. Nesse sentido, o racismo ambiental que afeta as comunidades quilombolas não é um evento isolado, mas uma extensão histórica da expropriação e do controle territorial.

Além disso, a iminência da perda territorial gera sentimentos de insegurança, ansiedade, medo e desamparo, exacerbando o sofrimento psíquico e comunitário. Altos índices de estresse crônico, alcoolismo e suicídio são relatados em contextos de conflito socioambiental (Rigotto *et al.*, 2014). Como destaca o conceito de corpo-território, a degradação ambiental impacta a subjetividade coletiva, fragilizando as relações entre corpo, espaço e identidade.

Segundo Gonzalez (1984), a luta da população negra no Brasil passa por um processo constante de rejeição e negação de sua história e identidade. A autora argumenta que a “consciência faz tudo para que nossa história seja esquecida, tirada de cena” (Gonzalez, 1984, p. 227), o que evidencia a centralidade do exercício de rememorar como gesto político e emancipador. No caso da Comunidade Lagoas, essa dimensão encontra expressão no corpo-território, cuja defesa se articula à preservação das práticas ancestrais e do próprio bem viver dos quilombolas.

Ao negligenciar os saberes locais e ao priorizar os interesses econômicos hegemônicos, a sociedade brasileira perpetua a exclusão histórica de corpos-territórios que resistem e se reafirmam no enfrentamento às adversidades. O desafio ético e político de reparar essas injustiças requer ações coordenadas que valorizem a memória, a identidade e os laços comunitários.

Mas, como recorda Carneiro (2011, p. 85), ao ressignificar Monteiro Lobato: “Somos uma pretalhada inextinguível. Viveremos!”. Diante da degradação ambiental e das engrenagens da colonialidade do poder, a vitalidade quilombola se projeta como gesto insurgente de reexistência e de invenção de horizontes outros. A ligação com o território, nutrida em cosmologias próprias, sustenta práticas de cuidado e modos de partilha que escapam à lógica da mercantilização da vida.

Conforme Agni dos Santos, a injustiça ambiental se manifesta quando atividades poluidoras e nocivas se instalam em áreas habitadas por populações historicamente

marginalizadas, produzindo impactos severos na saúde e na qualidade de vida e, ao mesmo tempo, restringindo sua participação nas decisões sobre o território (Santos, 2018).

Em diálogo com Ulrich Beck, a sociedade de risco ajuda a dimensionar esse quadro, pois a poluição opera com causalidade difusa, efeitos deslocados no tempo e no espaço e alta invisibilidade, o que demanda mediações técnico-científicas e frequentemente favorece a negação e o adiamento de responsabilidades (Beck, 2010). Desse modo, riscos fabricados que se anunciam como universais acabam se distribuindo de forma desigual, recaindo sobretudo sobre comunidades negras e tradicionais e aprofundando vulnerabilidades já existentes em contextos como Lagoas (Beck, 2010; Santos, 2024).

Quando Bruno Latour (2004) propõe o “Parlamento das Coisas”, não se trata de humanizar a natureza, mas de reconhecer a agência do extra-humano no próprio fazer político: a chuva que interrompe trajetos, o caminho que se forma no pisar, a erosão e a desertificação que reconfiguram territórios e decisões. Essa abertura desloca a pergunta do “se” para o “como” compor coletivos em que rios, pedras, bichos e terra contam efetivamente.

A questão principal, porém, não é apenas incluir, mas sob quais condições e com que legitimidade se fala “em nome da terra”. Aqui, a lente do corpo-território é decisiva, pois a política emerge dos vínculos que marcam os corpos e o chão, de quem traz as marcas da terra no cotidiano, os terranos (Latour, 2017).

Elizabeth Povinelli (2023) nos explica que o geontopoder funciona ao rebaixar a um regime de “não-vida” os coabitantes e práticas que compõem o corpo-território, como a Santa, as Livusias, Lourêço Légua, Exu, Oxóssi, Xangô, Gritador (Caipora), Lobisomem, e os demais encantados que eu não sei nomear, abrindo caminho para a extração. Agamben (2002) ajuda a ler o mecanismo quando nos diz que por meio de dispositivos de exceção, criam-se espaços de não-direito (campos) onde certas existências são tratadas como vida nua, expostas à matabilidade sem reconhecimento.

Mbembe (2018b) radicaliza o diagnóstico ao nomear a necropolítica, uma política de morte que decide sobre a sobrevivência de mundos. Na prática, essa racionalidade aparece como racismo ambiental (Acselrad, 2004; Bullard, 2000), em que licenças, laudos e “mitigações” operam como exceção administrativa, dessacralizando a morada da Santa e desarticulando tramas de cuidado e pertença.

Territórios como o Quilombo Lagoas são frequentemente classificados como “improdutivos” ou “subutilizados” pela racionalidade desenvolvimentista hegemônica, um discurso que invisibiliza redes sociais, culturais e ecológicas e, assim, justifica a apropriação extrativista (RIMA, 2021). Como observa Bernardo Curvelano Freire (2023), a ascensão de

empreendimentos neoextrativistas transforma o abandono estatal sazonal em tempo da invasão, substituindo a proteção pública por uma logística contínua de expropriação.

No território de Lagoas, o racismo ambiental opera como gestão seletiva dos danos, em que riscos e prejuízos ficam com os quilombolas; os ganhos, com as empresas. À luz de Tânia Pacheco (2007), o racismo ambiental se verifica quando injustiças socioambientais recaem sistematicamente sobre populações negras e tradicionais; intenção não é requisito, pois rotinas administrativas e políticas podem produzir efeitos racializados sem declaração explícita de discriminação.

Em complemento, Cristiane Faustino (2010) evidencia que esse regime mantém populações em subalternidade, negando, por vezes, o próprio direito à existência e coisificando pessoas e relações em favor do enriquecimento de poucos. Reproduzem-se, assim, hierarquias do valor da vida, nas quais certos modos de existência permanecem protegidos enquanto outros são mantidos em insegurança crônica.

Do ponto de vista da economia política, Rosa Luxemburgo (2021) já denunciava que o capitalismo se alimenta da destruição de formas de vida que não cabem em sua lógica; a mineração em territórios quilombolas pode ser lida como continuidade da acumulação primitiva. Esse movimento se atualiza na acumulação por despossessão (Harvey, 2003), articulada a Karl Polanyi (2000), que alertou para o perigo de transformar terra em mercadoria, hoje intensificado na extração de valor do subsolo.

Quando a governança liberal enquadra expressões culturais, espirituais e ontológicas (como a Santa da Cova da Tia e os encantados) sob a rubrica de “crença” ou “folclore”, retira-lhes estatuto de agente, desabilitando sua capacidade de agir, depor e fazer. Eis por que corpo-território não é mero rótulo descritivo, visto que reconhecido como unidade inseparável de vida, qualquer invasão territorial equivaleria a atentado à existência quilombola. O que prevalece, porém, é a desabilitação dessas formas de vida na lógica jurídico-política dominante.

Os conflitos socioambientais gerados, conforme Figueiredo (2018), produzem sentimentos despotencializadores que se expressam como sofrimento psíquico coletivo, contribuindo para o enfraquecimento político das comunidades. A crise ecológica, lembra Guattari (1990, p. 13), é também crise da sensibilidade, da imaginação e da vontade.

E “A descolonização é sempre um fenômeno violento. [...] Porque o colonizador não se desarma diante do ser humano: ele continua a tratar o colonizado como um objeto” (Fanon, 2022, p. 35). Nesse quadro, o conceito de sofrimento ético-político (Sawaia, 1999; 2009) oferece ferramenta analítica para ler como racismo ambiental, geontopoder e necropolítica se inscrevem nas expectativas de futuro, nos modos de subjetivação e na saúde coletiva. No

próximo capítulo, retomarei essas chaves à luz do trabalho de campo no Calango, descrevendo como tais mecanismos incidem no corpo-território e quais efeitos emergem no cotidiano.

4.3 SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO: QUANDO O CORPO-TERRITÓRIO ADOECE

Distinto de uma compreensão puramente clínica ou individualizante do sofrimento, o sofrimento ético-político decorre, segundo Sawaia (2009, p. 139), “da ruptura entre os valores que organizam os projetos de vida dos sujeitos e as condições objetivas que os impedem de realizá-los”, configurando-se como “um sofrimento que denuncia a injustiça social”. Nesse sentido, o que se vive no Quilombo Lagoas não é uma dor isolada, mas um padrão estrutural de injustiça socioambiental.

Os escritos psiquiátricos de Frantz Fanon oferecem uma contribuição decisiva para compreender a dimensão política da clínica psicológica e psiquiátrica. Ao articular, em sua prática, o antirracismo e a clínica, Fanon (2022) evidencia como, na sociedade colonial capitalista moderna, a negritude foi equiparada à sensibilidade irracional e à loucura, reduzida às suas dimensões biológicas. A clínica deixa de ser um lugar neutro de diagnóstico individual e passa a ser analisada como um dispositivo atravessado por relações de poder, em que o racismo estrutura tanto a produção de sofrimento quanto as formas de nomeá-lo e tratá-lo.

Fanon (2022) também aponta a possibilidade de desenvolver práticas clínicas de cuidado que considerem, de modo articulado, o corpo físico e neurológico, a psique e a sociedade (e aqui acrescento o território) na compreensão dos distúrbios e sofrimentos mentais. Em vez de um diagnóstico centrado exclusivamente em características individuais, ele defende uma clínica atenta aos fatores sociais da subjetividade e do sofrimento, o que se conecta com a noção de sofrimento ético-político e com a crítica decolonial às formas naturalizadas de adoecimento.

Essa inflexão antecipa e dialoga com o movimento latino-americano de saúde coletiva, que recoloca a dimensão política no centro do cuidado em saúde e inspira a formulação de uma clínica ampliada, sensível às desigualdades, aos conflitos socioambientais e às lutas por direitos. Trata-se de uma resposta subjetiva, mas socialmente situada, aos efeitos do Antropoceno, ou do Negroceno (Ferdinand, 2021), e à intensificação de eventos extremos que ameaçam os modos de vida, especialmente de populações racializadas e periféricas, cujas histórias já foram marcadas por sucessivos fins de mundo.

A ansiedade climática expressa um luto interrompido, uma tentativa psíquica de responder a perdas que ainda estão em curso, como espécies extintas, paisagens devastadas e

práticas culturais descontinuadas. A noção de sofrimento ético-político (Sawaia, 2009) diz menos de dor privada e mais de denúncia coletiva da fissura entre valores que orientam projetos de vida e condições materiais que os inviabilizam. Diante de desastres ambientais, essa afetação não sinaliza debilidade, mas vínculo. Dor, aqui, equivale a pertencimento.

E essa ideia é corroborada pelo vivido no Calango, onde a afetação aparece como vínculo e responsabilidade coletiva, não como fraqueza individual, como aparece na roda de conversa (Alves, 2025b, 02:32:07) quando uma moradora diz que “o que nós fazemos aqui hoje não é para nós... é para os jovens”. Também está presente na fala “a comunidade tem que vir... cada um se empenhar” (Alves, 2025b, 02:31:14).

Nas comunidades tradicionais, como os quilombos, o que se vive não é um pressentimento de colapso, mas a repetição de uma experiência de destruição que se arrasta desde a colonização. O fim do mundo, para esses povos, não é futuro hipotético, mas memória perene. Como afirma Eduardo Viveiros de Castro (2017), são povos que já atravessaram muitos fins, e neles construíram sabedorias de reexistência. A ansiedade climática, quando situada nesses contextos, não pode ser compreendida como um fenômeno homogêneo, mas como expressão de atravessamentos históricos, raciais e territoriais.

No caso de Lagoas, a iminência da mineração não inaugura o sofrimento, mas reatualiza uma sequência de cativerios: da escravização nas fazendas coloniais às interdições de circulação entre comunidades negras e brancas; da grilagem e da morosidade fundiária às cercas que interditam aguadas e caminhos. A empresa mineradora aparece como mais um capítulo de um mesmo enredo de espoliação, que combina racialização, violência territorial e negligência estatal. A ansiedade climática e o sofrimento ético-político, tal como emergem nas narrativas quilombolas, dizem menos de um “medo do futuro” e mais de uma memória encarnada de sucessivos fins de mundo, que se reconfiguram a cada investida sobre a terra e sobre a possibilidade de existir com dignidade.

A partir da psicologia, compreende-se que os processos de subjetivação são co-constituídos pelo espaço-território vivido. Assim, alterações ambientais disruptivas, seja pelo alagamento, pelas secas prolongadas ou pela contaminação das águas, incidem diretamente na saúde psíquica das populações. É nesse ponto que o conceito de corpo-território oferece essa lente para compreensão da ansiedade climática como sofrimento na relação corpo-terra.

O corpo-território recoloca a equivalência entre dano ao ambiente e lesão da integridade corporal. A ecoansiedade, portanto, pode ser lida como uma afetação que denuncia o rompimento desses vínculos. A ecoansiedade funciona como marcador clínico-político dessa ruptura de vínculos. Manifesta-se por insônia, inquietação e sensação de impotência, mas sua

determinação é coletiva, histórica e política. É o corpo que anuncia, muitas vezes antes da palavra, que algo está profundamente errado.

Em contextos de injustiça ambiental e racismo ambiental (Bullard, 2000; Carneiro, 2011), o sofrimento psíquico não resulta apenas da percepção da crise ecológica global, mas da experiência real de ameaças à continuidade da vida no território. É o que se observa, por exemplo, na Comunidade Lagoas, com a produção de estados de alerta constante, luto antecipado e suspensão do futuro. Tais manifestações psíquicas, como revela esta pesquisa, não são desvios, mas respostas legítimas a contextos de necropolítica e geontopoder (Mbembe, 2018b; Povinelli, 2023).

A negação da crise climática por parte do Estado ou de parcelas da população pode ser compreendida como um mecanismo psíquico de defesa, uma recusa a entrar em contato com a dor que a transformação do mundo impõe. Entretanto, o enfrentamento do colapso exige elaboração, tempo e escuta. Exige que a dor seja reconhecida, nomeada e acolhida, sob o risco de se transformar em sofrimento crônico e adoecimento coletivo. A aceleração produtivista e a lógica neoliberal do desempenho, que desautorizam o sentir, aprofundam o abismo entre o corpo e a terra, convertendo o cuidado em ameaça à eficiência.

Como aponta Nego Bispo (2025), “o ambiente não precisa dos nossos cuidados. O ambiente é quem cuida de nós”. Nesse sentido, a ansiedade climática é também expressão de uma desconexão ontológica imposta pela modernidade colonial, que separou o humano da natureza e negou a relacionalidade que viabiliza a vida. Reencantar o mundo, como propõe Ferdinand (2021), é, então, para além de um imperativo ecológico, um gesto radical de cuidado com a saúde coletiva, com os vínculos e com a possibilidade de um futuro comum.

Dessa forma, o processo saúde-doença-cuidado não pode estar dissociado das lutas por justiça climática, direito ao território e reconhecimento dos saberes ancestrais. É preciso lutar por políticas públicas que acolham as dimensões socioterritoriais do sofrimento e que valorizem práticas de cuidado não hegemônicas. A ansiedade climática, quando ouvida com escuta sensível e politicamente engajada, torna-se índice de uma crise civilizatória, epistêmica e existencial. E pode, justamente por isso, ser também ponto de partida para outras perguntas: como viver depois do fim? Como cuidar do que treme? Como criar, no presente, mundos que ainda possam florescer?

Este cenário reflete uma manifestação do colapso do liberalismo tardio, sistema que mantém aparência de pluralidade enquanto gerencia seu próprio declínio (Povinelli, 2023). As comunidades quilombolas não representam apenas grupos afetados, mas indicam o esgotamento de um modelo civilizatório. Seus corpos manifestam sintomas que demonstram a

falência de um sistema que persiste na divisão entre Vida e Não Vida. Conforme observa Freire (2023, p. 1), “As cabras, ao pastarem à solta, indiferentes às disputas humanas, obrigam humanos a contra-invadirem as áreas cercadas... apresentando algo similar à ocupação das ruínas”. Este processo revela uma dinâmica complexa entre deterioração e persistência.

Trata-se de sofrimento coletivo, que se expressa em luto antecipado, medo somatizado e na vigília compartilhada. Mas também é horizonte de luta, ímpeto de vida e reexistência. Esse quadro interpela a Psicologia a repensar métodos e categorias para apreender vínculos ecossociais. Em Latour (2004), delinea-se uma composição entre humanos e não humanos que amplia o campo do político; Povinelli (2023) radicaliza o debate ao afirmar que representar a terra é insuficiente, sendo necessário confrontar os dispositivos que hierarquizam o que pode contar como vida.

Em continuidade ao exposto, relatos de lideranças quilombolas sobre os efeitos da mineração em territórios vizinhos (Freire, 2023) descrevem hipervigilância, medo e apreensão diante da possível perda de lugares essenciais à convivência. O dano não se limita ao suporte material do território, incide sobre relações de produção e reprodução social, com receio de perda de certificações agroecológicas, interrupção de práticas tradicionais de cuidado e desarticulação de modos de vida tecidos ao longo de gerações.

Conforme destacam Guilherme Prado e Maria Verônica Caetano (2024, p. 2), “o território [...] torna-se parte imprescindível da construção de redes de serviços em contiguidade com as necessidades de saúde, com o perfil epidemiológico e com as tecnologias e capacidades comunitárias da população, seguindo as diretrizes da integralidade”. O ensaio argumenta como “território” deixou de ser só um recorte espacial (paisagem) para se tornar fundamento de organização, gestão e avaliação da saúde coletiva, articulando determinação social da saúde, territorialidades (pertencimento, acesso, limites culturais/simbólicos) e redes intersetoriais de cuidado.

Em vez de focar apenas em riscos biológicos, os autores propõem agirmos sobre as condições sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais que se expressam no território e que pedem participação social e democratização das redes de atenção (com ênfase na atenção básica). Nesse mesmo sentido, Santos (1996) e Svampa (2019) afirmam que o território é, antes de tudo, um espaço de produção de sentidos e, por isso, um lugar de disputas. Trata-se de um campo no qual está em jogo tanto o acesso à terra, quanto a própria possibilidade de existir. Essa concepção difere substancialmente daquela adotada pela geografia institucional ou orientada pelos interesses da mineração.

Para compreender o processo saúde-doença-cuidado no Quilombo Lagoas é necessário considerar as relações entre território, corpo e saberes tradicionais. A saúde, aqui, não é ausência de doença, mas presença de laços efetivos com práticas próprias de cuidado e com as referências culturais da comunidade. Trata-se de uma concepção que vincula saúde à autonomia política e cultural e à garantia de condições para a existência digna.

Malcolm Ferdinand (2021) argumenta que a crise ecológica contemporânea não deve ser compreendida como um fenômeno natural ou isolado, mas como resultado histórico de processos estruturais relacionados ao colonialismo e à escravidão. Segundo o autor, a modernidade, ao promover um ideal de progresso dissociado da justiça, impôs uma lógica de dominação que comprometeu tanto a vida humana, especialmente de populações negras, quanto as condições de coexistência equilibrada entre a humanidade e a Terra.

Relembrando o que Nego Bispo (2025) nos disse: “nós nos relacionamos com o ambiente. A gente não preserva o meio ambiente. A gente se relaciona com ele.” Assim, a luta quilombola não é apenas por terra ou por vida: é por modos outros de habitar o tempo e o mundo.

Já em Achille Mbembe (2018a), a crítica da razão negra revela como a modernidade/colonialidade instituiu hierarquias entre vidas e territórios e como o presente extrativista intensifica o “devir-negro do mundo”, convertendo mundos em recursos e pessoas em descartáveis. Nesse entrelaçamento, o corpo-território além de alvo do extrativismo, é também fonte de relações que desestabilizam a gramática colonial e abrem horizontes de cuidado e de política outra.

Para Ferdinand (2021), impõe-se uma reorientação radical do debate ecológico, que não se limita a proteger a natureza e exige reencantar a vida ao costurar passado e futuro, cura e justiça, tecendo o comum na relação e contrariando a norma que expropria a terra da vida. Partindo da constatação de que discursos ambientais modernos frequentemente ignoram as cicatrizes do colonialismo, o autor propõe a ecologia decolonial como horizonte que articula, de modo indissociável, a agenda ambiental e o enfrentamento do racismo histórico.

Ele nomeia a “escravização ecológica”, essa engrenagem que fez da natureza e dos povos colonizados matéria-prima para lucro, apagando vínculos e transformando vidas em mercadoria. Para ele, o navio negreiro não é metáfora, mas matriz da ecologia moderna, ponto de condensação entre exploração de corpos e apropriação de territórios. “O navio negreiro é uma ecologia em si: uma ecologia política e econômica, uma ecologia de dominação. Ele inaugura uma organização do mundo que une a exploração dos humanos e a da natureza” (Ferdinand, 2021, p. 51).

Enquanto se discute a “viabilidade ambiental” da mineração no Quilombo Lagoas, silencia-se o que mais importa: a saúde, a cultura e a história de um povo que habita sua terra com alma e raiz. Ferdinand (2021) chamaria isso de ecologia amputada, uma ecologia que ignora os sujeitos, os corpos, os territórios marcados pela luta. Uma ecologia que, ao separar natureza e sociedade, transforma a crise em abstração.

A destruição ambiental, para o autor, não cai como chuva neutra; ela escorre pelos mesmos corpos que sempre foram alvos da exploração. O navio negreiro ainda navega, seus ecos se encontram presentes nas ameaças às aguadas, aos apiários, aos lugares sagrados. A mineração que hoje atinge Lagoas é herdeira direta desse projeto de morte, que separa natureza e humanidade e transforma o viver em mercadoria.

Nesse sentido, Figueiredo (2018, p. 22), descreve “*ingeniums*”⁸ organizados em torno de afetos tristes, que produzem sofrimento psíquico e mantêm grupos historicamente oprimidos à margem do poder. São a concretude de um projeto de mundo que, desde sempre, nega às populações racializadas o direito à existência plena. No Quilombo Lagoas, a mineração representa apenas a expressão mais recente de uma longa história de violências, da escravidão à negação de memórias, passando por processos sistemáticos de desterritorialização.

Para os quilombolas, território é extensão de si. E é isso que Ferdinand (2021) reivindica, uma ecologia que reconheça o corpo-território como local de dignidade. Seu chamado encontra-se nesta pesquisa, que se recusa a ser neutra, e se coloca ao lado da comunidade para resistir e cuidar. Como o autor afirma, é preciso “sair do navio”, abandonar os projetos de morte que se escondem sob a máscara do desenvolvimento e trilhar outros caminhos, guiados pela memória, pela justiça e pelo bem viver.

O sofrimento que incide sobre Lagoas hoje carrega raízes profundas porque a história retorna, mas nunca em repetição idêntica. Contada por suas próprias personagens, cada retomada não reproduz, mas altera sentidos e forças. Em Deleuze (1988), a repetição é físico-pulsional, pré-individual, e se contrapõe à repetição histórica de matriz hegeliana; a memória, como campo de causas atuantes, decide entre lembrar e esquecer, instaurando diferença. É nesse plano que situo a relação entre racismo ambiental, sofrimento ético-político e saúde coletiva. No corpo-território, a diferença quilombola afirma uma ontologia da partilha através do ser em parte, na parte que lhe cabe. Negar essa parte é o gesto que desencadeia o ecosofrimento.

⁸ *Ingenium*: constituição ético-afetiva singular de um corpo-mente, formada historicamente pelos encontros, hábitos e relações que nos compõem; não é essência fixa, mas um modo de existência que se fortalece ou se empobrece conforme os afetos e as condições de vida. (Spinoza, 2009; Deleuze, 2002; Figueiredo, 2018). Aqui, o termo indica arranjos coletivos estruturados por afetos tristes, que restringem a potência de agir e sustentam a marginalização de grupos racializados.

“A ecologia da mente deve incorporar uma ecologia das práticas existenciais singulares e coletivas, de uma maneira que possa resistir às máquinas de produção massiva de subjetividade” (Guattari, 1990, p. 41). O sofrimento ético-político que sobressai desses conflitos denuncia a falência de um modelo civilizatório baseado na espoliação e aponta para a construção de outras formas de relação com o território, com o outro e com o mundo.

Com essa chave conceitual, trago um exemplo que ajuda a ver a dimensão espiritual e de memória na prática. Os impactos potenciais da mineração vão além da degradação ambiental, alcançando dimensões culturais e espirituais essenciais para a identidade quilombola. Um exemplo emblemático dessa ameaça é a Cova da Tia, um santuário com mais de 200 anos que mantém viva a ancestralidade da comunidade.

Localizada dentro da área prevista para exploração de minério, essa referência simbólica corre sério risco de desaparecer, comprometendo a memória coletiva e as práticas culturais e religiosas que estruturam a identidade do território. A destruição desses lugares de significado profundo não pode ser dissociada de um processo mais amplo de violação dos direitos quilombolas e da perpetuação das desigualdades históricas. A lógica desenvolvimentista que impulsiona empreendimentos como a mineração muitas vezes ignora as especificidades das comunidades tradicionais e reforça dinâmicas de exclusão que se manifestam em diferentes esferas.

A Cova da Tia exemplifica como certos lugares tornam-se centrais nas dinâmicas socioculturais ao abrigarem espiritualidade e constituírem-se como lugares de memória. Ela é a morada da Santa, reconhecida pela comunidade como um lugar-regra, com protocolos de chegada, palavras, tempos e cuidados. Trata-se de um agenciamento que envolve pessoas, cantos, oferendas, caminhos e devoções, uma prática que reconstrói identidade.

Como observa Fanon (2022), a colonização não se limita a controlar o presente e o futuro de um povo, mas impõe também uma revisão forçada de seu passado. O território, portanto, não pode ser considerado apenas base geográfica, mas núcleo de pertencimento e continuidade histórica. Quando a mineração incide sobre esses lugares, compromete igualmente as estruturas sociais e culturais que dele se sustentam.

“Trata-se de reconstruir as práticas sociais, de reconquistar o sentido do valor do ser contra o valor do ter, individual e coletivamente” Guattari (1990, p. 21). Nessa perspectiva, a psicologia se reposiciona para um fazer que analisa determinações sociais do processo saúde-doença-cuidado, lê o sofrimento como indicador de desigualdades e tornar visíveis vínculos entre agravos e contextos. Compete ao psicólogo traduzir enunciados em demandas ambientais

e jurídicas, sustentar processos de reconhecimento e produzir mediações que ampliem a capacidade coletiva de decisão.

Nesta pesquisa, isso se efetiva por meio de devolutivas e validações comunitárias, matrizes de danos e cuidados e gestão de saúde. Assim, restituímos os sujeitos ao plano dos processos de subjetivação. A fala retorna como critério de decisão (e não só como “relato”), produzindo coautoria, reconhecimento e agenciamento sobre o próprio território.

O trabalho envolve apoiar práticas locais de atenção à saúde, articular dispositivos intersetoriais, fortalecer ambientes protetivos e atuar na defesa política do território, onde direito à saúde, proteção socioambiental e reparação histórica se implicam. Assim, a intervenção psicológica deixa de ser resposta pontual e converte-se em ação crítica orientada à redução de iniquidades, à restituição de vínculos e à manutenção de condições de vida dignas.

Convém destacar, no entanto, a compreensão de que o sofrimento vivido no território não é resultado exclusivo da ameaça de mineração. Ele é efeito de uma engrenagem histórica que combina racialização, negação de direitos, morosidade fundiária, tutela tecnocrática dos estudos ambientais e desfinanciamento de políticas públicas. Esse episódio projeta luz sobre um quadro prévio de vulnerabilização e não o inaugura. Ignorar esse horizonte recoloca a dor no âmbito individual e apaga os determinantes sociais do processo saúde-doença-cuidado.

Fecho este capítulo com um gesto de passagem do diagnóstico à ação. Demorou a chegar ao papel aquilo que, nos territórios, já pedia nome. Depois de iniciar-se a trilha com povos tradicionais (2019) e com povos indígenas (2024), a diretriz específica para os povos quilombolas chega em julho de 2025, firmando o que já era compromisso ético-político (CFP, 2019, 2025). Se o corpo-território adoece, o cuidado não pode ser apenas clínico nem deslocado do chão. Precisa ser territorial, antirracista e comprometido com a autodeterminação quilombola (CFP, 2019, 2025).

Nessa direção, a psicologia assume a consulta livre, prévia e informada (CLPI) como método de trabalho e não apenas como requisito jurídico. A autodeclaração quilombola e a centralidade do território orientam tanto a produção de dados quanto os modos de cuidado. Nos registros e análises, qualificar o quesito raça/cor, identificar pertencimento territorial e descrever exposições ambientais relacionadas ao conflito deixa de ser detalhe burocrático e passa a ser condição de equidade e de leitura situada do sofrimento ético-político (CFP, 2025).

No SUS, essa perspectiva se traduz em uma linha de cuidado que articula clínica ampliada e práticas comunitárias. Assim, a psicologia reconhece como dispositivos legítimos de saúde as rezas, os benzimentos, o uso de plantas e os rituais que tecem a vida cotidiana, compondo co-cuidado com as equipes da Atenção Primária e da Rede de Atenção Psicossocial.

Compromete-se, assim, com a rotina dos serviços com metas de equidade racial, formação permanente antirracista e participação social qualificada em todos os níveis de atenção (CFP, 2025).

No contexto quilombola rural, isso implica tensionar modelos de atenção ainda fortemente urbanos e individualizantes. Uma política pública de saúde mental comprometida com Lagoas precisa reconhecer que o sofrimento não se organiza em torno de diagnósticos psiquiátricos isolados, mas de conflitos territoriais, racismo ambiental e ameaças à continuidade da vida comum.

Isso supõe articular equipes de Atenção Básica, eMulti, CAPS e vigilância em saúde ambiental a partir do território quilombola, e não apenas do município-sede, garantindo presença regular nos núcleos, participação das lideranças nas decisões e espaços de escuta coletiva que tomem as queixas, o alcoolismo, os suicídios como índices de injustiça, e não como sinais de desajuste individual. A psicologia, aqui, é convocada a atuar como mediadora entre sofrimento ético-político e redes de cuidado, transformando as narrativas quilombolas em critérios para planejar ações e redistribuir responsabilidades institucionais.

Operacionalmente, o cuidado se inicia por acolhimento e análise situacional territorializada, com rodas de conversa e escutas biográficas que mapeiam sofrimentos ético-políticos, lutos do lugar, redes de suporte e eventos críticos vinculados à mineração. A partir daí, configura-se um plano de co-cuidado que combina recursos do SUS e práticas tradicionais, com acordos explícitos sobre quem faz o quê, quando e como se avalia coletivamente, com atenção especial às experiências de mulheres, crianças, juventudes e pessoas idosas.

Em paralelo, qualificam-se os sistemas de informação para registrar raça/cor, pertencimento territorial e exposições ambientais, monitorando acesso, descontinuidades e barreiras geradas pelo racismo ambiental institucional. As devolutivas ao controle social devem ser periódicas, e a defesa de direitos é afirmada como dimensão incontornável do cuidado, uma vez que a saúde coletiva e a continuidade cultural dependem da proteção do território. (CFP, 2019, 2025).

Por fim, as Referências Técnicas defendem o cuidado de quem cuida, através de supervisões em serviço e locais de elaboração coletiva como rotina, com análise de implicação e protocolos de prevenção às violências institucionais. A gestão do cuidado inclui pactuação de tempos, preservação de sigilos e enfrentamento de assédios e racismos quando emergirem nas redes de atenção (CFP, 2025).

A psicologia que adotamos toma o sofrimento como índice de relações sociais e não como falha individual, reconhecendo que práticas de cuidado e formas de resistência produzem

contramovimentos no interior dessa formação. Esse arcabouço teórico sustenta as categorias mobilizadas no estudo e orienta a leitura dos materiais empíricos sem perder de vista que cada fala carrega posição, tempo e conflito. No capítulo seguinte passamos à análise, examinando os dados construídos durante o percurso de escuta e observamos como corpo e território conformam experiências de adoecimento e de cuidado.

5 VOZES E SENTIDOS DO CORPO-TERRITÓRIO

[...] O estado é culpado
 É dele esse aval
 Pra mineração bandida
 Que causa tanto o mal
 Que causa destruição da terra
 Que causa toda essa guerra
 Isso não é legal

Não somos contra o desenvolvimento
 Somos contra esse massacre
 Contra o capitalismo da morte
 Que mata e esconde o lacre
 [...]

A nossa luta é justa
 É pela defesa da comunidade
 Do direito de viver
 Na nossa diversidade
 Com o nosso criatório
 Sem perder o território
 Sem perder a liberdade

(Anselmo Ferreira)

A etapa de análise de conteúdo apoiou-se na perspectiva de Minayo (2014) e na abordagem temática proposta por Gomes (2006), compreendendo-a como um procedimento de interpretação que articula o plano empírico das falas ao horizonte teórico-metodológico que sustenta a pesquisa. Esse processo implicou a identificação, organização e interpretação dos núcleos de sentido presentes em trechos de fala (citações), devidamente codificadas.

O corpus foi constituído por uma entrevista em profundidade com Cláudio, liderança quilombola, uma roda de conversa envolvendo mulheres e homens das comunidades e uma audiência social sobre mineração no Território Lagoas, transmitida pelo YouTube (Tv Nestante, 2023). Os dispositivos de contato direto foram concebidos por diversificar as formas de expressão: a entrevista, mais intimista, favoreceu a construção de um percurso narrativo individual (Gaskell, 2015) que remete à história de vida e aos modos de interpretar as ameaças e conquistas ao longo do tempo; já a roda de conversa, ambiente de dinâmica coletiva, permitiu que fluíssem sentidos e memórias compartilhadas.

A escolha pelo método de história de vida funda-se na possibilidade de captar trajetórias como processos temporais e relacionais, nos quais memória e contexto histórico se articulam por meio das falas do narrador. Nesse sentido, como observam Nogueira *et al.* (2017, p. 477), “não devemos nos preocupar com a cronologia dos acontecimentos, justamente porque necessariamente ela nos escapa. Não é preciso reconstruir a trajetória linear das histórias de

vida; elas não são feitas nem vividas na linearidade”. Essa abertura temporal e dialógica viabiliza a emergência de camadas simbólicas e de re-significações, dimensões imprescindíveis para analisar a experiência de Seu Cláudio frente aos conflitos.

O material empírico foi submetido às três fases indicadas por Minayo (2014). A pré-análise, com leituras flutuantes e organização dos registros; a exploração do material, com a codificação e agrupamento das unidades de registro; e o tratamento dos resultados, com a construção interpretativa das categorias analíticas. Este percurso não se deu de forma linear, mas em movimentos de idas e vindas entre o campo, o material transcrito e a literatura, em consonância com as premissas do método.

As categorias foram definidas em articulação entre as questões orientadoras da investigação e a pré-análise, configurando quatro eixos de leitura: corpo-território, que expressa a indissociabilidade entre a integridade física, subjetiva e coletiva e o território de vida; sofrimento ético-político, como categoria que revela os afetos e desgastes produzidos pela injustiça socioambiental; territórios de afetação, que mapeiam os lugares do espaço-território, tanto físicos quanto simbólicos, marcados por vulnerabilidade e disputa; e práticas de cuidado e resistência, que apontam para ações coletivas e individuais voltadas à preservação da vida e à reexistência no contexto de ameaça.

Quadro 2 - Categorias de análise de conteúdo com referenciais teóricos

Categoria	Definição	Indicadores/Códigos	Referenciais Teóricos
Corpo-território (CT)	Expressa a indissociabilidade entre a integridade física, subjetiva e coletiva e o território de vida, compreendendo o território como extensão do corpo individual e coletivo.	-Menções ao território como parte do corpo ou da vida. -Referências à ancestralidade e à relação histórica com a terra. -Relação simbólica e afetiva com elementos naturais e locais de uso comunitário.	Santos, 1996, Svampa, 2019
Sufrimento Ético-Político (SEP)	Categoria que revela os afetos e desgastes produzidos pela injustiça socioambiental, resultantes de ameaças à vida, à saúde e ao território.	-Relatos de medo, tristeza, indignação e insegurança. -Sentimentos de abandono, desvalorização ou invisibilidade. -Percepção de racismo ambiental e negligência institucional.	Sawaia, 2009, Spinoza, 2009, Figueiredo, 2018
Territórios de Afetação (TA)	Apresenta os espaço-territórios físicos e simbólicos marcados por vulnerabilidade e disputa, indicando locais de impacto ambiental, cultural e social.	-Menções a locais específicos afetados (rios, aguadas, áreas de produção). -Citação de lugares sagrados ou de memória ameaçados. -Indicação de áreas com presença de poluição, destruição ou conflitos.	Deleuze; Guattari, 1995, Berroeta <i>et al.</i> 2017

Práticas de cuidado e resistência (PCR)	Ações coletivas e individuais voltadas à preservação da vida e à reexistência no contexto de ameaça, incluindo saberes tradicionais e articulações políticas.	-Uso de plantas medicinais e saberes tradicionais de cura. -Mobilizações comunitárias e articulações com movimentos sociais. -Estratégias de produção sustentável e proteção ambiental.	Freire, 2019, Thiollent, 1986, Montero, 2007
--	---	---	--

Fonte: Elaboração própria (2025)

Entendo corpo-território como a expressão da indissociabilidade entre a integridade física, subjetiva e coletiva e o território de vida. Nessa leitura, o território é extensão do corpo individual e comunitário, de sorte que intervenções no espaço vivido (rios, aguadas, roça, casa, lugares de memória) reverberam como afetações corporais e, reciprocamente, práticas corporais e coletivas (cuidado, trabalho, ritos, luta) reconfiguram o território.

No material empírico, reconhece-se o código quando emergem menções ao território “como parte do corpo ou da vida”, referências à ancestralidade e ao vínculo histórico com a terra, e à relação simbólica e afetiva com elementos naturais e lugares de uso comum no território. Essa leitura dialoga com a noção de território usado e com a crítica às territorialidades em disputa, permitindo articular pertencimento, memória e conflito na produção do espaço vivido (Santos, 1996; Svampa, 2019).

O sofrimento ético-político nomeia afetos e desgastes subjetivos produzidos por injustiças socioambientais que ameaçam a vida, a saúde e o território. Distinto de uma perspectiva clínica individualizante, ele emerge quando há fissura entre valores que orientam projetos de vida e condições materiais que os inviabilizam.

No corpus, aparece por relatos de medo, tristeza, indignação e insegurança, sentimentos de abandono e invisibilidade, percepção de racismo ambiental e de negligência institucional. Ao situar tais afetos no entrelaçamento corpo-território, o código qualifica a dor como denúncia social e vínculo com o lugar. Operador central para compreender como estruturas de opressão (geontopoder, necropolítica, extrativismo), é experimentado nos planos individual e coletivo (Sawaia, 2009).

Territórios de afetação designam espaço-territórios físicos e simbólicos marcados por vulnerabilidade e disputa, nos quais se evidenciam impactos ambientais, culturais e sociais. O código incide sobre nomeações de locais específicos afetados (rios, aguadas, áreas de produção), menções a lugares sagrados ou de memória ameaçados, e indicações de poluição, destruição ou conflito.

Operacionalmente, o código permite cartografar topologias de dano e risco, correlacionando-as com modos de vida e sentidos de pertença. Com isso, a análise não se

restringe a ocorrências pontuais, mas reconstrói paisagens de conflito que atravessam práticas, rotinas e expectativas futuras (Berroeta *et al.*, 2017; Deleuze; Guattari, 1995).

As práticas de cuidado e resistência remetem a ações individuais e coletivas voltadas à preservação da vida e à reexistência em contextos de ameaça, integrando saberes tradicionais e articulações políticas. No material, o marcador é acionado diante do uso de plantas medicinais e técnicas locais de cura; mobilizações comunitárias e alianças com movimentos; e estratégias de produção sustentável e proteção ambiental.

Em termos analíticos, tal dimensão não é apenas reativa. Traduz uma pedagogia do comum que investe na transmissão de saberes, na governança do que é compartilhado e na reorganização de rotinas, convertendo medo em protocolo e vigilância em cuidado comunitário. Alinha-se, assim, à perspectiva freireana do domínio técnico a serviço da mudança, bem como às metodologias participativas e à psicologia comunitária latino-americana (Freire, 2019; Montero, 2007; Thiollent, 1986).

A interpretação seguiu a compreensão de Gomes (2006) sobre a análise de conteúdo como operação hermenêutica, na qual as categorias servem para ordenar o material classificado e reconstituir a estrutura social e histórica sobre a qual se apoia. Desse modo, o que se apresenta nos tópicos seguintes não é somente a descrição de falas, mas a proposição de um campo de leitura no qual a memória, o conflito e o cuidado se entrecruzam como dimensões indissociáveis.

5.1 DADOS, CÓDIGOS E INFERÊNCIAS

Antes de apresentar os números da pesquisa é preciso ressaltar que trabalhamos com pessoas e narrativas. Aqui, “dados” é convenção metodológica, assim como “coleta” nomeia os encontros de escuta construídos com consentimento e responsabilidade compartilhada. Para tornar esse material analisável sem perder sua espessura, procedeu-se à organização no ATLAS.ti, codificando trechos como unidades de sentido alinhadas às categorias, possibilitando observar a recorrência, a distribuição e a intensidade dos registros. A figura a seguir sintetiza essa variação entre os três contextos e orienta a abertura da análise descritiva, indicando marcadores que se intensificam e transitam entre os contextos de fala.

Figura 2 - Análise de código-documento

		2: Entrevista Cláudio 62	4: Roda de conversa 54	5: Live Mineração no Quilombo Lagoas 16	Totais
CT - Ancestralidade	11	9	2		11
CT - Identidade	11	10	1		11
CT - Relação com o Território	16	11		5	16
CT - Saberes tradicionais	8	7		1	8
PCR - Articulação política	15	8	6	1	15
PCR - Espiritualidade	1	1			1
PCR - Estratégias de produção sustentável	8	2	1	5	8
PCR - Mobilizações comunitárias	32	18	12	2	32
PCR - Perspectivas de futuro	13	4	9		13
SEP - Ansiedade	4	1	3		4
SEP - Desvalorização ou invisibilidade	19	6	11	2	19
SEP - Intolerância religiosa	2	2			2
SEP - Negação de direitos	3			3	3
SEP - Negligência institucional	6	4		2	6
SEP - Racismo	2	2			2
SEP - Racismo ambiental	7	2	2	3	7
SEP - Relato de medo e insegurança	18	9	6	3	18
SEP - Sentimento de abandono	14	4	10		14
SEP - Vulnerabilidade econômica	7	1	6		7
TA - Degradação ambiental	13	5		8	13
TA - Indicação de áreas afetadas	9	6		3	9
Totais		112	69	38	219

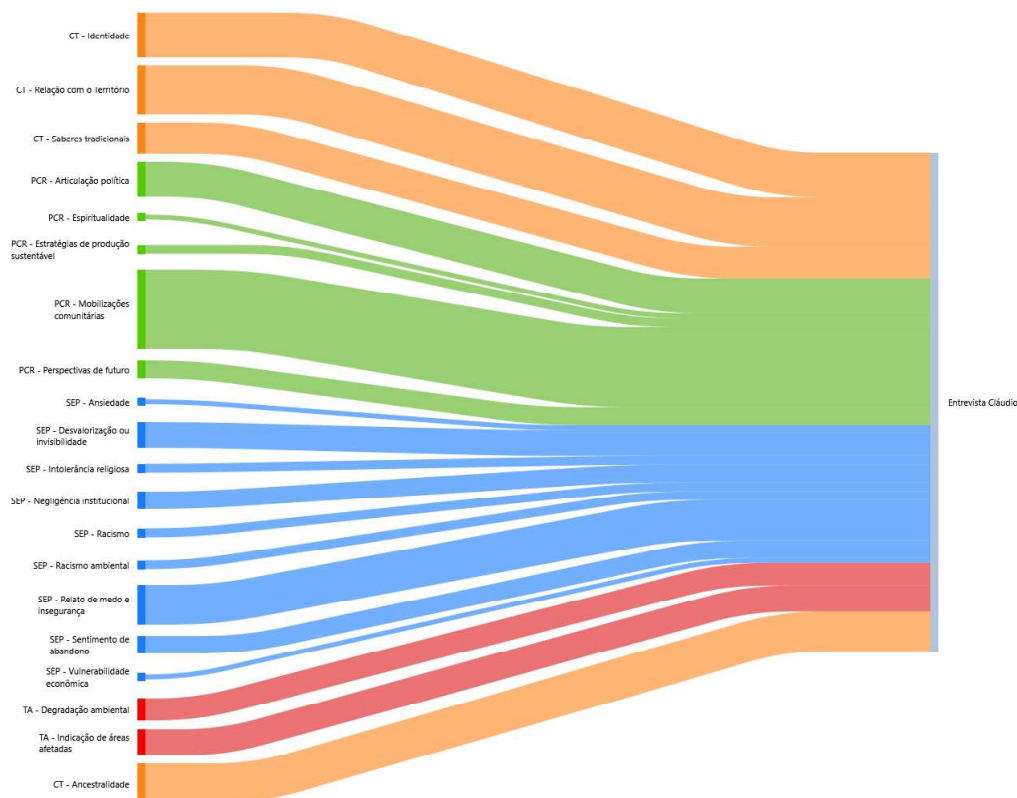
Fonte: Elaboração própria (2025) - gerado pelo *software* ATLAS.ti

A leitura inicial do material sistematizado apresenta que as categorias mais mobilizadas nas falas dizem respeito às práticas de cuidado e resistência, especialmente as mobilizações comunitárias (32 ocorrências) e as perspectivas de futuro (13), indicando que a dimensão coletiva e política ocupa lugar central na elaboração da comunidade diante da ameaça de mineração. Ao mesmo tempo, os códigos relacionados ao sofrimento ético-político aparecem com força considerável, em particular os relatos de medo e insegurança (18), de desvalorização ou invisibilidade (19) e de sentimento de abandono (14), o que revela a densidade afetiva da experiência e o atravessamento das injustiças socioambientais no cotidiano da comunidade.

Os marcadores ligados ao corpo-território, como relação com o território (16), ancestralidade e identidade (11 cada), reforçam que o chão habitado é compreendido como extensão da vida e da memória, enquanto os territórios de afetação se expressam de modo mais localizado nas menções à degradação ambiental (13) e às áreas afetadas (9). Em conjunto, os dados sugerem que o campo empírico se organiza em torno de uma tensão entre o convívio da ameaça, marcada pela invisibilização e pelo racismo ambiental, e a criação de estratégias de

cuidado e resistência, sustentadas na memória, no vínculo com o território e na mobilização política.

Figura 3 - Gráfico de *Sankey* da entrevista de Seu Cláudio



Fonte: Elaboração própria (2025) - gerado pelo *software* ATLAS.ti

No diagrama referente à entrevista com Seu Cláudio, observa-se a preponderância de códigos associados ao corpo-território, especialmente identidade, ancestralidade, relação com o território e saberes tradicionais. Essas categorias se enredam a menções de abandono, insegurança e degradação ambiental, apontando como a narrativa da liderança se constitui como referência de memória e pertencimento. A fala reinscreve a resistência, afirma a terra como extensão do viver e denuncia a mineração como ferida no tecido social e ambiental. As frequências orientam, porém, é na voz de Seu Cláudio que se delineiam os sentidos.

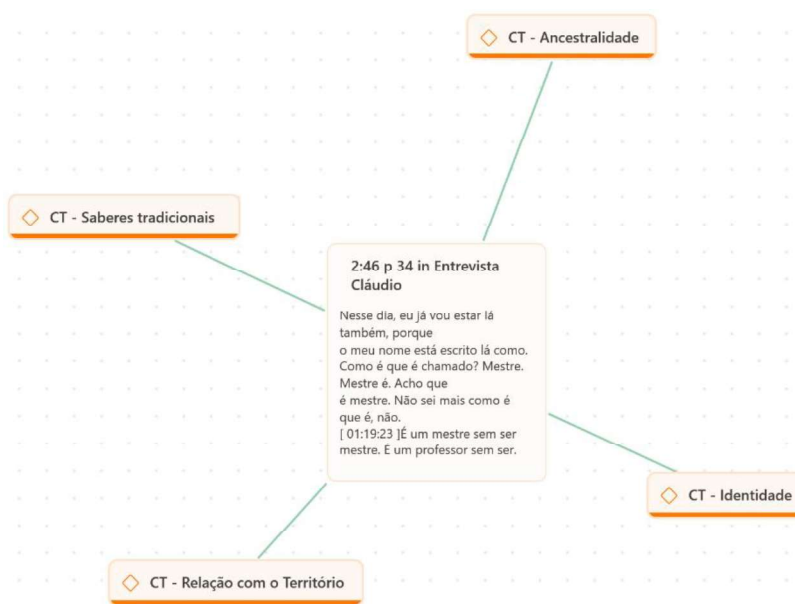
Nos quilombos, o chão não comparece como cenário, mas como co-pertencente da vida comum. Nessa chave, o adoecimento surge como perturbação do vínculo, manifestando medo, abandono, insegurança e silenciamento. Seu Cláudio afirma “o território, eu posso até dizer que o território representa tudo para mim, e quando comecei o território pra cá, tem representado o meu meio de vida” (Marques, 2025, 00:50:22). A enunciação confirma a reciprocidade que sustenta o corpo-território, e converge com o entendimento de Nego Bispo (2015) sobre

biointerações, onde a vida e o bem-estar comunitário dependem diretamente da integridade do território.

Na agressão não há só danos consumados, há a antecipação da catástrofe que instala um presente em transe. Exploração e expulsão ainda não ocorreram, mas seus efeitos já são sentidos, como medo difuso que bloqueia ações. Seu Cláudio registra “o desafio que mais tem tirado o sono da gente é essa questão da mineração” (Marques, 2025, 00:17:34). A formulação condensa o sofrimento ético-político descrito por Sawaia (2009), quando a vida é desorganizada pela fratura entre projetos e condições materiais e a dor se torna experiência partilhada.

Em contraponto, percebe-se também que as comunidades ativam dispositivos de resistência que articulam cuidado, memória e organização. Seu Cláudio sintetiza com orgulho ao afirmar “meu papel aqui na comunidade é tipo um vigilante... fico de olho em tudo... tentando alertar as pessoas” (Marques, 2025, 00:09:55). O medo deixa de ser paralisia e torna-se protocolo, reorganiza o tempo e as prioridades, aproxima casas, sustenta decisões coletivas e orienta o manejo do que é comum. Na imagem a seguir, a própria voz de Seu Cláudio se apresenta como registro dessa vigília e estabelece a passagem do argumento para a experiência vivida.

Figura 4 - Rede de códigos em uma citação sobre identidade



Fonte: Elaboração própria (2025) - gerado pelo *software* ATLAS.ti

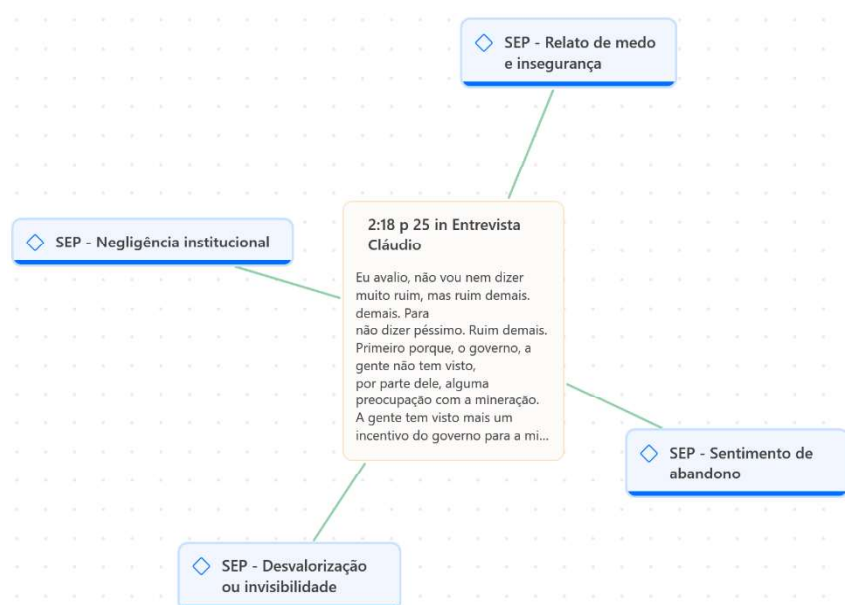
Quando ampliamos a visão sobre saúde, buscamos interações que ultrapassem a lógica de consultório e se alimentam de saberes coletivos. Nas comunidades tradicionais, formas

próprias de cuidado e enfrentamento dão lastro a esse saber situado. “Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito lá (...) é um mestre sem ser mestre. É um professor sem ser” (Marques, 2025, 01:18:22). A fala revela a investidura comunitária do ensinar e do cuidar, atada em ancestralidade e vínculo com o lugar.

Essa pedagogia do comum sustenta a inseparabilidade entre corpo e terra. O território aparece como lugar de memória, pertencimento e continuidade. Nesse horizonte de transmissão, diz Seu Cláudio “Para as próximas gerações, o que eu posso esperar é que alguém leve o que a gente tem feito até hoje, que alguém fique com esse mesmo pensamento pela população” (Marques, 2025, 01:02:59). A aspiração transforma memória em projeto e vincula o cuidado do presente à responsabilidade futura.

Essa continuidade, porém, encontra barreiras no plano institucional. As narrativas apontam um regime de não decisão que normaliza danos e desloca custos sociais. Reaparecem percepções de negligência do poder público e desvalorização das demandas quilombolas, mantendo a ameaça de mineração como rotina de insegurança e abandono. A fala apresentada na imagem seguinte, de Seu Cláudio, condensa esse diagnóstico ao avaliar a postura governamental e explicitar a ausência de cuidado e o estímulo ao empreendimento.

Figura 5 - Rede de códigos em uma fala sobre a atuação do Governo



Fonte: Elaboração própria (2025) - gerado pelo *software* ATLAS.ti

Esse sofrimento se articula com a necropolítica, em que a omissão estatal e o avanço predatório do capital tornam o quilombo em zona de sacrifício, produzindo morte simbólica,

afetiva e cultural. A avaliação de Seu Cláudio confirma que não se percebe cuidado público diante da ameaça, mas incentivo à mineração: “eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais... o governo a gente não tem visto alguma preocupação com a mineração, a gente tem visto mais um incentivo do governo para a mineração” (Marques, 2025, 00:54:14). A fala explicita negligência institucional e intencionalidade política e econômica.

Uma psicologia que caminha com os quilombos demanda desaprender a gramática colonial e reaprender o sofrimento como denúncia de feridas históricas. Com o cotidiano negro como referência, reconhece o padecimento como sociogênico e orienta a intervenção a cuidado coletivo, recomposição de vínculos e proteção de moradas sagradas. A dificuldade de validar esses saberes aparece na experiência de Seu Cláudio, “naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comecei a falar nessa história do quilombola” (Marques, 2025, 01:04:03). Essa desqualificação epistêmica e identitária intensifica a dor e a converte em índice de relações injustas que corroem a força de viver, como observa Figueiredo (2018).

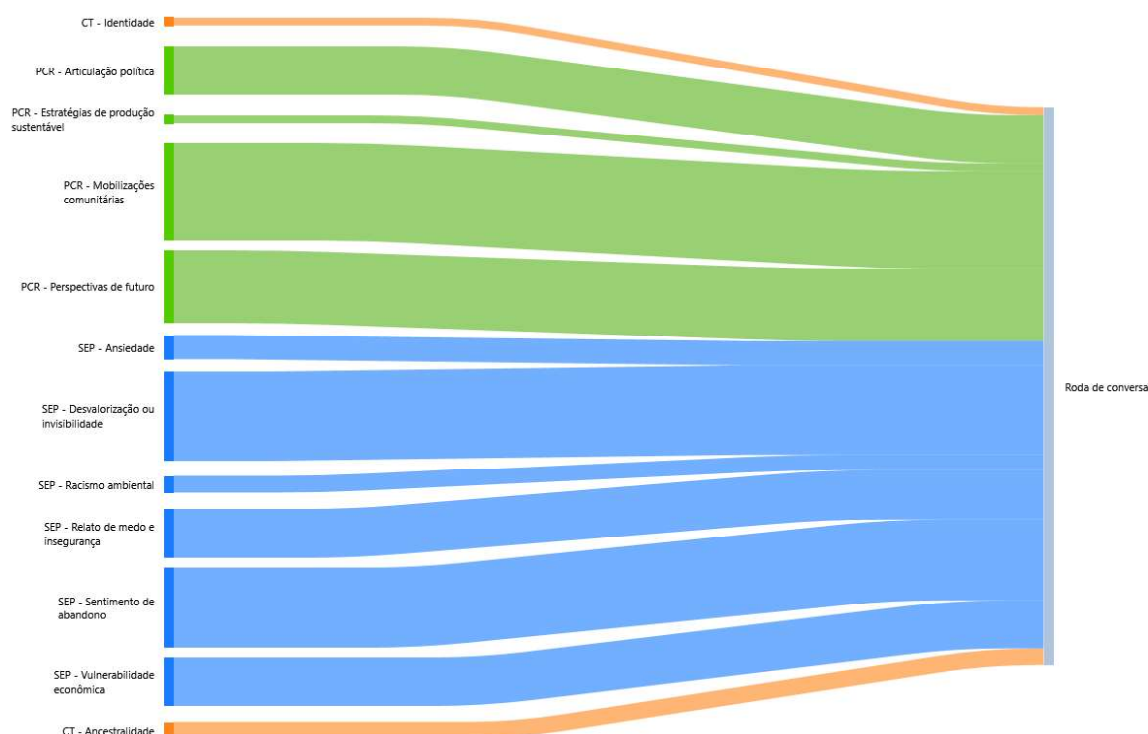
Na cena relatada, o aprender nasce em casa e adentra o mato “os pais ensinam logo quando nascem... vai no mato e dá o chá... Aí os meninos renascem sabendo disso” (Marques, 2025, 00:30:22). A política opera no cotidiano do cuidado, onde gente, plantas e lugares compõem alianças de manutenção da vida. Esse gesto encarna o alargamento do político proposto por Latour (2004) e afirma os mundos que insistem em existir em Povinelli (2023). A cena confirma que o território é corpo vivo e que o cuidado é gesto político, capaz de transformar sofrimento em semente quando acolhido com presença.

Embora a entrevista concentre repertório suficiente para compreender o enredo que permeia Lagoas, com memória, cuidado e organização, o passo seguinte demanda transição para o plano coletivo, onde os sentidos as decisões se constroem.

A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se reunindo em conversa pra saber o que tá acontecendo, que isso eu não faço nem só aqui na comunidade não. Isso eu faço no território todo, que são 119 comunidades. Isso eu faço quase todos os dias. Eu tenho que ir numa comunidade dessas pra estar conversando com as pra não deixar as pessoas informadas (Cláudio, 2025, p. 21).

A convocatória marca a transição do registro individual e avança para a roda de conversa, local em que as falas plurais manifestam como a experiência da ameaça é compartilhada, debatida e organizada em formas de resposta comunitária.

Figura 6 - Gráfico de *Sankey* da Roda de Conversa



Fonte: Elaboração própria (2025) - gerado pelo *software* ATLAS.ti

A figura 5 mostra prevalência de marcadores de sofrimento ético-político, desvalorização e invisibilidade, medo e insegurança, abandono, vulnerabilidade econômica e ansiedade, em articulação com vetores de ação coletiva, mobilizações comunitárias, articulação política e perspectivas de futuro. Nesse arranjo, a dor deixa de ser condição individual e assume um diagnóstico compartilhado que organiza fluxos de informação, pactua responsabilidades e ordena tarefas em torno de práticas de cuidado e defesa.

A partir desse quadro, importa explicitar o que está em disputa no território e a base conceitual que orienta a leitura do material empírico. Além da ameaça de expropriação das terras ancestrais, da degradação ambiental e dos conflitos entre exploração e preservação, o que está em jogo é a própria capacidade de seguir existindo com autonomia, identidade e sustentabilidade.

Como aponta Figueiredo (2018), a coatividade do fazer artesanal, estético e ético, funda um território de afetação comum de onde brotam resistências e modos de vida que recusam a mercantilização. Na roda de conversa, identificamos essa dinâmica, na partilha de preocupações

e do entendimento mútuo “A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse diálogo que você está trazendo aí, esse encontro que você está trazendo, eu vejo assim na comunidade como uma porta de abertura para muitas coisas [...] Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali junto” (Alves, 2025b, 00:13:49). A partir dessa base relacional, tornam-se visíveis as forças que pressionam a vida comum.

No plano do conhecimento, a imposição de valores ligados ao mercado produz desautorização dos saberes locais e ameaça de epistemicídio. A fala “A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aquilo que vale dinheiro é o que vale. A gente nem lembra das coisas que não valem dinheiro, tanto que elas são valiosas” (Alves, 2025b, 00:57:00) explicita a hierarquização que invisibiliza práticas de cuidado, cultivo e relações. Aqui, a ecologia dos saberes em Santos (1996) oferece instrumento para recompor a legitimidade do que brota do território e recoloca o comum como critério de verdade prática.

A materialidade do extrativismo também se evidencia na leitura situada dos eventos climáticos e da apropriação hídrica. “o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o que isso tem a ver? É que tem grandes indústrias que estão usando” (Alves, 2025b, 00:07:04). O enunciado remete à racionalidade de exceção que Mbembe (2018b) denomina necropolítica e ao geontopoder de Povinelli (2023), em que a gestão de recursos e de populações define quem pode ou não continuar. A percepção local liga escassez, indústria e governo, compondo um arranjo que concentra benefícios e redistribui perdas.

Desses vetores resulta um sofrimento que não se reduz ao indivíduo. Sawaia (1999) descreve esse padecimento como ético-político, efeito de bloqueios que se interpõem entre projetos de vida e condições de realização. “Estou travada, não conseguindo viver” (Alves, 2025b, 00:39:11). A formulação captura um transe temporal em que o porvir encolhe e a alegria ordinária se torna rarefeita. Ao mesmo tempo, a nomeação pública do mal-estar abre passagem a formas de resistência e perspectivas de futuro, conforme demonstrado na figura 5.

Figura 7 - Rede de citações ligadas à categoria práticas de cuidado e resistência



Fonte: Elaboração própria (2025) - gerado pelo *software* ATLAS.ti

Na categoria Práticas de Cuidado e Resistência, o código Perspectivas de futuro aparece como eixo de planejamento coletivo. Crianças e jovens são definidos como público prioritário para formação e permanência no território, envolvendo escola, cuidado das águas e dos roçados e circulação de saberes entre as gerações. “A gente tem que sempre acreditar na gente” (Alves, 2025b, 02:20:15) sustenta coesão interna para processos longos, enquanto “essa criança é o futuro do amanhã” (Alves, 2025b, 02:31:14) orienta prioridades e alocação de esforços. O resultado é a redução de incerteza, com reforço de vínculos associativos.

Ainda nessa mesma categoria, sobressai uma ética de ajuda mútua sustentada por uma disponibilidade contínua. As falas indicam presença efetiva quando alguém precisa e exigem compromisso permanente, “eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali junto. E a comunidade tem que ser isso” (Alves, 2025b, 00:14:52), acompanhada de exame de si, “porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar?” (Alves, 2025b, 00:15:56), e de regularidade, “a comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da política, né? Ela precisa, é todo o tempo” (Alves, 2025b, 00:15:56).

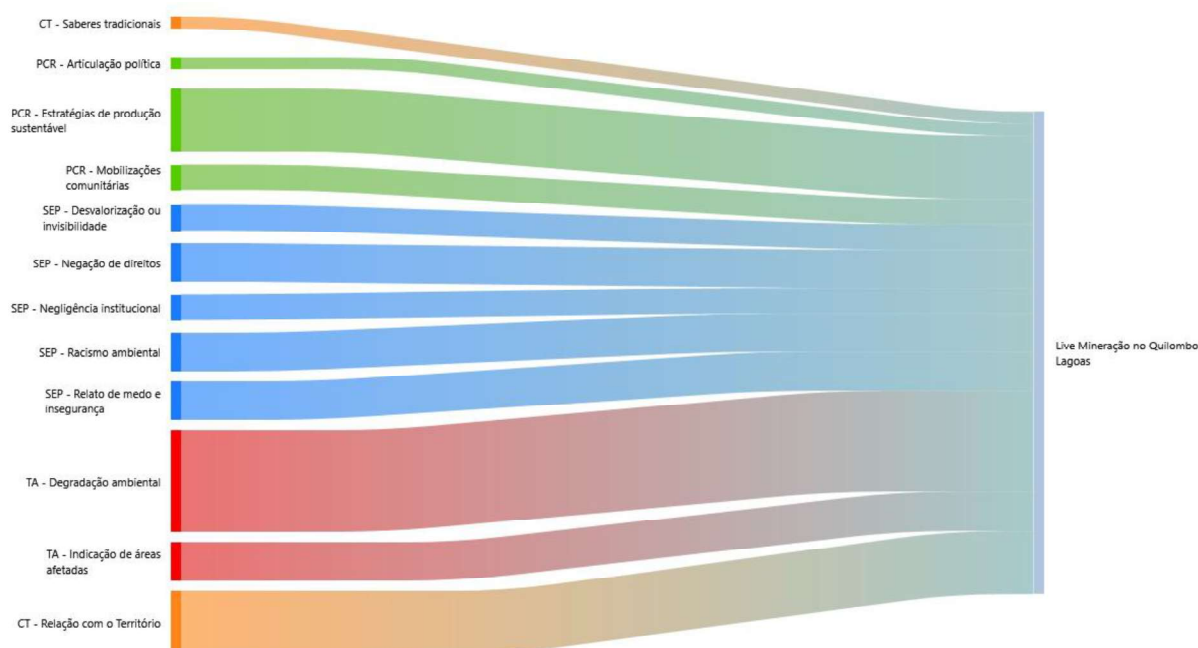
O que observamos é que as narrativas acrescentam três frentes de trabalho: cuidado continuado sem intermitências; agenda que combine participação dos jovens e transmissão entre gerações; e infraestrutura de convivência para crianças da comunidade. A própria roda requalifica a apreensão em resposta organizada, “preocupação não é coisa do outro mundo, é

coisa de nós enfrentar mesmo” (Alves, 2025b, 01:32:53), e reafirma a não delegação do engajamento, “a comunidade tem que vir... cada um se empenhar e tentar incentivar os seus” (Alves, 2025b, 02:31:14).

Com esses pontos delimitados pela roda de conversa, passamos à audiência social transmitida no Youtube, onde a palavra se transfere do circuito interno e ganha visibilidade pública. Nesse lugar, a fala assume caráter de denúncia e produção de prova, com descrição de danos, identificação de responsáveis, pedidos de providência e busca de aliados. A próxima seção examina como a *live* articula relatos de degradação e indicação de áreas atingidas a reivindicações concretas, traduzindo o consenso construído em pressão institucional e disputa de sentidos sobre o Quilombo Lagoas.

Participaram Bernardo Freire, da Univasf, Jessé Barbosa, da Agência Nestante, Judson Jorge, da UESPI, Hildebrando Pires, da Cáritas Piauí, André Amorim, da Defensoria Pública da União, Mirlene Brito, da associação do território, e Carla Pindaíba, produtora agroecológica, além dos advogados Joviano Maia e George Magno. O material resultante consolidou evidências, delimitou pontos críticos e indicou encaminhamentos imediatos.

Figura 8 - Gráfico de *Sankey* da audiência social no Youtube



Fonte: Elaboração própria (2025) - gerado pelo *software* ATLAS.ti

A avaliação do fluxo de conteúdo mostra como a discussão se concentrou na degradação ambiental e na indicação de áreas atingidas. Fica claro que o problema não se limita aos danos

físicos, mas alcança dimensões simbólicas e sociais que estruturam a vida coletiva. Ao mesmo tempo, aparecem com destaque denúncias de negligência do Estado, negação de direitos e racismo ambiental, revelando um quadro de vulnerabilização que não é acidental, mas parte de uma lógica seletiva. Em contraste, ressaltam falas que afirmam a força da comunidade, seja pela mobilização política, seja por estratégias de produção sustentáveis, que reposicionam o medo em práticas de resistência.

Iniciando pela fala de Mirlene, “aqui nós produzimos nossos próprios alimentos se vier acontecer de fato essa mineração se ela continuar vendo o território isso é praticamente nosso fim” (Maior [...], 2022, 7min 26s), observa-se nitidamente a indissociabilidade entre o sujeito e o espaço vivido, que fundamenta o conceito de corpo-território. Essa afirmação é contundente ao atribuir que os riscos da mineração são percebidos, como uma ameaça existencial que atinge a própria continuidade da vida e dos modos de existência da comunidade.

Antes mesmo de enunciar essa ligação entre vida e território, Mirlene lamenta a omissão do Estado “é muito triste essa realidade que tá acontecendo dentro do território Quilombo Lagoas e é isso gente, esse hoje é o nosso sentimento de descuido de descaso né, principalmente o poder público” (Maior [...], 2022, 7min 06s). A denúncia explicita o sofrimento ético-político, entendido como a experiência coletiva de frustração e impotência quando os projetos de vida são bloqueados pelas condições materiais (Sawaia, 2009). Tal abandono institui uma forma de necropolítica (Mbembe, 2018b), na qual os territórios quilombolas são tratados como zonas sacrificáveis, onde a vida pode ser interrompida ou degradada sem reconhecimento social.

Complementarmente, a intervenção de Bernardo, “a caatinga é um bioma, não é um depósito de deserto futuro” (Maior [...], 2022, 1h 22min 20s), contesta a lógica reducionista e extrativista que desqualifica o território ao tratá-lo como jazida de recursos. Esta fala defende o corpo-território como uma entidade viva e complexa, dotada de ecossistemas e saberes próprios, opondo-se à visão imposta pelo geontopoder (Povinelli, 2023) que classifica o que não se alinha à produtividade capitalista como “Não-Vida”.

Ainda sobre o sofrimento ético-político, a observação de Joviano de que “o judiciário também tá atrelado a essa política de violação de direitos territoriais quilombolas em proveito de atividades minerárias apoiadas pelo Governo do Estado” (Maior [...], 2022, 1h 00min 11s) expõe a natureza estrutural e sistêmica desse sofrimento. A atuação do poder judiciário, ao invés de proteger, torna-se um mecanismo que corrobora com a necropolítica e o racismo ambiental, negando o reconhecimento e a proteção dos quilombolas. Essa percepção da injustiça institucionalizada e da falta de imparcialidade na garantia de direitos reforça o sentimento de abandono e o esgotamento afetivo e político das comunidades.

A explicação de Bernardo sobre a poeira da mineração “como a poeira você já viu. Você já viu como é a abertura de um poço aqui nessa área do embasamento cristalino. Com o tempo vários quilômetros em volta recebem a poeira do maquinário, que o maquinário gera. E se essa poeira vier contaminada...” (Maior [...], 2022, 1h 00min 11s), mostra o caráter difuso e abrangente das afetações que recaem sobre os territórios. A dispersão de micropartículas no ar é um dano socioambiental que se estende por vasta área, comprometendo diretamente a saúde das pessoas e do ecossistema. Essa ameaça e a incerteza sobre a contaminação produzem um estado de hipervigilância, afetando planos e alterando rotinas.

A menção ao caso de Gilbués e Angico dos Dias, onde a mineração intensificou a “desertificação” e tornou a Caatinga “imprópria para alimentação de animais e obviamente imprópria para apicultura” (Maior [...], 2022, 13min 29s), ilustra a magnitude das afetações concretas que transformam o território. A perda da capacidade produtiva do solo e o impacto na apicultura, que é um dos pilares da subsistência quilombola, resultam em um sofrimento psíquico coletivo (Figueiredo, 2018) e na descontinuidade da vida como ela era vivida, caracterizando a violência da acumulação primitiva permanente (Luxemburgo, 2021) sobre os corpos-territórios.

Figura 9 - Rede de citações ligadas à categoria territórios de afetação



Fonte: Elaboração própria (2025) - gerado pelo *software* ATLAS.ti

O diagrama que reúne quatro citações expõe “territórios de afetação” como uma espacialidade ampliada, marcada por sobreposição de danos ambientais, sociais e políticos. As falas de Mirlene e Bernardo descrevem o nível físico de degradação, como a contaminação da água, do solo, bem como a dispersão de poeira, indicando que a perda da terra é acompanhada pela corrosão dos meios de existência e pela inviabilização das práticas produtivas. Carla, ao enfatizar que os efeitos atingem populações situadas a quilômetros de distância, transmuta a dimensão para uma escala regional, desafiando a lógica fragmentária do licenciamento que reduz o impacto a perímetros artificiais.

Na mesma figura, a contribuição do Defensor Público insere o plano institucional como campo de afetação, revelando a exclusão da participação popular e a restrição de acesso às informações. Ao articular esses elementos, a categoria de território de afetação deve ser compreendida como campo socioecológico e político, no qual a degradação material se articula à supressão de direitos. Essa configuração produz uma condição estrutural de vulnerabilidade que compromete as práticas de subsistência e a continuidade dos processos coletivos de decisão.

Em face desse quadro, a questão territorial se sustenta como questão política e de saúde pública, em que articula luta contra a degradação ambiental, restrição de direitos e assimetrias de informação. A seguir, as considerações finais condensam os achados, indicam convergências e tensões em relação aos objetivos do estudo e registram limites do escopo analítico.

Houve, ainda, um encontro, a pedido dos moradores, com uma educadora física. Conversamos sobre a importância do exercício físico no cuidado cotidiano e realizamos aferição de pressão arterial, peso e glicemia. Como eles sabiam que haveria aferição, o encontro ficou lotado. Entendo esse movimento como sinal de busca por cuidado e como reconhecimento de que os números conferem legitimidade a uma atenção tão escassa no território. Esses marcadores, ainda que úteis para dimensionar riscos e orientar condutas, não esgotam o que entendo por saúde. Eles são parte do quadro, não o quadro inteiro.

Quando a roda se abriu para a escuta, elas afirmaram que a atividade preferida é a dança. A partir daí, busquei uma professora de dança para apoiar a prática, certa de que ali estavam potência, prazer e vínculo, elementos que sustentam adesão e produzem saúde. Na execução, contudo, emergiu um desencontro pedagógico, já que a professora insistia em organizar as mulheres em fila, com passos sincronizados, enquanto a comunidade preferia dançar em círculo, conversando com o ritmo, com o riso e com as histórias que atravessavam cada corpo.

No círculo, o cuidado acontecia como relação, pois uma chamava a outra, alguém ajustava o passo para acompanhar quem chegava, o ritmo era negociado coletivamente e a

presença de cada uma era reconhecida sem cobrança de performance. A fila pedia alinhamento e hierarquia; o círculo pedia relação e corresponsabilidade. Esse atrito revelou menos um impasse técnico e mais um choque de cosmologias. Trago Nêgo Bispo para ler a cena. Em vez de um tempo linear que sai do ponto inicial e vai até um fim, a roda afirma um tempo que retorna, reencena e reinventa. Nós somos começo, meio, começo. O círculo não é somente preferência estética. O círculo é tecnologia de cuidado compatível com os modos de viver do território. Quando a professora mantinha a fila, reinstalava sem perceber uma lógica de ordenamento que contraria esse princípio circular e relacional (Santos, 1996).

Ajustamos o percurso. Combinamos aquecimento em deslocamentos livres, momentos guiados de passos e retorno ao círculo. Começo, meio, começo. Os marcadores biométricos permaneceram como referência antes e depois da prática. Eles abriram porta de entrada para quem buscava medir e criaram ponte entre clínica e cultura. Quem conduziu o ritmo foram os corpos em relação, com pausas, risos e respiros. O que poderia ser uma atividade física padronizada tornou-se gesto de cuidado territorial. A cena confirma que saúde, aqui, significa ampliação de potências, pertencimento e alegria compartilhada.

Entendi que a fila expõe uma pedagogia da linearidade; a roda convoca a ética do comum. Entre uma e outra, reinscrevemos a prática na gramática do território. Ao fim, os números da pressão e da glicemia são importantes (e foram monitorados), mas a política miúda que sustenta o conviver bem apareceu no recomeço. Cada música abria lugar para que dançassem juntas, à sua maneira, reafirmando que, ali, cuidado é forma de estar-com, como um círculo que inclui, redistribui o centro e devolve cada corpo ao comum, que gira, retorna e sustenta.

As falas examinadas compõem um quadro em que saúde, identidade e território se implicam de modo indissociável. Constata-se que a instalação do empreendimento extrativista vem representando bem mais que risco material, dada a reordenação das referências de vida e o aumento do sofrimento. No entanto, o território enquanto matriz de sentido e proteção, ganhou inteligibilidade pública como questão política. As práticas descritas de cuidado, memória, organização e transmissão de saberes funcionam como tecnologias de continuidade, não como respostas residuais.

Esse trabalho é uma forma de resistir à abstração tecnocrática dos Estudos de Impacto Ambiental. Ele restitui a espessura da vida no território, mostrando que ali onde o mapa do capital vê "jazida de ferro", existe um mundo de relações, significados, afetos e memórias. A pergunta que move este trabalho foi tecida no entre, no desejo de compreender como os conflitos socioambientais atravessam o corpo-território.

Adotei uma escuta ética, horizontal, respeitosa aos tempos e modos da comunidade. Compus sentidos a partir da relação. Estar implicada, para a pesquisadora (mulher branca, psicóloga, acadêmica), foi um exercício contínuo de descolonizar o olhar e abrir lugar para o saber vivido, cultivando o campo com tempo, vínculo e humildade.

A análise brotou do cuidado, atenta aos enunciados e ao que escapa às palavras, às marcas dos conflitos no corpo e às respostas de cuidado. Esta escolha metodológica é um posicionamento ético-político, a psicologia social comprometida caminha com as comunidades. O rigor não é técnico, mas relacional, cuidando da confiança e da palavra entregue. Alinhei-me à lógica do mutirão e da biointeração (Nêgo Bispo, 2015) entendendo conhecimento como aliança, reciprocidade e cuidado.

E, a partir dessa escuta, que é comprometida, amorosa, que proponho o conceito de corpo-território em transe⁹. Um estado de suspensão, de travessia. O “transe” aqui não é patologia, mas potência. É o limiar onde convivem o adoecimento e a resistência, a dor e a reinvenção. No presente ameaçado, onde o futuro é incerto e o passado ainda pulsa ferido, emergem práticas de cuidado, saberes antigos, alianças silenciosas.

Uso “corpo-território em transe” para designar esse estado coletivo, preambular e vigilante que se instala quando o território é colocado em ameaça iminente, produzindo suspensão do tempo, hipervigilância, sono fragmentado, encurtamento de horizontes e exigência de organização ritual/prática. Com base nas narrativas e cenas de campo, emprego o termo não como redefinição, mas como subcategoria empírica que nomeia estados prévios de atravessamento diante da ameaça e suas potências de cuidado e resistência.

Não se trata de “transe” como estado alterado de consciência individual por possessão (como em rituais afro-ameríndios) nem de mero trânsito/mudança (*passage*) entre fases. A escolha aproxima-se do léxico da liminaridade (Turner, 1969) e do impasse afetivo (Berlant, 2011), indicando um entre-tempo em que rotinas são corroídas e a vida é mantida por arranjos de cuidado insurgente. Com Sara Ahmed (2004), tomo emoções coletivas como orientações do corpo no mundo; com Veena Das (2007), compreendo que a violência e a ameaça entram na vida cotidiana, refazendo o habitus sensível.

Reconheço “corpo-território em transe” quando coocorrem, no mesmo episódio/trecho: (i) hipervigilância e/ou sono interrompido; (ii) antecipação de perda e encurtamento do futuro; (iii) reorganização de práticas/ritos (guarda d’água, rezas, mutirões) para sustentar a vida; (iv)

⁹ Uso “transe” qualificado como “transe da situação” (Berlant, 2011; Turner, 1969), não-possessivo e coletivo, para evidenciar a dimensão processual e relacional do estado. É o território em ameaça que “transeia” o corpo coletivo.

nomeações explícitas de ameaça ao território. Esses marcadores ancoram a codificação e introduzem os três temas do capítulo: afetações do corpo-território, sofrimento ético-político e cuidado insurgente.

O corpo-território em transe é corpo que sofre, sim, mas também corpo que sonha, que se ergue, que se escuta, que se cuida, e que, mesmo atravessado, insiste em viver. Nos territórios quilombolas sob ameaça, como Lagoas, o tempo se dobra. Há um presente em suspensão, um futuro sequestrado e um passado que não cicatrizou. E aqui tomo “dobra” no sentido deleuziano como variação e curvatura que reorganizam dentro/fora e modos de atenção (Deleuze, 2006).

É nesse entremeio que propomos o conceito de corpo-território em transe, uma figura conceitual que busca nomear o estado de atravessamento vivido por sujeitos e coletividades diante da iminência de expropriação, violência e silenciamento. O “transe” é aqui entendido como estado introdutório entre o impacto e a potência de reexistir.

Este conceito se aproxima parcialmente da descrição fanoniana de certos quadros “histeriformes” sob colonização (Fanon, 2022), mas há uma diferença fundamental. O corpo-território em transe é coletivo e ecossocial, atravessando gente e mais-que-humano (moradas sagradas, rituais, águas, encantados), sob um regime contínuo de hipervigilância temporal. Há uma dobra da atenção, com a ansiedade tornada vigília, um estado liminar que pode virar potência de reexistência.

No entanto, o transe não é apenas suspensão. Ele é também um tempo de travessia. Os corpos em transe estão vulneráveis, sim, mas também mais atentos, mais atravessados por afetos, mais capazes de perceber os sinais da terra e dos sonhos. O transe mobiliza memórias, evoca ancestrais, convoca resistências.

As lideranças falam de encontros em que o corpo treme, mas também se fortalece. O corpo-território em transe é também corpo aberto para o cuidado, para o rito, para a reativação de saberes. Sinais recorrentes aparecem nas rodas e caminhadas. Luto antecipado e suspensão do futuro. Hipervigilância e sono fragmentado. Medo difuso e raiva moral. Desorganização de afetos e silêncio estratégico. Desautorização de rezas e ervas e enfraquecimento de práticas de cuidado. Recriação de pertencimento por meio de ritos, mutirões, guarda das águas e alegria partilhada. Esses sinais expressam atravessamentos coletivos e pedem leitura territorializada e dispositivos de cuidado comunitário.

O conceito de corpo-território em transe não pretende ser universal, mas sim uma figura situada, criada a partir da escuta da comunidade do Quilombo Lagoas. Um modo de nomear experiências que se passam quando o corpo sente o território como extensão de si, e quando

esse território está sob ameaça. É também um modo de visibilizar a potência que brota da dor como formas de cuidado, de resistência e de encantamento com a vida.

O corpo-território em transe é um conceito-força, um gesto de escuta e de linguagem. Ele não captura, mas sugere. Não congela, mas movimenta. É um conceito que dança; não fixa, não prende; aponta, insinua, acompanha. Ele nos convida a cuidar do que treme, mas também do que canta. Ao nomear essa experiência antecedente, buscamos visibilizar um sofrimento que não se resolve em diagnósticos clínicos, mas exige uma escuta situada, afetiva e política.

A psicologia, ao reconhecer esses trânsitos, pode deixar de tratar sintomas isolados para cuidar de territórios em suspensão. Pode, enfim, tornar-se aliada do corpo que treme, mas também do corpo que canta. Essa sustentação do comum se ancora também em arranjos de partilha de terras (terra de conjunto) e costumes de uso compartilhado, regidos pela ideia de que aquilo “deixado por Deus” deve ser cuidado e partilhado, não usurado.

Isso exige escutar com compromisso, compartilhar narrativas e acompanhar as experiências vividas com respeito e presença. Isso exige pactuar com a associação quilombola, chegar pelos vínculos existentes, participar dos ritmos locais, realizar rodas de escuta e caminhadas-mapa, registrar apenas o que pode ser registrado, devolver e coanalisar transcrições e sentidos em assembleia, produzir materiais úteis para a comunidade, ou seja, estar junto sem tutelar, participar sem capturar.

Porque, nesse contexto, cuidado e resistência não são campos distintos, são faces da mesma luta por dignidade, por território e por vida. Essa psicologia se faz nos mutirões, nas conversas embaixo dos imbuzeiros, nas ervas que curam corpo e alma, nos silêncios que também falam. Ela não se apressa a nomear diagnósticos, mas se demora na escuta. Não busca “normalizar”, mas fortalecer os vínculos entre sujeitos, memórias e territórios.

É psicologia que pisa descalça no chão sagrado e se compromete com o que há de mais vivo, que é a potência de seguir existindo, mesmo sob ataque. Ela não busca “tratar sintomas”, mas fortalecer sujeitos e territórios na sua potência de resistir e reinventar o viver.

O que está em jogo não é apenas a terra, mas os modos de habitá-la. Não são apenas os corpos, mas os mundos que esses corpos carregam. A psicologia, ao se comprometer com esses territórios, pode deixar de ser instrumento de normalização para se tornar aliada das lutas por vida digna, por futuro, por memória e por cura coletiva. Quando a terra é tratada como mercadoria e as fronteiras do capital avançam, produzem-se esquecimento e doença.

Os quilombos respondem com a parte que lhes cabe, através de roças e águas de partilha, de moradas sagradas com regras próprias, de festas e rezas que mantêm a vida comum. Aí,

cuidado é resistência e ternura, é gesto político, ancestral e amoroso. Por isso, os mapas afetivos importam. Eles são o poço que acalma, a grotta que cura, a pedra que ensina o tempo da chuva.

A sociabilidade cotidiana nos banhos e pescarias reúne gerações, ensina, acalma e recompõe forças; muitas mulheres nomeiam esse tempo no riacho como terapia (Oliveira, 2024). É também por meio desses modos de vida que se constrói o cuidado coletivo, que é relacional, partilhado e situado politicamente.

Em termos locais, “cultivar os poços” (Oliveira, 2024) através de visitas, zelo e observação das chuvas e vazantes é cuidado que sustenta vida e memória, e que dá lastro à resistência. Esse cuidado se contrapõe à usura (o uso cobiçoso/excessivo), entendida pelas próprias comunidades como aquilo que estraga as águas e rompe relações. Daí a água ser tratada como dádiva a ser partilhada e protegida.

Chamamos corpo-território em transe esse estado proemial que encarna linguagem e direciona para uma psicologia implicada que faz do direito ao território o direito de existir plenamente na parte que lhes cabe e de inventar futuros compartilhados. O objetivo não é corrigir indivíduos, mas sustentar o cuidado como política, reparar a “dobra” do tempo/atenção que a ameaça produz e fortalecer a parte que lhes cabe no mundo.

O tempo presente é invadido por uma antecipação de perda que impede o planejamento, desorganiza os ritos e instala um luto sem corpo nem data. O território já sangra antes das máquinas destruírem seu chão. O corpo em transe oscila entre o cansaço e a vigília. A exaustão não é apenas física, mas afetiva e política. As pessoas seguem trabalhando, mas confessam não estarem “vivendo” (Alves, 2025b, 00:39:11). O sono é interrompido por sonhos angustiantes; o dia, tomado por preocupações invisíveis que pesam sobre o corpo.

“Eu trabalho. Não tenho vontade de viver. Não estou me atrevendo a viver” (Alves, 2025b, 00:39:11). A primeira frase inscreve o trabalho como eixo do agenciamento, pois entre o emprego precarizado, o trabalho de cuidado e os mutirões que sustentam o comum, o corpo-território é tensionado pela expansão das fronteiras do capital. A segunda formula o sofrimento ético-político (Sawaia, 1999, 2009, 2021), já que a ameaça extrativista encurta o horizonte, dobra o tempo (a ansiedade torna-se vigília), afetando sono, sonho e decisão.

A terceira, por sua vez, revela o cálculo do risco. Atrever-se a viver expõe a pessoa e o coletivo à exposição diferencial à perda (água, território, sagrado). Trata-se de um regime coletivo de hipervigilância temporal num corpo-território sob ataque. À luz da ontologia da partilha, a frase reclama condições de vida plena. Daí as implicações clínicas e políticas de sustentar dispositivos de cuidado comunitário (rodas de escuta, guarda d’água, rituais),

publicizar as causalidades do sofrimento e defender a parte que lhes cabe como condição de saúde.

A vigilância constante se expressa também nas lideranças que se dedicam a “alertar” (Marques, 2025, 00:09:55) o território do que está por vir. Não há descanso. A subjetividade se torna campo de guerra, sempre pronta para reagir, resistir ou avisar. Essa hipervigilância é parte do transe. O corpo não repousa porque o chão não está seguro. O corpo-território em transe é afetado por uma gama de emoções instáveis, como raiva, medo, tristeza e culpa. O sofrimento que emerge não é clínico, mas político. É produzido pela dissonância entre o projeto de vida e a realidade imposta.

Ele se entranha nas falas, nos gestos, no silêncio que também fala. “Às vezes é no momento de raiva que eu consigo dizer ‘não quero mais’” (Alves, 2025b, 00:40:58), “a gente vai escutando ‘tu não consegue não’, ‘isso aí não vai dar certo’, e para de tentar” (Alves, 2025b, 01:54:25). Essas expressões revelam oscilações emocionais intensas, com narrativas de desânimo, mas também de resistência. É o corpo-território tensionado entre o colapso e o impulso de reexistir. As experiências narradas também evidenciam a exclusão histórica vivida pelos sujeitos através de ausência de escola, de políticas públicas e de acesso à cultura.

Uma das participantes da roda afirma: “A estrutura de saúde e de apoio não dá conta, e a gente se sente esquecido” (Alves, 2025b, 01:08:28:). “A Agente Comunitária de Saúde diz: tem que ir no médico” (Marques, 2025, 00:30:22). A invisibilização da comunidade produz sofrimento, solidão e descontinuidade da vida como ela era vivida. O transe também passa pela descontinuidade das práticas de cuidado tradicional. O que antes era aprendido na oralidade, nos banhos de ervas, nas rezas, começa a ser silenciado por múltiplas pressões: a vergonha, o desprezo institucional, a colonização religiosa e o crescimento da racionalidade biomédica.

“Os jovens já sabem qual é o pau que usa, mas têm vergonha de tirar. Preferem não usar.” “O jovem mesmo não tem [rezador]... Quando os mais velhos forem acabando, acabou a reza” (Marques, 2025, 00:33:38). O que antes era cura agora é ridicularizado. O rezador vira “macumba” (Marques, 2025, 00:32:47), o chá “faz vergonha” (Marques, 2025, 00:32:01). O transe, aqui, é também cultural: o saber é desautorizado, e o território perde sua voz.

Mas apesar da dor, o corpo-território em transe pulsa. Há vida que resiste na borda do colapso. Os gestos de cuidado se mantêm com o chá preparado no silêncio, com a reza que ainda ecoa, com a lembrança partilhada no mutirão. A comunidade insiste, mesmo ferida, em semear o possível. “Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta, dando algo que ele está precisando naquela hora, que seja um, vamos supor, um pedaço de bolo. Estou com vontade de comer bolo e hoje não quero fazer, eu não tenho dinheiro para comprar

material. Toma esse pedaço de bolo. Ela vai saciar a vontade naquele momento, mas ela vai continuar vazia de outras coisas que são mais importantes na vida dela.” (Alves, 2025b, 00:19:22). “Criei meus filhos... Muito feliz. Gosto de brincar, gosto de conversar” (Alves, 2025b, 00:43:47). “A gente precisa aprender a se divertir de outras formas... conversar, brincar com os meninos...” (Alves, 2025b, 00:24:07). Ainda assim, há condições para a criação de novos sentidos e futuros.

Esse cuidado insurgente é reinvenção. Ele se faz nos gestos miúdos, nos silêncios partilhados, na pedagogia das ervas e dos encontros. A frase “Um futuro feliz é a gente que cria” (Alves, 2025b, 00:05:40) mobiliza reflexões sobre a potência dos encontros e da solidariedade. As participantes destacam a importância de pequenos gestos, da alegria cotidiana e da organização comunitária como recursos para “recarregar” (Alves, 2025b, 00:22:24) a vida e sustentar a luta.

A esperança, aqui, não é ingênua. É, antes, prática crítica, que reconhece o sofrimento, mas recusa o destino imposto. O quilombo é também essa rede subterrânea de partilha e cuidado que escapam à captura neoliberal, onde o saber circula sem se submeter às lógicas do capital. Como ensina Svampa (2019), o corpo-território constitui-se como campo de disputa, mas, sobretudo, de reinvenção.

Em relação aos objetivos do estudo, considera-se atendida a meta de identificar a composição entre sofrimento e cuidado em contexto de conflito socioambiental, assim como a de qualificar zonas de afetação e seus efeitos sobre a vida em comum. A análise também aponta um dado não previsto na formulação inicial, que é um direcionamento das falas voltado às crianças e aos jovens, que reorganiza a agenda e institui critérios de prioridade. Nota-se que a predominância de vozes já implicadas em processos de resistência reduz a visibilidade de ambivalências, hesitações e conflitos intracomunitários.

Logicamente, também há limites metodológicos a registrar. O recorte temporal e a composição dos interlocutores tendem a favorecer determinados perfis e experiências, com menor presença de segmentos geracionais, que poderiam alterar o desenho interpretativo. A própria condição situacional das falas, em ambientes de exposição pública ou de encontro focal, tende a produzir efeitos de performatividade e contenção, o que restringe nuances.

Mesmo com tais restrições, os resultados alcançam consistência para reforçar três conclusões sintéticas já mencionadas: i) o projeto minerário incide sobre a saúde e não somente como dano ambiental; ii) a identificação de territórios de afetação funciona como base de diagnóstico; iii) o cuidado compartilhado atua como princípio organizador capaz de manter a coesão e de projetar continuidade.

6 CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

Esta dissertação nasceu de uma pergunta situada: como a iminência da mineração e a insegurança fundiária incidem sobre o processo saúde-doença-cuidado no Território Quilombola Lagoas, em meio a um conflito socioambiental em curso? Ao longo do percurso, segui os fios que ligam sofrimento, cuidado e corpo-território, acompanhando de perto a maneira como os impactos extrativistas atravessam corpos, casas, águas e vínculos.

Chegando a estas considerações (quase) finais, não se trata de repetir resultados, mas de recolher o que se adensou como compreensão, entendendo que saúde e território se imbricam de tal forma que dano ambiental é, ao mesmo tempo, dano corporal e comunitário. O quadro interpretativo que se formou indica que a insegurança fundiária e os impactos ambientais comprimem calendários afetivos, encurtam o futuro possível e suspendem projetos de vida, gerando hipervigilância, ansiedade, sono interrompido, exaustão afetiva e adoecimentos que não cabem em diagnósticos isolados.

Essa compressão do tempo e das expectativas tenciona vínculos familiares e comunitários, desloca rotinas, altera o modo de habitar o território. Frente a isso, os arranjos coletivos não se limitam a “resistir”; eles acionam memória, parentesco, fé e saberes ancestrais para amparar uma continuidade possível, cuidando para que o chão permaneça reconhecível mesmo quando o porvir parece sequestrado.

Entendo que o objetivo geral deste estudo, de compreender como os conflitos socioambientais, em especial a iminência de mineração de ferro e a insegurança fundiária, determinam aspectos cruciais para a conformação do processo saúde-doença-cuidado no Quilombo Lagoas, foi alcançado. Isso se evidencia à medida que as análises articularam dano ambiental, compressão do tempo, suspensão de projetos de vida, hipervigilância, exaustão afetiva e rearranjos de cuidado comunitário.

O primeiro objetivo específico, de descrever os efeitos na compleição psicossocial associados à iminência de mineração e à vulnerabilidade territorial, se concretizou. Isso se expressa na caracterização dos efeitos socioambientais sobre o corpo-território (ansiedade, hipervigilância, sono interrompido, encurtamento do futuro), organizados pela categoria de corpo-território em transe.

O segundo objetivo, de analisar como a noção de corpo-território orienta a posse coletiva com uso familiar, explicitando limites internos fluidos e práticas de cuidado do chão como cuidado de si e do comum, foi contemplado. Isso se evidenciou ao mostrar como

pertencimento, parentesco, fé, guarda de águas e salvaguarda de lugares sagrados compõem práticas de cuidado do território-corpo que sustentam o comum em meio à ameaça.

Por fim, o terceiro objetivo, de identificar as potencialidades presentes na comunidade para a promoção, manutenção e recuperação da saúde, se desdobrou no reconhecimento de dispositivos comunitários já existentes. A partir deles, foi possível propor uma clínica ampliada do território, ações de vigilância em saúde ambiental-territorial, dispositivos coletivos de cuidado e pactos intersetoriais. Com isso, os resultados e encaminhamentos clínico-políticos produzidos por esta pesquisa respondem à pergunta de partida e contribuem para o debate teórico-metodológico em psicologia, fortalecendo o desenvolvimento comunitário e orientando políticas públicas na interface entre meio ambiente e comunidades quilombolas.

Esta pesquisa não pretende esgotar os repertórios de memória da comunidade, nem capturar em texto tudo o que se guarda em silêncio. Reconheço lacunas, hesitações e silêncios produtivos. Quando houve incerteza factual ou risco de exposição, optei por descrever tendências, não pessoas; processos, não detalhes localizáveis. Ainda assim, foi pela memória oral, pelas histórias contadas na beira da estrada, na sombra das casas, nas rodas e assembleias, que pude relocalizar marcos de aquilombamento, compreender que pertencer é prática cotidiana, e sustentar a tese de que o ataque ao território é também ataque ao corpo e ao laço comunitário.

As narrativas sobre deslocamentos, lutas e promessas nunca cumpridas fundamentaram os encaminhamentos clínico-políticos do estudo. Elas indicaram pontos de vigilância em saúde ambiental, rotinas de cuidado do sono, maneiras de salvaguardar lugares sagrados e modos de acolher o medo e a incerteza. Sem a memória, tais recomendações seriam genéricas, transplantáveis para qualquer lugar. Com a memória, tornaram-se situadas, respondendo a um conflito concreto, falando de uma gente precisa, escrevendo saúde a partir das margens.

Como contribuição teórica, proponho a figura do corpo-território em transe. Trata-se de uma condição liminar em que o presente se rarefaz, o porvir é capturado por incertezas e o chão deixa de ser óbvio. Nesse transe, ritos, saberes e alianças são reanimados e reorganizam a atenção, a vigilância e o cuidado. Não se trata de um quadro clínico individual, mas de um fenômeno ecossocial, que envolve gente e mais-que-humano e que exige práticas de cuidado territorializadas, voltadas à guarda de lugares, à proteção das águas, à sustentação dos pertencimentos e à contenção das ameaças que rondam dia e noite.

No plano analítico, a categoria de corpo-território em transe permitiu descrever temporalidades comprimidas, lutos em andamento e suspensão de projetos de vida sem psicologizar o conflito, isto é, sem reduzir a experiência a sintomas privados ou a diagnósticos

psiquiátricos descontextualizados. No plano programático, ela tensiona a forma como o próprio campo da saúde enxerga e registra o sofrimento. Recomenda-se incorporar a dimensão territorial nas avaliações em saúde, nos protocolos intersetoriais e nas devolutivas públicas, com comunicação de risco culturalmente situada e com monitoramento contínuo de efeitos socioambientais sobre o corpo-território.

Essa análise traz implicações diretas para as políticas públicas e para a gestão de serviços. Os dados e narrativas sustentam a necessidade de incluir indicadores territoriais de saúde nas matrizes de impacto e de garantir financiamento estável a dispositivos comunitários de cuidado, como rodas de escuta, projetos culturais, práticas regulares de atividades físicas, guardas de águas, assembleias temáticas e espaços de convivência intergeracional.

Recomenda-se, em coerência com a afetação constitucional dos territórios quilombolas como patrimônio cultural imaterial, a conclusão célere da titulação coletiva do Quilombo Lagoas e a afirmação da inviolabilidade de suas terras, de modo que projetos minerários sejam, de antemão, afastados como materialmente incompatíveis com a reprodução sociocultural da comunidade, ainda que houvesse eventual anuência formal. Nessa perspectiva, a consulta livre, prévia e informada permanece requisito procedimental inafastável, mas não pode ser mobilizada para legitimar a renúncia a um bem coletivo não mercantilizável, cuja proteção decorre diretamente da Constituição, do Decreto 4.887/2003 e da Convenção 169 da OIT, sob a égide do princípio da precaução.

No campo da psicologia, os achados iluminam um descompasso importante. Os conflitos geram ansiedade, hipervigilância, suspensões de projetos de vida e um peso severo para a saúde dessa população, mas o sistema de saúde raramente alcança a profundidade desses problemas, e a clínica psicológica hegemônica ainda não os aborda de forma articulada ao território e à história. A atuação aqui desenhada demanda presença situada, pactos de confidencialidade compatíveis com arenas públicas e compromisso com devolutivas que não fragilizem lideranças locais.

É necessário que profissionais de psicologia considerem a dimensão territorial em estágios, fluxos de atendimento e encaminhamentos, e que reconheçam práticas locais de cura como saberes legítimos, capazes de compor, tensionar e reinventar estratégias de cuidado. Em coerência com o que emergiu do campo, esta dissertação convoca uma revisão crítica de saberes e práticas psicológicas, deslocando a clínica de um foco em “casos individuais” para a proteção do tecido comum.

O percurso metodológico assumiu rigor relacional como eixo. A análise foi conduzida com validação pública, descrição fidedigna das falas e construção de uma trilha de auditoria

que torna visível o caminho da interpretação. Esse rigor foi guiado por uma escuta ética e horizontal, que procura cuidar da confiança e da palavra entregue. Não se trata de um detalhe de método, é uma resposta ao próprio objeto, uma vez que os processos de adoecimento e de cuidado emergem da relação e exigem coprodução com a comunidade, e não mera coleta de dados sobre ela.

Algumas limitações do estudo decorrem da própria infraestrutura informacional do conflito. Parte dos registros ambientais e sanitários encontra-se sob sigilo ou em bases fragmentadas; processos administrativos apresentam tramitações opacas ou interrompidas; alguns documentos foram, literalmente, apagados. Há ainda limites de mensuração, pois não foram coletados marcadores clínicos ou ambientais capazes de estimar a magnitude dos efeitos sobre a saúde, nem se dispôs de bases administrativas consolidadas para confronto sistemático. Tais limites não invalidam os achados, mas lembram que o conflito também se inscreve em apagamentos documentais e assimetrias de acesso à informação.

Quanto à transferibilidade, a análise convida à cautela. A historicidade própria do Calango e de Lagoas, suas redes de parentesco, os pactos de solidariedade e o vínculo com lugares sagrados conferem uma singularidade difícil de transpor diretamente para outros contextos. Em vez de generalizações apressadas, sugerem-se diálogos comparativos. Estudos posteriores podem investir em acompanhamentos prospectivos, na comparação entre territórios submetidos a arranjos institucionais diferentes e em parcerias entre serviços de saúde, órgãos ambientais e universidades, de modo a integrar registros, ampliar o escopo de variáveis e mitigar assimetrias de informação.

Deste trabalho também se desdobra uma agenda de pesquisa operacional em saúde coletiva. Entre as possibilidades, podemos citar investigar a prevalência de sofrimento psíquico, ansiedade e hipervigilância em diferentes faixas etárias; examinar os efeitos de práticas produtivas locais, como a agroecologia, sobre coesão comunitária e cuidado coletivo, utilizando métricas sensíveis à realidade quilombola; e avaliar como processos de reconhecimento, titulação e judicialização repercutem em segurança subjetiva, pertencimento e expectativas de futuro em contextos de forte pressão extrativista.

A análise do corpo-território em transe evidenciou um conjunto de efeitos socioambientais (hipervigilância, sono interrompido, exaustão afetiva e encurtamento do futuro) que exigem respostas territorializadas. Esses achados reforçam que não se trata apenas de sofrimento individual, mas de um modo de adoecer e cuidar que está enraizado no conflito socioambiental e na insegurança fundiária.

Aqui se explicitam os encaminhamentos clínico-políticos, alinhados aos objetivos desta dissertação: (i) a implantação de uma vigilância em saúde ambiental-territorial, articulando atenção básica, vigilância sanitária e órgãos ambientais, para monitorar riscos, queixas e agravos; (ii) a construção de protocolos simples de cuidado do sono e da hipervigilância nas unidades locais, incluindo acolhimento noturno, estratégias de regularidade, grupos de descanso e respiro; (iii) o fortalecimento de dispositivos comunitários de cuidado, como rodas, mutirões, guardiões do dormir e lugares de escuta para mulheres, jovens e idosos, reconhecendo os saberes ancestrais como tecnologias de saúde; (iv) a formação de pactos intersetoriais com Defensorias, Ministério Público e gestão municipal para reduzir a incerteza jurídica que alimenta o transe; e (v) a salvaguarda de moradas e lugares sagrados como medida de saúde coletiva, incluindo mapas de sensibilidade cultural que orientem qualquer intervenção externa.

Conjuntamente, essas ações se articulam como uma clínica ampliada do território, uma clínica que não separa sintoma e conflito, nem indivíduo e chão, e que toma o corpo-território em transe como sinal de que algo no pacto social se rompeu. Ao convocar políticas públicas, redes comunitárias e dispositivos de cuidado situados, essa perspectiva desloca a ênfase do tratamento de “casos” para a proteção do tecido comum, condição para que o transe deixe de ser estado permanente e possa voltar a ser passagem.

Por tudo isso, reafirmo uma orientação prática e política: cuidado partilhado é tarefa das políticas públicas em articulação com redes comunitárias; à mineradora não se pede cuidado, mas deveres jurídicos de não causar dano. Afinal, a mineração não se reduz a risco material, pois marca corpos e vínculos e reconfigura modos de habitar. Assim, defendo, em coerência com o argumento desenvolvido neste trabalho, que territórios quilombolas são bens coletivos não mercantilizáveis e não podem ser violados, dada a afetação cultural constitucional (CF/88, art. 216 c/c ADCT, art. 68), o Decreto 4.887/2003 e a Convenção 169/OIT. Que, nesse horizonte, este trabalho se some à criação de futuros compartilhados, como se disse nas rodas, “o futuro a gente faz junto” (Alves, 2025b, 02:38:29).

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Iplanrio/Zahar, 1987.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ACSELRAD, Henri; PÁDUA, José Augusto; HERCULANO, Selene. **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGÊNCIA GOV. **Entenda como ocorre a titulação para reconhecimento e proteção das comunidades quilombolas**. Brasília, 18 set. 2024. Disponível em: agenciagov.ebc.com.br/noticias/202409/reconhecimento-e-protecao-das-comunidades-quilombolas. Acesso em: 17 de agosto de 2025.

AGÊNCIA NACIONAL DE MINERAÇÃO (ANM). **Relatório de Segurança de Barragens 2024**. Brasília: ANM, 2024. Disponível em: app.anm.gov.br/SIGBM/Publico/RelatorioSegurancaBarragens. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e novas etnias**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.

ÁLVAREZ-BERRÍOS, Nora L.; AIDE, T. Mitchell. Global demand for gold is another threat for tropical forests. **Environmental Research Letters**, v. 10, n. 1, 2015.

ALVES, Hellen Cristina de Oliveira. **Aula de dança com a professora Denise (educadora física) — registro de campo**. [Observação participante e notas de campo]. Lagoas (PI), 21 jun. 2025a. Arquivo sob guarda da autora.

ALVES, Hellen Cristina de Oliveira. **Roda de conversa com a Comunidade Calango sobre saúde e mineração**. [Transcrição e Áudio]. Lagoas (PI), 27 abr. 2025b. 2 h 48 min. Arquivo sob guarda da autora.

ALVES, Hellen Cristina de Oliveira. **Roda de conversa com Laiane dos Santos (educadora física) sobre saúde e atividade física**. [Transcrição e áudio]. Calango (PI), 07 jun. 2025c. 1 h 10 min. Arquivo sob guarda da autora.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. A contribuição dos vaqueiros, agregados e posseiros para o povoamento do Piauí. **História, Histórias**, Brasília, v. 10, n. 19, jan./jun. 2022. Disponível

em: periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/42169/39858. Acesso em: 14 de setembro de 2025.

ANDREAZZA, Laís. **O tratamento jurídico da utilização do mercúrio na lavra de ouro artesanal e em pequena escala no Brasil a partir da Convenção de Minamata: dos impactos socioambientais à crise humanitária nas terras indígenas Yanomami**. 2024. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2024. Disponível em: repositorio.ucs.br/11338/13322. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

ANTONINO, Lucas Zenha. **Territórios extrativo-mineral na Bahia: violações de direitos e conflitos nos territórios terra-abrigo**. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: www.repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31703/1/TESE_LucasZenhaAntonino_2019_FINAL_a3.pdf. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

ARAÚJO ANDRADE, Vanessa de. A reforma Pereira Passos, a memória da escravidão e algumas implicações sociais e raciais. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 86-104, 2018.

ARQUIVO NACIONAL. **Quilombos e revoltas de escravos**. 2017. Disponível em: historiacolonial.an.gov.br/index.php?Itemid=359&id=3537&option=com_content&view=article. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

ARRUTI, José Maurício. **Quilombos: Identidade étnica e territorialidade**. São Paulo: Editora FGV, 2001.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: Antropologia e História do Processo de Formação Quilombola**. São Paulo: Edusc, 2006.

ATAÍDE, Ana Emília Magrinelli Lisboa. **Governança Global Ambiental na Era Nuclear: avaliação do impacto da mineração de urânio em Caetité-BA**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28444/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_RI_2018_Ana_Emilia_Ataide_vers%C3%A3o%20final.pdf. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

ATLAS.ti SCIENTIFIC SOFTWARE DEVELOPMENT GMBH. **ATLAS.ti** [software]: versão 25. Berlin: ATLAS.ti GmbH, 2025.

AYRES, José Ricardo de C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 16-29, 2004.

AYRES, José Ricardo de C. M. Uma concepção hermenêutica de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 43-62, 2007.

BANDEIRA JUNIOR, Carlos de Matos; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. As mudanças nas relações do trabalho e dos modelos produtivos da garimpagem de ouro na região do Tapajós. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 62, 2023. Disponível em: revistas.ufpr.br/made/article/view/82697. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

BAETA, Alenice. **Indígenas nas cidades memórias “esquecidas” e direitos violados**. CEDEFES, 27 abr. 2021.

BARONE, Ana C. C. Liberdade e punição o que se reivindica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade. **Cadernos PROARQ**, n. 36, p. 76-92, 2021.

BERLANT, Lauren. *Cruel Optimism*. Durham: Duke University Press, 2011.

BERROETA, Hector; CARVALHO, Laís; DI MASSO, Andrés; OSSUL, María Ignacia. Apego al lugar: una aproximación psicoambiental a la vinculación afectiva con el entorno en procesos de reconstrucción del hábitat residencial. **Revista INVI**, v. 32, n. 91, p. 113-139, 2017.

BERTAUX, Daniel. **Histórias de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Paulus, 2010.

BETÂNIA, Maria. **A natureza está em trânsito**. Museu da Natureza, São Raimundo Nonato, PI, 2025. Recurso sonoro disponibilizado em ambiente expositivo.

BISPO, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. Rio de Janeiro: Editorial Nós, 2021.

BISPO, Antônio. **[Vídeo sobre relações ambientais]**. Instagram: Reel, 2024. Disponível em: www.instagram.com/reel/DI_msrau1Pa/. Acesso em: 25 de maio de 2025.

BLANCO, Graziela Dias. **Soberania, segurança alimentar e ecotoxicidade de alimentos e plantas medicinais consumidos por comunidades locais em áreas de mineração**. 2022. 217 f. Tese (Doutorado em Ecologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Florianópolis, 2022. Disponível em: repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/234684/PECO0194-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Decreto nº 5.051**, de 19 de abril de 2004. Promulga a Convenção nº 169 da OIT. Brasília, DF: Presidência da República, 2004.

BRASIL. **Decreto nº 10.088**, de 5 de novembro de 2019. Consolida atos normativos sobre promulgação de convenções da OIT ratificadas pelo Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 2019.

BRASIL. **Decreto nº 11.786**, de 20 de novembro de 2023. Institui a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola e seu Comitê Gestor. Brasília, DF: Presidência da República, 2023.

BRASIL. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981**. Política Nacional do Meio Ambiente. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm. Acesso em: 19 de junho de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Clínica ampliada e compartilhada**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Tabela de Comunidades Quilombolas do Cadastro Único**. 2024.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Caatinga**. Disponível em: antigo.mma.gov.br/biomas/caatinga.html. Acesso em: 19 de novembro de 2024.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca - PAN-Brasil**. Brasília: MMA, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. 2. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Mental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experiências naturais e planejadas**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BULLARD, Robert D. **Dumping in Dixie: race, class, and environmental quality**. 3. ed. Boulder: Westview Press, 2000.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Andressa Veras de; MACEDO, João Paulo. Povos e comunidades tradicionais: revisão sistemática da produção de conhecimento em Psicologia. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 198-215, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v20n3/pt_v20n3a09.pdf. Acesso em: 09 de fevereiro de 2025.

CARVALHO, Marcos Bernardino de. **Racismo ambiental é uma realidade que atinge populações vulnerabilizadas**. Jornal da USP, 9 dez. 2021. Disponível em: jornal.usp.br/atualidades/racismo-ambiental-e-uma-realidade-que-atinge-populacoes-vulnerabilizadas/. Acesso em: 8 de janeiro de 2025.

CHAVIS JR., Benjamin F. Foreword. In: BULLARD, Robert D. (Ed.). **Confronting environmental racism: voices from the grassroots**. Boston: South End Press, 1993.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative inquiry**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CLAVIJO ROJAS, Diana Isabel. **Evaluación de impactos socioambientales en pequeñas comunidades bajo el enfoque de los sistemas socioecológicos: el caso de la minería ilícita del oro en el departamento del Chocó-Colombia**. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2021. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18139/tde-12082021-211944/. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

CONAMA. **Resolução nº 001, de 23 de janeiro de 1986**. Critérios para o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA). Disponível em: www2.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html. Acesso em: 19 de junho de 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CRP. **Referências técnicas para atuação das(os) psicólogas(os) em questões relativas à terra**. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/05/CFP_Relatorio_QuestoesTerraweb-14.05.2019.pdf. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em relações raciais**. Brasília: CFP, 2017. Disponível em: site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/relacoes_raciais_baixa.pdf. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos povos quilombolas**. 1. ed. Brasília: CFP, 2025. Disponível em: site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2025/08/RT_quilombola_WEB.pdf. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

CPDOC-FGV. **Bota-Abaixo**, O. s.d. Disponível em: cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOTA-ABAIXO,%20O.pdf. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

CPRM. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, Estado do Piauí**. Diagnóstico do município de Gilbués. Fortaleza: Serviço Geológico do Brasil, 2004.

CRP - CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **Cartilha de práticas de atendimento psicológico em comunidades tradicionais**. Conselho Regional de Psicologia, 2021.

CRP - CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **Nota técnica sobre saúde mental, racismo ambiental e violações de direitos em comunidades quilombolas**. Brasília: CRP, 2023.

DAS, Veena. **Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary**. Berkeley: University of California Press, 2007.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL (DNPM). **Mineração**. Disponível em: www.dnpm-pe.gov.br/Geologia/Mineracao.php. Acesso em: 28 de janeiro de 2025.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

DÓRIA, Carolina Rodrigues da Costa; MORETTO, Evandro; BOHLMAN, Stephanie A. Edição temática: Impactos Socioecológicos de Grandes Projetos de Infraestrutura e Energia na Amazônia. **RARA Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v.15, n.1, Especial, 2023. Disponível em: periodicos.unir.br/index.php/rara/article/view/7722. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

ESCOBAR, Arturo. Territórios da diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 35, 2015. Disponível em: revistas.ufpr.br/made/article/view/43540. Acesso em: 17 de agosto de 2025.

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Bogotá: CLACSO, 2008.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Organização de Jean Khalifa e Robert J. C. Young. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020a. (Coleção Explosante, v. 3).

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento; colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020b.

FARIA, Ana Tereza Dutra Pena de. **Comunidade quilombola Lagoas**. Belo Horizonte: FAFICH, 2016.

FAUSTINO, Cristiane. **Construindo argumentos e enfrentando o Racismo Ambiental: entrevista**. Combate Racismo Ambiental, 20 maio 2010. Disponível em: acervo.racismoambiental.net.br/2010/05/20/construindo-argumentos-e-enfrentando-o-racismo-ambiental-entrevista-com-cris-faustino/. Acesso em: 21 de agosto de 2025.

FCP. **Comunidades Certificadas**. Disponível em: www.gov.br/palmares/pt-br/acesso-a-informacao/copy_of_Download_do_PDF_das_Comunidades_certificadas_Certidoes_expedidas_Posicao_14.04.2025.pdf. Acesso em: 21 de agosto de 2025.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

FERREYRA, Alicia Rodríguez. Que Psicologia Ambiental para que prática profissional? In Conselho Federal de Psicologia. **Catálogo de Práticas em Psicologia Ambiental**. Brasília: CFP, 2022.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, Saulo Luders; GONÇALVES, Bruno Simões; SILVA, Liliane Santos Pereira. Psicologia, povos tradicionais e perspectivas de(s)coloniais: caminho para outra psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, n. spe, e263863, 2022. Disponível em: www.scielo.br/j/pcp/a/BNyTVgPwMhh3frRsynkK6Pz/?format=html&lang=pt. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

FIGUEIREDO, Eugênia Bridget Gadelha. **É doce morrer no mar?** Análise psicossocial do ingenium da pesca artesanal. 2018. 175 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

FIOCRUZ. **Mapa de Conflitos** - Agricultores familiares e comunidades quilombolas de São Raimundo Nonato lutam contra instalação de empresas de mineração e carvoarias. s.d. Disponível em: mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/pi-agricultores-familiares-e-comunidades-quilombolas-de-sao-raimundo-nonato-lutam-contrainstalacao-de-empresas-de-mineracao-e-carvoarias-em-seu-territorio/. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

FREIRE, Bernardo Curvelano. **Isso não é uma cerca:** a indiferença das cabras e a diferença caprina na confecção dos Fundos de Pasto e das Terras de Conjunto na Caatinga. [s.l.: s.n.], 2023. Comunicação apresentada em evento. Texto inédito.

FREIRE, Bernardo Curvelano; MARQUES, Cláudio Teófilo; VIANNA, Salvador; MARQUES, Raimundo. Não existe ciência aplicada na democracia: algumas considerações a respeito de quem as universidades pensam que são. **Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, Montes Claros, v. 19, n. 1, p. 133-169, jan./jun. 2022. Disponível em: www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/5209. Acesso em: 09 de março de 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

G1. **Piauí tem terceiro território com maior população quilombola do Brasil;** conheça Lagoas, comunidade ameaçada por mineração. G1, Rio de Janeiro, 27 jul. 2023. Disponível em: g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2023/07/27/piaui-tem-terceiro-territorio-com-maior-populacao-quilombola-do-brasil-conheca-lagoas-comunidade-ameacada-por-mineracao.ghtml. Acesso em: 22 de novembro de 2024.

GIRALDO, Andrés Felipe Ramírez. **Processo de modificação de modos de vida em um distrito rural da Serra do Espinhaço Meridional sob impacto de atividade minerária**. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:

acervo.ufvjm.edu.br/server/api/core/bitstreams/ecf1a3fa-d8f2-421e-9653-e942e55ef83e/content. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Del cuerpo-territorio al territorio-cuerpo (de la Tierra): contribuciones decoloniales. **Cultura y Representaciones Sociales**, v. 15, n. 29, p. 267-301, 2020.

HAGUETTE, Tânia Maria S. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HARADA, Masazumi. Minamata disease: methylmercury poisoning in Japan caused by environmental pollution. **Critical Reviews in Toxicology**, v. 25, n. 1, p. 1-24, 1995. Disponível em: www.tandfonline.com/doi/abs/10.3109/10408449509089885. Acesso em: 5 de fevereiro de 2025.

IBGE/Agência Gov. **Censo 2022: Brasil possui 8.441 localidades quilombolas**. 19 jul. 2024. Disponível em: agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40704-censo-2022-brasil-possui-8-441-localidades-quilombolas-24-delas-no-maranhao. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

IBGE. **61,7% da população quilombola vive em áreas rurais**. 26 maio 2025. Disponível em: educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/22676-61-7-da-populacao-quilombola-vive-em-areas-rurais.html. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: Quilombolas - primeiros resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023a. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102016. Acesso em: 26 de janeiro 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: Quilombolas - primeiros resultados do universo: segunda apuração**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023b. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73104. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). **Rompimento da Barragem de Fundão: Documentos relacionados ao desastre da Samarco em Mariana (MG)**. Brasília: IBAMA, 2015.

Disponível em: www.gov.br/ibama/pt-br/centrais-de-conteudo/arquivos/arquivos-pdf/2016-05-relatorio-de-vistoria-pdf. Acesso em: 5 de fevereiro de 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO (IBRAM). **Panorama da Mineração no Brasil**. Disponível em: ibram.org.br/. Acesso em: 28 de janeiro de 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2004.

LEAL, Natacha Simeí; MIRANDA, Raíssa Barberino; NEGREIROS, Luiz Alex Guerra; CAFÉ, Fernanda. Criação, água e parentesco. Trajetórias e genealogias da família Negreiros no povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 1-16, 2023.

LÉVI-STRAUSS, C. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, Arnaldo de; FREIRE, Bernardo Curvelano; MARQUES, Cláudio Teófilo; SANTOS, Maria Rosalina dos; SANTOS, Osvaldina Rosalina dos. Conversar não é governar: trajetórias de lideranças comunitárias na construção e na condução da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, e2025006, 2025.

Disponível em:

www.scielo.br/j/mana/a/8ZdK6tD7KSZssphXRXfmK3h/?format=html&lang=pt.

Acesso em: 23 de agosto de 2025.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Em cada página, História do Piauí colonial e provincial. In: LIMA, Nilsângela Cardoso (org.). **Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020.

LIMA, Solimar Oliveira. Sertão Quilombola: comunidades negras rurais no Piauí. In: LIMA, S.O; Fiabani, A. **Sertão Quilombola: comunidades negras rurais no Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2015.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, Série Antropologia n. 322, 2002.

LOPES, Keila Cássia Santos Araújo; MONTEIRO, Gabriel Romagnose Fortunato de Freitas; LOPES, Paulo Rogério. Ecologia Política, Agroecologia e Comunidades Tradicionais.

SAPIENS - Revista de Divulgação Científica, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 4-8, 2023. Disponível em: revista.uemg.br/sps/article/view/7322. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. Tomo II (do século XIX aos nossos dias). Salvador: Edufba / São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

MACEDO, José Jaime Freitas. Território Quilombola Lagoas, lutas sociais e políticas públicas. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, 20., 2021, Belém. Anais [...]. Belém: Universidade Federal do Pará, 2021.

MALERBA, Julianna (Org.). **Diferentes formas de dizer não**: experiências de resistência, restrição e proibição ao extrativismo mineral. Rio de Janeiro: FASE, 2014. Disponível em: conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2015/03/DIFERENTES-FORMAS-DE-DIZER-NAO-WEB-2.pdf. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

MAPBIOMAS. **Cobertura de vegetação nativa nos Territórios Quilombolas (1985-2022)**. 18 dez. 2023. Disponível em: brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2023/12/FACT_MapBiomias_Quilombos_18.12.pdf. Acesso em: 25 de outubro de 2025.

MARQUES, Cláudio Teófilo. **Entrevista concedida a Hellen Cristina de Oliveira Alves**. [Transcrição e áudio]. Lagoas (PI), 14 maio 2025. 1 h 21 min. Arquivo sob guarda da autora.

MATOS, Simone Oliveira; MORAES, M.D.C. Territorialidade Quilombola em Lagoas (PI): memória dos “tempos do cativo” e questões de titulação. In: LIMA, S. O.; Fiabani, A. **Sertão Quilombola**: comunidades negras rurais no Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MDS. **Informe Cadastro Único n.º 49**. 14 ago. 2024. Disponível em: mds.gov.br/webarquivos/MDS/2_Acoes_e_Programas/Cadastro_Unico/Informes/2024/Informe_Cadastro_Unico_N_49.pdf. Acesso em: 26 de janeiro de 2025.

MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde**: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2014.

MIGNOLO, Walter D. **Epistemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom**. *Theory, Culture & Society*, v. 26, n. 7-8, p. 159-181, 2009.

MILANEZ, Bruno. Mineração, ambiente e sociedade: impactos complexos e desafios de governança. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental (IPEA)**, n. 16, jan./jun. 2017. Disponível em: www2.ufjf.br/poemas/wp-content/uploads/sites/513/2014/07/Milanez-2017-Minera%C3%A7%C3%A3o-ambiente-e-sociedade.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2025.

MILLER, Joseph C. The Imbangala and the Chronology of Early Central African History. **The Journal of African History**, v. 13, n. 4, p. 549-574, 1972.

MILLER, Joseph C. Requiem for the “Jaga”. **Cahiers d’Études Africaines**, v. 13, n. 49, p. 121-149, 1973.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MONTERO, Maritza. **Teoria e prática da psicologia comunitária: a construção de sentidos de comunidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MOURA, Clóvis. **Camponeses e quilombolas insurgentes: luta e resistência pela terra no Brasil**. Brasil: Editora Terra sem Amos, 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. São Paulo: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Carlos Alberto Sarmiento do. **Território identitário de Itaguaí - TIdI: desterritorialização, resistência e articulações de agricultores familiares e pescadores artesanais**. 2021. 342 f. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária) - Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

NASCIMENTO, Poliana de Sousa. Entre o “respirar” das máquinas e o respirar da vida: o discurso da essencialidade da mineração e o direito de viver em tempos de pandemia. **Wamon: Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM**, v. 5, n. 2, p. 225-234, 2020. Disponível em: periodicos.ufam.edu.br/index.php/wamon/article/download/8152/6331/. Acesso em: 26 jan. 2025.

NEVES XUKURU, Iran. **A ciência da mata Xukuru: primeiro caderno**. Pesqueira: Povo Xukuru do Ororubá, 2022.

NUNES, Diego. **Towards a history of the legal concept of quilombo in Brazil (18th-20th century)**. Ivs Fvgit, v. 24, 2021, p. 189-209.

OLIVEIRA, Darlin M. S. **“É o Rio Piauí, mas é rio seco”**: as variações do Rio Piauí nas comunidades Lagoa Dantas, Fechadão e Caldeirão, São Raimundo Nonato, Piauí. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território) — UFMG/UNIMONTES, Montes Claros, 2024.

OLIVEIRA, Emanuel J. A. A territorialidade do Quilombo Lagoas/PI como ato de contra-colonização (2007-2010). **Revista em Favor de Igualdade Racial**, Rio Branco, v. 8, n. 1, p. 73-87, jan.-mar. 2025.

ONOFRE, Camila da Cunha. **A ressignificação do bairro da Liberdade**. Trabalho de Graduação Integrado, USP, 2021.

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Convenção nº 169 sobre Povos Indígenas e Tribais**. Genebra, 1989. Disponível em: www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%C2%BA%20169.pdf. Acesso em: 09 de novembro de 2025.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Mental health and climate change: policy brief**. Geneva: WHO, 2021.

PACHECO, Tânia. **Desigualdade, injustiça ambiental e racismo**: uma luta que transcende a cor. 2007. (versão em português do texto depois publicado em Development in Practice, 2008). Disponível em: racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/desigualdade-injustica-ambiental-e-racismo-uma-luta-que-transcende-a-cor/. Acesso em: 21 ago. 2025.

PAIM, Jairnilson S.; ALMEIDA FILHO, Naomar. Saúde coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? **Revista de Saúde Pública**, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998.

PANTA, Mariana. População negra e o direito à cidade interfaces sobre raça e espaço urbano no Brasil. **Revista Acervo**, v. 33, n. 1, p. 79-100, 2019.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitario**. La Paz: CEDEC; Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2008.

PASSOS, Carlos J. S.; MERGLER, Donna. **Human mercury exposure and adverse health effects in the Amazon**: a review. **Cad. Saúde Pública**, 24 (suppl 4), 2008. Disponível em: www.scielo.br/j/csp/a/PHmFSx5wgmp5LCBJXdVBZ3G/?format=html&lang=en. Acesso em: 26 jan. 2025.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 5. ed. reimpressão. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PEREZ-MARIN, Aldrin Martin; MEDEIROS, Silvana Silva de; TINÔCO, Leonardo. Núcleos de desertificação no semiárido brasileiro. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 17, n. 34, p. 87-106, jan./jun. 2012. Disponível em: www.gov.br/insa/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes-do-insa/desertificacao/aldrin_6_nucleos-de-desertificacao-no-semiarido-brasileiro.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

PINTO FILHO, Jorge Luís de Oliveira. **Avaliação socioeconômica e ambiental da atividade petrolífera na região do Campo Canto do Amaro, RN, Brasil**. 2016. 259f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

PINTZ, William S. **Ok Tedi**: Evolution of a Third World Mining Project. London: Mining Journal Books, 1984.

PIZZINATO, Adolfo; GUIMARÃES, Danilo Silva; LEITE, Jäder Ferreira. Psicologia, povos e comunidades tradicionais e diversidade etnocultural [Editorial]. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília: Instituto de Psicologia, 2019. Universidade de São Paulo. Disponível em: www.scielo.br/j/pcp/a/bxPy7qSJvY6tgcShtFjys8d/?lang=pt. Acesso em: 22 ago. 2025.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens de nossa época. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

POVINELLI, Elizabeth A. **Geontologias**: um réquiem para o liberalismo tardio. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Geo-grafias: movimentos sociais, novas territorialidades e sustentabilidade**. México: Siglo Veintiuno Editores, 2001.

PORTO, Marcelo Firpo; PACHECO, Tania; LEROY, Jean Pierre. **Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, 306 p. ISBN 978-85-7541-576-4. Disponível em: books.scielo.org/id/468vp/pdf/porto-9788575415764.pdf. Acesso em: 26 jan. 2025.

PORTO, Marcelo Firpo; ROCHA, Diogo Ferreira da; PACHECO, Tania. Agrotóxicos, armas de uma guerra não declarada. In: CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; ANDRADE, Thiago Valentim Pinto (coords.). **Conflitos no Campo Brasil 2015**. Goiânia: Comissão Pastoral da Terra (CPT), 2016. p. 133-141.

PRADO, Guilherme Augusto Souza; CAETANO, Maria Verônica. Apontamentos sobre a noção de território no campo da saúde coletiva: determinação, identidades e territorialidades. **Saúde em Debate**, [S. l.], v. 48, n. especial 2 out, p. e8730, 2024. Disponível em: www.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/8730. Acesso em: 1 nov. 2025.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. Thousand Oaks: Sage, 2008.

RIMA. **Projeto de extração de beneficiamento de minério de ferro magnético**. Relatório de Impacto Ambiental - RIMA (2021). WR Consultoria e planejamento LTDA. Empreendedor SRN Mineração LTDA. Disponível em: antigo.semear.pi.gov.br/documents/323/SRN_RIMA__retific_ago_2021.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

SANTOS, Agni Hévea dos. A justiça ambiental e os novos direitos constitucionais: a função socioambiental dos territórios quilombolas do Parque Estadual da Pedra Branca. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 20, n. 3, p. 457-470, 2018. Disponível em: www.scielo.br/j/rbeur/a/XwtTDgL6WkMt57yLLDHjkKF/?lang=pt. Acesso em: 19 jun. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI; UnB; CNPq; MCTI, 2015.

SANTOS, Antonio José dos; SILVEIRA, Daniel Claudy da; OLIVEIRA, Tarcísio Dorn de; THESING, Nelson José. Potencialidades e desafios em comunidades de populações tradicionais ribeirinhas na Região Amazônica. **Revista Científica ANAP Brasil**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 41, 2024. Disponível em: publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/anap_brasil/article/view/4813. Acesso em: 26 jan. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAWAIA, Bader B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.

Disponível em: www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a10v21n3.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2025.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (CPRM). **Diagnóstico sobre subsidência do solo em Maceió-AL**. Brasília: CPRM, 2010. Disponível em: rigeo.sgb.gov.br/bitstream/doc/21212/1/respostas_finalizacao_braskem.pdf. Acesso em: 5 fev. 2025.

SILVA, Judson Jorge da. **Da condição de periferia na periferia do capital à incorporação na lógica das políticas hegemônicas para o território: análise das estratégias de atração de mega projetos de mineração para o Estado do Piauí**. 2023. 476 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SILVA, Mayara Grazielle Consentino Ferreira. **Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos**. URBE, 2019.

SHOATZ, Russell Maroon. **Maroon the Implacable: The Collected Writings of Russell Maroon Shoatz**. PM Press, 2017.

SONTER, Laura Jane; BARRETT, David J.; SOARES-FILHO, Britaldo S. Mining drives extensive deforestation in the Brazilian Amazon. **Nature Communications**, v. 8, art. 1013, 2017. Disponível em: www.nature.com/articles/s41467-017-00557-w. Acesso em: 15 set. 2025.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Tradução de Karla Reis. Revisão técnica de Nilda Jacks. Porto Alegre: Penso, 2011.

SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. Tradução de Ligia Azevedo. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

TAKANASHI, Sylvania Yukiko Lins. **Exposição ao mercúrio e desenvolvimento motor de crianças quilombolas na região do Baixo Amazonas**. 2014. 114 f. Tese (Doutorado em Doenças Tropicais) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Medicina Tropical, Belém, 2014. Disponível em: repositorio.ufpa.br/items/46532205-f983-40b0-99ba-4c1782b2e527. Acesso em: 26 jan. 2025.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TURNER, Victor. **The Ritual Process: Structure and Anti-Structure**. Chicago: Aldine, 1969.

TV NESTANTE. **Maior Quilombo do nordeste fica no Piauí e está ameaçado de desaparecer por causa da mineração**. YouTube, 15 maio 2023. [duração: 1h 31 min 07 s]. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=Y46Khw4rlik. Acesso em: 29 out. 2025.

UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA (UICN). **Os impactos do rompimento da Barragem de Fundão: O caminho para uma mitigação sustentável e resiliente.** Brasília: UICN, 2018. Disponível em: portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/2018-038-Pt.pdf. Acesso em: 5 fev. 2025.

UNITED CHURCH OF CHRIST. **Commission for Racial Justice.** Toxic wastes and race in the United States: a national report on the racial and socio-economic characteristics of communities with hazardous waste sites. New York: United Church of Christ, 1987.

VARGAS, Diego Vasconcellos; JAYO, Martin. Memória e toponímia paulistanas sobre a origem do nome Liberdade. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 20, n. 229.03, Vitruvius, ago. 2019.

WALSH, Catherine (org.). **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Tomo I. Quito: Abya-Yala, 2013.

ZHOURI, Andréa (org.). **Mineração: violências e resistências** [livro eletrônico]: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil. 1. ed. Marabá, PA: Editorial iGuana; ABA, 2018. Disponível em: br.boell.org/sites/default/files/ebook_mineracaoviolenciaresistencia1.pdf. Acesso em: 26 jan. 2025.

APÊNDICE A- Roteiro para Rodas de Conversa

1. Tema: Conflitos Socioambientais e seus Impactos

O objetivo dessa roda de conversa é explorar como os conflitos ambientais, especialmente os ligados à mineração, têm impactado a vida cotidiana e a organização da comunidade quilombola. A ideia é abrir espaço para que os participantes expressem suas percepções sobre as transformações no território e como isso afeta suas identidades e modos de vida.

Perguntas sugeridas:

- Quais mudanças você percebeu no território por causa da mineração ou outras atividades econômicas?
- De que forma esses conflitos têm afetado a relação da comunidade com o corpo-território?
- Quais são as principais preocupações e desafios enfrentados atualmente?

2. Tema: Saúde, Território e Bem-Estar

Nessa roda de conversa, o foco estará na relação entre a saúde física e mental da comunidade e as transformações no território. Busca-se compreender como o conceito de corpo-território ajuda a explicar os impactos causados pelos conflitos socioambientais.

Perguntas sugeridas:

- Como a degradação ambiental afeta a saúde das pessoas da comunidade?
- Existe algum impacto na saúde mental devido à perda de território ou às ameaças ao modo de vida quilombola?
- Que aspectos positivos da relação com o território contribuem para o bem conviver da comunidade?

3. Tema: Saberes e Práticas Tradicionais de Cuidado

Essa roda terá como objetivo identificar as formas de cuidado e proteção à saúde que já existem na comunidade. Pretende-se valorizar os saberes locais e entender como a comunidade lida com os desafios do processo saúde-doença-cuidado.

Perguntas sugeridas:

- Quais são as práticas de cuidado que vocês utilizam em momentos de dificuldade?
- Há rituais ou atividades coletivas que ajudam a manter a saúde da comunidade?
- Como os conhecimentos tradicionais contribuem para o enfrentamento dos conflitos socioambientais?

4. Tema: Racismo Ambiental

Aqui, o foco será refletir sobre como as práticas de exploração e degradação do território quilombola refletem dinâmicas históricas de exclusão social e racial. Também se busca dar voz às experiências de resistência frente às desigualdades estruturais.

Perguntas sugeridas:

- De que maneira a comunidade tem enfrentado as imposições externas sobre o território?
- Que aspectos históricos de exclusão ajudam a explicar a vulnerabilidade atual da comunidade?

5. Tema: Futuro e Potencialidades

Por fim, a última roda de conversa terá como foco identificar os sonhos, esperanças e projetos da comunidade para o futuro do território e da vida coletiva. Busca-se valorizar as potencialidades locais e mapear estratégias de fortalecimento comunitário.

Perguntas sugeridas:

- Como vocês imaginam o futuro do território Lagoas?
- Quais estratégias ou ações podem ser realizadas para proteger o território e promover a saúde da comunidade?
- Existe algo que vocês gostariam de compartilhar sobre as potencialidades da comunidade?

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista

- Nome
- Idade
- Local de moradia
- Tempo de residência no território
- Como você descreveria sua relação com a comunidade e o território?
- Quais impactos você observou no território e no cotidiano da comunidade devido à mineração?
- Que mudanças sociais e ambientais você considera mais preocupantes?
- Algum membro da comunidade apresentou problemas de saúde relacionados às mudanças no território?
- Que práticas vocês utilizam para lidar com o sofrimento físico ou emocional?
- O que o território representa para você e sua família?
- Como você sente que as mudanças no território afetam sua identidade e saúde?
- Como você avalia a atuação do governo ou de outras instituições na resolução desses conflitos?
- O que você acha que poderia ser feito para melhorar a situação da comunidade e promover saúde a todos?
- O que você gostaria de ver sendo implementado para fortalecer a comunidade?
- Existe algo que você gostaria de compartilhar ou que não foi perguntado?

APÊNDICE C - Estudos sobre mineração, saúde e comunidades tradicionais

Quadro 1 - Estudos sobre mineração, saúde e comunidades tradicionais

Título	Autores	Ano	Base de Dados
As mudanças nas relações do trabalho e dos modelos produtivos da garimpagem de ouro na região do Tapajós	Bandeira Junior, Carlos de Matos; Carvalho, Luciana Gonçalves de	2023	Periódicos CAPES
Entre o “respirar” das máquinas e o respirar da vida: O discurso da essencialidade da mineração e o direito de viver em tempos de pandemia	Nascimento, Poliana de Sousa	2020	Periódicos CAPES
Potencialidades e desafios em comunidades de populações tradicionais, ribeirinhas na Região Amazônica	Santos, Antonio José dos; Silveira, Daniel Claudy da; Oliveira, Tarcísio Dorn de; Thesing, Nelson José	2024	Periódicos CAPES
“Hiva nimphela ovirela elapo” ¹⁰	Chambe; Zacarias Milisse	2024	Periódicos CAPES
Edição temática: Impactos Socioecológicos de Grandes Projetos de Infraestrutura e Energia na Amazônia	Dória, Carolina Rodrigues da Costa; Moretto, Evandro; Bohlman; Stephanie A.	2024	Periódicos CAPES
Violence against indigenous children and adolescents in Venezuela ¹¹	Briceño-León, Roberto; Perdomo, Gloria	2019	Scielo
Diferentes formas de dizer não. Experiências internacionais de resistência, restrição e proibição ao extrativismo mineral	Malerba, Julianna	2014	BvS
Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o mapa de conflitos	Porto, Marcelo Firpo; Pacheco, Tania; Leroy, Jean Pierre	2013	BvS
Metodologia e Resultados do Mapa: uma síntese dos casos de injustiça ambiental e saúde no Brasil	Pacheco, Tania; Porto, Marcelo Firpo; Rocha, Diogo	2013	BvS
Exposição humana ao mercúrio e efeitos adversos à saúde na Amazônia: uma revisão	Passos, Carlos J. S; Mergler, Donna	2008	BvS
Physical fitness and economic opportunity in the Bechuanaland Protectorate in the 1930s and 1940s ³	Livingston, J.	2001	BvS
Governança Global Ambiental na Era Nuclear: avaliação do impacto da mineração de urânio em Caetité-BA	Ataíde, Ana Emília Magrinelli Lisboa	2018	BTDT
Território identitário de Itaguaí - TIdI: desterritorialização, resistência e articulações de agricultores familiares e pescadores artesanais	Nascimento, Carlos Alberto Sarmento do	2021	BTDT

¹⁰ Não tem relação com os descritores¹¹ Não foi possível localizar

Título	Autores	Ano	Base de Dados
Processo de modificação de modos de vida em um distrito rural da Serra do Espinhaço Meridional sob impacto de atividade minerária	Giraldo, Andrés Felipe Ramírez	2017	BTDT
Medicina popular e desenvolvimento regional: registros e reflexões a partir da Princesa do Trombetas ²	Castro, Nádile Juliane Costa de	2019	BTDT
Agricultura de montanha na comunidade do Bonfim: questões ambientais e regularização fundiária ¹²	Corrêa, André Luiz	2022	BTDT
Territórios extrativo-mineral na Bahia: violações de direitos e conflitos nos territórios terra-abrigo	Antonino, Lucas Zenha	2019	BTDT
Evaluación de Impactos Socioambientales en pequeñas comunidades bajo el enfoque de los Sistemas...	Clavijo Rojas, Diana Isabel	2021	BTDT
Exposição ao mercúrio e desenvolvimento motor de crianças quilombolas na região do Baixo Amazonas	Takanashi, Silvania Yukiko Lins	2014	BTDT
O tratamento jurídico da utilização do mercúrio na lavra de ouro artesanal e em pequena escala no Brasil a partir da Convenção de Minamata...	Andreazza, Laís	2024	BTDT
Avaliação socioeconômica e ambiental da atividade petrolífera na região do Campo Canto do Amaro, RN, Brasil	Pinto Filho, Jorge Luís de Oliveira	2016	BTDT
Cidade branca, Terreiros negros: territorialidades sociorreligiosas negras no município de Uberlândia/MG ²	Lima, Cristhian Dany de	2021	BTDT
A disputa pelo reconhecimento dos assentamentos ambientalmente diferenciados e as políticas públicas...	Almeida, Felipe Hermeto de	2021	BTDT
Dinâmica do desmatamento autorizado da Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro ²	Neves, Karine Machado das	2011	BTDT
Composição, estrutura e a ecologia histórica de um trecho de Floresta Estacional Decidual (FED) situada no Meio Oeste catarinense, Brasil ²	Freitas, Welington Kiffer de	2012	BTDT

Fonte: Autoria própria, 2025.

¹² Duplicado

APÊNDICE D - Relatório ATLAS.ti

Projeto: Dissertação Hellen Cristina - PPGPSI UFDPAr

Relatório criado por Hellen Alves em 27/08/2025

Relatório de Documentos – Agrupado por: Grupos de Códigos

Documentos selecionados (3)

Corpo-Território

3 Documentos:

2 Entrevista Cláudio

Documento PDF, 62 citações

0 Grupos

62 Citações:

2:1 p 1 in Entrevista Cláudio

Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, nunca mudei pra lugar nenhum. E nem pretendo

2:2 p 1 in Entrevista Cláudio

Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Manoel

Patavó, que era o. Conhecido como Manoel Patavó. Patavó porque ele era da raça de

tribo indígena pataxó.

2:3 p 10 in Entrevista Cláudio

Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já

veio primeiro. E alguém fez alguma coisa. E é isso que eu estou querendo deixar como

legado pra quem vem

2:4 p 24 in Entrevista Cláudio

O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para mim, E

quando comecei o território pra cá, tem representado o meu meio de vida

2:5 p 24 in Entrevista Cláudio

eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado, todo mundo contigo na mão. Pra ver

todo mundo da região dizer, eu não preciso mais comprar um palminho de terra pra

nada.

2:6 p 24 in Entrevista Cláudio

Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar uma terra pra deixar meus filhos ranchados. E trabalhou. Era a preocupação dele, era deixar a terra pros filhos.

2:7 p 25 in Entrevista Cláudio

A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante conhecimento hoje, é graças ao movimento do território.

2:8 p 30 in Entrevista Cláudio

Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortaleceu muito a comunidade. Fez com que o pessoal assanhasse naquele momento e reconhecesse muito o que era o É que não queria ser quilombola nessa hora que seja, né?

2:9 p 30 in Entrevista Cláudio

Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a comunidade. Tem feito com que as pessoas vejam que o quilombo tem uma luta, tem tido êxito na nossa luta.

2:10 p 10 in Entrevista Cláudio

Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio é toda hora. Mas, na verdade, o desafio que mais tem tirado o sono da gente é essa questão da mineração.

2:11 p 10 in Entrevista Cláudio

Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar com a gente, mas vem provocar muito a gente.

2:12 p 10 in Entrevista Cláudio

Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região como morador. Que foi enviada para a Fundação Palmares, que a Fundação Palmares é que tinha que dar essa declaração, é que tinha que dar esse reconhecimento. E aí a gente ficou aqui muito apreensivo com

Será que vai acontecer? Será que vai acontecer?

2:13 p 11 in Entrevista Cláudio

Até porque eu

sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando por alguma coisa, eu estou ficando naquela agonia.

2:14 p 11 in Entrevista Cláudio

Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comecei a falar nessa história do quilombola.

2:15 p 19 in Entrevista Cláudio

Aquele que tava no

encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá muito mal lá, muito mal mesmo. E aí

a gente precisou pedir uma ajuda, cobrar uma ajuda pro prefeito, porque as condições da gente são muito poucas.

2:16 p 21 in Entrevista Cláudio

Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na população. E quando a gente fala da mineração, a população toda se arrepia.

2:17 p 21 in Entrevista Cláudio

A população de lá dessa

comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra nós, são espelho pra nós. Porque a gente

vê lá tudo com dó de ver as pessoas, contando a situação e de ver a situação das pessoas

mesmo.

[00:42:55]As pessoas doentes, doentíssimas lá, quase sem jeito mais, por conta da mineração.

2:18 p 25 in Entrevista Cláudio

Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para

não dizer péssimo. Ruim demais. Primeiro porque, o governo, a gente não tem visto,

por parte dele, alguma preocupação com a mineração. A gente tem visto mais um incentivo do governo para a mineração.

2:19 p 25 in Entrevista Cláudio

Se o nosso

governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a gente, a gente dizia, está

ruim, mas estamos confiantes que pode dar certo. Mas, pelo que a gente vê, a gente está

sabendo que pode ser prejudicado por conta dele mesmo.

2:20 p 7 in Entrevista Cláudio

Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mais de olho em tudo que pode acontecer, que vem atingir a Fico tentando alertar as pessoas

da comunidade, porque pode vir, porque vai.

2:21 p 7 in Entrevista Cláudio

A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se reunindo em conversa pra saber o que tá acontecendo, que isso eu não faço nem só aqui na comunidade não. Isso eu faço no território todo, que

são 119 comunidades. Isso eu faço quase todos os dias.

2:22 p 7 in Entrevista Cláudio

a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando aconteceu uma necessidade.

2:23 p 8 in Entrevista Cláudio

Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coisas aparecem sempre pra mim. E aí quando isso aparece, eu faço essa distribuição na comunidade.

2:24 p 8 in Entrevista Cláudio

a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das terras do quilombo.

Ela não recebe projetos como esses projetos de. como é que se projetos sustentáveis que o pessoal faz de criação de bode, ela não faz.

2:25 p 8 in Entrevista Cláudio

Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu essa construção de cisterna.

2:26 p 9 in Entrevista Cláudio

o Nego Bispo, que são as

duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo pode até se dizer que é a liderança do Brasil,

era um mestre mesmo, de verdade.

2:27 p 9 in Entrevista Cláudio

fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional Estadual do Piauí. E daí começou tudo por aí.

2:28 p 14 in Entrevista Cláudio

Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade, antes dessa movimentação de associação de quilombos e isso daquilo, nós era, como dizia o ditado, era cada um por si e Deus por todos.

2:29 p 14 in Entrevista Cláudio

hoje a gente tá muito mais unido.
Muito mais junto.

2:30 p 15 in Entrevista Cláudio

Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da medicina tradicional. Que nós aqui nas comunidades ainda usamos muito a questão da medicina do. do remédio do mato, como nós costumamos chamar. A gente vai nos postos de saúde, vai nas farmácias, mas é só quando não tem jeito.

2:31 p 15 in Entrevista Cláudio

Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não

2:32 p 15 in Entrevista Cláudio

gente tem os nossos.
as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer coisa é farmácia. Isso a gente nunca perdeu. Então, acho que isso é o mais importante que nós temos até hoje, que nunca se perdeu isso.

2:33 p 15 in Entrevista Cláudio

sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma dificuldade, já o pai vai no mato e. E dá o chá. Vai no mato e dá um banho para quebrar,

dá um banho para não sei o que, aquela coisa toda. Aí os meninos renascem sabendo

disso.

2:34 p 17 in Entrevista Cláudio

Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto por a população. Porque em todo lugar cresceu muito a questão do evangélico. E os evangélicos, eles. batem muito nessa questão de rezador. Porque não chamam não é rezador, chamam mesmo é macumba.

2:35 p 17 in Entrevista Cláudio

you não pode fazer isso, you não pode acreditar nisso, you não pode não sei o que, you pode. Porque senão Deus não lhe quer, senão o seu repúblico. aí vira muito

aquela coisa. E os evangélicos, eles são muito. articulados.

2:36 p 17 in Entrevista Cláudio

E as pregações deles é aquela negação deles. É através do medo, né? É, fazendo Muitos é fazendo medo.

2:37 p 18 in Entrevista Cláudio

É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o Manoel mesmo que começou lá com o Seu Né, né? Aí depois ele. Esse que tá no nosso meio também, ele até faz parte da direção da Associação Territorial. Aí tem esse aí que

já tá num bom caminho. De repente pode ser que ele arrume pra formar mais alguém,

botar na cabeça das pessoas.

2:38 p 20 in Entrevista Cláudio

Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama?

Ele é um dos assessores do nosso povo, da nossa associação. Tem o Jaime que é um outro assessor da gente. Aquelas pessoas quando a gente tá no aperto, é as primeiras a

E aí tem as outras coisas que eles vão mandando de lá.

2:39 p 20 in Entrevista Cláudio

Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia

quando é indicado por eles, que a gente sabe que vem do lado deles. Então assim, as coisas boas que vem.

2:40 p 23 in Entrevista Cláudio

O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras, o que a gente faz mesmo mais é conversar uns com os outros para a gente tentar se unir mais, para a gente tentar fazer alguma coisa, para mostrar mesmo para o mundo que a gente está com medo dessa coisa.

2:41 p 23 in Entrevista Cláudio

A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque se eu ficar com medo guardado só para mim, só eu vou saber. eu tenho que caçar mesmo e expandir esse medo para o mundo inteiro. E quando eu tenho a oportunidade, as pessoas vêm me procurando para entrevista em jornal, essas coisas todas, eu faço questão de soltar isso, essa questão de medo mesmo, que é o que está prejudicando.

2:42 p 27 in Entrevista Cláudio

Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve nenhuma ação relacionada ao quilombo. Nada. Nada, nada, E depois que o Lula entrou, voltou, as novas ações, como questão de construção de cisterna no quilombo, e outras ações que a gente quis ver, era de certo fazer, e o governo Bolsonaro não fez.

2:43 pp 27 – 28 in Entrevista Cláudio

Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 2000, sei lá, e 16 parece, tinha ficado, no ano anterior do governo anterior, governo Dilma, uma projeção de trezentos cisternas para dentro do, para a região da Serra da Capivara, que não foi construída uma sequer. Nenhuma.

2:44 p 28 in Entrevista Cláudio

Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o que a gente tem feito até hoje. Que alguém fique com esse mesmo pensamento de pela população

2:45 p 30 in Entrevista Cláudio

o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mesmo dos governos. Se acontecesse, como a gente até já concluiu isso em algum

momento, umas reformas nessas casas e outras aí, isso ia fortalecer muito. Porque aí a

comunidade ia passar a acreditar mais na luta.

2:46 p 34 in Entrevista Cláudio

Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque

o meu nome está escrito lá como. Como é que é chamado? Mestre. Mestre é. Acho que

é mestre. Não sei mais como é que é, não.

[01:19:23]É um mestre sem ser mestre. É um professor sem ser.

2:47 p 21 in Entrevista Cláudio

Aí veio

também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos que eles já fizeram

2:48 p 21 in Entrevista Cláudio

Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela de fora

a fora Tirando tudo o que foi de árvore em redor. Deixando aquela mudança de terra

mais danada do mundo lá em cima. Que você passa lá, tá tudo brilhando, no sol tá tudo

brilhando. Aquele material brilhoso que foi tirado lá de dentro.

2:49 p 22 in Entrevista Cláudio

Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio mais nada. Não nasce mais nada? Não nasce mais nada. Porque eles tiraram

a terra, não vai tirando aqui e jogando aqui. Os que já tinham não saem dali de baixo mais. E na terra, a semente que tá ali não germina mais outra coisa. Lá tá mesmo, o

espaço lá tá descascado logo. E a terra embaixo, onde vai escorrendo aquilo lá, também

não nasceu mais nada. Tá tudo fraco, tudo queimado lá.

2:50 p 22 in Entrevista Cláudio

Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser

prejudicada com o passar do Porque esse material que estreia lá, deu um apoio, Mas não deu assim aquela coisa que vai ser todo dia.

2:51 p 22 in Entrevista Cláudio

Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo. Porque aquela poeira vai continuar a cair na folha, na florada, todo dia, sem E aí não vai ser

mais só poeira, vai ser a poeira, a fumaça das máquinas, fumaça das dinâmicas que vai

ser, estrondada das pedras e vai ser um monte de coisa.

2:52 p 30 in Entrevista Cláudio

É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a gente não acredita que pode acontecer, a gente nem vai atrás. Precisa acreditar que é possível, que é para poder continuar indo atrás. E isso a gente tem que ficar e correr atrás.

2:53 p 2 in Entrevista Cláudio

Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha

nada, era. Tinha que pagar tudo. E aí a gente não tinha as melhores condições. Mas aí

eu tenho uns dias de aula, uns poucos dias. E aí o resto foi o tempo que me ensinou

2:54 p 2 in Entrevista Cláudio

formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma liderança não precisa ter leitura, não. Precisa ter boa vontade e saber lidar com o povo.

2:55 p 5 in Entrevista Cláudio

A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumamos uma casa lá em São Raimundo, no bairro Cipó. Aí a gente viu que não dava certo, porque cidade sem emprego, sem nada; não, vamos pro interior. Aí a gente vai na cidade,

só por acaso

2:56 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí naquele tempo, tinha a Comunidade das Emas ali, e sempre que acontecia uma coisa errada, o povo dizia: foram os negros das Emas. Se tivesse uma

briga no jogo de futebol, eram os negros das Emas. Se tivesse qualquer coisa errada,

eram os negros das Emas.

2:57 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunidade só de negros, e eu falava, não sei, mas nas Emas todo mundo é negro. Até

porque eu também sou muito parente do pessoal das Emas.

2:58 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, que hoje é a nossa maior liderança do Piauí, ela até faz parte da coordenação nacional, ela é uma grande liderança, a Rosalina.

2:59 p 10 in Entrevista Cláudio

daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é porque alguém fez alguma coisa por mim. Porque nenhum de nós está aqui só.

2:60 p 11 in Entrevista Cláudio

ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia, e eu também entendo o pensamento dele, porque ele achava que o quilombo era só aqueles pontos que aconteceu como foi lá no Palmares, de onde o escravo saiu da fazenda e foi se esconder lá. [00:21:22]Só que na realidade a gente passa a entender que o quilombo é onde existe pessoas, descendentes de escravos.

2:61 p 11 in Entrevista Cláudio

O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, porque ele não sabia ler muito não, mas sabia falar daquele tanto, só aquele mesmo, não tem outro não.

2:62 p 12 in Entrevista Cláudio

A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se organiza por meio de uma outra associação. Porque aí nós temos associação de pequenos produtores. Aí é a organização dessa comunidade. E de outras por aí também. Quase toda comunidade tem uma associação que organiza o seu povo, o seu grupo de essa que nós temos, a Territorial, ela abrange todo mundo.

20 Códigos:

● CT - Ancestralidade

11 Citações:

2:2 p 1, Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Man... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:6 p 24, Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar

um... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 4:38 pp 43 – 44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa

● CT - Identidade

11 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:57 p 9, Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunid... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa

● CT - Relação com o Território

16 Citações:

2:1 p 1, Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, n... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:4 p 24, O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para... in Entrevista Cláudio / 2:5 p 24, eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:55 p 5, A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumam... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● CT - Saberes tradicionais

8 Citações:

2:30 p 15, Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da... in Entrevista Cláudio / 2:31 p 15, Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já

vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Espiritualidade

1 Citações:

2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a

gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4 – 5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31 – 32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Perspectivas de futuro

13 Citações:

2:44 p 28, Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o... in Entrevista Cláudio / 2:45 p 30, o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mes... in Entrevista Cláudio / 2:52 p 30, É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 4:15 p 7, Então, esse momento de conversa aqui serve não só para agora, mas par... in Roda de conversa / 4:35 p 43, Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em n... in Roda de conversa / 4:36 p 43, Se eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou se... in Roda de conversa / 4:37 p 43, A gente tem que sempre acreditar na gente in Roda de conversa / 4:38 pp 43 – 44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa / 4:46 p 47, Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã. in Roda de conversa / 4:47 p 47, ela continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é u... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 4:49 p 47, O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos. Nada... in Roda de conversa

● SEP - Ansiedade

4 Citações:

2:13 p 11, Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:34 p 33, Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocu... in Roda de conversa

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu começ... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está

sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente, que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Intolerância religiosa

2 Citações:

2:35 p 17, você não pode fazer isso, você não pode acreditar nisso, você não pode... in Entrevista Cláudio / 2:36 p 17, E as pregações deles é aquela negação deles. É através do medo, né? É,... in Entrevista Cláudio

● SEP - Negligência institucional

6 Citações:

2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais, demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo

2 Citações:

2:56 p 9, Aí naquele tempo, tinha a Comunidade das Emas ali, e sempre que acon... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Sentimento de abandono

14 Citações:

2:15 p 19, Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:11 p 5, Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esse... in Roda de conversa / 4:12 p 6, porque a gente, andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada... in Roda de conversa / 4:13 p 6, A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa / 4:53 p 9, a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar. in Roda de conversa

● SEP - Vulnerabilidade econômica

7 Citações:

2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 4:1 p 47, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição de paga... in Roda de conversa / 4:14 pp 6–7, Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta... in Roda de conversa / 4:19 p 17, Acho que o ganho é só se for. aquele mandado, aquele assalariado que e... in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa

● TA - Degradação ambiental

15 Citações:

2:47 p 21, Ai veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:7 p 3, aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:8 p 4, poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminan... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:9 p 4, Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3 – 4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Indicação de áreas afetadas

10 Citações:

2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:47 p 21, Ai veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3 – 4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

4 Roda de conversa

Documento PDF, 54 citações

0 Grupos

54 Citações:

4:1 p 47 in Roda de conversa

a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem

condição de pagar um dentista, não tem condição. Quando fala de dinheiro, é só o básico

mesmo, pra alimentação, pra nada.

4:2 p 47 in Roda de conversa

Aí eu citei essa palavra aqui, ela

continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é uma terra boa, dá para

semear muita coisa aqui, tem uma colheita boa aqui, mas você tem que ser persistente.

4:3 p 9 in Roda de conversa

A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo que organiza. Se a gente organizar, tem. Se a gente não organizar, não tem. Não tem um filme para as crianças assistirem. aprenderem alguma coisa ou se divertirem um pouquinho, né? Não tem um show.

4:4 p 4 in Roda de conversa

nenhum de nós podemos ser
ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do outro, né?

4:5 pp 4 – 5 in Roda de conversa

Mas acho que o que mais A comunidade precisa de
diálogo mesmo. Esse diálogo que você está trazendo aí, esse encontro que você está trazendo, eu vejo assim na comunidade como uma porta de abertura para muitas coisas.

Porque, como você citou, a união.

4:6 p 5 in Roda de conversa

Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali junto. E a comunidade tem que ser isso.

4:7 p 5 in Roda de conversa

Mas eu acho que todos precisam um dos
outros. Não tem comunidade individual. Cada um pensar só em si próprio. Eu acho que
cada um tem que pensar em um todo para que seja uma comunidade que venha criar um futuro. Como a pergunta fala aqui, o futuro é a gente que cria. Criar de que forma?

É através desses encontros, como você hoje se veio até aqui, para que houvesse esse encontro aqui de pessoas.

4:8 p 5 in Roda de conversa

A
comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia, né? Ela precisa,
é todo o tempo

4:9 p 5 in Roda de conversa

Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela pessoa, mas pra toda comunidade.

4:10 p 5 in Roda de conversa

Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar?

4:11 p 5 in Roda de conversa

Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esses quatro anos que você estava fazendo o que aqui no mundo?

4:12 p 6 in Roda de conversa

porque a gente, andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada um

4:13 p 6 in Roda de conversa

A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né?

4:14 pp 6 – 7 in Roda de conversa

Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta, dando algo que ele está precisando naquela hora, que seja um, vamos supor, um pedaço de bolo. Estou com vontade de comer bolo e hoje não quero fazer, eu não tenho dinheiro para comprar material. Toma esse pedaço de bolo. Ela vai saciar a vontade naquele momento, mas ela vai continuar vazia de outras coisas que são mais importantes na vida dela.

4:15 p 7 in Roda de conversa

Então, esse momento de conversa aqui serve não só para agora, mas para a vida toda. E cada vez que você voltar aqui, você vai semeando essa semente, que é de grande importância para que a comunidade possa viver melhor. Ter mais união e, na hora da necessidade, saber como chegar não só, como eu já citei, não só levar algo que ela está precisando nesse momento, mas algo que ela possa levar para a vida toda

4:16 p 12 in Roda de conversa

estou

travada, não conseguindo viver.

4:17 p 14 in Roda de conversa

Eu, para mim, a

minha vida, fico muito grata por isso. Porque as coisas que eu gosto, eu sempre gostei

de trabalhar e querer as coisas que eu quero. E sempre fui atrás. em grandes coisas, mas

de pequenas coisas, que consiga o nome de Jesus. E sou feliz que gosto de brincar também, gosto de vir, gosto de conversar.

4:18 p 17 in Roda de conversa

Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não vai

ligar mesmo. Olha, o melhor do meu trabalho todo dia é no meu escritório. Estou lá.

Estou o grande dia lá

4:19 p 17 in Roda de conversa

Acho que o ganho é só se for.

aquele mandado, aquele assalariado que está ali, está recebido

4:20 p 17 in Roda de conversa

Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou trabalhando, andando por aí. É por meio desse trabalho maluco que hoje nós temos esses movimentos. Tem vocês aqui, tem mais pessoas que já vêm e que vão vir. Porque

a gente trabalha com tudo. Porque as pessoas não enxergam que eu não trabalho. Porque

se eu estivesse trabalhando, recebendo 3 mil, todo mundo vai ver que eu faço. Então, a

gente recebe até meu conhecimento. Mas se o meu trabalho não recebe nada, as pessoas não trabalham. É como se fosse um trabalho que não tem importância.

4:21 p 18 in Roda de conversa

Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele vai se dividir em todos nós. Todos nós é um pouco disso. É como se eu estivesse trabalhando nessa grande medida com todo mundo. Porque eu estou dividindo meu tempo com todo mundo. Não é só uma pessoa, não é só duas pessoas. Nós temos mais ou menos 10 ou

12 mil pessoas dentro de nós.

4:22 p 18 in Roda de conversa

Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito

4:23 p 21 in Roda de conversa

Porque eu sei que a mineração
 traria muito dinheiro para o Estado. O Estado Piauí é um dos Estados mais pobres
 que
 a gente tem no Brasil. E aí a gente descobre que aqui tem um monte de ferro. Ah,
 então
 vamos atrás desse ferro. Vai trazer dinheiro? Vai trazer dinheiro. Mas pra quem é
 que
 vai esse dinheiro?

4:24 p 22 in Roda de conversa

se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que você
 já conhece. Há muito tempo eu e a família. Mas se tivesse mais gente, a gente ia ter
 coragem de deixar o menino. Ia estar todo mundo preocupado.

4:25 p 24 in Roda de conversa

Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça
 parece que é desse tamanho.

4:26 p 26 in Roda de conversa

Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz

4:27 p 26 in Roda de conversa

Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do
 mundo. Não é com meus filhos não, meus filhos são bons. Mas e o mundo em volta
 deles?

4:28 p 28 in Roda de conversa

Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo

4:29 p 29 in Roda de conversa

Nós temos a maior liderança da comunidade

4:30 p 29 in Roda de conversa

Sempre alugiei quando chega
 alguém de fora aqui, que eu tenho uma certeza absoluta, que é mais do que um
 professor

4:31 p 30 in Roda de conversa

o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas que
 vieram é graças a ele

4:32 p 31 in Roda de conversa

Mas não é

por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quando eu não estou cuidando

das coisas da comunidade, eu tenho que ter o tempo para mim, para as minhas coisas

4:33 pp 31 – 32 in Roda de conversa

E esse momento,

o momento do enterro, é principalmente isso, da gente estar ali e ver as outras pessoas,

poder dar um abraço em quem está sofrendo, poder às vezes dizer um abraço. Uma palavra, ou só mostrar, só mostrar que está ali do lado

4:34 p 33 in Roda de conversa

Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocupada é a dor de cabeça que eu sento. É a agressividade dele.

4:35 p 43 in Roda de conversa

Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em nós mesmos.

4:36 p 43 in Roda de conversa

Se

eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou seguir

4:37 p 43 in Roda de conversa

A gente tem que

sempre acreditar na gente

4:38 pp 43 – 44 in Roda de conversa

Porque aí a mãe olhava e dizia, ô

menino teimoso. Mas a teimosia faz ele insistir nas coisas que as pessoas estão dizendo

pra ele que ele não vai conseguir fazer.

4:39 p 44 in Roda de conversa

E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convocação

com jovens, com adolescentes, para tirar alguma coisa deles e passar algo para eles.

4:40 p 45 in Roda de conversa

E hoje o mundo está tão, assim, diferente. que os jovens e adolescentes, eles
querem ver o mundinho deles do jeito deles. Quando os pais e a mãe falam algo,
ah,
mas isso aí é besteira, ah, mas isso aí é coisa do tempo, isso aí é coisa do passado,
não
existe mais.

4:41 pp 45 – 46 in Roda de conversa

Eu que vim lá uns anos
atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temos esse sentido da educação, de saber
que
nós precisamos respeitar uns aos outros, né? Mas esse povo de hoje, eles vivem
num
mundo assim, parece que, não sei, mil são, né? Eles vivem ali de óculos escuros e
não
querem ver nada, né? Tudo que os pais falam, eles acham que é besteira, que não é
necessário aquilo para viver bem. E é necessário sim

4:42 p 46 in Roda de conversa

Ele só diz que é
besteira, não serve de nada.

4:43 p 46 in Roda de conversa

Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente que
mora lá no lugar. Não tem lugar de diversão

4:44 p 47 in Roda de conversa

E como que vai crescer essa criança? Para você, o
futuro dela? Sendo que ela tem que estar naquele ambiente vendo só aquilo, né? O
que
ela vai extrair do forno dali? Nada, nada. Vai ser uma cabeça vazia, cheia de vento,
sem
nada que preste perspectiva para o amanhã, para o futuro.

4:45 p 47 in Roda de conversa

Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem
condição de pagar um dentista, não tem condição. Quando fala de dinheiro, é só o
básico
mesmo, pra alimentação, pra nada

4:46 p 47 in Roda de conversa

Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã.

4:47 p 47 in Roda de conversa

ela

continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é uma terra boa, dá para

semeiar muita coisa aqui, tem uma colheita boa aqui, mas você tem que ser persistente.

4:48 p 47 in Roda de conversa

A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar e tentar incentivar os seus jogos

4:49 p 47 in Roda de conversa

O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos.

Nada vai acabar aqui. Não, a vida continua

4:50 p 48 in Roda de conversa

Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe

4:51 p 2 in Roda de conversa

o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o que isso tem a ver? É que tem grandes indústrias que estão usando

4:52 p 13 in Roda de conversa

a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu não consegue não.

Não, isso aí não vai dar certo não.

4:53 p 9 in Roda de conversa

a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar.

4:54 p 18 in Roda de conversa

A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aquilo que vale dinheiro é o que vale. A gente nem lembra das coisas que não valem dinheiro, tanto que elas são valiosas.

12 Códigos:**● CT - Ancestralidade****11 Citações:**

2:2 p 1, Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Man... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:6 p 24, Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar um... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 4:38 pp 43 – 44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa

● CT - Identidade

11 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:57 p 9, Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunid... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é

uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Perspectivas de futuro

13 Citações:

2:44 p 28, Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o... in Entrevista Cláudio / 2:45 p 30, o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mes... in Entrevista Cláudio / 2:52 p 30, É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 4:15 p 7, Então, esse momento de conversa aqui serve não só para agora, mas par... in Roda de conversa / 4:35 p 43, Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em n... in Roda de conversa / 4:36 p 43, Se eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou se... in Roda de conversa / 4:37 p 43, A gente tem que sempre acreditar na gente in Roda de conversa / 4:38 pp 43–44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa / 4:46 p 47, Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã. in Roda de conversa / 4:47 p 47, ela continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é u... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 4:49 p 47, O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos. Nada... in Roda de conversa

● SEP - Ansiedade

4 Citações:

2:13 p 11, Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:34 p 33, Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocu... in Roda de conversa

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comecei... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente, que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente

procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Sentimento de abandono

14 Citações:

2:15 p 19, Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:11 p 5, Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esse... in Roda de conversa / 4:12 p 6, porque a gente, andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada... in Roda de conversa / 4:13 p 6, A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa / 4:53 p 9, a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar. in Roda de conversa

● SEP - Vulnerabilidade econômica

7 Citações:

2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 4:1 p 47, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição de paga... in Roda de conversa / 4:14 pp 6–7, Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta... in Roda de conversa / 4:19 p 17, Acho que o ganho é só se for. aquele mandado, aquele assalariado que e... in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa

5 Live Mineração no Quilombo Lagoas

Documento PDF, 18 citações

0 Grupos

18 Citações:

5:1 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequenos animais né como 6:55 suíno é caprinos e ovinos

5:2 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dentro do 7:06 território Quilombo Lagoas e é isso gente esse hoje é o nosso sentimento 7:14 de descuido de descaso né Principalmente o poder público aqui nós produzimos 7:19 nossos próprios alimentos se vier acontecer de fato essa mineração se ela 7:26 continuar vendo o território isso é praticamente nosso fim é muito triste

5:3 p 6 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que somos contra a mineração na área do 26:38 quilombolas uma das regiões mais ricas de floradas do território Serra da capivara

5:4 p 7 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida

5:5 p 1 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vista do direito 0:34 humano do direito territorial do direito cultural é o que tá acontecendo com o 0:42 quilombo Lagoas

5:6 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muitos prejudicados né porque todos nós sabemos que 6:18 uma uma mineração né durante uma mineração são muitos o impacto ambiental 6:26 é muito grande além do desmatamento tem a poluição né das águas do solo da 6:34 atmosfera através dos produtos químicos e dos rejeitos

5:7 p 3 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você já viu 11:33 como é a abertura de um poço aqui nessa área do embasamento cristalino o tempo 11:41 vários quilômetros em volta recebe a poeira do do do maquinário

5:8 p 4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminante a questão é saber o que é que a poeira vai contaminar porque poeira é contágio né a 13:57 poeira é sedimentação aérea é microparticulação né Ou seja é eliminação de grãos minúsculas não há 14:03 que vão contaminar alguma coisa ou alguém e a gente não sabe se quer isso não há nenhuma informação sobre o 14:10 tamanho do grão que eles vão eliminar

5:9 p 4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto para 14:16 os brônquios do pulmão existe uma granolação média que é aquilo que os pelinhos do nariz conseguem filtrar para 14:22 Além disso Vai para os brônquios

5:10 p 8 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí esteja fazendo tanto esforço para que haja um 31:15 empreendimento de extração de minério de ferro no território Lagoas e por 10 anos 31:21 tem ignorado totalmente a

existência da associação de produtores e produtores agrocológicos 31:28 que é modelo é um órgão certificador agroecológico Ele é modelo de plantio 31:34 agroecológico no semiárido é um é uma associação que cansa de ganhar prêmio tem algumas alguns dos lavradores os 31:43 cultivadores mais brilhantes que a caatinga já viu

5:11 p 16 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudência que o nuway aí no rima do licenciamento da empresa o território 1:10:31 quilombola ele tem sido omitido não foi esquecimento e não foi imperícia foi 1:10:36 má-fé foi

5:12 p 1 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço de resistência Mas também como um espaço para explicar para a população 3:23 que porventura ainda não entendeu a gravidade do problema explicar Quanto é 3:30 grave a chegada da mineração para aquelas comunidades

5:13 p 7 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio ambiente 26:56 e a nossa apicultura no território será da capivara

5:14 p 3 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco existente como é o 12:19 caso de da Galvani com a extração da Galvani de fosfato dos dias em que a 12:25 gente já tem constatado problemas gravíssimos e a mesma coisa em gilbuêsc não é extração a seco mas com outros 12:30 impactos socioambientais que desapareceram da conversa

5:15 pp 3–4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29

na Caatinga na direção do vento né por mais de um quilômetro e meio você vai encontrar a caatinga imprópria para 13:36 alimentação de animais e obviamente imprópria para apicultura

5:16 p 17 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo que estão em áreas que vão ser afetadas pelo pelo projeto da 1:12:48 mineradora

5:17 p 8 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é os pontos de mineração a diferença de distância é muito pouca e 34:32 quem vive 10 km ou 20 Km não tem como a gente se 34:38 justificar e dizer não vai nos atingir Vai sim

5:18 p 6 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o que as pessoas poderia participar as pessoas poderem 23:44 ter acesso essas informações mas a gente sabe que as informações não tão acessíveis

12 Códigos:

● CT - Relação com o Território

16 Citações:

2:1 p 1, Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, n... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:4 p 24, O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para... in Entrevista Cláudio / 2:5 p 24, eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:55 p 5, A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumam... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● CT - Saberes tradicionais

8 Citações:

2:30 p 15, Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da... in Entrevista Cláudio / 2:31 p 15, Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Ai quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento,o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comec... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo

Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente, que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Negação de direitos

4 Citações:

5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Negligência institucional

6 Citações:

2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in

Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Degradação ambiental

15 Citações:

2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:7 p 3, aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:8 p 4, poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminan... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:9 p 4, Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Indicação de áreas afetadas

10 Citações:

2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Práticas de cuidado e resistência

3 Documentos:

2 Entrevista Cláudio

Documento PDF, 62 citações

0 Grupos

62 Citações:

2:1 p 1 in Entrevista Cláudio

Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, nunca mudei pra lugar nenhum. E nem pretendo

2:2 p 1 in Entrevista Cláudio

Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Manoel Patavó, que era o. Conhecido como Manoel Patavó. Patavó porque ele era da raça de tribo indígena pataxó.

2:3 p 10 in Entrevista Cláudio

Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já veio primeiro. E alguém fez alguma coisa. E é isso que eu estou querendo deixar como legado pra quem vem

2:4 p 24 in Entrevista Cláudio

O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para mim, E quando comecei o território pra cá, tem representado o meu meio de vida

2:5 p 24 in Entrevista Cláudio

eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado, todo mundo contigo na mão. Pra ver todo mundo da região dizer, eu não preciso mais comprar um palminho de terra pra nada.

2:6 p 24 in Entrevista Cláudio

Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar uma terra pra deixar meus filhos ranchados. E trabalhou. Era a preocupação

dele, era deixar a terra pros filhos.

2:7 p 25 in Entrevista Cláudio

A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante conhecimento hoje, é graças ao movimento do território.

2:8 p 30 in Entrevista Cláudio

Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortaleceu muito a comunidade. Fez com que o pessoal assanhasse naquele momento e reconhecesse muito o que era o É que não queria ser quilombola nessa hora que seja, né?

2:9 p 30 in Entrevista Cláudio

Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a comunidade. Tem feito com que as pessoas vejam que o quilombo tem uma luta, tem tido êxito na nossa luta.

2:10 p 10 in Entrevista Cláudio

Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio é toda hora. Mas, na verdade, o desafio que mais tem tirado o sono da gente é essa questão da mineração.

2:11 p 10 in Entrevista Cláudio

Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar com a gente, mas vem provocar muito a gente.

2:12 p 10 in Entrevista Cláudio

Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região como morador. Que foi enviada para a Fundação Palmares, que a Fundação Palmares é que tinha que dar essa declaração, é que tinha que dar esse reconhecimento. E aí a gente ficou aqui muito apreensivo com Será que vai acontecer? Será que vai acontecer?

2:13 p 11 in Entrevista Cláudio

Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando por alguma coisa, eu estou ficando naquela agonia.

2:14 p 11 in Entrevista Cláudio

Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comecei a falar nessa história do quilombola.

2:15 p 19 in Entrevista Cláudio

Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá muito mal lá, muito mal mesmo. E aí a gente precisou pedir uma ajuda, cobrar uma ajuda pro prefeito, porque as condições da gente são muito poucas.

2:16 p 21 in Entrevista Cláudio

Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na população. E quando a gente fala da mineração, a população toda se arrepia.

2:17 p 21 in Entrevista Cláudio

A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra nós, são espelho pra nós. Porque a gente vê lá tudo com dó de ver as pessoas, contando a situação e de ver a situação das pessoas mesmo.
[00:42:55]As pessoas doentes, doentíssimas lá, quase sem jeito mais, por conta da mineração.

2:18 p 25 in Entrevista Cláudio

Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para não dizer péssimo. Ruim demais. Primeiro porque, o governo, a gente não tem visto, por parte dele, alguma preocupação com a mineração. A gente tem visto mais um incentivo do governo para a mineração.

2:19 p 25 in Entrevista Cláudio

Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a gente, a gente dizia, está ruim, mas estamos confiantes que pode dar certo. Mas, pelo que a gente vê, a gente está sabendo que pode ser prejudicado por conta dele mesmo.

2:20 p 7 in Entrevista Cláudio

Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mais de olho em tudo que pode acontecer, que vem atingir a Fico tentando alertar as pessoas da comunidade, porque pode vir, porque vai.

2:21 p 7 in Entrevista Cláudio

A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se reunindo em conversa pra saber o que tá acontecendo, que isso eu não faço nem só aqui na comunidade não. Isso eu faço no território todo, que são 119 comunidades. Isso eu faço quase todos os dias.

2:22 p 7 in Entrevista Cláudio

a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando aconteceu uma necessidade.

2:23 p 8 in Entrevista Cláudio

Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coisas aparecem sempre pra mim. E aí quando isso aparece, eu faço essa distribuição na comunidade.

2:24 p 8 in Entrevista Cláudio

a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das terras do quilombo. Ela não recebe projetos como esses projetos de. como é que se projetos sustentáveis que o pessoal faz de criação de bode, ela não faz.

2:25 p 8 in Entrevista Cláudio

Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu essa construção de cisterna.

2:26 p 9 in Entrevista Cláudio

o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo pode até se dizer que é a liderança do Brasil, era um mestre mesmo, de verdade.

2:27 p 9 in Entrevista Cláudio

fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação

Nacional Estadual do Piauí. E daí começou tudo por aí.

2:28 p 14 in Entrevista Cláudio

Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade, antes dessa movimentação de associação de quilombos e isso daquilo, nós era, como

dizia o ditado, era cada um por si e Deus por todos.

2:29 p 14 in Entrevista Cláudio

hoje a gente tá muito mais unido.

Muito mais junto.

2:30 p 15 in Entrevista Cláudio

Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da medicina tradicional. Que nós aqui nas comunidades ainda usamos muito a questão da

medicina do. do remédio do mato, como nós costumamos chamar. A gente vai nos postos de saúde, vai nas farmácias, mas é só quando não tem jeito.

2:31 p 15 in Entrevista Cláudio

Não é por qualquer

dor de barriga que se vai na farmácia, não

2:32 p 15 in Entrevista Cláudio

gente tem os nossos.

as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer coisa é farmácia. Isso a gente nunca

perdeu. Então, acho que isso é o mais importante que nós temos até hoje, que nunca se

perdeu isso.

2:33 p 15 in Entrevista Cláudio

sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma dificuldade, já o pai vai no mato e. E dá o chá. Vai no mato e dá um banho para quebrar,

dá um banho para não sei o que, aquela coisa toda. Aí os meninos renascem sabendo

disso.

2:34 p 17 in Entrevista Cláudio

Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto por a população. Porque em todo lugar cresceu muito a questão do evangélico. E os evangélicos, eles. batem muito nessa questão de rezador. Porque não chamam não é rezador, chamam mesmo é macumba.

2:35 p 17 in Entrevista Cláudio

você não pode fazer isso, você não pode acreditar nisso, você não pode não sei o quê, você pode. Porque senão Deus não lhe quer, senão o seu repúblico. aí vira muito

aquela coisa. E os evangélicos, eles são muito. articulados.

2:36 p 17 in Entrevista Cláudio

E as pregações deles é aquela negação deles. É através do medo, né? É, fazendo Muitos é fazendo medo.

2:37 p 18 in Entrevista Cláudio

É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o Manoel mesmo que começou lá com o Seu Né, né? Aí depois ele. Esse que tá no nosso meio também, ele até faz parte da direção da Associação Territorial. Aí tem esse aí que

já tá num bom caminho. De repente pode ser que ele arrume pra formar mais alguém,

botar na cabeça das pessoas.

2:38 p 20 in Entrevista Cláudio

Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama?

Ele é um dos assessores do nosso povo, da nossa associação. Tem o Jaime que é um outro assessor da gente. Aquelas pessoas quando a gente tá no aperto, é as primeiras a

E aí tem as outras coisas que eles vão mandando de lá.

2:39 p 20 in Entrevista Cláudio

Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia

quando é indicado por eles, que a gente sabe que vem do lado deles. Então assim, as coisas boas que vem.

2:40 p 23 in Entrevista Cláudio

O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras, o

que a gente faz mesmo mais é conversar uns com os para a gente tentar se unir mais,

para a gente tentar fazer alguma coisa, para mostrar mesmo para o mundo que a gente

está com medo dessa coisa.

2:41 p 23 in Entrevista Cláudio

A gente procura mandar esse medo para as autoridades

mesmo, porque se eu ficar com medo guardado só para mim, só eu vou saber. eu tenho

que caçar mesmo e expandir esse medo para o mundo inteiro. E quando eu tenho a oportunidade, as pessoas vêm me procurando para entrevista em jornal, essas coisas todas, eu faço questão de soltar isso, essa questão de medo mesmo, que é o que está prejudicando.

2:42 p 27 in Entrevista Cláudio

Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não

teve nenhuma ação relacionada ao quilombo. Nada. Nada, nada, E depois que o Lula

entrou, voltou, as novas ações, como questão de construção de cisterna no quilombo, e

outras ações que a gente quis ver, era de certo fazer, e o governo Bolsonaro não fez.

2:43 pp 27 – 28 in Entrevista Cláudio

Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em

2000, sei lá, e 16 parece, tinha ficado, no ano anterior do governo anterior, governo

Dilma, uma projeção de trezentos cisternas para dentro do, para a região da Serra da Capivara, que não foi construída uma sequer. Nenhuma.

2:44 p 28 in Entrevista Cláudio

Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o que

a gente tem feito até hoje. Que alguém fique com esse mesmo pensamento de pela população

2:45 p 30 in Entrevista Cláudio

o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por

parte mesmo dos governos. Se acontecesse, como a gente até já concluiu isso em algum

momento, umas reformas nessas casas e outras aí, isso ia fortalecer muito. Porque aí a

comunidade ia passar a acreditar mais na luta.

2:46 p 34 in Entrevista Cláudio

Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque
 o meu nome está escrito lá como. Como é que é chamado? Mestre. Mestre é. Acho
 que
 é mestre. Não sei mais como é que é, não.
 [01:19:23]É um mestre sem ser mestre. É um professor sem ser.

2:47 p 21 in Entrevista Cláudio

Aí veio
 também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos que eles já fizeram

2:48 p 21 in Entrevista Cláudio

Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela de fora
 a fora Tirando tudo o que foi de árvore em redor. Deixando aquela mudança de
 terra
 mais danada do mundo lá em cima. Que você passa lá, tá tudo brilhando, no sol tá
 tudo
 brilhando. Aquele material brilhoso que foi tirado lá de dentro.

2:49 p 22 in Entrevista Cláudio

Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio mais nada. Não
 nasce mais nada? Não nasce mais nada. Porque eles tiraram
 a terra, não vai tirando aqui e jogando aqui. Os que já tinham não saem dali de
 baixo mais. E na terra, a semente que tá ali não germina mais outra coisa. Lá tá
 mesmo, o
 espaço lá tá descascado logo. E a terra embaixo, onde vai escorrendo aquilo lá,
 também
 não nasceu mais nada. Tá tudo fraco, tudo queimado lá.

2:50 p 22 in Entrevista Cláudio

Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser
 prejudicada com o passar do Porque esse material que estreia lá, deu um apoio, Mas
 não deu assim aquela coisa que vai ser todo dia.

2:51 p 22 in Entrevista Cláudio

Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo. Porque aquela
 poeira vai continuar a cair na folha, na florada, todo dia, sem E aí não vai ser
 mais só poeira, vai ser a poeira, a fumaça das máquinas, fumaça das dinâmicas que
 vai
 ser, estrondada das pedras e vai ser um monte de coisa.

2:52 p 30 in Entrevista Cláudio

É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a gente não acredita que pode acontecer, a gente nem vai atrás. Precisa acreditar que é possível, que é para poder continuar indo atrás. E isso a gente tem que ficar e correr atrás.

2:53 p 2 in Entrevista Cláudio

Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada, era. Tinha que pagar tudo. E aí a gente não tinha as melhores condições. Mas aí eu tenho uns dias de aula, uns poucos dias. E aí o resto foi o tempo que me ensinou

2:54 p 2 in Entrevista Cláudio

formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma liderança não precisa ter leitura, não. Precisa ter boa vontade e saber lidar com o povo.

2:55 p 5 in Entrevista Cláudio

A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumamos uma casa lá em São Raimundo, no bairro Cipó. Aí a gente viu que não dava certo, porque cidade sem emprego, sem nada; não, vamos pro interior. Aí a gente vai na cidade, só por acaso

2:56 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí naquele tempo, tinha a Comunidade das Emas ali, e sempre que acontecia uma coisa errada, o povo dizia: foram os negros das Emas. Se tivesse uma briga no jogo de futebol, eram os negros das Emas. Se tivesse qualquer coisa errada, eram os negros das Emas.

2:57 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunidade só de negros, e eu falava, não sei, mas nas Emas todo mundo é negro. Até porque eu também sou muito parente do pessoal das Emas.

2:58 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, que hoje é a nossa maior liderança do Piauí, ela até faz parte da coordenação nacional, ela

é uma grande liderança, a Rosalina.

2:59 p 10 in Entrevista Cláudio

daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui

hoje é porque alguém fez alguma coisa por mim. Porque nenhum de nós está aqui só.

2:60 p 11 in Entrevista Cláudio

ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve.

Só que ele entendia, e eu também entendo o pensamento dele, porque ele achava que o

quilombo era só aqueles pontos que aconteceu como foi lá no Palmares, de onde o escravo saiu da fazenda e foi se esconder lá.

[00:21:22]Só que na realidade a gente passa a entender que o quilombo é onde existe

pessoas, descendentes de escravos.

2:61 p 11 in Entrevista Cláudio

O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive

na minha vida, porque ele não sabia ler muito não, mas sabia falar daquele tanto, só aquele mesmo, não tem outro não.

2:62 p 12 in Entrevista Cláudio

A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se organiza por meio de uma outra associação. Porque aí nós temos associação de

pequenos produtores. Aí é a organização dessa comunidade. E de outras por aí também.

Quase toda comunidade tem uma associação que organiza o seu povo, o seu grupo de

essa que nós temos, a Territorial, ela abrange todo mundo.

20 Códigos:

● CT - Ancestralidade

11 Citações:

2:2 p 1, Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Man... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:6 p 24, Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar um... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter

alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 4:38 pp 43 – 44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa

● CT - Identidade

11 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:57 p 9, Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa

● CT - Relação com o Território

16 Citações:

2:1 p 1, Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, n... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:4 p 24, O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para... in Entrevista Cláudio / 2:5 p 24, eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:55 p 5, A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumam... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● CT - Saberes tradicionais

8 Citações:

2:30 p 15, Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da... in Entrevista Cláudio / 2:31 p 15, Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Espiritualidade

1 Citações:

2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio /

2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Perspectivas de futuro

13 Citações:

2:44 p 28, Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o... in Entrevista Cláudio / 2:45 p 30, o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mes... in Entrevista Cláudio / 2:52 p 30, É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 4:15 p 7, Então, esse momento de conversa aqui serve não só para agora, mas par... in Roda de conversa / 4:35 p 43, Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em n... in Roda de conversa / 4:36 p 43, Se eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou se... in Roda de conversa / 4:37 p 43, A gente tem que sempre acreditar na gente in Roda de conversa / 4:38 pp 43–44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa / 4:46 p 47, Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã. in Roda de conversa / 4:47 p 47, ela continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é u... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 4:49 p 47, O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos. Nada... in Roda de conversa

● SEP - Ansiedade

4 Citações:

2:13 p 11, Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:34 p 33, Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocu... in Roda de conversa

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comec... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu

citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente, que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Intolerância religiosa

2 Citações:

2:35 p 17, você não pode fazer isso, você não pode acreditar nisso, você não pode... in Entrevista Cláudio / 2:36 p 17, E as pregações deles é aquela negação deles. É através do medo, né? É,... in Entrevista Cláudio

● SEP - Negligência institucional

6 Citações:

2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais, demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo

2 Citações:

2:56 p 9, Ai naquele tempo, tinha a Comunidade das Emas ali, e sempre que acon... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais, demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Sentimento de abandono

14 Citações:

2:15 p 19, Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais, demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:11 p 5, Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esse... in Roda de conversa / 4:12 p 6, porque a gente, andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada... in Roda de conversa / 4:13 p 6, A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa / 4:53 p 9, a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar. in Roda de conversa

● SEP - Vulnerabilidade econômica

7 Citações:

2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 4:1 p 47, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição de paga... in Roda de conversa / 4:14 pp 6–7, Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta... in Roda de conversa / 4:19 p 17, Acho que o ganho é só se for. aquele mandado, aquele assalariado que e... in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa

● TA - Degradação ambiental

15 Citações:

2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser

prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:7 p 3, aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:8 p 4, poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminan... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:9 p 4, Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Indicação de áreas afetadas

10 Citações:

2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

4 Roda de conversa

Documento PDF, 54 citações

0 Grupos

54 Citações:

4:1 p 47 in Roda de conversa

a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem

condição de pagar um dentista, não tem condição. Quando fala de dinheiro, é só o básico

mesmo, pra alimentação, pra nada.

4:2 p 47 in Roda de conversa

Aí eu citei essa palavra aqui, ela

continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é uma terra boa, dá para

semear muita coisa aqui, tem uma colheita boa aqui, mas você tem que ser persistente.

4:3 p 9 in Roda de conversa

A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo que organiza. Se a gente organizar, tem. Se a gente não organizar, não tem. Não tem um filme para as crianças assistirem. aprenderem alguma coisa ou se divertirem um pouquinho, né? Não tem um show.

4:4 p 4 in Roda de conversa

nenhum de nós podemos ser
ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do outro, né?

4:5 pp 4 – 5 in Roda de conversa

Mas acho que o que mais A comunidade precisa de
diálogo mesmo. Esse diálogo que você está trazendo aí, esse encontro que você está trazendo, eu vejo assim na comunidade como uma porta de abertura para muitas coisas.

Porque, como você citou, a união.

4:6 p 5 in Roda de conversa

Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali junto. E a comunidade tem que ser isso.

4:7 p 5 in Roda de conversa

Mas eu acho que todos precisam um dos
outros. Não tem comunidade individual. Cada um pensar só em si próprio. Eu acho que
cada um tem que pensar em um todo para que seja uma comunidade que venha criar um futuro. Como a pergunta fala aqui, o futuro é a gente que cria. Criar de que forma?
É através desses encontros, como você hoje se veio até aqui, para que houvesse esse encontro aqui de pessoas.

4:8 p 5 in Roda de conversa

A
comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia, né? Ela precisa,
é todo o tempo

4:9 p 5 in Roda de conversa

Mas aí quando vem a doença, aí é uma
preocupação, não só pra aquela pessoa, mas pra toda comunidade.

4:10 p 5 in Roda de conversa

Porque cada um olha
dentro de si e pensa, como eu posso ajudar?

4:11 p 5 in Roda de conversa

Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esses quatro anos que você estava fazendo o que aqui no mundo?

4:12 p 6 in Roda de conversa

porque a gente,
andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada um

4:13 p 6 in Roda de conversa

A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né?

4:14 pp 6 – 7 in Roda de conversa

Porque ajudar a comunidade
não é só eu sair batendo de porta em porta, dando algo que ele está precisando naquela
hora, que seja um, vamos supor, um pedaço de bolo. Estou com vontade de comer bolo
e hoje não quero fazer, eu não tenho dinheiro para comprar material. Toma esse pedaço
de bolo. Ela vai saciar a vontade naquele momento, mas ela vai continuar vazia de outras coisas que são mais importantes na vida dela.

4:15 p 7 in Roda de conversa

Então, esse momento de conversa
aqui serve não só para agora, mas para a vida toda. E cada vez que você voltar aqui, você vai semeando essa semente, que é de grande importância para que a comunidade
possa viver melhor. Ter mais união e, na hora da necessidade, saber como chegar não
só, como eu já citei, não só levar algo que ela está precisando nesse momento, mas algo que ela possa levar para a vida toda

4:16 p 12 in Roda de conversa

estou
travada, não conseguindo viver.

4:17 p 14 in Roda de conversa

Eu, para mim, a

minha vida, fico muito grata por isso. Porque as coisas que eu gosto, eu sempre gostei

de trabalhar e querer as coisas que eu quero. E sempre fui atrás. em grandes coisas, mas

de pequenas coisas, que consiga o nome de Jesus. E sou feliz que gosto de brincar também, gosto de vir, gosto de conversar.

4:18 p 17 in Roda de conversa

Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não vai

ligar mesmo. Olha, o melhor do meu trabalho todo dia é no meu escritório. Estou lá.

Estou o grande dia lá

4:19 p 17 in Roda de conversa

Acho que o ganho é só se for.

aquele mandado, aquele assalariado que está ali, está recebido

4:20 p 17 in Roda de conversa

Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou trabalhando, andando por aí. É por meio desse trabalho maluco que hoje nós temos esses movimentos. Tem vocês aqui, tem mais pessoas que já vêm e que vão vir. Porque

a gente trabalha com tudo. Porque as pessoas não enxergam que eu não trabalho. Porque

se eu estivesse trabalhando, recebendo 3 mil, todo mundo vai ver que eu faço. Então, a

gente recebe até meu conhecimento. Mas se o meu trabalho não recebe nada, as pessoas não trabalham. É como se fosse um trabalho que não tem importância.

4:21 p 18 in Roda de conversa

Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele vai se dividir em todos nós. Todos nós é um pouco isso. É como se eu estivesse trabalhando nessa grande medida com todo mundo. Porque eu estou dividindo meu tempo com todo mundo. Não é só uma pessoa, não é só duas pessoas. Nós temos mais ou menos 10 ou

12 mil pessoas dentro de nós.

4:22 p 18 in Roda de conversa

Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito

4:23 p 21 in Roda de conversa

Porque eu sei que a mineração

traria muito dinheiro para o Estado. O Estado Piauí é um dos Estados mais pobres que

a gente tem no Brasil. E aí a gente descobre que aqui tem um monte de ferro. Ah, então

vamos atrás desse ferro. Vai trazer dinheiro? Vai trazer dinheiro. Mas pra quem é que

vai esse dinheiro?

4:24 p 22 in Roda de conversa

se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que você já conhece. Há muito tempo eu e a família. Mas se tivesse mais gente, a gente ia ter coragem de deixar o menino. Ia estar todo mundo preocupado.

4:25 p 24 in Roda de conversa

Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parece que é desse tamanho.

4:26 p 26 in Roda de conversa

Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz

4:27 p 26 in Roda de conversa

Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com meus filhos não, meus filhos são bons. Mas e o mundo em volta deles?

4:28 p 28 in Roda de conversa

Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo

4:29 p 29 in Roda de conversa

Nós temos a maior liderança da comunidade

4:30 p 29 in Roda de conversa

Sempre alugiei quando chega

alguém de fora aqui, que eu tenho uma certeza absoluta, que é mais do que um professor

4:31 p 30 in Roda de conversa

o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas que vieram é graças a ele

4:32 p 31 in Roda de conversa

Mas não é

por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quando eu não estou cuidando

das coisas da comunidade, eu tenho que ter o tempo para mim, para as minhas coisas

4:33 pp 31 – 32 in Roda de conversa

E esse momento,

o momento do enterro, é principalmente isso, da gente estar ali e ver as outras pessoas,

poder dar um abraço em quem está sofrendo, poder às vezes dizer um abraço. Uma palavra, ou só mostrar, só mostrar que está ali do lado

4:34 p 33 in Roda de conversa

Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocupada é a dor de cabeça que eu sento. É a agressividade dele.

4:35 p 43 in Roda de conversa

Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em nós mesmos.

4:36 p 43 in Roda de conversa

Se

eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou seguir

4:37 p 43 in Roda de conversa

A gente tem que

sempre acreditar na gente

4:38 pp 43 – 44 in Roda de conversa

Porque aí a mãe olhava e dizia, ô

menino teimoso. Mas a teimosia faz ele insistir nas coisas que as pessoas estão dizendo

pra ele que ele não vai conseguir fazer.

4:39 p 44 in Roda de conversa

E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convocação

com jovens, com adolescentes, para tirar alguma coisa deles e passar algo para eles.

4:40 p 45 in Roda de conversa

E hoje o mundo está tão, assim, diferente. que os jovens e adolescentes, eles

querem ver o mundinho deles do jeito deles. Quando os pais e a mãe falam algo, ah,

mas isso aí é besteira, ah, mas isso aí é coisa do tempo, isso aí é coisa do passado, não

existe mais.

4:41 pp 45 – 46 in Roda de conversa

Eu que vim lá uns anos

atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temos esse sentido da educação, de saber que

nós precisamos respeitar uns aos outros, né? Mas esse povo de hoje, eles vivem num

mundo assim, parece que, não sei, mil são, né? Eles vivem ali de óculos escuros e não

querem ver nada, né? Tudo que os pais falam, eles acham que é besteira, que não é necessário aquilo para viver bem. E é necessário sim

4:42 p 46 in Roda de conversa

Ele só diz que é

besteira, não serve de nada.

4:43 p 46 in Roda de conversa

Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente que mora lá no lugar. Não tem lugar de diversão

4:44 p 47 in Roda de conversa

E como que vai crescer essa criança? Para você, o

futuro dela? Sendo que ela tem que estar naquele ambiente vendo só aquilo, né? O que

ela vai extrair do forno dali? Nada, nada. Vai ser uma cabeça vazia, cheia de vento, sem

nada que preste perspectiva para o amanhã, para o futuro.

4:45 p 47 in Roda de conversa

Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem

condição de pagar um dentista, não tem condição. Quando fala de dinheiro, é só o básico

mesmo, pra alimentação, pra nada

4:46 p 47 in Roda de conversa

Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã.

4:47 p 47 in Roda de conversa

ela

continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é uma terra boa, dá para

semear muita coisa aqui, tem uma colheita boa aqui, mas você tem que ser persistente.

4:48 p 47 in Roda de conversa

A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar e tentar incentivar os seus jogos

4:49 p 47 in Roda de conversa

O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos.

Nada vai acabar aqui. Não, a vida continua

4:50 p 48 in Roda de conversa

Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe

4:51 p 2 in Roda de conversa

o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o que isso tem a ver? É que tem grandes indústrias que estão usando

4:52 p 13 in Roda de conversa

a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu não consegue não.

Não, isso aí não vai dar certo não.

4:53 p 9 in Roda de conversa

a primeira coisa que a gente enxerga na

comunidade é o bar.

4:54 p 18 in Roda de conversa

A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aquilo que vale dinheiro é o que vale. A gente nem lembra das coisas que não valem dinheiro, tanto que elas são valiosas.

12 Códigos:

● CT - Ancestralidade

11 Citações:

2:2 p 1, Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Man... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in

Entrevista Cláudio / 2:6 p 24, Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar um... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 4:38 pp 43–44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa

● CT - Identidade

11 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:57 p 9, Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunid... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no

Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Perspectivas de futuro

13 Citações:

2:44 p 28, Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o... in Entrevista Cláudio / 2:45 p 30, o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mes... in Entrevista Cláudio / 2:52 p 30, É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 4:15 p 7, Então, esse momento de conversa aqui serve não só para agora, mas par... in Roda de conversa / 4:35 p 43, Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em n... in Roda de conversa / 4:36 p 43, Se eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou se... in Roda de conversa / 4:37 p 43, A gente tem que sempre acreditar na gente in Roda de conversa / 4:38 pp 43–44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa / 4:46 p 47, Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã. in Roda de conversa / 4:47 p 47, ela continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é u... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 4:49 p 47, O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos. Nada... in Roda de conversa

● SEP - Ansiedade

4 Citações:

2:13 p 11, Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:34 p 33, Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocu... in Roda de conversa

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu começ... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente. que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in

Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Sentimento de abandono

14 Citações:

2:15 p 19, Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:11 p 5, Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esse... in Roda de conversa / 4:12 p 6, porque a gente, andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada... in Roda de conversa / 4:13 p 6, A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa / 4:53 p 9, a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar. in Roda de conversa

● SEP - Vulnerabilidade econômica

7 Citações:

2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 4:1 p 47, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição de paga... in Roda de conversa / 4:14 pp 6–7, Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta... in Roda de conversa / 4:19 p 17, Acho que o ganho é só se for. aquele mandado, aquele assalariado que e... in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa

5 Live Mineração no Quilombo Lagoas

Documento PDF, 18 citações

0 Grupos

18 Citações:

5:1 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequenos animais né como 6:55 suíno é caprinos e ovinos

5:2 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dentro do 7:06 território Quilombo Lagoas e é isso gente esse hoje é o nosso sentimento 7:14 de descuido de descaso né Principalmente o poder público aqui nós produzimos 7:19

nossos próprios alimentos se vier acontecer de fato essa mineração se ela 7:26 continuar vendo o território isso é praticamente nosso fim é muito triste

5:3 p 6 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que somos contra a mineração na área do 26:38 quilombolas uma das regiões mais ricas de floradas do território Serra da capivara

5:4 p 7 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida

5:5 p 1 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vista do direito 0:34 humano do direito territorial do direito cultural é o que tá acontecendo com o 0:42 quilombo Lagoas

5:6 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muitos prejudicados né porque todos nós sabemos que 6:18 uma uma mineração né durante uma mineração são muitos o impacto ambiental 6:26 é muito grande além do desmatamento tem a poluição né das águas do solo da 6:34 atmosfera através dos produtos químicos e dos rejeitos

5:7 p 3 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você já viu 11:33 como é a abertura de um poço aqui nessa área do embasamento cristalino o tempo 11:41 vários quilômetros em volta recebe a poeira do do do maquinário

5:8 p 4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminante a questão é saber o que é que a poeira vai contaminar porque poeira é contágio né a 13:57 poeira é sedimentação aérea é micropartícula né Ou seja é eliminação de grãos minúsculas não há 14:03 que vão contaminar alguma coisa ou alguém e a gente não sabe se quer isso não há nenhuma informação sobre o 14:10 tamanho do grão que eles vão eliminar

5:9 p 4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto para 14:16 os brônquios do pulmão existe uma granulação média que é aquilo que os pelinhos do nariz conseguem filtrar para 14:22 Além disso Vai para os brônquios

5:10 p 8 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí esteja fazendo tanto esforço para que haja um 31:15 empreendimento de extração de minério de ferro no território Lagoas e por 10 anos 31:21 tem ignorado totalmente a existência da associação de produtores e produtores agrocológicos 31:28 que é modelo é um órgão certificador agroecológico Ele é modelo de plantio 31:34 agroecológico no semiárido é um é uma associação que cansa de ganhar prêmio

tem algumas alguns dos lavradores os 31:43 cultivadores mais brilhantes que a caatinga já viu

5:11 p 16 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudência que o nuway aí no rima do licenciamento da empresa o território 1:10:31 quilombola ele tem sido omitido não foi esquecimento e não foi imperícia foi 1:10:36 má-fé foi

5:12 p 1 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço de resistência Mas também como um espaço para explicar para a população 3:23 que porventura ainda não entendeu a gravidade do problema explicar Quanto é 3:30 grave a chegada da mineração para aquelas comunidades

5:13 p 7 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio ambiente 26:56 e a nossa apicultura no território será da capivara

5:14 p 3 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco existente como é o 12:19 caso de da Galvani com a extração da Galvani de fosfato dos dias em que a 12:25 gente já tem constatado problemas gravíssimos e a mesma coisa em gilbuêsc não é extração a seco mas com outros 12:30 impactos socioambientais que desapareceram da conversa

5:15 pp 3–4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29

na Caatinga na direção do vento né por mais de um quilômetro e meio você vai encontrar a caatinga imprópria para 13:36 alimentação de animais e obviamente imprópria para apicultura

5:16 p 17 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo que estão em áreas que vão ser afetadas pelo pelo projeto da 1:12:48 mineradora

5:17 p 8 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é os pontos de mineração a diferença de distância é muito pouca e 34:32 quem vive 10 km ou 20 Km não tem como a gente se 34:38 justificar e dizer não vai nos atingir Vai sim

5:18 p 6 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o que as pessoas poderia participar as pessoas poderem 23:44 ter acesso essas informações mas a gente sabe que as informações não tão acessíveis

12 Códigos:

● CT - Relação com o Território

16 Citações:

2:1 p 1, Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, n... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:4 p 24, O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para... in Entrevista Cláudio / 2:5 p 24, eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:55 p 5, A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumam... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● CT - Saberes tradicionais

8 Citações:

2:30 p 15, Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da, da... in Entrevista Cláudio / 2:31 p 15, Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade de conversação / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Ai quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mal... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comec... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu

citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente, que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Negação de direitos

4 Citações:

5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Negligência institucional

6 Citações:

2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas

ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Degradação ambiental

15 Citações:

2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:7 p 3, aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:8 p 4, poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminan... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:9 p 4, Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Indicação de áreas afetadas

10 Citações:

2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

3 Documentos:

2 Entrevista Cláudio

Documento PDF, 62 citações

0 Grupos

62 Citações:

2:1 p 1 in Entrevista Cláudio

Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, nunca mudei pra lugar nenhum. E nem pretendo

2:2 p 1 in Entrevista Cláudio

Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Manoel Patavó, que era o. Conhecido como Manoel Patavó. Patavó porque ele era da raça de tribo indígena pataxó.

2:3 p 10 in Entrevista Cláudio

Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já veio primeiro. E alguém fez alguma coisa. E é isso que eu estou querendo deixar como legado pra quem vem

2:4 p 24 in Entrevista Cláudio

O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para mim, E quando comecei o território pra cá, tem representado o meu meio de vida

2:5 p 24 in Entrevista Cláudio

eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado, todo mundo contigo na mão. Pra ver todo mundo da região dizer, eu não preciso mais comprar um palminho de terra pra nada.

2:6 p 24 in Entrevista Cláudio

Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar uma terra pra deixar meus filhos ranchados. E trabalhou. Era a preocupação dele, era deixar a terra pros filhos.

2:7 p 25 in Entrevista Cláudio

A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho

bastante conhecimento hoje, é graças ao movimento do território.

2:8 p 30 in Entrevista Cláudio

Já teve aquele momento que eu falei da

questão da vacina que fortaleceu muito a comunidade. Fez com que o pessoal assanhasse naquele momento e reconhecesse muito o que era o É que não queria ser quilombola nessa hora que seja, né?

2:9 p 30 in Entrevista Cláudio

Essa outra coisa também da questão das

cotas tem fortalecido muito a comunidade. Tem feito com que as pessoas vejam que o

quilombo tem uma luta, tem tido êxito na nossa luta.

2:10 p 10 in Entrevista Cláudio

Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio é

toda hora. Mas, na verdade, o desafio que mais tem tirado o sono da gente é essa questão

da mineração.

2:11 p 10 in Entrevista Cláudio

Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar

com a gente, mas vem provocar muito a gente.

2:12 p 10 in Entrevista Cláudio

Isso foi em 2007. Que a

gente fez uma carta, se assumir na região como morador. Que foi enviada para a

Fundação Palmares, que a Fundação Palmares é que tinha que dar essa declaração, é

que tinha que dar esse reconhecimento. E aí a gente ficou aqui muito apreensivo com

Será que vai acontecer? Será que vai acontecer?

2:13 p 11 in Entrevista Cláudio

Até porque eu

sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando por alguma coisa, eu estou ficando naquela agonia.

2:14 p 11 in Entrevista Cláudio

Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comecei a falar nessa história do quilombola.

2:15 p 19 in Entrevista Cláudio

Aquele que tava no

encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá muito mal lá, muito mal mesmo. E aí

a gente precisou pedir uma ajuda, cobrar uma ajuda pro prefeito, porque as condições da gente são muito poucas.

2:16 p 21 in Entrevista Cláudio

Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na população. E quando a gente fala da mineração, a população toda se arrepia.

2:17 p 21 in Entrevista Cláudio

A população de lá dessa

comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra nós, são espelho pra nós. Porque a gente

vê lá tudo com dó de ver as pessoas, contando a situação e de ver a situação das pessoas

mesmo.

[00:42:55]As pessoas doentes, doentíssimas lá, quase sem jeito mais, por conta da mineração.

2:18 p 25 in Entrevista Cláudio

Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para

não dizer péssimo. Ruim demais. Primeiro porque, o governo, a gente não tem visto,

por parte dele, alguma preocupação com a mineração. A gente tem visto mais um incentivo do governo para a mineração.

2:19 p 25 in Entrevista Cláudio

Se o nosso

governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a gente, a gente dizia, está

ruim, mas estamos confiantes que pode dar certo. Mas, pelo que a gente vê, a gente está

sabendo que pode ser prejudicado por conta dele mesmo.

2:20 p 7 in Entrevista Cláudio

Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mais

de olho em tudo que pode acontecer, que vem atingir a Fico tentando alertar as pessoas

da comunidade, porque pode vir, porque vai.

2:21 p 7 in Entrevista Cláudio

A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se reunindo em conversa pra saber o que tá acontecendo, que isso eu não faço nem só aqui na comunidade não. Isso eu faço no território todo, que são 119 comunidades. Isso eu faço quase todos os dias.

2:22 p 7 in Entrevista Cláudio

a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando aconteceu uma necessidade.

2:23 p 8 in Entrevista Cláudio

Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coisas aparecem sempre pra mim. E aí quando isso aparece, eu faço essa distribuição na comunidade.

2:24 p 8 in Entrevista Cláudio

a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das terras do quilombo.
Ela não recebe projetos como esses projetos de. como é que se projetos sustentáveis que o pessoal faz de criação de bode, ela não faz.

2:25 p 8 in Entrevista Cláudio

Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu essa construção de cisterna.

2:26 p 9 in Entrevista Cláudio

o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo pode até se dizer que é a liderança do Brasil, era um mestre mesmo, de verdade.

2:27 p 9 in Entrevista Cláudio

fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional Estadual do Piauí. E daí começou tudo por aí.

2:28 p 14 in Entrevista Cláudio

Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade,

antes dessa movimentação de associação de quilombos e isso daquilo, nós era, como

dizia o ditado, era cada um por si e Deus por todos.

2:29 p 14 in Entrevista Cláudio

hoje a gente tá muito mais unido.

Muito mais junto.

2:30 p 15 in Entrevista Cláudio

Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da medicina tradicional. Que nós aqui nas comunidades ainda usamos muito a questão da medicina do. do remédio do mato, como nós costumamos chamar. A gente vai nos postos de saúde, vai nas farmácias, mas é só quando não tem jeito.

2:31 p 15 in Entrevista Cláudio

Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não

2:32 p 15 in Entrevista Cláudio

gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer coisa é farmácia. Isso a gente nunca perdeu. Então, acho que isso é o mais importante que nós temos até hoje, que nunca se perdeu isso.

2:33 p 15 in Entrevista Cláudio

ssos pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma dificuldade, já o pai vai no mato e. E dá o chá. Vai no mato e dá um banho para quebrar, dá um banho para não sei o que, aquela coisa toda. Aí os meninos renascem sabendo disso.

2:34 p 17 in Entrevista Cláudio

Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto por a população. Porque em todo lugar cresceu muito a questão do evangélico. E os evangélicos, eles. batem muito nessa questão de rezador. Porque não chamam não é rezador, chamam mesmo é macumba.

2:35 p 17 in Entrevista Cláudio

você não pode fazer isso, você não pode acreditar nisso, você não pode não sei o quê, você pode. Porque senão Deus não lhe quer, senão o seu repúblico. aí vira muito

aquela coisa. E os evangélicos, eles são muito. articulados.

2:36 p 17 in Entrevista Cláudio

E as pregações deles é aquela negação deles. É através do medo, né? É, fazendo Muitos é fazendo medo.

2:37 p 18 in Entrevista Cláudio

É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o Manoel mesmo que começou lá com o Seu Né, né? Aí depois ele. Esse que tá no nosso meio também, ele até faz parte da direção da Associação Territorial. Aí tem esse aí que

já tá num bom caminho. De repente pode ser que ele arrume pra formar mais alguém,

botar na cabeça das pessoas.

2:38 p 20 in Entrevista Cláudio

Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama?

Ele é um dos assessores do nosso povo, da nossa associação. Tem o Jaime que é um outro assessor da gente. Aquelas pessoas quando a gente tá no aperto, é as primeiras a

E aí tem as outras coisas que eles vão mandando de lá.

2:39 p 20 in Entrevista Cláudio

Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia

quando é indicado por eles, que a gente sabe que vem do lado deles. Então assim, as coisas boas que vem.

2:40 p 23 in Entrevista Cláudio

O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras, o

que a gente faz mesmo mais é conversar uns com os para a gente tentar se unir mais,

para a gente tentar fazer alguma coisa, para mostrar mesmo para o mundo que a gente

está com medo dessa coisa.

2:41 p 23 in Entrevista Cláudio

A gente procura mandar esse medo para as autoridades

mesmo, porque se eu ficar com medo guardado só para mim, só eu vou saber. eu tenho

que caçar mesmo e expandir esse medo para o mundo inteiro. E quando eu tenho a oportunidade, as pessoas vêm me procurando para entrevista em jornal, essas coisas todas, eu faço questão de soltar isso, essa questão de medo mesmo, que é o que está prejudicando.

2:42 p 27 in Entrevista Cláudio

Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve nenhuma ação relacionada ao quilombo. Nada. Nada, nada, E depois que o Lula entrou, voltou, as novas ações, como questão de construção de cisterna no quilombo, e outras ações que a gente quis ver, era de certo fazer, e o governo Bolsonaro não fez.

2:43 pp 27 – 28 in Entrevista Cláudio

Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 2000, sei lá, e 16 parece, tinha ficado, no ano anterior do governo anterior, governo Dilma, uma projeção de trezentos cisternas para dentro do, para a região da Serra da Capivara, que não foi construída uma sequer. Nenhuma.

2:44 p 28 in Entrevista Cláudio

Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o que a gente tem feito até hoje. Que alguém fique com esse mesmo pensamento de pela população

2:45 p 30 in Entrevista Cláudio

o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mesmo dos governos. Se acontecesse, como a gente até já concluiu isso em algum momento, umas reformas nessas casas e outras aí, isso ia fortalecer muito. Porque aí a comunidade ia passar a acreditar mais na luta.

2:46 p 34 in Entrevista Cláudio

Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito lá como. Como é que é chamado? Mestre. Mestre é. Acho que é mestre. Não sei mais como é que é, não.

[01:19:23]É um mestre sem ser mestre. É um professor sem ser.

2:47 p 21 in Entrevista Cláudio

Aí veio

também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos que eles já fizeram

2:48 p 21 in Entrevista Cláudio

Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela de fora

a fora Tirando tudo o que foi de árvore em redor. Deixando aquela mudança de terra

mais danada do mundo lá em cima. Que você passa lá, tá tudo brilhando, no sol tá tudo

brilhando. Aquele material brilhoso que foi tirado lá de dentro.

2:49 p 22 in Entrevista Cláudio

Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio mais nada. Não nasce mais nada? Não nasce mais nada. Porque eles tiraram

a terra, não vai tirando aqui e jogando aqui. Os que já tinham não saem dali de baixo mais. E na terra, a semente que tá ali não germina mais outra coisa. Lá tá mesmo, o

espaço lá tá descascado logo. E a terra embaixo, onde vai escorrendo aquilo lá, também

não nasceu mais nada. Tá tudo fraco, tudo queimado lá.

2:50 p 22 in Entrevista Cláudio

Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser

prejudicada com o passar do Porque esse material que estreia lá, deu um apoio, Mas não deu assim aquela coisa que vai ser todo dia.

2:51 p 22 in Entrevista Cláudio

Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo. Porque aquela poeira vai continuar a cair na folha, na florada, todo dia, sem E aí não vai ser

mais só poeira, vai ser a poeira, a fumaça das máquinas, fumaça das dinâmicas que vai

ser, estrondada das pedras e vai ser um monte de coisa.

2:52 p 30 in Entrevista Cláudio

É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a gente não acredita que pode acontecer, a gente nem vai atrás. Precisa acreditar que é possível,

que é para poder continuar indo atrás. E isso a gente tem que ficar e correr atrás.

2:53 p 2 in Entrevista Cláudio

Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada, era. Tinha que pagar tudo. E aí a gente não tinha as melhores condições. Mas aí

eu tenho uns dias de aula, uns poucos dias. E aí o resto foi o tempo que me ensinou

2:54 p 2 in Entrevista Cláudio

formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma liderança não precisa ter leitura, não. Precisa ter boa vontade e saber lidar com o povo.

2:55 p 5 in Entrevista Cláudio

A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumamos uma casa lá em São Raimundo, no bairro Cipó. Aí a gente viu que não dava certo, porque cidade sem emprego, sem nada; não, vamos pro interior. Aí a gente vai na cidade, só por acaso

2:56 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí naquele tempo, tinha a Comunidade das Emas ali, e sempre que acontecia uma coisa errada, o povo dizia: foram os negros das Emas. Se tivesse uma briga no jogo de futebol, eram os negros das Emas. Se tivesse qualquer coisa errada, eram os negros das Emas.

2:57 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunidade só de negros, e eu falava, não sei, mas nas Emas todo mundo é negro. Até porque eu também sou muito parente do pessoal das Emas.

2:58 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, que hoje é a nossa maior liderança do Piauí, ela até faz parte da coordenação nacional, ela é uma grande liderança, a Rosalina.

2:59 p 10 in Entrevista Cláudio

daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é porque alguém fez alguma coisa por mim. Porque nenhum de nós está aqui só.

2:60 p 11 in Entrevista Cláudio

ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve.

Só que ele entendia, e eu também entendo o pensamento dele, porque ele achava que o

quilombo era só aqueles pontos que aconteceu como foi lá no Palmares, de onde o escravo saiu da fazenda e foi se esconder lá.

[00:21:22]Só que na realidade a gente passa a entender que o quilombo é onde existe

pessoas, descendentes de escravos.

2:61 p 11 in Entrevista Cláudio

O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive

na minha vida, porque ele não sabia ler muito não, mas sabia falar daquele tanto, só aquele mesmo, não tem outro não.

2:62 p 12 in Entrevista Cláudio

A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se organiza por meio de uma outra associação. Porque aí nós temos associação de

pequenos produtores. Aí é a organização dessa comunidade. E de outras por aí também.

Quase toda comunidade tem uma associação que organiza o seu povo, o seu grupo de

essa que nós temos, a Territorial, ela abrange todo mundo.

20 Códigos:**● CT - Ancestralidade****11 Citações:**

2:2 p 1, Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Man... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:6 p 24, Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar um... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 4:38 pp 43–44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa

● CT - Identidade**11 Citações:**

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:57 p 9, Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunid... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa

● CT - Relação com o Território

16 Citações:

2:1 p 1, Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, n... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:4 p 24, O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para... in Entrevista Cláudio / 2:5 p 24, eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:55 p 5, A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumam... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● CT - Saberes tradicionais

8 Citações:

2:30 p 15, Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da... in Entrevista Cláudio / 2:31 p 15, Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse

medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Espiritualidade

1 Citações:

2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa /

4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as coisas... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele vai... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31 – 32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convocação... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Perspectivas de futuro

13 Citações:

2:44 p 28, Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o... in Entrevista Cláudio / 2:45 p 30, o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mes... in Entrevista Cláudio / 2:52 p 30, É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 4:15 p 7, Então, esse momento de conversa aqui serve não só para agora, mas par... in Roda de conversa / 4:35 p 43, Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em n... in Roda de conversa / 4:36 p 43, Se eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou se... in Roda de conversa / 4:37 p 43, A gente tem que sempre acreditar na gente in Roda de conversa / 4:38 pp 43 – 44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa / 4:46 p 47, Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã. in Roda de conversa / 4:47 p 47, ela continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é u... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 4:49 p 47, O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos. Nada... in Roda de conversa

● SEP - Ansiedade

4 Citações:

2:13 p 11, Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:34 p 33, Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocu... in Roda de conversa

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comecei... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente, que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo

do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Intolerância religiosa

2 Citações:

2:35 p 17, você não pode fazer isso, você não pode acreditar nisso, você não pode... in Entrevista Cláudio / 2:36 p 17, E as pregações deles é aquela negação deles. É através do medo, né? É,... in Entrevista Cláudio

● SEP - Negligência institucional

6 Citações:

2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo

2 Citações:

2:56 p 9, Ai naquele tempo, tinha a Comunidade das Emas ali, e sempre que acon... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de

conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Sentimento de abandono

14 Citações:

2:15 p 19, Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:11 p 5, Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esse... in Roda de conversa / 4:12 p 6, porque a gente, andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada... in Roda de conversa / 4:13 p 6, A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa / 4:53 p 9, a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar. in Roda de conversa

● SEP - Vulnerabilidade econômica

7 Citações:

2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 4:1 p 47, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição de paga... in Roda de conversa / 4:14 pp 6 – 7, Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta... in Roda de conversa / 4:19 p 17, Acho que o ganho é só se for. aquele mandado, aquele assalariado que e... in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa

● TA - Degradação ambiental

15 Citações:

2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo... in Entrevista Cláudio / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:7 p 3, aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:8 p 4, poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminan... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:9 p 4, Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3 – 4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né

1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Indicação de áreas afetadas

10 Citações:

2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

4 Roda de conversa

Documento PDF, 54 citações

0 Grupos

54 Citações:

4:1 p 47 in Roda de conversa

a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem
condição de pagar um dentista, não tem condição. Quando fala de dinheiro, é só o básico
mesmo, pra alimentação, pra nada.

4:2 p 47 in Roda de conversa

Aí eu citei essa palavra aqui, ela
continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é uma terra boa, dá para
semear muita coisa aqui, tem uma colheita boa aqui, mas você tem que ser persistente.

4:3 p 9 in Roda de conversa

A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo que organiza. Se a gente organizar, tem. Se a gente não organizar, não tem. Não tem um filme para as crianças assistirem. aprenderem alguma coisa ou se divertirem um pouquinho, né? Não tem um show.

4:4 p 4 in Roda de conversa

nenhum de nós podemos ser
ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do outro, né?

4:5 pp 4 – 5 in Roda de conversa

Mas acho que o que mais A comunidade precisa de
diálogo mesmo. Esse diálogo que você está trazendo aí, esse encontro que você está
trazendo, eu vejo assim na comunidade como uma porta de abertura para muitas
coisas.

Porque, como você citou, a união.

4:6 p 5 in Roda de conversa

Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali junto. E a
comunidade tem que ser isso.

4:7 p 5 in Roda de conversa

Mas eu acho que todos precisam um dos
outros. Não tem comunidade individual. Cada um pensar só em si próprio. Eu acho
que
cada um tem que pensar em um todo para que seja uma comunidade que venha
criar um futuro. Como a pergunta fala aqui, o futuro é a gente que cria. Criar de que
forma?

É através desses encontros, como você hoje se veio até aqui, para que houvesse
esse encontro aqui de pessoas.

4:8 p 5 in Roda de conversa

A
comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia, né? Ela
precisa,
é todo o tempo

4:9 p 5 in Roda de conversa

Mas aí quando vem a doença, aí é uma
preocupação, não só pra aquela pessoa, mas pra toda comunidade.

4:10 p 5 in Roda de conversa

Porque cada um olha
dentro de si e pensa, como eu posso ajudar?

4:11 p 5 in Roda de conversa

Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esses quatro
anos que você estava fazendo o que aqui no mundo?

4:12 p 6 in Roda de conversa

porque a gente,
andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada um

4:13 p 6 in Roda de conversa

A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né?

4:14 pp 6 – 7 in Roda de conversa

Porque ajudar a comunidade
não é só eu sair batendo de porta em porta, dando algo que ele está precisando naquela
hora, que seja um, vamos supor, um pedaço de bolo. Estou com vontade de comer bolo
e hoje não quero fazer, eu não tenho dinheiro para comprar material. Toma esse pedaço
de bolo. Ela vai saciar a vontade naquele momento, mas ela vai continuar vazia de outras coisas que são mais importantes na vida dela.

4:15 p 7 in Roda de conversa

Então, esse momento de conversa
aqui serve não só para agora, mas para a vida toda. E cada vez que você voltar aqui, você vai semeando essa semente, que é de grande importância para que a comunidade
possa viver melhor. Ter mais união e, na hora da necessidade, saber como chegar não
só, como eu já citei, não só levar algo que ela está precisando nesse momento, mas algo que ela possa levar para a vida toda

4:16 p 12 in Roda de conversa

estou
travada, não conseguindo viver.

4:17 p 14 in Roda de conversa

Eu, para mim, a
minha vida, fico muito grata por isso. Porque as coisas que eu gosto, eu sempre gostei
de trabalhar e querer as coisas que eu quero. E sempre fui atrás. em grandes coisas, mas
de pequenas coisas, que consiga o nome de Jesus. E sou feliz que gosto de brincar também, gosto de vir, gosto de conversar.

4:18 p 17 in Roda de conversa

Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não vai ligar mesmo. Olha, o melhor do meu trabalho todo dia é no meu escritório. Estou lá.

Estou o grande dia lá

4:19 p 17 in Roda de conversa

Acho que o ganho é só se for.

aquele mandado, aquele assalariado que está ali, está recebido

4:20 p 17 in Roda de conversa

Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou trabalhando, andando por aí. É por meio desse trabalho maluco que hoje nós temos esses movimentos. Tem vocês aqui, tem mais pessoas que já vêm e que vão vir. Porque

a gente trabalha com tudo. Porque as pessoas não enxergam que eu não trabalho. Porque

se eu estivesse trabalhando, recebendo 3 mil, todo mundo vai ver que eu faço. Então, a

gente recebe até meu conhecimento. Mas se o meu trabalho não recebe nada, as pessoas não trabalham. É como se fosse um trabalho que não tem importância.

4:21 p 18 in Roda de conversa

Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele vai se dividir em todos nós. Todos nós é um pouco isso. É como se eu estivesse trabalhando nessa grande medida com todo mundo. Porque eu estou dividindo meu tempo com todo mundo. Não é só uma pessoa, não é só duas pessoas. Nós temos mais ou menos 10 ou

12 mil pessoas dentro de nós.

4:22 p 18 in Roda de conversa

Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito

4:23 p 21 in Roda de conversa

Porque eu sei que a mineração

traria muito dinheiro para o Estado. O Estado Piauí é um dos Estados mais pobres que

a gente tem no Brasil. E aí a gente descobre que aqui tem um monte de ferro. Ah, então

vamos atrás desse ferro. Vai trazer dinheiro? Vai trazer dinheiro. Mas pra quem é que

vai esse dinheiro?

4:24 p 22 in Roda de conversa

se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que você já conhece. Há muito tempo eu e a família. Mas se tivesse mais gente, a gente ia ter coragem de deixar o menino. Ia estar todo mundo preocupado.

4:25 p 24 in Roda de conversa

Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parece que é desse tamanho.

4:26 p 26 in Roda de conversa

Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz

4:27 p 26 in Roda de conversa

Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com meus filhos não, meus filhos são bons. Mas e o mundo em volta deles?

4:28 p 28 in Roda de conversa

Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo

4:29 p 29 in Roda de conversa

Nós temos a maior liderança da comunidade

4:30 p 29 in Roda de conversa

Sempre alugiei quando chega
alguém de fora aqui, que eu tenho uma certeza absoluta, que é mais do que um professor

4:31 p 30 in Roda de conversa

o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas que vieram é graças a ele

4:32 p 31 in Roda de conversa

Mas não é
por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quando eu não estou cuidando
das coisas da comunidade, eu tenho que ter o tempo para mim, para as minhas coisas

4:33 pp 31 – 32 in Roda de conversa

E esse momento,

o momento do enterro, é principalmente isso, da gente estar ali e ver as outras pessoas,

poder dar um abraço em quem está sofrendo, poder às vezes dizer um abraço. Uma palavra, ou só mostrar, só mostrar que está ali do lado

4:34 p 33 in Roda de conversa

Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocupada é a dor de cabeça que eu sento. É a agressividade dele.

4:35 p 43 in Roda de conversa

Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em nós mesmos.

4:36 p 43 in Roda de conversa

Se

eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou seguir

4:37 p 43 in Roda de conversa

A gente tem que
sempre acreditar na gente

4:38 pp 43 – 44 in Roda de conversa

Porque aí a mãe olhava e dizia, ô
menino teimoso. Mas a teimosia faz ele insistir nas coisas que as pessoas estão dizendo
pra ele que ele não vai conseguir fazer.

4:39 p 44 in Roda de conversa

E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convocação com jovens, com adolescentes, para tirar alguma coisa deles e passar algo para eles.

4:40 p 45 in Roda de conversa

E hoje o mundo está tão, assim, diferente. que os jovens e adolescentes, eles
querem ver o mundinho deles do jeito deles. Quando os pais e a mãe falam algo,
ah,
mas isso aí é besteira, ah, mas isso aí é coisa do tempo, isso aí é coisa do passado,
não
existe mais.

4:41 pp 45 – 46 in Roda de conversa

Eu que vim lá uns anos

atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temos esse sentido da educação, de saber que

nós precisamos respeitar uns aos outros, né? Mas esse povo de hoje, eles vivem num

mundo assim, parece que, não sei, mil são, né? Eles vivem ali de óculos escuros e não

querem ver nada, né? Tudo que os pais falam, eles acham que é besteira, que não é necessário aquilo para viver bem. E é necessário sim

4:42 p 46 in Roda de conversa

Ele só diz que é

besteira, não serve de nada.

4:43 p 46 in Roda de conversa

Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente que mora lá no lugar. Não tem lugar de diversão

4:44 p 47 in Roda de conversa

E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo que ela tem que estar naquele ambiente vendo só aquilo, né? O que

ela vai extrair do forno dali? Nada, nada. Vai ser uma cabeça vazia, cheia de vento, sem

nada que preste perspectiva para o amanhã, para o futuro.

4:45 p 47 in Roda de conversa

Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem

condição de pagar um dentista, não tem condição. Quando fala de dinheiro, é só o básico

mesmo, pra alimentação, pra nada

4:46 p 47 in Roda de conversa

Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã.

4:47 p 47 in Roda de conversa

ela

continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é uma terra boa, dá para

semeiar muita coisa aqui, tem uma colheita boa aqui, mas você tem que ser persistente.

4:48 p 47 in Roda de conversa

A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar e tentar incentivar os seus jogos

4:49 p 47 in Roda de conversa

O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos.

Nada vai acabar aqui. Não, a vida continua

4:50 p 48 in Roda de conversa

Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe

4:51 p 2 in Roda de conversa

o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o que isso tem a ver? É que tem grandes indústrias que estão usando

4:52 p 13 in Roda de conversa

a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu não consegue não.

Não, isso aí não vai dar certo não.

4:53 p 9 in Roda de conversa

a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar.

4:54 p 18 in Roda de conversa

A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aquilo que vale dinheiro é o que vale. A gente nem lembra das coisas que não valem dinheiro, tanto que elas são valiosas.

12 Códigos:

● **CT - Ancestralidade**

11 Citações:

2:2 p 1, Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Man... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:6 p 24, Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar um... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 4:38 pp 43–44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa

● **CT - Identidade**

11 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:57 p 9, Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte

da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Perspectivas de futuro

13 Citações:

2:44 p 28, Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o... in Entrevista Cláudio / 2:45 p 30, o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mes... in Entrevista Cláudio / 2:52 p 30, É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 4:15 p 7, Então, esse momento de conversa aqui serve não só para agora, mas par... in Roda de conversa / 4:35 p 43, Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em n... in Roda de conversa / 4:36 p 43, Se eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou se... in Roda de conversa / 4:37 p 43, A gente tem que sempre acreditar na gente in Roda de conversa / 4:38 pp 43–44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa / 4:46 p 47, Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã. in Roda de conversa / 4:47 p 47, ela continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é u... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 4:49 p 47, O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos. Nada... in Roda de conversa

● SEP - Ansiedade

4 Citações:

2:13 p 11, Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:34 p 33, Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocu... in Roda de conversa

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comecei... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente. que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Sentimento de abandono

14 Citações:

2:15 p 19, Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:11 p 5, Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esse... in Roda de conversa / 4:12 p 6, porque a gente, andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada... in Roda de conversa / 4:13 p 6, A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa / 4:53 p 9, a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar. in Roda de conversa

● SEP - Vulnerabilidade econômica

7 Citações:

2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 4:1 p 47, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição de paga... in Roda de conversa / 4:14 pp 6 – 7, Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta... in Roda de conversa / 4:19 p 17, Acho que o ganho é só se for. aquele mandado, aquele assalariado que e... in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa

5 Live Mineração no Quilombo Lagoas

Documento PDF, 18 citações

0 Grupos

18 Citações:

5:1 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequenos animais né como 6:55 suíno é caprinos e ovinos

5:2 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dentro do 7:06 território Quilombo Lagoas e é isso gente esse hoje é o nosso sentimento 7:14 de descuido de descaso né Principalmente o poder público aqui nós produzimos 7:19 nossos próprios alimentos se vier acontecer de fato essa mineração se ela 7:26 continuar vendo o território isso é praticamente nosso fim é muito triste

5:3 p 6 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que somos contra a mineração na área do 26:38 quilombolas uma das regiões mais ricas de floradas do território Serra da capivara

5:4 p 7 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida

5:5 p 1 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vista do direito 0:34 humano do direito territorial do direito cultural é o que tá acontecendo com o 0:42 quilombo Lagoas

5:6 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muitos prejudicados né porque todos nós sabemos que 6:18 uma uma mineração né durante uma mineração são muitos o impacto ambiental 6:26 é muito grande além do desmatamento tem a poluição né das águas do solo da 6:34 atmosfera através dos produtos químicos e dos rejeitos

5:7 p 3 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você já viu 11:33 como é a abertura de um poço aqui nessa área do embasamento cristalino o tempo 11:41 vários quilômetros em volta recebe a poeira do do do maquinário

5:8 p 4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminante a questão é saber o que é que a poeira vai contaminar porque poeira é contágio né a 13:57 poeira é sedimentação aérea é micropartícula né Ou seja é eliminação de grãos minúsculas não há 14:03 que vão contaminar alguma coisa ou alguém e a gente não sabe se quer isso não há nenhuma informação sobre o 14:10 tamanho do grão que eles vão eliminar

5:9 p 4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto para 14:16 os brônquios do pulmão existe uma granulação média que é aquilo que os pelinhos do nariz conseguem filtrar para 14:22 Além disso Vai para os brônquios

5:10 p 8 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí esteja fazendo tanto esforço para que haja um 31:15 empreendimento de extração de minério de ferro no território Lagoas e por 10 anos 31:21 tem ignorado totalmente a existência da associação de produtores e produtores agroecológicos 31:28 que é modelo é um órgão certificador agroecológico Ele é modelo de plantio 31:34 agroecológico no semiárido é um é uma associação que cansa de ganhar prêmio tem algumas alguns dos lavradores os 31:43 cultivadores mais brilhantes que a caatinga já viu

5:11 p 16 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudência que o nuway aí no rima do licenciamento da empresa o território 1:10:31 quilombola ele tem sido omitido não foi esquecimento e não foi imperícia foi 1:10:36 má-fé foi

5:12 p 1 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço de resistência Mas também como um espaço para explicar para a população 3:23 que

porventura ainda não entendeu a gravidade do problema explicar Quanto é 3:30 grave a chegada da mineração para aquelas comunidades

5:13 p 7 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio ambiente 26:56 e a nossa apicultura no território será da capivara

5:14 p 3 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco existente como é o 12:19 caso de da Galvani com a extração da Galvani de fosfato dos dias em que a 12:25 gente já tem constatado problemas gravíssimos e a mesma coisa em gilbuêsc não é extração a seco mas com outros 12:30 impactos socioambientais que desapareceram da conversa

5:15 pp 3–4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29

na Caatinga na direção do vento né por mais de um quilômetro e meio você vai encontrar a caatinga imprópria para 13:36 alimentação de animais e obviamente imprópria para apicultura

5:16 p 17 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo que estão em áreas que vão ser afetadas pelo pelo projeto da 1:12:48 mineradora

5:17 p 8 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é os pontos de mineração a diferença de distância é muito pouca e 34:32 quem vive 10 km ou 20 Km não tem como a gente se 34:38 justificar e dizer não vai nos atingir Vai sim

5:18 p 6 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o que as pessoas poderia participar as pessoas poderem 23:44 ter acesso essas informações mas a gente sabe que as informações não tão acessíveis

12 Códigos:

● CT - Relação com o Território

16 Citações:

2:1 p 1, Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, n... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:4 p 24, O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para... in Entrevista Cláudio / 2:5 p 24, eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:55 p 5, A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumam... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista

Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● CT - Saberes tradicionais

8 Citações:

2:30 p 15, Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da... in Entrevista Cláudio / 2:31 p 15, Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortalece... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comec... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente. que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45–46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Negação de direitos

4 Citações:

5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Negligência institucional

6 Citações:

2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais, demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais, demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo

Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Degradação ambiental

15 Citações:

2:47 p 21, Ai veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:7 p 3, aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:8 p 4, poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminan... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:9 p 4, Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Indicação de áreas afetadas

10 Citações:

2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:47 p 21, Ai veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Territórios de afetação

2 Documentos:

2 Entrevista Cláudio

Documento PDF, 62 citações

0 Grupos

62 Citações:

2:1 p 1 in Entrevista Cláudio

Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, nunca mudei pra lugar nenhum. E nem pretendo

2:2 p 1 in Entrevista Cláudio

Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Manoel Patavó, que era o. Conhecido como Manoel Patavó. Patavó porque ele era da raça de tribo indígena pataxó.

2:3 p 10 in Entrevista Cláudio

Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já veio primeiro. E alguém fez alguma coisa. E é isso que eu estou querendo deixar como legado pra quem vem

2:4 p 24 in Entrevista Cláudio

O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para mim, E quando comecei o território pra cá, tem representado o meu meio de vida

2:5 p 24 in Entrevista Cláudio

eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado, todo mundo contigo na mão. Pra ver todo mundo da região dizer, eu não preciso mais comprar um palminho de terra pra nada.

2:6 p 24 in Entrevista Cláudio

Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar uma terra pra deixar meus filhos ranchados. E trabalhou. Era a preocupação dele, era deixar a terra pros filhos.

2:7 p 25 in Entrevista Cláudio

A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante conhecimento hoje, é graças ao movimento do território.

2:8 p 30 in Entrevista Cláudio

Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortaleceu muito a comunidade. Fez com que o pessoal assanhasse naquele momento e reconhecesse muito o que era o É que não queria ser quilombola nessa hora que seja, né?

2:9 p 30 in Entrevista Cláudio

Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a comunidade. Tem feito com que as pessoas vejam que o quilombo tem uma luta, tem tido êxito na nossa luta.

2:10 p 10 in Entrevista Cláudio

Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio é toda hora. Mas, na verdade, o desafio que mais tem tirado o sono da gente é essa questão da mineração.

2:11 p 10 in Entrevista Cláudio

Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar com a gente, mas vem provocar muito a gente.

2:12 p 10 in Entrevista Cláudio

Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região como morador. Que foi enviada para a Fundação Palmares, que a Fundação Palmares é que tinha que dar essa declaração, é que tinha que dar esse reconhecimento. E aí a gente ficou aqui muito apreensivo com Será que vai acontecer? Será que vai acontecer?

2:13 p 11 in Entrevista Cláudio

Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando por alguma coisa, eu estou ficando naquela agonia.

2:14 p 11 in Entrevista Cláudio

Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu comecei a falar nessa história do quilombola.

2:15 p 19 in Entrevista Cláudio

Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá muito mal lá, muito mal mesmo. E aí a gente precisou pedir uma ajuda, cobrar uma ajuda pro prefeito, porque as condições da gente são muito poucas.

2:16 p 21 in Entrevista Cláudio

Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na população. E quando a gente fala da mineração, a população toda se arrepia.

2:17 p 21 in Entrevista Cláudio

A população de lá dessa

comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra nós, são espelho pra nós. Porque a gente

vê lá tudo com dó de ver as pessoas, contando a situação e de ver a situação das pessoas

mesmo.

[00:42:55]As pessoas doentes, doentíssimas lá, quase sem jeito mais, por conta da mineração.

2:18 p 25 in Entrevista Cláudio

Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para

não dizer péssimo. Ruim demais. Primeiro porque, o governo, a gente não tem visto,

por parte dele, alguma preocupação com a mineração. A gente tem visto mais um incentivo do governo para a mineração.

2:19 p 25 in Entrevista Cláudio

Se o nosso

governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a gente, a gente dizia, está

ruim, mas estamos confiantes que pode dar certo. Mas, pelo que a gente vê, a gente está

sabendo que pode ser prejudicado por conta dele mesmo.

2:20 p 7 in Entrevista Cláudio

Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mais

de olho em tudo que pode acontecer, que vem atingir a Fico tentando alertar as pessoas

da comunidade, porque pode vir, porque vai.

2:21 p 7 in Entrevista Cláudio

A gente tá chamando a comunidade pra estar

sempre unido, sempre se reunindo em conversa pra saber o que tá acontecendo, que

isso eu não faço nem só aqui na comunidade não. Isso eu faço no território todo, que

são 119 comunidades. Isso eu faço quase todos os dias.

2:22 p 7 in Entrevista Cláudio

a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando aconteceu uma necessidade.

2:23 p 8 in Entrevista Cláudio

Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coisas aparecem sempre pra mim. E aí quando isso aparece, eu faço essa distribuição na comunidade.

2:24 p 8 in Entrevista Cláudio

a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das terras do quilombo.

Ela não recebe projetos como esses projetos de. como é que se projetos sustentáveis que o pessoal faz de criação de bode, ela não faz.

2:25 p 8 in Entrevista Cláudio

Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu essa construção de cisterna.

2:26 p 9 in Entrevista Cláudio

o Nego Bispo, que são as

duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo pode até se dizer que é a liderança do Brasil,

era um mestre mesmo, de verdade.

2:27 p 9 in Entrevista Cláudio

fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional Estadual do Piauí. E daí começou tudo por aí.

2:28 p 14 in Entrevista Cláudio

Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade, antes dessa movimentação de associação de quilombos e isso daquilo, nós era, como

dizia o ditado, era cada um por si e Deus por todos.

2:29 p 14 in Entrevista Cláudio

hoje a gente tá muito mais unido.

Muito mais junto.

2:30 p 15 in Entrevista Cláudio

Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da medicina tradicional. Que nós aqui nas comunidades ainda usamos muito a questão da medicina do. do remédio do mato, como nós costumamos chamar. A gente vai nos postos de saúde, vai nas farmácias, mas é só quando não tem jeito.

2:31 p 15 in Entrevista Cláudio

Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não

2:32 p 15 in Entrevista Cláudio

gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer coisa é farmácia. Isso a gente nunca perdeu. Então, acho que isso é o mais importante que nós temos até hoje, que nunca se perdeu isso.

2:33 p 15 in Entrevista Cláudio

sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma dificuldade, já o pai vai no mato e. E dá o chá. Vai no mato e dá um banho para quebrar, dá um banho para não sei o que, aquela coisa toda. Aí os meninos renascem sabendo disso.

2:34 p 17 in Entrevista Cláudio

Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto por a população. Porque em todo lugar cresceu muito a questão do evangélico. E os evangélicos, eles. batem muito nessa questão de rezador. Porque não chamam não é rezador, chamam mesmo é macumba.

2:35 p 17 in Entrevista Cláudio

you não pode fazer isso, você não pode acreditar nisso, você não pode não sei o quê, você pode. Porque senão Deus não lhe quer, senão o seu repúblico. aí vira muito aquela coisa. E os evangélicos, eles são muito. articulados.

2:36 p 17 in Entrevista Cláudio

E as pregações deles é aquela negação deles. É através do medo, né? É, fazendo Muitos é fazendo medo.

2:37 p 18 in Entrevista Cláudio

É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o Manoel mesmo que começou lá com o Seu Né, né? Aí depois ele. Esse que tá no nosso meio também, ele até faz parte da direção da Associação Territorial. Aí tem esse aí que

já tá num bom caminho. De repente pode ser que ele arrume pra formar mais alguém,

botar na cabeça das pessoas.

2:38 p 20 in Entrevista Cláudio

Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama?

Ele é um dos assessores do nosso povo, da nossa associação. Tem o Jaime que é um outro assessor da gente. Aquelas pessoas quando a gente tá no aperto, é as primeiras a

E aí tem as outras coisas que eles vão mandando de lá.

2:39 p 20 in Entrevista Cláudio

Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia

quando é indicado por eles, que a gente sabe que vem do lado deles. Então assim, as coisas boas que vem.

2:40 p 23 in Entrevista Cláudio

O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras, o

que a gente faz mesmo mais é conversar uns com os para a gente tentar se unir mais,

para a gente tentar fazer alguma coisa, para mostrar mesmo para o mundo que a gente

está com medo dessa coisa.

2:41 p 23 in Entrevista Cláudio

A gente procura mandar esse medo para as autoridades

mesmo, porque se eu ficar com medo guardado só para mim, só eu vou saber. eu tenho

que caçar mesmo e expandir esse medo para o mundo inteiro. E quando eu tenho a oportunidade, as pessoas vêm me procurando para entrevista em jornal, essas coisas todas, eu faço questão de soltar isso, essa questão de medo mesmo, que é o que está

prejudicando.

2:42 p 27 in Entrevista Cláudio

Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve nenhuma ação relacionada ao quilombo. Nada. Nada, nada, E depois que o Lula entrou, voltou, as novas ações, como questão de construção de cisterna no quilombo, e outras ações que a gente quis ver, era de certo fazer, e o governo Bolsonaro não fez.

2:43 pp 27 – 28 in Entrevista Cláudio

Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 2000, sei lá, e 16 parece, tinha ficado, no ano anterior do governo anterior, governo Dilma, uma projeção de trezentos cisternas para dentro do, para a região da Serra da Capivara, que não foi construída uma sequer. Nenhuma.

2:44 p 28 in Entrevista Cláudio

Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o que a gente tem feito até hoje. Que alguém fique com esse mesmo pensamento de pela população

2:45 p 30 in Entrevista Cláudio

o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mesmo dos governos. Se acontecesse, como a gente até já concluiu isso em algum momento, umas reformas nessas casas e outras aí, isso ia fortalecer muito. Porque aí a comunidade ia passar a acreditar mais na luta.

2:46 p 34 in Entrevista Cláudio

Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito lá como. Como é que é chamado? Mestre. Mestre é. Acho que é mestre. Não sei mais como é que é, não.
[01:19:23]É um mestre sem ser mestre. É um professor sem ser.

2:47 p 21 in Entrevista Cláudio

Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos que eles já fizeram

2:48 p 21 in Entrevista Cláudio

Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela de fora a fora Tirando tudo o que foi de árvore em redor. Deixando aquela mudança de terra mais danada do mundo lá em cima. Que você passa lá, tá tudo brilhando, no sol tá tudo brilhando. Aquele material brilhoso que foi tirado lá de dentro.

2:49 p 22 in Entrevista Cláudio

Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio mais nada. Não nasce mais nada? Não nasce mais nada. Porque eles tiraram a terra, não vai tirando aqui e jogando aqui. Os que já tinham não saem dali de baixo mais. E na terra, a semente que tá ali não germina mais outra coisa. Lá tá mesmo, o espaço lá tá descascado logo. E a terra embaixo, onde vai escorrendo aquilo lá, também não nasceu mais nada. Tá tudo fraco, tudo queimado lá.

2:50 p 22 in Entrevista Cláudio

Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada com o passar do Porque esse material que estreia lá, deu um apoio, Mas não deu assim aquela coisa que vai ser todo dia.

2:51 p 22 in Entrevista Cláudio

Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo. Porque aquela poeira vai continuar a cair na folha, na florada, todo dia, sem E aí não vai ser mais só poeira, vai ser a poeira, a fumaça das máquinas, fumaça das dinâmicas que vai ser, estrondada das pedras e vai ser um monte de coisa.

2:52 p 30 in Entrevista Cláudio

É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a gente não acredita que pode acontecer, a gente nem vai atrás. Precisa acreditar que é possível, que é para poder continuar indo atrás. E isso a gente tem que ficar e correr atrás.

2:53 p 2 in Entrevista Cláudio

Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada, era. Tinha que pagar tudo. E aí a gente não tinha as melhores condições. Mas aí eu tenho uns dias de aula, uns poucos dias. E aí o resto foi o tempo que me ensinou

2:54 p 2 in Entrevista Cláudio

formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma liderança não precisa ter leitura, não. Precisa ter boa vontade e saber lidar com o povo.

2:55 p 5 in Entrevista Cláudio

A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumamos uma casa lá em São Raimundo, no bairro Cipó. Aí a gente viu que não dava certo, porque cidade sem emprego, sem nada; não, vamos pro interior. Aí a gente vai na cidade, só por acaso

2:56 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí naquele tempo, tinha a Comunidade das Emas ali, e sempre que acontecia uma coisa errada, o povo dizia: foram os negros das Emas. Se tivesse uma briga no jogo de futebol, eram os negros das Emas. Se tivesse qualquer coisa errada, eram os negros das Emas.

2:57 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunidade só de negros, e eu falava, não sei, mas nas Emas todo mundo é negro. Até porque eu também sou muito parente do pessoal das Emas.

2:58 p 9 in Entrevista Cláudio

Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, que hoje é a nossa maior liderança do Piauí, ela até faz parte da coordenação nacional, ela é uma grande liderança, a Rosalina.

2:59 p 10 in Entrevista Cláudio

daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é porque alguém fez alguma coisa por mim. Porque nenhum de nós está aqui só.

2:60 p 11 in Entrevista Cláudio

ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia, e eu também entendo o pensamento dele, porque ele achava que o

quilombo era só aqueles pontos que aconteceu como foi lá no Palmares, de onde o escravo saiu da fazenda e foi se esconder lá.

[00:21:22]Só que na realidade a gente passa a entender que o quilombo é onde existe

pessoas, descendentes de escravos.

2:61 p 11 in Entrevista Cláudio

O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive

na minha vida, porque ele não sabia ler muito não, mas sabia falar daquele tanto, só aquele mesmo, não tem outro não.

2:62 p 12 in Entrevista Cláudio

A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se organiza por meio de uma outra associação. Porque aí nós temos associação de

pequenos produtores. Aí é a organização dessa comunidade. E de outras por aí também.

Quase toda comunidade tem uma associação que organiza o seu povo, o seu grupo de

essa que nós temos, a Territorial, ela abrange todo mundo.

20 Códigos:

● CT - Ancestralidade

11 Citações:

2:2 p 1, Meus avós eram o Manoel. É, não sei o nome dele não. Chamava-se o Man... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:6 p 24, Eu me lembro muito do que meu pai dizia. Vou trabalhar pra comprar um... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 4:38 pp 43–44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa

● CT - Identidade

11 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido.

Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:57 p 9, Aí como elas falavam que queriam saber onde era, tinha uma comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:61 p 11, O Nego Bispo foi o maior professor que eu já tive na minha vida, por... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa

● CT - Relação com o Território

16 Citações:

2:1 p 1, Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, n... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:4 p 24, O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para... in Entrevista Cláudio / 2:5 p 24, eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:55 p 5, A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumam... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● CT - Saberes tradicionais

8 Citações:

2:30 p 15, Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da... in Entrevista Cláudio / 2:31 p 15, Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa /

4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Espiritualidade

1 Citações:

2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos, as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a

apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Perspectivas de futuro

13 Citações:

2:44 p 28, Para as próximas gerações, o que eu posso esperar, é que alguém leve o... in Entrevista Cláudio / 2:45 p 30, o que podia fortalecer mais a seria alguma coisa vindo por parte mes... in Entrevista Cláudio / 2:52 p 30, É sonho e cobrança, que a gente está sempre cobrando sobre isso. Se a... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 4:15 p 7, Então, esse momento de conversa aqui serve não só para agora, mas par... in Roda de conversa / 4:35 p 43, Você acredita em si mesmo? Eu pergunto para nós. Nós acreditamos em n... in Roda de conversa / 4:36 p 43, Se eu quiser, eu posso. Porque se eu vou lutar, eu acho que eu vou se... in Roda de conversa / 4:37 p 43, A gente tem que sempre acreditar na gente in Roda de conversa / 4:38 pp 43 – 44, Porque aí a mãe olhava e dizia, ô menino teimoso. Mas a teimosia faz... in Roda de conversa / 4:46 p 47, Essa criança é o futuro do amanhã, do dia amanhã. in Roda de conversa / 4:47 p 47, ela continua a semear neste lugar, porque é um lugar que tem, que é u... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 4:49 p 47, O que nós fazemos aqui hoje não é para nós. Sim. É para os jogos. Nada... in Roda de conversa

● SEP - Ansiedade

4 Citações:

2:13 p 11, Até porque eu sou assim meio ansioso, eu não aguento ficar esperando... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:34 p 33, Eu estava preocupada. E a preocupação que está me deixando mais preocu... in Roda de conversa

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu começ... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente. que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45 – 46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Intolerância religiosa

2 Citações:

2:35 p 17, você não pode fazer isso, você não pode acreditar nisso, você não pode... in Entrevista Cláudio / 2:36 p 17, E as pregações deles é aquela negação deles. É através do medo, né? É,... in Entrevista Cláudio

● SEP - Negligência institucional

6 Citações:

2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo

2 Citações:

2:56 p 9, Ai naquele tempo, tinha a Comunidade das Emas ali, e sempre que acon... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo

Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Sentimento de abandono

14 Citações:

2:15 p 19, Aquele que tava no encontro com a gente. Foi pra Teresina agora. Tá... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:11 p 5, Aí ela falou, ah, mas eu vim aqui quatro anos atrás. Aí eu diria, esse... in Roda de conversa / 4:12 p 6, porque a gente, andando por aqui, a gente sente a necessidade de cada... in Roda de conversa / 4:13 p 6, A comunidade precisa de ajuda para poder sair de algumas situações, né... in Roda de conversa / 4:16 p 12, estou travada, não conseguindo viver. in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa / 4:53 p 9, a primeira coisa que a gente enxerga na comunidade é o bar. in Roda de conversa

● SEP - Vulnerabilidade econômica

7 Citações:

2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 4:1 p 47, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição de paga... in Roda de conversa / 4:14 pp 6–7, Porque ajudar a comunidade não é só eu sair batendo de porta em porta... in Roda de conversa / 4:19 p 17, Acho que o ganho é só se for. aquele mandado, aquele assalariado que e... in Roda de conversa / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:45 p 47, Cara, a gente não tem condição de pagar psicólogo, não tem condição d... in Roda de conversa

● TA - Degradação ambiental

15 Citações:

2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo... in Entrevista Cláudio / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:7 p 3, aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:8 p 4, poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminan... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:9 p 4, Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3–4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de dentro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Indicação de áreas afetadas

10 Citações:

2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:47 p 21, Ai veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3 – 4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

5 Live Mineração no Quilombo Lagoas

Documento PDF, 18 citações

0 Grupos

18 Citações:

5:1 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequenos animais né como 6:55 suíno é caprinos e ovinos

5:2 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dentro do 7:06 território Quilombo Lagoas e é isso gente esse hoje é o nosso sentimento 7:14 de descuido de descaso né Principalmente o poder público aqui nós produzimos 7:19 nossos próprios alimentos se vier acontecer de fato essa mineração se ela 7:26 continuar vendo o território isso é praticamente nosso fim é muito triste

5:3 p 6 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que somos contra a mineração na área do 26:38 quilombolas uma das regiões mais ricas de floradas do território Serra da capivara

5:4 p 7 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida

5:5 p 1 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vista do direito 0:34 humano do direito territorial do direito cultural é o que tá acontecendo com o 0:42 quilombo Lagoas

5:6 p 2 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muitos prejudicados né porque todos nós sabemos que 6:18 uma uma mineração né durante uma mineração são muitos o impacto ambiental 6:26 é muito grande além do desmatamento tem a poluição né das águas do solo da 6:34 atmosfera através dos produtos químicos e dos rejeitos

5:7 p 3 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você já viu 11:33 como é a abertura de um poço aqui nessa área do embasamento cristalino o tempo 11:41 vários quilômetros em volta recebe a poeira do do do maquinário

5:8 p 4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminante a questão é saber o que é que a poeira vai contaminar porque poeira é contágio né a 13:57 poeira é sedimentação aérea é microparticulação né Ou seja é eliminação de grãos minúsculas não há 14:03 que vão contaminar alguma coisa ou alguém e a gente não sabe se quer isso não há nenhuma informação sobre o 14:10 tamanho do grão que eles vão eliminar

5:9 p 4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto para 14:16 os brônquios do pulmão existe uma granolação média que é aquilo que os pelinhos do nariz conseguem filtrar para 14:22 Além disso Vai para os brônquios

5:10 p 8 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí esteja fazendo tanto esforço para que haja um 31:15 empreendimento de extração de minério de ferro no território Lagoas e por 10 anos 31:21 tem ignorado totalmente a existência da associação de produtores e produtores agrocológicos 31:28 que é modelo é um órgão certificador agroecológico Ele é modelo de plantio 31:34 agroecológico no semiárido é um é uma associação que cansa de ganhar prêmio tem algumas alguns dos lavradores os 31:43 cultivadores mais brilhantes que a caatinga já viu

5:11 p 16 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudência que o nuway aí no rima do licenciamento da empresa o território 1:10:31 quilombola ele tem sido omitido não foi esquecimento e não foi imperícia foi 1:10:36 má-fé foi

5:12 p 1 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço de resistência Mas também como um espaço para explicar para a população 3:23 que porventura ainda não entendeu a gravidade do problema explicar Quanto é 3:30 grave a chegada da mineração para aquelas comunidades

5:13 p 7 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio ambiente 26:56 e a nossa apicultura no território será da capivara

5:14 p 3 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco existente como é o 12:19 caso de da Galvani com a extração da Galvani de fosfato dos dias em que a 12:25 gente já tem constatado problemas gravíssimos e a mesma coisa em gilbuésc

não é extração a seco mas com outros 12:30 impactos socioambientais que desapareceram da conversa

5:15 pp 3–4 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29

na Caatinga na direção do vento né por mais de um quilômetro e meio você vai encontrar a caatinga imprópria para 13:36 alimentação de animais e obviamente imprópria para apicultura

5:16 p 17 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo que estão em áreas que vão ser afetadas pelo projeto da 1:12:48 mineradora

5:17 p 8 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é os pontos de mineração a diferença de distância é muito pouca e 34:32 quem vive 10 km ou 20 Km não tem como a gente se 34:38 justificar e dizer não vai nos atingir Vai sim

5:18 p 6 in Live Mineração no Quilombo Lagoas

tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o que as pessoas poderia participar as pessoas poderem 23:44 ter acesso essas informações mas a gente sabe que as informações não tão acessíveis

12 Códigos:

● CT - Relação com o Território

16 Citações:

2:1 p 1, Nascido e criado aqui, dentro do quilombo. Quando nasci já foi aqui, n... in Entrevista Cláudio / 2:3 p 10, Mas eu gosto muito de que se eu estou aqui hoje é porque alguém já ve... in Entrevista Cláudio / 2:4 p 24, O território, eu posso até dizer que o território representa tudo para... in Entrevista Cláudio / 2:5 p 24, eu faço questão de ter uma luta pra deixar esse território consolidado... in Entrevista Cláudio / 2:28 p 14, Mudou, por exemplo, a integração das pessoas. E nós aqui na comunidade... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:55 p 5, A gente tomou tanto medo de cidade que chegamos aqui, primeiro arrumam... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● CT - Saberes tradicionais

8 Citações:

2:30 p 15, Saberes mais importante que nós temos como saberes, é a questão da. da... in Entrevista Cláudio / 2:31 p 15, Não é por qualquer dor de barriga que se vai na farmácia, não in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 2:33 p 15, sso os pais ensinam logo quando nascem. No dia que nascem, que tem uma... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:37 p 18, É, tem o outro Manel mais pra cá, que Manel Né que nós chamamos. É, o... in Entrevista Cláudio / 2:46 p 34, Nesse dia, eu já vou estar lá também, porque o meu nome está escrito... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Articulação política

15 Citações:

2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:26 p 9, o Nego Bispo, que são as duas lideranças maiores do Piauí. O Bispo p... in Entrevista Cláudio / 2:27 p 9, fui chamado pra fazer parte da SECOC, que é a Coordenação Nacional E... in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:58 p 9, Aí vim conhecer pra eles, que era uma pessoa chamada Maria Rosalina, q... in Entrevista Cláudio / 4:20 p 17, Ninguém considera que eu trabalho. Ah, está por aí, está. Mas eu estou... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:29 p 29, Nós temos a maior liderança da comunidade in Roda de conversa / 4:30 p 29, Sempre alugiei quando chega alguém de fora aqui, que eu tenho uma cer... in Roda de conversa / 4:31 p 30, o seu Cláudio, as coisas importantes que vêm para cá, as coisas boas q... in Roda de conversa / 4:32 p 31, Mas não é por comunidade, porque o meu tempo é meio, quer dizer, quan... in Roda de conversa / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Estratégias de produção sustentável

8 Citações:

2:25 p 8, Aí quando foi em 99, eu comecei a trabalhar com pedreiro, aí surgiu... in Entrevista Cláudio / 2:32 p 15, gente tem os nossos. as nossas ervas medicinais no mato aí, qualquer c... in Entrevista Cláudio / 4:18 p 17, Quando você está no seu lugar de identidade, no seu trabalho, você não... in Roda de conversa / 5:1 p 2, aqui nós vivemos da Agricultura Familiar 6:48 da apicultura dos pequen... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:3 p 6, em nome dos apicultores do território Serra da capivara afirmamos que... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:13 p 7, são também contra todas as ações que venham prejudicar o nosso meio am... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● PCR - Mobilizações comunitárias

32 Citações:

2:7 p 25, A identidade afetou, sim, para melhor. Porque, se eu tenho bastante c... in Entrevista Cláudio / 2:8 p 30, Já teve aquele momento que eu falei da questão da vacina que fortale... in Entrevista Cláudio / 2:9 p 30, Essa outra coisa também da questão das cotas tem fortalecido muito a... in Entrevista Cláudio / 2:12 p 10, Isso foi em 2007. Que a gente fez uma carta, se assumir na região co... in Entrevista Cláudio / 2:20 p 7, Meu papel aqui na comunidade é assim, é tipo um vigilante. Eu fico mai... in Entrevista Cláudio / 2:21 p 7, A gente tá chamando a comunidade pra estar sempre unido, sempre se r... in Entrevista Cláudio / 2:22 p 7, a associação se reúne uma vez por ou a qualquer momento quando acontec... in Entrevista Cláudio / 2:23 p 8, Como eu faço parte da coordenação estadual aqui do Piauí, aí essas coi... in Entrevista Cláudio / 2:24 p 8, a associação é lá. Ela tá ali pra. mais no intuito de ser a dona das t... in Entrevista Cláudio / 2:29 p 14, hoje a gente tá muito mais unido. Muito mais junto. in Entrevista Cláudio / 2:38 p 20, Por exemplo, tem o

Bernardo que ele é, como é que a gente chama? Ele é... in Entrevista Cláudio / 2:39 p 20, Já veio mais pessoas indicadas por eles, que também a gente só confia... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:54 p 2, formação como liderança só vem de berço. Qualquer pessoa pra ser uma l... in Entrevista Cláudio / 2:59 p 10, daqui a 200 anos, ter alguém dizendo que se eu estou aqui hoje é por... in Entrevista Cláudio / 2:62 p 12, A comunidade hoje, essa comunidade que nós estamos aqui hoje, ela se o... in Entrevista Cláudio / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:4 p 4, nenhum de nós podemos ser ajudados se nós não aceitarmos a ajuda do o... in Roda de conversa / 4:5 pp 4–5, Mas acho que o que mais A comunidade precisa de diálogo mesmo. Esse d... in Roda de conversa / 4:6 p 5, Eu vejo todo mundo aqui, quando um precisa, todo mundo pode estar ali... in Roda de conversa / 4:7 p 5, Mas eu acho que todos precisam um dos outros. Não tem comunidade indi... in Roda de conversa / 4:10 p 5, Porque cada um olha dentro de si e pensa, como eu posso ajudar? in Roda de conversa / 4:17 p 14, Eu, para mim, a minha vida, fico muito grata por isso. Porque as cois... in Roda de conversa / 4:21 p 18, Sempre que o trabalho que eu faço, mesmo que tenha importância, ele va... in Roda de conversa / 4:28 p 28, Preocupação não é coisa do outro mundo, é coisa de nós enfrentar mesmo in Roda de conversa / 4:33 pp 31–32, E esse momento, o momento do enterro, é principalmente isso, da gente e... in Roda de conversa / 4:39 p 44, E na próxima vez que você voltar, não sei, seria muito bom uma convoca... in Roda de conversa / 4:48 p 47, A comunidade tem que vir. É que nós estamos aqui, cada um se empenhar... in Roda de conversa / 5:4 p 7, a apicultura é uma das principais fontes de renda e de vida in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:12 p 1, eu acho que a gente precisa marcar esse esse espaço como 3:17 espaço d... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Desvalorização ou invisibilidade

19 Citações:

2:14 p 11, Naquele tempo eu fui taxado de doido aqui muitas vezes quando eu começ... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:34 p 17, Tem Tem. Tem também. Mas até esse também hoje está sendo. mal visto po... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27–28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:60 p 11, ele dizia não, aqui não tem quilombo. Nunca teve. Só que ele entendia,... in Entrevista Cláudio / 4:2 p 47, Aí eu citei essa palavra aqui, ela continua a semear neste lugar, por... in Roda de conversa / 4:3 p 9, A gente não tem as coisas culturais que tem aqui. São a gente mesmo qu... in Roda de conversa / 4:8 p 5, A comunidade não precisa de pessoas que vêm aqui na época da polícia,... in Roda de conversa / 4:22 p 18, Algumas coisas melhoraram, mas outras coisas não mudaram muito in Roda de conversa / 4:26 p 26, Tenho vontade de ser feliz, mas não sei como é que faz in Roda de conversa / 4:40 p 45, E hoje o mundo está tão, assim, diferente. que os jovens e adolescente... in Roda de conversa / 4:41 pp 45–46, Eu que vim lá uns anos atrás, os mais velhos que estão aqui, nós temo... in Roda de conversa / 4:42 p 46, Ele só diz que é besteira, não serve de nada. in Roda de conversa / 4:43 p 46, Pra não limitar nessas crianças. Porque dá dó, viu? Assim, pra gente q... in Roda de conversa / 4:52 p 13, a gente vai escutando, às vezes escuta uma pessoa dizer, né? Não, tu n... in Roda de conversa / 4:54 p 18, A gente foi ensinado que aquilo que vale dinheiro é mais valioso. Aqui... in Roda de conversa / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Negação de direitos

4 Citações:

5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Negligência institucional

6 Citações:

2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:42 p 27, Porque durante os quatro anos de governo Bolsonaro, a gente não teve... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 2:53 p 2, Não tinha caderno, não tinha lápis, não tinha nada. Não tinha nada,... in Entrevista Cláudio / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Racismo ambiental

7 Citações:

2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:43 pp 27 – 28, Foi quatro anos sem nada. Sem nada de nada. Quando ele entrou em 200... in Entrevista Cláudio / 4:23 p 21, Porque eu sei que a mineração traria muito dinheiro para o Estado. O... in Roda de conversa / 4:51 p 2, o calor que a gente tanto reclama, a chuva que não veio esse ano. E o... in Roda de conversa / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:10 p 8, Você não acha uma vergonha 31:08 que o governo do estado do Piauí este... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:11 p 16, a gente não pode dizer que foi imperícia nem que 1:10:24 foi imprudênc... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● SEP - Relato de medo e insegurança

18 Citações:

2:10 p 10, Não dá nem pra dizer principal, porque desafios são toda hora. Desafio... in Entrevista Cláudio / 2:11 p 10, Porque a gente teme muito que essa mineração venha, não dizer acabar... in Entrevista Cláudio / 2:16 p 21, Uma das mudanças por meio do social, a gente notou a mudança na popula... in Entrevista Cláudio / 2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:18 p 25, Eu avalio, não vou nem dizer muito ruim, mas ruim demais. demais. Para... in Entrevista Cláudio / 2:19 p 25, Se o nosso governo estivesse demonstrando alguma preocupação com a g... in Entrevista Cláudio / 2:40 p 23, O que a gente faz diante do medo de que a gente pode perder as terras,... in Entrevista Cláudio / 2:41 p 23, A gente procura mandar esse medo para as autoridades mesmo, porque s... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 4:9 p 5, Mas aí quando vem a doença, aí é uma preocupação, não só pra aquela p... in Roda de conversa / 4:24 p 22, se tivesse mais gente diferente aqui, que só tem, que não é daqui que... in Roda de conversa / 4:25 p 24, Sou aquela mãe preocupadíssima. Estou aqui sentadinha. A cabeça parec... in Roda de conversa / 4:27 p 26, Eu tenho essa preocupação constante com as coisas do mundo. Não é com... in Roda de conversa / 4:44 p 47, E como que vai crescer essa criança? Para você, o futuro dela? Sendo... in Roda de conversa / 4:50 p 48, Mas quando eles estiverem no mundo sozinhos, sem pai, sem mãe in Roda de conversa / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:5 p 1, estamos vivenciando acompanhando uma situação delicada no ponto de vis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Degradação ambiental

15 Citações:

2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo.... in Entrevista Cláudio / 5:2 p 2, prejudica demais é muito triste Essa realidade que tá acontecendo dent... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:6 p 2, para nós que 6:07 moramos no território Estamos nos sentindo 6:12 muit... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:7 p 3, aqui não haverá barragem de rejeito mas como a poeira Você já viu Você... in Live

Mineração no Quilombo Lagoas / 5:8 p 4, poeira é contaminação não existe poeira 13:49 não conta não contaminan... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:9 p 4, Porque se o grão for muito pequeno muito pequeno mesmo ele vai direto... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3 – 4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:18 p 6, tem o 23:38 princípio da Participação Popular Participação Popular é o... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

● TA - Indicação de áreas afetadas

10 Citações:

2:17 p 21, A população de lá dessa comunidade, Angico dos Dias, são exemplo pra... in Entrevista Cláudio / 2:47 p 21, Aí veio também, por um lado da mineração, veio a questão dos buracos... in Entrevista Cláudio / 2:48 p 21, Eles cortaram a Serra igual aquela que tem lá na frente, cortaram ela... in Entrevista Cláudio / 2:49 p 22, Porque aonde eles jogaram aquela terra tirada de baixo, ali não veio m... in Entrevista Cláudio / 2:50 p 22, Por hora, não dá pra se ver. Porque a abelha ela vai ser prejudicada... in Entrevista Cláudio / 2:51 p 22, Mas se começar todo dia, vai ser fatal pra saber, pros bode, pra tudo... in Entrevista Cláudio / 5:14 p 3, Eles não estão utilizando casos da Caatinga de extração de a seco exis... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:15 pp 3 – 4, no caso de Angico dos dias se você for passear 13:29na Caatinga na dir... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:16 p 17, existem áreas por exemplo de Lagoa né 1:12:41 existem riachos certo qu... in Live Mineração no Quilombo Lagoas / 5:17 p 8, É bem no meio de centro de todas as outras 34:25 comunidades que tá é... in Live Mineração no Quilombo Lagoas

ANEXOS

ANEXO A - Certidão de Autodefinição



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do Processo administrativo desta Fundação nº 01420.000820/2009-60 **CERTIFICA** que a **Comunidade de Lagoas**, localizada no município de São Raimundo Nonato/PI Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.153, fl. 169, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Maurício Jorge Souza dos Reis**, (Ass.)..., Diretor da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **30 de abril de 2009.**

O referido é verdade e dou fé.

Edvaldo Mendes de Araújo
(Zulu Araújo)
Presidente

SBS QD 02 LOTE 11 - Ed. Elcy Mendes - Brasília/DF - CEP: 70070-120 - Brasília - DF - Brasil
 Fone: (0 XX 61) 3424 6101 - fax: 0xx61 3424 0145
 E-mail: fund@palmares.gov.br / Site: www.palmares.gov.br

"A felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Wally Salomón)

ANEXO B - RTID DOE-PI

Disponibilizado: 01/02/2024 17:59:36



Publicado: 02/02/2024 00:00:00

SECRETARIA DE GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ - SEGOV

PORTARIA Nº 232, DE 14 DE NOVEMBRO DE 2023

Reconhece e declara como terras da Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoas, localizada nos municípios de municípios: São Raimundo Nonato, Fartura do Piauí, Bonfim do Piauí, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde e Várzea Branca, no Estado do Piauí.

O PRESIDENTE DO INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA, no uso das atribuições que lhe foram conferidas pelo art. 22, da Estrutura Regimental deste Instituto, aprovada pelo Decreto nº 11.232, de 10 de outubro de 2022, combinado com o art. 104 do Regimento Interno, aprovado pela Portaria/INCRA/P/Nº 2.541, de 28 de dezembro de 2022;

Considerando o disposto no art. 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, nos arts. 215 e 216, todos da Constituição Federal de 1988, no Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, na Convenção Internacional nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT e nas normativas internas do Incra, bem como os termos do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID, relavado à regularização das terras da Comunidade Quilombola Lagoas, publicado no Diário Oficial da União nos dias 30 de dezembro de 2010 e 07 de janeiro de 2011; e no Diário Oficial do Estado do Piauí, nos dias 24 e 25 de fevereiro de 2012;

E, por fim, considerando o que consta dos autos do processo administrativo nº 54380.002161/2008-03, resolve:

Art. 1º Reconhecer e declarar como terras da Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoas, a área de Aprox. 62.365,8449 ha (sessenta e dois mil, trezentos e sessenta e cinco hectares, oitenta e quatro ares e quarenta e nove centiares), área abrangida por 6 (seis) municípios: São Raimundo Nonato, Fartura do Piauí, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde, Várzea Branca e Bonfim do Piauí, no Estado do Piauí.

§1º Os limites e confrontações do território quilombola: ao Norte: Raimundo Nonato Ribeiro Américo, Pascoal Ribeiro Américo, Getulio Ribeiro Alves, Domisio Rodrigues Vasconcelos, Edite Ribeiro Baião, Reginaldo da Rocha, José de Fátima da Rocha, Marlucia Ribeiro da Rocha, Maristela da



Rocha, José Ribeiro dos Santos, Antônio José Meneses, Joela Ribeiro Soares, José Ribeiro de Carvalho, Vicente Carneiro Dios, ausentes e desconhecidos, Francisco Chagas José Dias, Benedito Borges da Silva, Manoel Ferreira da Silva, Hildene Ferreira dos Santos Carneiro, Abílio Ventura de Santana, Eládio Luiz da Silva e Pedro da Silveira Bastos; ao Sul: Nelson Hermino Paes Landin, Firmino Pereira da Silva, Osvaldo Pereira de Santana, Aurelio Pereira da Mata, Salvador Paz Braga, Melquiecdes Ferreira dos Santos, Hilário Araújo Costa, Adelson Lopes de Sousa, Antonio Alves Pamplona, Jose Alves Pamplona, João Campos Braga, Izaias Braga, Hilario Nunes dos Santos, Adolfo Ribeiro Galvão, Candido Ribeiro Galvão, Raimundo Pereira de Santana, ausentes e desconhecidas, Espólio de Lourenço Gomes da Silva; a Leste: José da Silveira Bastos, Virgulino Ribeiro Soares, Joaquim Ventura de Santana, Aglario José de Assis, Antonio Rosa Soares, Inácio Luiz Dias, José Marciano Dias, ausentes e desconhecidos, Gregório Pereira dos Santos, Joaquim Martins de Santana, Manoel Paes Landin, José Adelino da Silva, Francisco Soares dos Santos, Raul Paz de Castro, Filomeno Santos da Silva, Manoel Macário de Macedo, José Alves Ribeiro, Raimundo Macário de Macedo, José Dias Américo, Nilton Alves Ribeiro, João Dias Américo, Manoel Joaquim de Santana, José Macário Neto, Nelson Ribeiro de Santana, Raul Ruben de Macedo, Edite Maria Vitória de Jesus, Francisco de Santana Braga, Tarcilio Pereira a Silva, Nelson Herminio Paes Landin; ao Oeste: Manoel Fernandes dos Santos, Diaquino da Luz de Brito, Espólio de Elesbão da Luz Brito, Felix Rosa Ribeiro, Manoel Rosa Ribeiro, Pedro Lacerda Ribeiro, Alfredo Ferreira dos Santos, Anísio Ferreira dos Santos, Josias Brandão Ribeiro, Margarida Ribeiros dos Reis, Ibanes Martins dos Reis, Joaquim Martins dos Reis, Arlindo Fernandes dos Santos, Espólio de Germano Martins dos Reis, Jaime Pereira Lacerda, Wilson Dias dos Reis, Acasio Dias dos Reis, Diva Martins dos Reis, Ciro Dias dos Reis, Paulo Antunes dos Reis, Antenor Martins dos Reis, Raimundo Ribeiro Alves, Venancio Ribeiro Antunes, Jurandi Ribeiro Alves, Felix Ribeiro Antunes Neto, Salvador Ribeiro Alves, Paulo Rodrigues Braz, Luizete Rodrigues Braz, Plácido Ribeiro Alves, José Ribeiro Viana, José Custódio, Lourenço Braz do Rosário, Espólio de Tomaz José de Sousa, Espólio de Francisco Braz do Rosário, Raimundo Ribeiro Viana, Francisco Ribeiro Braz, Gerson Lima Braz, João Ribeiro Lacerda, Edison Ribeiro Braz, Joaquim Martins Braz, Antônio Martins Braz, Manoel de Sousa Fernandes, Espólio de Genésio Ribeiro Viana, Marcio Ribeiro Alves e Domingos Ribeiro Alves.

§ 2º A planta e memorial descrevo encontram-se disponíveis no Processo Administrativo nº 54380.002161/2008-03 e no acervo fundiário do Incra pelo endereço eletrônico <http://acervofundiario.incra.gov.br>.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

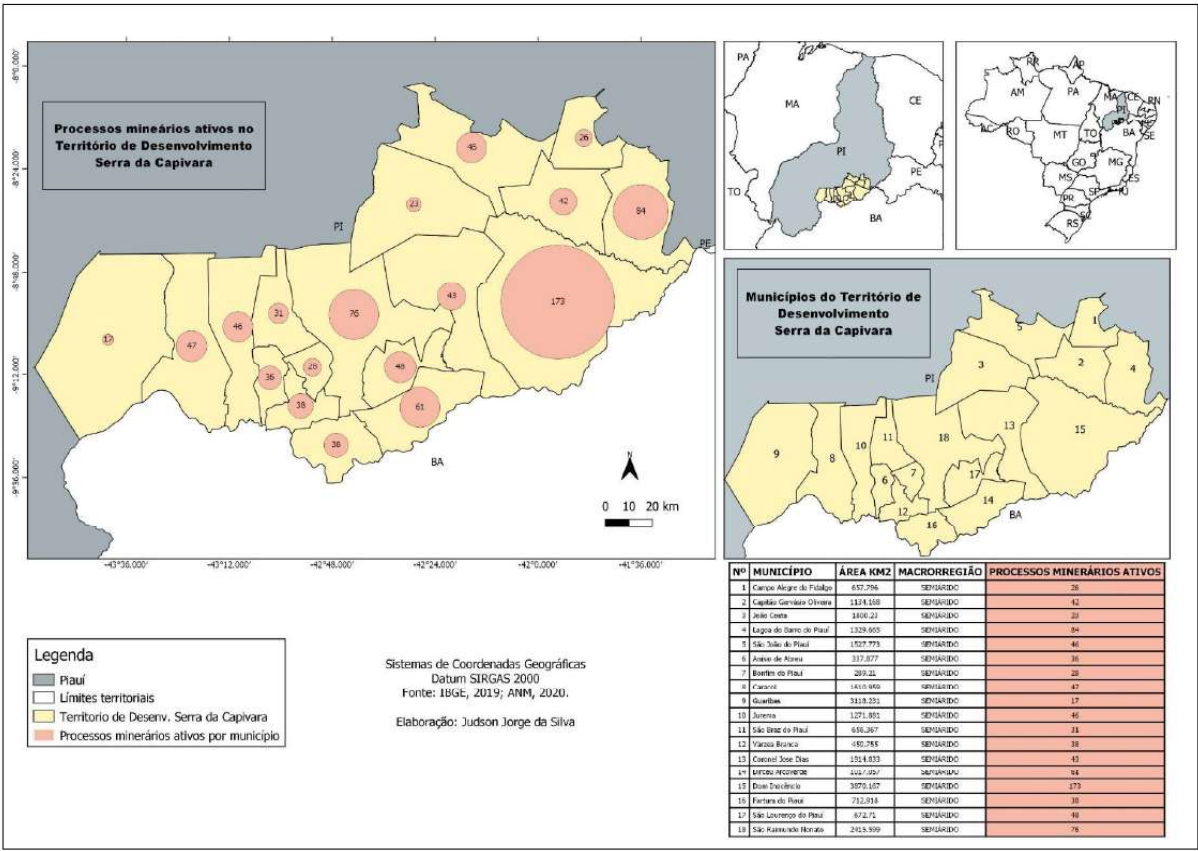
CÉSAR FERNANDO SCHIAVON ALDRIGHI

(Transcrição da nota PORTARIAS de Nº 2471, datada de 1 de fevereiro de 2024.)



ANEXO C - Mapa da mineração no PI / Serra da Capivara

Mapa 22 –Quantidade de processos ativos por município do Território de Desenvolvimento Serra da Capivara (2020)



Fonte: Silva (2023).